

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO (1821-1954)
V. 14: MUNICÍPIOS DAS LETRAS "Q" A "V"*

Luís do Nascimento

O presente volume (XIV) abrange os municípios das letras "Q" a "V", totalizando 370 periódicos, sendo que o índice original consigna 371, não tendo sido encontrado *A Abelha*, de Quipapá.

No índice agora organizado omitiu-se o nome desse periódico.

Esses 370 títulos dizem respeito a 26 municípios e para facilitar, quando da leitura, a localização do município, optou-se por colocar no cimo de cada página o nome respectivo. Falta organizar o índice onomástico e efetuar o trabalho de conferência com os originais.

O trabalho gráfico deverá orientar-se pelo último volume até agora publicado (VIII).

Luiz do Nascimento

QUIPAPÁ

O GUARANY¹ - *Humorístico. Literário e Noticioso* - Inexistentes comprovantes das duas primeiras edições, circulou o nº 3 no dia 19 de novembro de 1899, em formato 38 x 28, com quatro páginas. Redatores - Pedro Américo Galvão, José de Oliveira Galvão, Dinamérico Crespo e Manuel Pacífico Galvão. Impresso em tipografia própria², porém mal

* Versão eletrônica dos originais inéditos digitalizada e revisada pela Diretoria de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco em dezembro de 2008.

As lacunas textuais deste volume apenas repetem as já existentes nos próprios originais datilografados do autor e decorrem, provavelmente, de danos provocados à residência de Luiz do Nascimento pelas várias enchentes do Rio Capibaribe no Recife durante a década de 1970. Apesar das gestões institucionais para saná-las, não foi possível recuperar a íntegra do texto, o que, no entanto, representa um prejuízo mínimo se comparado à extensão e à abrangência da obra. No que toca aos índices elaborados pela Fundação Joaquim Nabuco, respeitando-se a indexação original do próprio autor, foram conservados os títulos por ele pesquisados, mas, naturalmente, sem a correspondente indicação de página.

¹ Viterbo Cordeiro de Mendonça (*O Município*, 17/01/1906) e José Vicente Valença Júnior (revista *Matuta*, Maio, 1934) mencionam *O Lidador*, jornalzinho manuscrito, como tendo sido o primeiro órgão da imprensa de Quipapá, o qual, logo no segundo número, tomara o nome de *O Quipapaense*, também manuscrito, sem, todavia, referir datas nem outros pormenores.

² Consoante o artigo de Viterbo, a turma dos jornais manuscritos adquiriu, para imprimir *O Guarany*, a tipografia do semanário *A União*, que fora editado na localidade alagoana

confeccionado, com material obsoleto, tinha-a instalada, junto à redação, na rua do Comércio, 36. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 4\$000; para fora da cidade - 12\$000, 7\$000 e 5\$000, respectivamente. Preço do exemplar - 100 réis. Publicação aos domingos.

Sua matéria constituiu-se de editorial; noticiário; variedades; artigos de Masuge e de Ari; folhetim: "O Guarani, de José de Alencar; atos oficiais da Municipalidade e uma página, a última, de anúncios" (Biblioteca Pública do Estado).

O Guarany teve "dez semanas de vida, se tanto"³.

O BISTURI - *Crítico. Satírico e Joco-Sério* - Circulou o primeiro número em 25 de julho⁴ de 1900, formato 24 x 18, com quatro páginas de duas colunas. Redatores - *Simplício*, *Calino* e *Pacheco*. que escondiam os nomes de José de Oliveira Galvão, Manuel Pacífico Galvão e Agostinho Camelo. Constava do expediente: "Esta redação só aceita artigos que possam ser feitos em pílulas e engolidos por seus autores"⁵. A cabeça de cada um responderá pelos seus artigos", acrescentando: "Publica-se de quando... em vez". Mas, a partir do nº 4: "Publica-se aos domingos". Assinatura trimestral - 2\$000. Preço do exemplar - 100 réis. Confecção da Tipografia Guarany, situada, com a redação, na rua do Comércio, 44.

Abriu a edição de estréia uma crônica fantasiosa, assim terminando: "Não faço espalhafato nem barulho; não preciso de música, foguetes, meetings, aclamações, passeatas, etc., etc., para minha apresentação".

Seguiram-se: Carta Matuta, de *Calino* crônicas de *Simplício* e *Pacheco*, uma seção de glosas e a "Ordem do dia", que continuou até o fim da publicação, constituída de noticiário. A quarta página era de anúncios.

Continuou regularmente, divulgando matéria variada, inclusive sonetos de Augusto Galvão, Rocha Melo, Abílio Galvão, Dinamérico Crespo e outros, a salientar *K. Louro*, que depois aparecia "Troçando". Começou a 30 de setembro a série "Episódios militares da guerra do Paraguai", por Joaquim S. d'A. Pimentel. Divulgava editais e atos do governo municipal. Não faltavam editoriais sobre temas de interesse local.

Havendo discordado da orientação d'O *Bisturi*, retirou-se da redação, a 23 de setembro, Agostinho Camelo, embora permanecesse seu

de União.

³ A informação é, ainda, de Viterbo. Na relação dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", Alfredo de Carvalho registrou, apenas, isto: "O Guarany - Quipapá, 1899".

⁴ Nos "Anais", Alfredo de Carvalho mencionou, unicamente, o primeiro número d'O *Bisturi*, atribuindo-lhe, erroneamente, a data de 22 de julho.

⁵ Alusão ao caso do jornalista [Falta texto no original]

pseudônimo no cabeçalho. Depois, a 14 de outubro, retirava-se Manuel Pacífico Galvão, por ter vendido sua parte na tipografia a Rafael Conti, que o substituiu no corpo redacional, do qual também veio a participar, já a partir de 16 de dezembro, Viterbo Cordeiro de Mendonça.

A última edição do ano foi o nº 23, datado de 23 de dezembro. Outro único comprovante avistado foi o nº 1, ano II, de 1º de janeiro de 1901 (último, realmente, publicado), cuja primeira página apareceu circulada de vinhetas, tendo ao centro uma cruz, também composta em caracteres tipográficos, e baixo, os dizeres: "Século XX. Homenagem d'O *Bisturi* a Cristo Redentor". Toda a demais matéria girou em torno da entrada do Século e de Cristo (Col. Celso Galvão)⁶.

O OLHO - "Pequena folha manuscrita, das penas noviças de escolares", apareceu depois d'O *Bisturi*, tendo durado "algumas dezenas de semanas"⁷.

O QUIPAPÁ - *Órgão do Clube Literário e Recreativo Quipapaense* - O nº1, ano I, publicou-se no dia 1º de dezembro de 1901, formato de 43 x 31, com quatro páginas e quatro colunas de composição. Diretor - Antonio Roberto Moreira. Sob o título trazia as frases latinas: "Libertas que sera_tamem" e "Labor omnia vincit". Redação na rua Barão de Lucena, 48; mas imprimiu-se no Recife, onde estabeleceu, conforme anunciou, outro escritório de redação, na rua da Intendência, 26.

Constava do expediente: "Este periódico aceita qualquer artigo de colaboração estando devidamente assinado pelo autor e sujeitando-se este à prévia revisão do diretor, banindo, por inadmissível, qualquer artigo anônimo".

Vários nomes figuravam no cabeçalho, como colaboradores, a saber: Luiz Barbalho Uchoa Cavalcanti, João de Oliveira, Rodolfo Araújo, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, Lourenço de Sá, Antonio Galvão e outros.

Seu programa — dizia o artigo de apresentação — "cifra-se em trabalhar com afinco pelo progresso da localidade cujo nome adotou, empregando todos os esforços para bem desempenhar a honrosa e

⁶ A coleção em apreço encontrou-a Celso Galvão no Rio de Janeiro, entre papéis e livros deixados, ao morrer, pelo seu irmão José de Oliveira Galvão, tabelião aposentado. Conseguindo-a por empréstimo, o médico quipapaense Valença Júnior, que há muitos anos vem colhendo material para escrever a história de sua terra, copiou, um por um, todos os 24 números d'O *Bisturi*, até os anúncios, trabalho exaustivo de pesquisador emérito. Essa cópia autêntica foi obsequiosamente mostrada, para estudo e anotações, ao autor desta bibliografia.

Na Biblioteca Pública Estadual existem, unicamente, entre seus avulsos, dois exemplares d' O *Bisturi*: 3º e o último números.

⁷ Informação de Viterbo Cordeiro de Mendonça, no seu artigo d'O *Município*, de 17/01/1906.

difícilíssima missão de que se acha investido". E adiantava: "Completamente neutro em política, *O Quipapá* ocupar-se-á de qualquer assunto com a máxima franqueza e liberdade, na enunciação de suas idéias, não procurando ferir suscetibilidade de quem quer que seja. O desenvolvimento deste município, porém, é o seu principal fito. *O Quipapá* será um jornal independente e livre, submetendo-se, porém, ao necessário critério".

A edição da estréia, que, no entanto, foi única, inseriu matéria variada e interessante, inclusive as seções "Musa", "Silforama", "Notícias" e "Comércio". Predominou, assinando prosa e verso, a colaboração de Luiz Barbalho. Na quarta página: anúncios (Biblioteca Pública do Estado e Arquivo Público Estadual).

HOMENAGEM AO CORONEL CARLOS DE ABREU - *Honra ao Mérito* - Poliantéia datada de 15 de novembro de 1904, apareceu em formato de 30 x 21, com quatro páginas de três colunas, impressa em papel cuchê.

Deu ensejo à publicação a posse, no dia mencionado, do prefeito Carlos Ferraz de Abreu, cuja fotogravura figurou na primeira página, seguida da respectiva biografia e de artigos de saudação assinados por Gregório Parente, Francisco Gonçalves de Queiroz, Hermilo de Carvalho, Miguel del Teto, M. J. de Magalhães e Manoel Duarte, também autor de um poema dedicado ao edil municipal (Arquivo Público Estadual).

O MUNICÍPIO - *Hebdomadário Literário e Noticioso*. Fundado a 16 de janeiro⁸ de 1905, não existem comprovantes dos primeiros números. Tinha como redatores Manuel Duarte, Napoleão Galvão, José Valença, Augusto Galvão e Magalhães Soares, servindo na gerência Pedro Américo Galvão.

Foi possível manusear alguns exemplares do periódico, a partir do nº 15, ano 1, que saiu a 30 de julho de 1905. Tinha à frente, apenas, dois nomes: redator-chefe - Viterbo Cordeiro de Mendonça; gerente - Vicente Cordeiro. Formato 37 x 24, com quatro páginas de três boas colunas. Redação e oficinas à rua Marechal Semeão, 11. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000. Número avuso - 0\$200. Tratava-se de um ressurgimento, pois a folha havia "desaparecido após uma série de doze números". Inseriu matéria noticiosa e logo contou com a colaboração de Epaminondas dos Santos, Celso Galvão, Rocha Melo, Santos Crespo e Magalhães Soares.

Continuou regularmente a publicação, incluída boa cota de reclames

⁸ Outro erro de Alfredo de Carvalho, nos *Anais*: atribuiu a data de 2 de fevereiro à edição de estréia d' *O Município*. E acrescentou que a publicação se estendeu, tão-somente, até o nº 12, de 20 de abril...

comerciais, não faltando editoriais sobre temas locais e a série "Cidade do Município de Quipapá".

O nº 30, de 15 de novembro, foi dedicado ao primeiro aniversário da gestão do prefeito Carlos Ferraz de Abreu, cujo retrato e o do coronel Antonio Bertoldo Galvão, presidente do Conselho Municipal (xilografuras de João Bina) figuraram na página de frente, circulada de vinhetas. A edição constituiu uma poliantéia.

Circulou o nº 39 a 17 de janeiro de 1906, comemorando a data do aniversário d'O Município, com retrato de Viterbo e outros e artigos de José Otaviano da Rocha Melo, Tito Lívio Bertoldo Galvão, Severino Marques de Souza, Dinamérico Apolinário Crespo, Manuel José de Magalhães Soares e Manuel Matos da Cunha.

Mais alguns números e atingiu o nº 48 a 18 de março de 1906, lendo-se na abertura: "É esta a última edição da segunda fase de aparecimento deste hebdomadário", acrescentando: "Razões de natureza toda particular obrigaram-no a esta interrupção" (Biblioteca Pública do Estado e Col. J. Valença Jr.)⁹

A PENNA¹⁰ - *Órgão de um Grupo Infantil* - O nº 3, ano 1 (não avistadas as duas primeiras edições) circulou a 21 de fevereiro de 1906, formato de 21 x 15, com quatro páginas de duas colunas. Redator - Joaquim Homero Galvão. Trabalho material da oficina d'O Município. Assinaturas: para dentro da cidade - 0\$500 mensais; para fora - 1\$500 por trimestre.

Sua matéria constou de artigo de Homero, comentário e noticiário geral, sobretudo a respeito do Carnaval à vista. Alguns anúncios.

Outro número (desaparecida a data) publicou-se logo após o Carnaval, fazendo-lhe a cobertura noticiosa; ainda colaboração de M. M. Cunha e comentário sobre teatro (Col. J. Valença).

Ainda foi dado à publicidade o jornalzinho, haja vista o seguinte comentário d'O Município, edição de 18 de março: "A Penna, semanário que se edita entre nós, inseriu, ultimamente, em suas colunas, um artigo sob a epígrafe "Quipapá nua", que provocou muitos comentários de grande parte de seus assíduos leitores.

QUIPAPÁ - *"Homenagem merecida ao Coronel Antonio Bertoldo Galvão"* - Poliantéia publicada "por ocasião de sua posse no cargo de prefeito deste município", circulou no dia 15 de novembro de 1907, formato 37 x 27, com quatro páginas, ocupada a primeira com a

⁹ Só números esparsos, em ambas as fontes.

¹⁰ Não consta da relação de Alfredo de Carvalho, nos *Anais*, que abrangeu as publicações aparecidas até o ano de 1907.

respectiva fotogravura. Trabalho gráfico da oficina de Júlio Agostinho Bezerra, no Recife.

Abriu o texto um esboço biográfico da nova autoridade municipal, seguindo-se versos de Santos Crespo e artigos de João Lima, Viterbo Cordeiro de Mendonça, Inácio de Siqueira Passos, Irmãos Berard da Câmara, Aureliano Alves de Siqueira e outros, todos enaltecendo a personalidade do homenageado. (Biblioteca Pública do Estado).

QUIPAPÁ - *Homenagem Merecida* - Poliantéia dedicada ao coronel Carlos Ferraz de Abreu, circulou no dia 15 de novembro de 1910, por ocasião de sua posse no cargo de prefeito do município, que ocupava pela segunda vez.

Formato 36 x 25, apresentou-se em papel cuchê, impressa com tinta vermelha, na tipografia de J. Agostinho Bezerra (Recife), numa edição de seis páginas, na primeira delas figurando a efigie do homenageado.

A parte restante constou de biografia e saudações assinadas, em conjunto, pelos membros da Câmara Municipal e, individualmente, por Pedro Malta de A. Maranhão, Valença Júnior, Bernardo L. de Figueiredo, Vicente Barbalho Uchoa Cavalcanti, José Bento Costa Meira, João Tavares, Augusto Rosa e outros (Biblioteca Nacional).

O DIA - *Órgão Infantil de Livre Opinião* - Surgiu nº 1, ano I - no dia 9 de agosto de 1914, manuscrito em folha de papel pautado, divididas as quatro páginas em três colunas. Redator-chefe - Francisco Valença; redator-secretário - Tito Galvão Filho, no terceiro número substituído por José Vicente Valença Júnior, funcionando a redação na rua Frei Caneca, 26. Publicação aos domingos. Tabela de assinaturas: ano - 2\$000; semestre - 1\$000; mês - 0\$200. Número do dia - 0\$040; atrasado - 0\$060.

Depois de aludir ao programa "infantil, literário e noticioso" do periódico, filosofou o editorialzinho de abertura: "O que é o jornal? É esse documento inconcusso da evolução do lugar que o possui. É ele que nos guia o espírito, aparelhando-o para o verdadeiro discernimento e cultivo das idéias. O jornal é o arauto incessante da causa do bem, da lei, da equidade e da justiça; é o sabre que espanca a ignorância, que mutila o vício, que decepa o mal"(!)

Sua restante matéria constou de uma parte literária, incluindo soneto transcrito, noticiário local e página e meia de anúncios.

Seguiu-se a publicação, cada semana, obedecendo ao ritmo inicial. No nº 3, escreveu o colaborador Z. B. D. U que *O DIA* cativava os quipapaenses, "com seus escritos sempre apimentados e animando-os com seus dizeres sempre alegres e úteis".

Circulou até o nº 5, datado de 6 de setembro. Tendo ficado suspenso o jornalzinho manuscrito, reapareceu a 5 de setembro, “na arena ampla do jornalismo”, sem outra alteração a não ser o acréscimo do corpo redacional, com a volta de Tito Galvão Filho.

Ficou novamente suspenso, desta vez em definitivo (Col. J. Valença Jr).

A NOITE - Foi outro jornalzinho manuscrito, redigido por escolares, do qual não restam comprovantes. Segundo *O Dia*, o primeiro número d’*A Noite* circulou no dia 6 de setembro de 1914.

A GAZETA DE QUIPAPÁ - *Jornalzinho Literário, Noticioso e Independente. Órgão da Indústria, Comércio. Letras e Artes* - Entrou em circulação a 29 de maio de 1924, formato 37 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - João F. de Sousa; redator-chefe - Antonio Lisboa Brito; redator-secretário - Dr. Tessalônico Tenório, funcionando a redação na rua Senador Manuel Borba, 181. Aprimorada confecção da Escola Tipográfica do Colégio Orfanológico São Joaquim, de Colônia (atual Frei Caneca), trazia, aos lados do quadro do título, pensamentos célebres. Tabela de assinaturas: anual -10\$000; semestral - 9\$000. No nº 2 entrou para a gerência Pedro Luna.

Segundo o editorial intitulado “Duas Palavras”, os responsáveis pela *Gazeta* lançavam-na “cheios de fé, impulsionados pelo civismo e pelo amor a esta querida terra, digna de algum sacrifício em prol do seu progresso e de seu desenvolvimento”. Despidos “de todo e qualquer sentimento político”, confiavam na generosidade dos leitores, solicitando, sobretudo, o apoio do prefeito do município.

A edição — lançada em sessão magna, no Paço Municipal, com discursos, banda musical e hora de arte — apresentou matéria variada, constituída de artigos, comentários de interesse local, noticiário geral e uma página, a última, de reclames comerciais.

Embora declarando-se publicação semanal, o segundo número só apareceu no dia 15 de junho e, nada obstante a euforia inicial, ficou suspensa, jamais reaparecendo.

Além de Lisboa Brito, o bem feito órgão contou com a colaboração do extraordinário poeta Manuel Gomes da Rosa, Nely Fonseca e D. Portela (Col. J. Valença Jr).

O GLÁDIO - *Hebdomadário Independente, Literário e Desportivo* - Surgiu no dia 14 de maio de 1927, formato 34 x 24, com quatro páginas de quatro colunas, impresso em oficina própria, situada, com a redação, à rua Frei Caneca, 12. Diretor-proprietário - Álvaro de Assis; redator-chefe -

José de Assis; secretário - Antonio Luiz de Assis Neto. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000.

Constava do editorial de apresentação, assinado por J. A.: "Seremos abrigo gasaloso de quantos recorrem aos ditames da Justiça. Nas facções políticas não inscreveremos o nome". E acentuou: "Do título não se conclua algum desejo de combate, senão aquele aos maus costumes e em prol sempre das boas causas, O analisar sem o maldizer, O criticar, porém não caluniar". Em conclusão: "Um proceder sempre correto, visando benefícios para o nosso Quipapá".

Seguiu-se a publicação regularmente, às segundas-feiras, porém graficamente mal impresso. Inseria sueltos e noticiário. Manteve concurso de beleza feminina, seções humorísticas, "Quebra-quengo" e alguns anúncios. A par de produções dos irmãos Assis, *O Gládio* deu guarida à boa equipe de colaboradores literários, alimentando suas páginas prosa e verso de Gilberto de Oliveira Rosas, que escrevia "Aspectos"; Waldemar Lopes, também usando o pseudônimo *Gilberto d'Alvar* Ramos Sobrinho; A. Jorge de Sousa, o mote-glosador por excelência; Andrade Lima Filho, Salvador Abrunhosa, Ramos de Oliveira Silvestre, *Arno Roiz* (pseudônimo de Arnulfo Rodrigues), Luiz Falcão, Adauto Barreto, *Farnésio*, *Marte*, Neuron D. Pontes, *Marival* (como se assinava Maria das Mercês Valença), Maria José Ramos, *Dr. Praxedes*; *Zé-Somente*, o da seção "De monóculo", etc.

O corpo redacional ficou desfalcado, logo a 30 de junho, com o falecimento do redator-secretário, jamais substituído.

Boa edição de aniversário ocorreu a 14 de maio de 1928, com dez páginas, repletas de variada matéria.

Por questões de somenos, travaram forte polêmica, entre os meses de abril e maio, Álvaro de Assis, pelas colunas do seu jornal, e o ex-colaborador Andrade Lima Filho, através do periódico O Quipapá.

Sem mais alterações, nem quanto ao feitio, nem quanto à matéria redacional e colaboradores efetivos, estendeu-se a circulação até o nº 93, de 18 de março de 1929, em cujo exemplar, uma das coleções manuseadas, escreveu Álvaro de Assis, a tinta, em diagonal, apondo-lhe a respectiva assinatura: "Foi este o último número desta folha, que não chegou a ser totalmente distribuída "(Biblioteca Pública do Estado e Col. J. Valença Jr)¹¹.

O QUIPAPÁ - *Semanário Independente e Noticioso. Órgão de Livre Opinião* - Surgiu no dia 24 de julho de 1927, formato 36 x 27, com seis páginas de quatro colunas. Direção e propriedade de Manuel Gomes Leal; redator-chefe - Antonio de Andrade Lima; secretário - Gilberto de Oliveira

¹¹ A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada do último número.

Rosas; redatores - Henrique Augusto Alves da Costa e Adolfo Pereira Simões; gerente - João Pinheiro de Almeida. Redação e oficina à rua Dr. Manuel Borba, 96, depois 87, 1º andar. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000; trimestral - 3\$000. Número avulso - 200 réis. Anúncios - mediante contrato prévio.

Seu lema, expresso no editorial "Por quê?", era: "trabalhar sem desânimo, encarando os maiores sacrifícios, forçando quaisquer obstáculos que se lhe antolhem pelo progresso desta cidade, deste município". Acrescentou o articulista: "Usaremos do direito de crítica, mas são, em torno dos atos administrativos, para norteá-los ao bem comum, pois é esta a missão sublime da imprensa bem avisada".

Quanto à política, frisou: "Está fora da órbita de nossas cogitações; todos os partidos serão bons, uma vez que o nosso progresso seja a resultante dos seus atos. Fugindo às discussões áridas e estéreis, não nos furtaremos, contudo, àquelas a que formos arrastados na órbita do nosso programa e para os fins que nos traçamos".

Servido de bem elaborados editoriais, evidentemente saídos da pena do redator-chefe, noticiário variado, atos da Prefeitura e a indefectível quota de anúncios, seguiu-se a publicação regularmente, ora com seis, ora com quatro páginas, divulgando, em revezamento, produções assinadas por Andrade Lima Filho, José Valença Júnior, Gilberto Rosas, que também se assinava *Alma Spartana*. além de outros pseudônimos: *Silvestre Agripa* (pseudônimo de Adolfo Simões); Aauto Barreto, A. Jorge de Sousa, *Aroldo d'Altavila*, ou seja, Antonio de Azevedo Galvão; Aristides Carneiro; *João Fuas*, verzejador do mote-glosas; *Lucrecio. Piron, Carlos Alcibíades*, como se escondia Antonio Lisboa Brito; *Gilberto d'Alvar*, que era Waldemar Lopes; *Carloges* ou Délio Coragem; Manuel Gomes da Rosa; *Arno Roiz* (pseudônimo de Arnulfo Rodrigues), etc.

A primeira edição de oito páginas ocorreu a 7 de setembro, em homenagem à data da Independência do Brasil. E a primeira alteração no corpo redacional ocorreu em maio de 1928, com o afastamento do juiz municipal Adolfo Simões, saindo também o gerente, que foi substituído por Henrique Costa.

Lançada festivamente, com salva de doze tiros, hasteamento do pavilhão nacional, tertúlia literária, jantar e sarau dançante, saiu igualmente com oito páginas a edição de 24 de julho de 1928 — nº 51 — comemorativa do transcurso do primeiro aniversário do periódico, contendo extenso artigo e clichê de Andrade Lima, pai, na inicial, impressa em tinta azul. Declarava:

"Ao lema que nos vem servindo de fanal, dêis que surgimos na arena do jornalismo, acrescentamos hoje o sub-lema *Não Desanimar*, que diz, na simplicidade das duas palavras que o compõem, até que ponto

estamos resolvidos a prosseguir na campanha utilitária que nos traçamos...”

Segundo o sistema de seriar os artigos da redação, iniciado no ano anterior, com o título “Uma idéia”, que chegou ao nº XXIII, tratando de assuntos gerais, de interesse municipal, teve início a 6 de outubro a série “*Consumatum est...*”, de doze editoriais, em continuação à campanha contra a Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste). Focalizavam-se aí as “aladroadas tarifas”, a asfixia causada à indústria e ao comércio, “o ladravaz estrangeiro” e quejandos epítetos, terminando por aconselhar o boicote da ferrovia às populações por ela mal servidas.

Nesse ano começava a colaboração, com o próprio nome, de Waldemar Lopes, ora prosa, ora poesia, continuada em 1929 e 1930, usando também o pseudônimo de *João d’O Ideal* ou a inicial *W*. Tornar-se constante, enquanto isso, a aparição de Andrade Lima Filho, ora subscrevendo artigos sisudos, ora crônicas literárias, ora sonetos líricos, ora versos humorísticos e epigramas, inclusive com os pseudônimos de *Romanoff*, *Luiz Oswald*, *D’Alf* ou, simplesmente, *A*. E havia um *Marcus*, o das “Irreverências”. Outros colaboradores sucediam-se, às vezes desaparecendo rapidamente, tais como *Rolando*, com as “Reticências...”; *Néo Rosas* (Genésio Rosas); *Diógenes*, criador da seção “De tudo e de toda parte”; *Naboth*, o das “Futilidades”, etc.

A partir de 9 de março de 1929, *O Quipapá* adotou cabeçalho também na página de fundo, à direita e à esquerda do qual, em quadrinhos, lia-se “Nosso lema: tudo por e para Quipapá” e “Tudo na lei, pela lei e com a lei”. Em junho iniciava-se o concurso “Qual a princesinha da beleza quipapaense?”

Mais uma etapa venceu o semanário, cuja numeração se vinha seguindo de ano para ano, ao publicar-se a edição de 24 de julho de 1929, com dez páginas, impressas em papel especial, a cores, apresentando variada colaboração. Pouco tempo depois, em setembro, afastavam-se o redator Gilberto Rosas e o gerente Henrique Costa, sendo este substituído por Cornélio Gomes Leal. Os redatores ficaram sendo “diversos”.

Já em 1930 apareciam produções poéticas de Pereira de Assunção e padre Nestor Alencar, começando em maio as “Cartas de camarada...”, por *Procópio Pena*, destinadas a contar “as coisas palpitantes” do Recife, e em agosto os “Aspectos e coisa quipapaenses”, por *Aloísio d’Alva*, e “O recanto de vocês todos”, por *Marcus*. Ainda versos de *Alpes* e Alcides Lopes, que era o mesmo, crônicas de Oliveira Leite, *João d’O Quipapá* e Nelson de Alcântara, afora antigos nomes antes mencionados.

Nesse ano, a 12 de junho, transferia-se a propriedade do jornal a Empresa Leal & Veloso, mas a 13 de dezembro, voltava a figurar o primitivo diretor-proprietário Manuel Gomes Leal. Não sofreu jamais

alteração a chefia da redação, a cargo, até o fim, do juiz de direito Andrade Lima.

Como fosse o ano da famosa Revolução de Outubro, teve ela n'O *Quipapá* ardoroso porta-voz, inclusive através de artigos inflamados dos colaboradores, a salientar Andrade Lima Filho, que escreveu, entre outros, o intitulado "Meu glorioso lenço rubro".

Embora houvesse aumentado, recentemente, de 800 para 1.000 exemplares, a sua tiragem, o interessante periódico, sempre noticioso, sempre comentador imparcial e defensor das necessidades do município, não pode prolongar mais a sua existência, encerrando-a com o nº 166, de 31 de dezembro de 1930.

A propósito, escreveu Waldemar Lopes, em artigo-despedida: "E o último clarão que se apaga na inteligência de minha terra burguesa. A centelha derradeira da sua pobre realidade mental", acentuando: "O *Quipapá* vai morrer. É a alma do município que se anula com o trêmulo bruxolear dos últimos clarões de sua inteligência"¹²

Enquanto isto, *Romanoff* divulgava a seguinte "Chumbada":

Morre um jornal... Tudo emperra...

Que se tentar inda mais?!

- Progresso aqui nesta terra

não é prá diante: é prá traz...

(Biblioteca Pública do Estado e Col. J. Valença Jr).

O GAROTO - *Periódico Humorístico* - O nº 1, ano 1, saiu a lume datado de outubro de 1927, formato 29 x 19, com apenas duas páginas, a três colunas de composição. Redator - *Jeca-Chique*; secretário - *Muro Baixo*, com redação na rua Frei Caneca, 12, local da tipografia d'O *Gládio*, onde foi impresso.

"Pequenino e folgazão como todos os pirralhos", o jornalzinho veio ao mundo obedecendo ao lema de fazer rir, guardando o "devido respeito à moral das famílias. Não terá dia determinado para sair em público, nem custará um vintém, sequer, a sua assinatura". Entretanto, só seria distribuído aos assinantes d'O *Gládio*.

A edição inseriu versos do redator; notas de H. *Pito*; o "Indicador Comercial Humorístico"; algumas troças e cupom do concurso "Qual o sujeito mais feio de Quipapá?" (Col. J.Valença Jr.),

¹² Escreveria, algum tempo depois, Antonio Galvão: "O *Quipapá* cavou a sepultura para a imprensa de Quipapá (artigo n' *O Ideal*, de São Benedito do Sul, edição de 11/12/1932).

Ao que tudo indica, não passou da edição de estréia.

O DEMOCRATA¹³ - *Do Povo. Pelo Povo e Para o Povo* - "Quinzenário de opiniões livres, literário e noticioso" e "órgão de propaganda das idéias liberais", circulou, pela primeira vez, no dia 11 de agosto de 1928, em formato de 36 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Impresso na tipografia d'O *Quipapá*, eram seus redatores Andrade Lima Filho, Antonio Lisboa Brito e Odilon Moreira; na gerência - Pinheiro de Almeida.

Entre outros conceitos, lia-se no arrojado editorial de apresentação: "Seu programa é o bem-estar do povo e a vitória das prerrogativas liberais. Seu partido é a grandeza comum".

Noutro artigo, intitulado "Jornalismo a soldo", Andrade Lima Filho acusou "o canalhismo situacionista", que servia "de pálio aberto sobre as grandes roubalheiras dos Rafles casacudos e desfibrados". Viviam eles — dizia a "entoar ditirambos" aos "sanguissedentos sátrapas das 21 oligarquias estaduais". Aludiu aos que viviam a incensar incondicionalmente a "silhueta elegantíssima" do governador Estácio Coimbra, "em troca de vergonhosas deputações e negociatas clandestinas". Terminou enaltecendo a "tradição de bravura e civismo" do líder Manuel Borba.

Além de ligeiro noticiário e anúncios, liam-se produções assinadas pelos demais redatores, mais Aduato Barreto, Epaminondas, Esmeraldina Pinheiro ("Letras Femininas") e *Emmaus*, com "Perfis rápidos".

Segundo idêntico ritmo, saiu a lume o nº 2, terminando assim rapidamente a existência do bravo jornal (Biblioteca Pública do Estado).

O CORISCO - *Revista Ilustrada. Órgão Político, Noticioso, Mexeriqueiro. Mensal e Gratuito* - Ano I, "número único", apareceu no dia 20 de janeiro de 1929, com 12 páginas de papel pautado, datilografadas, mais uma folha de capa, desenhada com incríveis nuvens azuis e tremendo raio vermelho. Proprietários - *Nós*; redatores - *Elas e Eu*. "Impresso em máquinas *munhecativas*, serviço fotográfico o mais completo".

Sem artigo de apresentação, dedicou a primeira página à "brilhante campanha do Bloco da Reação" contra "o prejudicial Bloco das Tesouras", ilustrada com fotografias aproveitadas de revistas elegantes e jeitosamente grudadas, como se fossem de membros proeminentes da Reação.

As demais páginas encheram-se de caricaturas e charges recortadas

¹³ O clichê do título foi o mesmo do semanário, de igual nome, poucos anos antes editado no município de Vertentes, cuja tipografia fora adquirida pela direção d' *O Quipapá*.

de diversas publicações humorísticas e repregadas, com legendas trocistas que envolviam nomes de elementos populares e da sociedade quipapaense. Encerrou a edição uma série de quadras perfilando a turma do Bloco das Falenas Misteriosas.

Circularam mais duas edições, em datas não mencionadas, obedecendo ao ritmo inicial (Col. J. Valença Jr.).

O GAIATO - *Órgão Exclusivamente Carnavalesco* - Número único, "edição muito exemplar", "assinatura grátis", foi entregue aos leitores no Carnaval de 1929, dia 10 de fevereiro, datilografado em doze folhas de papel almaço, só de um lado, formato 28 x 22. "Direção exclusiva de um silvícola lusitano que, no afã de descobrir argueiros nos olhos alheios, esquece de enxergar o barroto que tem nos próprios olhos". Na realidade, o redator exclusivo foi o poeta satírico-humorístico Manuel Gomes da Rosa, muito popular na cidade.

Abriu a edição o editorial intitulado "Nossa apresentação", em que dizia: "... não resistimos ao dever de amenizar, no atual Carnaval, as agruras aniquiladoras de nosso piedoso e complacente povo com uma mancheia de piadas inofensivas à boa moral e harmonia dos que têm a honra de ser nossos conterrâneos". Queria simplesmente, "tornar menos insulso o nosso Carnaval, fazendo-o mais festivo e sorridente, e colorido, em um gaiato rir de pândego contente, os lábios ressequidos dos foliões da terra cara". E concluiu: "... só uma coisa de verdadeiro valor na vida desgraçada em que vivemos: o riso franco, o riso alegre e venturoso com que disfarçamos os soluços da alma e amenizamos as agruras do fado - *Ridendo castigat mores*".

À base do acima exposto, constou da edição o sumário a seguir: "Seção telegráfica", serviço fornecido pela "agência de linguarudos Vecchio & Ramos"; "*O Gaiato Social*"; "Mercado de gêneros"; "Via-lactea", quadras em pastiche; "Seção de anúncios" e "Advinhações", em versos de sete sílabas (Col. J. Valença Jr.).

BOLETIM COMMERCIAL - *Órgão Exclusivamente de Propaganda Comercial* - Começou a publicar-se no dia 6 de abril de 1929, formato 32 x 23, com quatro páginas. Propriedade da Empresa Gráfica e de Publicidade, de Álvaro de Assis, situada na rua Frei Caneca, 12. Circulação aos sábados e distribuição gratuita.

"Surgimos — lia-se no editorial "O nosso aparecimento" — com um caráter mais de simples prospecto que de órgão de imprensa. Destinamos as nossas páginas, exclusivamente, para anúncios e algumas informações de interesse comercial".

Seguiu-se a publicação regularmente, até o nº 3, de 20 de abril. Suspensa, continuou - nº 4 - a 3 de agosto, para chegar ao fim, já saindo

com lacunas, uma vez posto em circulação o nº 16, de 23 de novembro do mesmo ano. Aconteceu que a quarta página da derradeira edição saiu em branco, por falta de matéria, ou seja, de anúncios (Col. J. Valença Jr.).

A LUZ - Sem pormenores (Relação de J. Valença Jr.).

A TESOURA - *Órgão "cortante"* - Sem que reste comprovante da edição de estréia, circulou o nº 2, ano I, a 29 de janeiro de 1930, formato de 26 x 19, com quatro páginas a duas colunas de 15 cíceros. Proprietária - *Miss Alagoas*; diretora - *Miss Saudade* redator - chefe - *K. Lixto*; redatores - *K. Breiro* e outros "filhos da Candinha". Trabalho gráfico da oficina d'O *Quipapá*. Preço do exemplar - 0\$300.

Abriu a edição o editorial "*In hoc signo vinces*", segundo o qual *A Tesoura* se achava "completamente reformada", prometendo publicá-la tantas vezes quanto possível, embora em dias indeterminados. Esperava vencer na "arena jornalística", tudo dependendo da boa receptividade e dos níqueis do leitor.

Sua matéria, de sabor satírico-humorístico, constituiu-se de crônicas, glosa, quadras, epitáfio, as "Razões que *A Tesoura* desconhece", pensamentos e noticiário social (Col. J. Valença Jr.).

O ARARA - Jornal datilografado só nas páginas de frente, num total de doze, papel modelo officio, teve o seu nº 1, ano I (e único) posto em circulação datado de abril de 1931. Não apresentou expediente de espécie alguma, mas foram seus principais redatores Manuel da Rosa e Maria das Mercês Valença (Bibi).

O editorial, sob o título "Artigo sem fundo", focalizou "o aparecimento de mais uma Arara no orbe", acentuando: "... surge e cresce de visão esperançosa no enlevo de fazer rir àqueles que, como os demais habitantes da terra, choram neste momento as desventuras da maior crise que ao mundo já foi desfrutar".

Toda a matéria constituiu-se de prosa e verso de fundo chistoso, trocista, tudo humor e sátira, redação apurada, variando entre crônicas, diálogos, perfis, madrigais, berlinda, leilões, epigramas, pensamentos, adivinhações e notas sociais, em muitos casos com assinaturas em pastiche.

Quase todas as páginas foram ilustradas com fotografias reais, pregadas ao centro da composição, apresentando próprios municipais e instantâneos de elementos da sociedade quipapaense (Col. J. Valença Jr.).

MATUTA - Revista literária, saiu o primeiro número em maio de 1934 formato 23 x 16, com vinte páginas de duas colunas. Trabalho Gráfico modesto, da Tipografia Assis, vendia-se o exemplar a 1\$000.

Corpo redacional oculto.

O aparecimento da folha, segundo o "Cartão de visita", constituía "um gesto de audácia moça", a "concretização de um sonho que empolga e dinamiza energias mentais a serviço de Quipapá".

A página principal da capa homenageou, com o respectivo clichê, o médico José Vicente Valença Júnior, estudioso do passado do município, o qual assinou, no texto, o estudo "Publicações periódicas de Quipapá". O nº 2, do mês de agosto, dedicou a página da capa à "singela capelinha de São Sebastião da Barra". Na penúltima, vinha a nota: "Quipapá é a única cidade do interior de Pernambuco que mantém uma revista", para cuja manutenção solicitava a contribuição dos leitores.

As duas edições, que, todavia, foram únicas, divulgaram trabalhos, em prosa, de Álvaro de Assis, *Carlos Alcibíades* (pseudônimo de Antonio Lisboa Brito), Waldemar Lopes, Iraci Ipirapoan, Jose de Assis, *Marival* (Maria das Mercês Valença), Manuel Rosa e *Floro*, e, em verso, de Alcides Lopes, *Dom Rosito*, João Valença, Edmundo Gusmão, F. Pinto de Abreu, Isnar de Moura, Fernando Mota, Nelson de Alcântara, Israel Fonseca, *J. Matuto*, Valença Leal e Adauto Barreto.

Dois concursos iniciara *Matuta*: "Auscultando o pensamento alheio" e "Jogos florais", de trovas quipapaenses. Inseriu raros anúncios (Col. Alcides Lopes)¹⁴.

QUIPAPÁ - *Órgão do Grupo Escolar Emeraldino Bandeira* - Hectografados em quatro páginas de papel almaço, só restam arquivados comprovantes do ano II, nºs 1 a 9, de fevereiro a outubro de 1943. Direção de José Pinheiro. Na gerência - Lourdes Varela. Matéria ligeira, constituída de exercícios escolares, ilustrados a lápis de cor, noticiário e variedades (Departamento Cultural_SEEC).

POVOADO DE PERI-PERI

O RECREIO - Jornalzinho manuscrito, a princípio, e depois datilografado em máquina Smith-Corona de três teclados. Tendo aparecido entre 1918 e 1920, os primeiros números foram feitos e distribuídos na localidade, e o último em Palmares (Inf. de W. Lopes).

RIBEIRÃO

O TRABALHO - *Órgão da Sociedade Recreativa Santa Cecília* - Circulou no dia 14 de abril de 1909, formato 32 x 23, com quatro páginas de duas colunas largas. Impresso em papel cuchê, na Tipografia d' *O Tupy*, em

¹⁴ A Biblioteca Pública do Estado conseguiu guardar, ultimamente, exemplar do nº 2 de *Matuta*.

Gameleira, distribuiu-se gratuitamente.

Deu ensejo à publicação - primeira da localidade - o transcurso do primeiro aniversário da referida Sociedade musical, "exclusivamente feminina", da então vila de Ribeirão. O editorial de abertura focalizou a fundação e objetivos do animado sodalício, seguindo-se soneto e crônica, alusiva, de Manuel Ferreira Diu e notas de saudação à data, assinadas por várias componentes do grupo orquestral (Biblioteca Pública do Estado).

O ATHENEU - *Publicação quinzenal* - Surgiu no dia 15 de junho de 1918, em formato 32 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção de José Cordeiro Filho; redatores - Silva Coelho e Otílio Buarque, funcionando a redação na rua Comendador Frutuoso Dias, 40. Assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 3\$000.

Lia-se no editorial de abertura: "Jornal de feição literária e noticiosa, afastar-se-á por completo das lutas esterilizadoras da politicagem, essa nova hidra de Lerna de mil cabeças remanescentes e vivazes, que não encontra um novo Hércules para decepá-las de um só golpe. O seu fim será instruir, recrear, incentivar; seu particular desígnio, o desenvolvimento, o progresso desta florescente vila".

A par dos artigos assinados pelos redatores, divulgou poesia de João Virgílio Galvão; "Perfis femininos", em versos; "Meu álbum, de Z."; noticiário e quase uma página de anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Nada obstante a ausência de outros comprovantes, prosseguiu a publicação. Assim é que, nas suas "Notas de Ribeirão Antigo" (*Diário de Pernambuco*, 13/07/1956), Alcides Nicéas fez referência ao resultado parcial, apurado em 27 de julho de 1918, do "concurso para eleger a moça mais bonita de Ribeirão, patrocinado pelo jornal *O Atheneu*".

O INDEPENDENTE - *Órgão Noticioso e de Livre Opinião* - Diretor - João Caminha; redator - Hermenegildo Rodrigues. Em formato 32 x 23, a três colunas de composição, com quatro páginas, apareceu no dia 10 de outubro de 1918, dizendo em seu artigo-programa: "... terá vida efêmera, porque já traz a predestinação de não ir além da edição presente, mesmo porque para isso faltariam os recursos pecuniários de quem o dirigem".

O principal objetivo da folha era estampar, o que fez, um artigo no qual o seu diretor, sob o pseudônimo de *Plínio Costa*, clamava contra a carestia de vida, e ao qual foi negado inserção n'*O Atheneu*, sob o pretexto de que ofendia à susceptibilidade do prefeito do município.

Apesar do pessimismo de João Caminha, *O Independente* não parou. E estabeleceu tabela de assinaturas: 6\$000; trimestre - 3\$000, prometendo circular duas vezes por mês. O número 4 saiu com seis páginas, e o 50 com 10, em papel cuchê, exibindo na primeira a efigie,

em fotogravura, do "Nosso diretor", e na terceira as do "Nosso redator" e do "Nosso secretário comercial", Pedro Advíncula.

Periódico bem feito - impresso nas oficinas do *Jornal do Commercio*, no Recife, apresentou sempre boa messe de comentários e notícias, defendendo os interesses da então vila de Ribeirão; além de um "Torneio charadístico"; poesias de José Carneiro Filho, Corina Cora, Hermenegildo Rodrigues, Itamar e Artur Belo; prosa de *Plínio Costa*, *Caliope*, M. C. S. e raros outros, enquanto *Mimi* fazia a "Seção Feminina".

Após a quinta edição, datada de 1 de janeiro de 1919, não voltou *O Independente* a publicar-se (Biblioteca Pública do Estado).

O RISO - *Órgão da Petizada* - Inexistentes comprovantes das quatro primeiras edições, viu-se publicado o nº 5, ano I, a 2 de fevereiro de 1919, em formato 18 x 11, com quatro páginas de duas colunas. Diretor - Fortunato José da Silva; redatores - Demóstenes Aguiar e José Gonçalves. Escritório e redação na Tipografia Progresso, de Manuel Uchoa. Assinaturas: ano - 4\$000; semestre - 2\$500; mês - 0\$500, mediante pagamento adiantado. Número avulso 100 réis.

Sua matéria constou de literatura infantil, a cargo de Audemaro, C. F., Lúcia, J. Plácido Uchoa, D. M. e Nelly. Mantinha o concurso: "Qual a menina mais bonita de Ribeirão?" (Biblioteca Pública do Estado).

RIBEIRÃO-JORNAL - *Órgão de Livre Opinião* - Saiu a lume no dia 21 de março de 1920, em formato 32 x 32, com quatro páginas de três colunas. Diretor-proprietário - Humberto Simas. Confeccionado na Tipografia Progresso, à rua Coronel João Monteiro, 2, instalou escritório e redação à rua Dr. Silva Jardim, 42. Assinaturas: anual - 8\$000; trimestral - 2\$500. Edição avulsa - 0\$200.

Dizia-se "inteiramente alheio à politicagem venal que assoberba o país, desmoralizando o regime e sufocando todas as iniciativas". E acrescentou, no artigo de apresentação: "Fundado este semanário, não temos outro fim senão pugnar pelo progresso e renome desta terra em particular e pelo bem-estar da coletividade, sem vacilações nem desfalecimentos".

Destinado a publicar-se às quintas-feiras, o nº 4 - único manuseado - circulou a 15 de abril, aduzindo ao cabeçalho: redatores auxiliares - Silvino Ferreira e João Virgílio Galvão. Inseria matéria variada, sobretudo comentários e noticiário de interesse regional (Biblioteca Pública do Estado).

GAZETA DE RIBEIRÃO - Órgão "de propriedade de uma Associação", redigido por José Veloso, apareceu a 13 de maio de 1920, trazendo, abaixo do título, as legendas: "Pelo Progresso e Pelo Trabalho - Pela Ciência e Pelo Direito". Assinava-se a 8\$000, 5\$000 e 3\$000,

respectivamente, por ano, semestre e trimestre.

“É seu programa — dizia o editorial de apresentação — guiar a opinião pública, divulgando tudo quanto seja útil aos interesses e bem estar do povo desta vila, destinada a ser brevemente um grande centro comercial, agrícola, industrial e artístico”.

Confeccionado na Tipografia Progresso, de Manuel Cândido Uchoa, na rua Coronel João Monteiro, 2 (depois, rua Dr. Castro Barbosa, 5), tinha o formato 33 x 23, com quatro páginas de três colunas.

Jornal noticioso, comentador dos fatos e acontecimentos da vida municipal, publicou-se regularmente, inclusive com a colaboração de João Virgílio Galvão; *Bero-Aldo*, o poeta das “Silhuetas” e dos “Perfis a lápis”, em sonetos; e às vezes J. Carneiro Filho.

Defendeu a administração do município, que tinha sede em Gameleira, através de editoriais, e publicava os respectivos atos oficiais e balancetes. A quarta página era só de anúncios.

Sem nenhuma alteração, chegou ao número 23, que saiu no dia 21 de outubro, última edição manuseada (Biblioteca Pública do Estado).

O IDEAL - *Humorismo. Letras e Outros Assuntos* - Órgão “da criançada”, deu à luz o primeiro número a 11 de setembro de 1920, tendo como redatores Pedro Fernandes e Fortunato Silva (Inf. da *Gazeta de Ribeirão*, 23/093).

O LYRIO - Publicou-se em data não identificada. Mencionou-o, sem pormenores, Pedro Fernandes, em artigo no *Diário do Povo*, do Recife, edição de 31 de agosto de 1922.

O CORREIO - *Semanário Ilustrado* - Defensor dos “interesses coletivos”, disposto a “trabalhar em prol do engrandecimento de Ribeirão”, findou-se no dia 28 de outubro de 1927, aparecendo em formato 40 x 27, com seis páginas de quatro colunas. Diretor-proprietário - Antonio Paulino de Araújo; redator-chefe - Dr. Álvaro Figueiredo; secretário - Humberto Simas, funcionando a redação e oficinas à rua Dr. Castro Barbosa, 4. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000, mediante pagamento adiantado; número avulso - 0\$200. Publicações solicitadas a 0\$400 por linha.

Seguiu-se a publicação regularmente, para atingir 1º de janeiro de 1928 com o nº 10, ano II, fazendo-se acompanhar, então, do *Suplemento Semanal Ilustrado* (edição do Rio de Janeiro, distribuído em todo o país). Retirando-se, no dia 15, o redator-chefe, assumiu essas funções o redator-secretário.

Jornal de agradável aspecto gráfico, inseria matéria variada, sobretudo noticiário local, folhetim, correspondências dos municípios vizinhos; as "Semanais", por Humbertino Simas; "Sempre na rima", crônica ligeira de João Virgílio Galvão; "Caixa d'O *Correio*", por G. M. Rindo "Carnaval", a cargo de *Pirilampo* (na devida época e igualmente no ano seguinte); "Meia coluna", por *Fernão Roiz* produções outras de Otávio Cavalcanti, S. R., Gabriel Rivas, Aristides Carneiro, Amaro Pereira, Cícero Lemos, Fernandes da Costa, *Creuzinha* (pseudônimo de Álvaro de Assis), que mandava a seção "Perfil", etc.

Ainda a 29 de janeiro, o semanário iniciou a série de editoriais "Em prol de nossas necessidades", em colunas abertas, tipo corpo 12, dizendo no princípio: "Não temos compromissos partidários nem ligação oficial de espécie alguma; não somos nem desejamos ser políticos". Queria, apenas, alertar os poderes de Gameleira, ainda sede do município. Outros e outros artigos foram dados à estampa, em boa e esclarecedora linguagem, semanas e meses afora.

A 12 de fevereiro criava-se a seção "De tudo e para todos" com título em faixa, para nela serem "discutidos assuntos relativos a todos os ramos de atividade humana". Mas predominou a literatura, com soneto no centro, às vezes original, às vezes transcrito. No fim de abril vinha a enquete: "Quem será o prefeito de Gameleira no triênio 928/31?". Foi quando começou a aparecer João Duarte, filho, com sua colaboração, em prosa e verso, não assídua, mas constante, mantida até a fase final.

De substituição em substituição, surgiram diferentes seções, tais como: "Petardos", por *Granadeiro*; "Chumbo grosso", por *Abidorper* e "Picadinhos", por Vivi (pseudônimos de João Virgílio Galvão), todas em versos satírico-humorísticos; "De relance", comentário de A.A.C.; "Assuntos pedagógicos", a cargo de Francisco Dias Noranha; comentários de Plácido Uchoa; "Epitáfios", etc.

Completo-se o primeiro ano a 21 de outubro de 1928, quando saiu o no 52, para encetar numeração nova no dia 28. Logo mais, a edição de 18 de novembro noticiava, sob títulos fortes, "O dia de nossa emancipação política", quando se empossaram os primeiros prefeito, sub-prefeito e conselheiros municipais de Ribeirão.

Atingindo o ano de 1929, Fernandes da Costa, colaborador dos mais assíduos, poeta e prosador, assumiu, a 20 de janeiro, a chefia da redação¹⁵. Enquanto isto, a direção prometia melhorar ainda mais o jornal, dando-lhe maior número de páginas, que se limitavam a quatro, só

¹⁵ A mesma edição noticiou haver Fernandes da Costa assumido a direção intelectual d'O *Correio* informou sua nomeação, pelo prefeito, para o cargo de advogado dos presos pobres. Por coincidência, ao suspender-se, um mês depois, a publicação do semanário, era o jornalista exonerado da função oficial.

de raro em raro aumentadas para seis.

Entretanto, motivos "de ordem superior" levaram o bem feito periódico a encerrar, definitivamente, sua existência com o nº 17, ano III, de 17 de fevereiro de 1929 (Biblioteca Pública do Estado)¹⁶.

ANNUÁRIO DO ATHENEU - *Abrir escolas é fechar cárceres* - O nº 1 circulou em dezembro de 1927, obedecendo ao formato 37 x 26, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Direção de Humbertino Simas. Preço do exemplar - 0\$500.

Serviu a publicação para solenizar o segundo aniversário do Ateneu 13 de Maio, estampando, na primeira página, clichês dos professores Álvaro de Figueiredo e João Virgílio Galvão. Sua matéria constituiu-se de "dados estatísticos, subsídios, exposição detalhada de nosso programa instrutivo educacional; enfim, uma concatenação de fatos".

Ao que tudo indica, não passou da edição de estréia (Biblioteca Pública do Estado).

ARLEQUIM - Folha carnavalesca, foi entregue aos leitores a 10 de fevereiro de 1929, dirigida por *Falstaff* e *Isgorogota*, "dois embriagados semeadores de perfidias encatadoras". Eram seus "gazeteiros" Fernandes da Costa, José S. de Melo e M. Monteiro (*Inf. d'O Correio*).

O PROGRESSISTA - *Tudo pela grandeza de Ribeirão* - Iniciou sua publicação a 15 de novembro de 1934, obedecendo ao formato 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor-proprietário - Humbertino Simas, funcionando a redação e escritório na rua João Pessoa, 139. Imprimiu-se na Tipografia Brasil, apresentando lisonjeiro aspecto material. Assinatura trimestral - 3\$000; número avulso - 300 réis.

Seria, conforme o editorial "Nossas credenciais", um "paladino das boas causas em geral e da evolução deste município particularmente", acentuando: "Sem compromissos político-partidários nem ligação oficial de espécie alguma, este órgão estará sempre ao lado dos que desejarem trabalhar em benefício dos reais interesses deste município e de seu povo laborioso e bom".

Servido de comentários em torno de temas locais; noticiário, inclusive desportivo; informações úteis e uma página de anúncios, seguiu-se a publicação, semanalmente. Teve como colaboradores Alcides Nicéas, que fazia sua "estréia na imprensa matuta"; *Nevo de Ramaiana*, N. Peixoto, Leopoldo Lins, *Rei Mouro*, Janete R. Nicodemos, José P. Nicodemos e Dario Rivas.

¹⁶ Coleção desfalcada dos primeiros nove números.

Uma única edição saiu com seis páginas; outra acompanhou-se de modesto Suplemento. Não pode, entretanto, cumprir a periodicidade; e veio a ficar suspenso com o nº 9, datado de 28 de fevereiro de 1935.

Voltou *O Progressista* em segunda fase, mantendo o programa traçado - nº 1, ano II - a 15 de julho de 1936, filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco. O trabalho gráfico passou a efetuar-se no Recife, na oficina do *Jornal do Commercio*. Nova tabela de assinaturas: ano 10\$000; semestre 5\$000; elevando-se para 500 réis o custo do exemplar. Transferiu-se a redação para o nº 203 da mesma rua.

Como matéria de atração, o diretor H. Simas iniciou, no segundo número, a divulgação, em folhetim, do romance "Destinos", de Humberto de Campos.

A circulação tornara-se quinzenal, mas logo falhou, vindo a sair o nº conjugado 4/5 no dia 15 de setembro e o nº 6/7/8/9 a 15 de novembro. Foi o fim.

Na primeira fase, a folha deu boa cobertura noticiosa ao III Congresso de Jornalistas do Interior de Pernambuco, realizado em Vitória de Santo Antão. Na segunda, ressaltou o retorno de Ribeirão ao regime constitucional (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DO RIBEIRÃO - *Periódico sem filiação político-partidária* - Destinado a publicar-se quinzenalmente, surgiu no dia 19 de junho de 1949, em formato 48 x 33, com quatro páginas de seis colunas. Diretor e gerente - João Vilaça Lima. Assinatura anual - Cr\$ 30,00. Número avulso - Cr\$ 1,00. Trabalho gráfico das oficinas d'A *Tribuna*, no Recife.

Desejava, consoante o editorial "Nosso objetivo", concorrer para o alevantamento do nível de vida do povo de Ribeirão, encontrando boa acolhida nas suas páginas tudo o que dissesse respeito "às boas causas, ao embelezamento urbanístico" do município.

Esperava ter o apoio da população e a ajuda do prefeito José Morato Filho, cujo panegírico, com o respectivo clichê, saiu em coluna dupla, ao centro da página de frente.

Seguiu-se José do Patrocínio Oliveira com o artigo "Missão espinhosa", de estímulo à iniciativa da fundação da folha.

A edição inseriu, a seguir, produções de Jarbas Maranhão, Anagê Leitão, João Soares de Melo, Estênio Leite, Alberto Campelo e Luiz Rocha, que abriu a seção "Teatro". No mais, comentários, noticiário, alguns clichês e poucos anúncios.

Faltam indícios de haver prosseguido a publicação (Biblioteca Pública

do Estado).

CIRANDA - *Revista do Clube Internacional do Ribeirão* - Estreou em junho de 1953, com vinte páginas, inclusive a capa, impressas, respectivamente, em papel acetinado e cuchê. Formato 27 x 19. Direção de José Coutinho (presidente do Clube) e Ernani de Araújo. Redator - Alcides Nicéas. Trabalho material da Tipografia Brasil, da firma Viúva Antonio Paulino & Filhos Ltda.

"Diretamente ligada ao movimento social e cultural", segundo a nota de apresentação, dedicava suas páginas à revivescência das festas elegantes da cidade e dos "principais fatos da vida social, artística e literária", acrescentando "Ciranda, além de representar um órgão de publicidade do Clube Internacional do Ribeirão, significa também um esforço empreendido em favor da aproximação efetiva que deve reinar entre as cidades do interior pernambucano, que se limitam nos símbolos geográficos, mas se expandem na generosidade dos sentimentos que valorizam o homem nordestino".

Vastamente ilustrado de flagrantes da vida da cidade, incluindo "Ribeirão de ontem e de hoje", o magazine focalizou a memória do poeta Leopoldo Lins; reviveu trechos d'O Atheneu, de 1918; ressaltou os empreendimentos do Clube e inseriu produções originais, em prosa, de Estênio Leite, Fernando W. Mota, C. L., Osiris Caldas, Ernani de Araújo, Alcides Nicéas, Avani de Azevedo e Otávio Ferreira Silva e poesias de César Leal, Seve-Leite, Osmário Teles e O. F. S.

Só em janeiro de 1954 circulou o segundo e último número de Ciranda, contendo mais reminiscências e admitindo novos colaboradores, a saber: Paulo Fernando Craveiro, José Césio Regueira Costa, Ivanildo de Melo, Noly de Carvalho e M. C. Costa (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DO RIBEIRÃO - *Órgão do Grêmio Artístico, Esportivo e Literário do Ribeirão* - Apareceu a 11 de setembro de 1953, dia que festejou as bodas de prata da emancipação política da localidade. Formato de 40 x 30, com seis páginas de cinco colunas. Impressão da Gráfica Editora do Recife.

O editorial de abertura - "Surge um jornal" - assinado por Sebastião Honorato Pedrosa, ocupou-se da imprensa como necessidade imperiosa para os povos e da falta de um jornal em Ribeirão, o que então se corrigia com a iniciativa do Grêmio, frisando: "É um jornal modesto. É um jornal que visa difundir o que somos e dizer do que carecemos". Trabalhavam-no jovens bem intencionados. Publicar-se-ia em datas especiais, podendo, entretanto, tornar-se mensal, semanal e até diário...

O nº 2 circulou a 24 de outubro, comemorando a visita do ministro João Goulart à cidade, e o nº 3 no dia 31 de dezembro.

Variado de matéria, contou, além das produções em prosa e verso de Honorato, com a colaboração de Estênio Leite, padre José dos Santos Mousinho, José Pires da Silva, o das "Reticências políticas"; Antonio Alves de Andrade Filho, Amaro Veloso Lustosa, Ivani de Azevedo, Elísio Falcão e outros, encarregando-se Fernando W. Mota da parte desportiva.

A secretaria do Grêmio divulgou, nas três edições (a continuar) uma "Descrição sumária da cidade, vilas e povoados do município do Ribeirão". No mais, reportagens, noticiário e anúncios resumidos.

Encetou o ano de 1954 o nº 4, de 31 de janeiro, então orientado pela seguinte comissão diretiva: Sebastião Honorato Pedrosa, Antonio de Vasconcelos Sena, Amaro Veloso Lustosa, Antonio Alves de Andrade Filho, Lucas Higino Monteiro, Fernando W. Mota e José Pires da Silva, todos gremistas.

Nada obstante a pretensão de circular mensalmente, não o conseguiu o *Jornal*, só vindo a lume a edição imediata no dia 11 de abril. Atingiu o nº 6 a 5 de julho, reduzido a quatro páginas.

Publicou-se o nº 1, do ano II no dia 11 de setembro de 1954¹⁷, com 12 páginas, iniciando o texto volumosa manchete de homenagem ao 26º aniversário da emancipação do município e ao primeiro do aparecimento da folha. Divulgou artigos dos colaboradores conhecidos e de Ivanildo Melo, Raimundo Pedrosa, D. Chacon e Eduardo Vieira; Estatutos do Grêmio; página de divulgação da Prefeitura e reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DE NOTÍCIAS - *A serviço de uma região* - Surgiu a 17 de janeiro de 1954, formato de 40 x 30, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Direção de Alcides Nicéas; redatores: Estênio Alves Leite, Antonio Marinho, Otávio Ferreira Silva, Avani Guilherme de Azevedo, Fernando W. Mota, João Vilaça e Moisés Alves da Silveira. Redação na rua Luiz Gusmão, 17 de impressão da Cooperativa Gráfica Editora de Pernambuco, no Recife.

"Seremos — lia-se no editorial de abertura, intitulado "Os nossos motivos" — um jornal independente e de opinião. Independente aos blocos e competições políticos, para que os nossos comentários obtenham o crédito público". Só lhe interessava a "defesa dos interesses coletivos", adiantando: "... pretendemos iniciar nesta região um jornalismo movimentado, tanto quanto possível redacional, de informar o que sabe e de aconselhar o que pode, procurando evitar o colorido superficial dos artigos assinados e versados sobre assuntos que nem de longe interessam à vida do Ribeirão, da Gameleira ou dos municípios vizinhos".

¹⁷ Continuou em 1955 a publicação.

De início, inseriu o mensário boas seções, tais como: "Conversa de esquina", por *Névio* (pseudônimo de Estênio); "Nos bastidores da política"; "Opinião alheia"; "Vida social" e "Desportos", abrindo a segunda página bem elaborados sueltos, para seguir-se variado noticiário, tudo dizendo respeito à vida local.

Ocorreu a publicação regularmente, no meado de cada mês, não divulgando reclames comerciais. A partir do nº 6, nada obstante o programa enunciado, admitiu, em suas colunas, através de comentários, transcrições e anúncios, a propaganda das candidaturas Cordeiro de Farias, para governador do Estado; Armando Monteiro Filho, para deputado federal e Moacir Sales para deputado estadual, ao mesmo tempo que repelia o nome de João Cleofas de Oliveira, oponente da primeira. *Kátia* (pseudônimo de Avani) manteve o "Comentário" que precedia o noticiário social.

Finda a campanha eleitoral, findou também a existência do *Jornal de Notícias*, cujo último número editado foi o 9º, de 25 de setembro (Biblioteca Pública do Estado).

A INFÂNCIA - *Órgão do Grupo Escolar Padre Américo Novais* - Datilografado, com quatro páginas de papel ofício, foi fundado em 1953. Existem comprovantes do ano II, 1954, edições de abril a outubro. Direção de M. J. Freire; redatores - Zulmira Marques; repórter - Miguel Ramos. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

RIO FORMOSO

O REDUTO - *Semanário Noticioso e de Defesa dos Interesses do Município* - Circulou em 7 de setembro de 1942, em homenagem ao Dia da Independência, trazendo, à esquerda do cabeçalho a frase "Eu entro em Rio Formoso como quem entra numa catedral", pronunciada pelo Interventor Agamenon Magalhães, por ocasião de uma visita festiva à cidade. Impresso na Tipografia do *Diário da Manhã*, no Recife, utilizando papel especial, apresentou-se em grande formato de seis colunas, com quatro páginas. Exibiu, na primeira, clichê, em duas colunas, do Presidente Getúlio Vargas. Direção e propriedade de Nicéas Filho; redatores - Joaquim de Andrade Lima, Luiz Gonzaga de Aguiar, Nilo Barreto de Gouveia, José Alves Leite, Emanuel Dornelas, Antonio Francelino Alves, Rui Rossiter e Ives Nicéas.

O editorial de abertura, sob o título "Posição", declarou ser o título do jornal tirado "às páginas da história de Pernambuco. Ou melhor: da do Rio de Formoso", aludindo aos "vinte guerreiros de Pedro de Albuquerque", que se imolaram "ao serviço da pátria".

Depois de outros conceitos, concluiu: "O *Reduto* é o brado de alerta aos indiferentes pela grandeza da terra bonita e heróica. É um reclamo. Um apelo à inteligência parada dos retrógrados e inoperantes. Este é o lema".

A par do noticiário e comentários sobre a data, inseriu outras notícias e sueltos referentes a fatos e coisas da cidade; artigos assinados por Alcides Nicéas, Estênio Leite e *Catão* e poesias de *Sara* e *Saulo*.

Apesar da indicação: Ano 1, nº 1, *O Reduto* não resistiu terminando aí sua existência (Biblioteca Pública do Estado).

TUDO PELAS MISSÕES - Número especial, editado pelo Grupo Escolar General Azevedo Pimentel, circulou no dia 20 de outubro de 1946, com oito páginas manuscritas em papel almaço e copiadas em hectógrafo, sendo o cabeçalho ilustrado a cores.

Só inseriu matéria alusiva ao enunciado no título, assinando a colaboração principal o padre Teófilo Rocha (Arquivo Nilo T. Gouveia).

Vila Tamandaré

O INDEPENDENTE DE TAMANDARÉ - *Periódico Político e Científico* - Saiu à luz no dia 7 de setembro de 1959, trazendo sobre o título, ao centro, o emblema do Brasil Imperial. Formato 31 x 22, com quatro páginas a três colunas de 12 cíceros. Numa faixa abaixo do título, dividida em três colunas desiguais, vinham as notas de Expediente e informações úteis. Publicar-se-ia às quartas-feiras, custando 5 \$000 a assinatura semestral, pagos adiantadamente, sendo o porte franco para as cidades e vilas do Recife, Rio Formoso, Sirinhaém, Barreiros e Água Preta. Anúncios a 40 réis por linha. Trabalho material da Tipografia Independente.

Abriu o texto a reprodução dos Estatutos de Companhia da Estrada de Ferro de Tamandaré à margem do rio Una, ocupando duas e meia páginas. Veio a seguir, o editorial de apresentação, em que dizia:

... queremos dar a esta parte do sul da província que constitui a Comarca do Rio Formoso, e para cujo centro político e comercial a natureza destinou o magestoso porto em cujas margens imprime-se O Independente, um órgão das suas necessidades de todo o gênero e oferecer aos seus habitantes, além dos fatos locais, as notícias mais importantes das outras partes do Império e principais nações do mundo, na esfera política, comercial e científica; e queremos também, pela discussão conscienciosa das questões que se acharem na ordem do dia, concorrer para esta educação política que é a condição sine qua non do exercício real dos direitos de soberania que a nossa Constituição assegurou a cada cidadão e que é chamado a exercer na escolha dos seus representantes. O Independente não será, portanto, meramente noticioso e muitas vezes terá de descer no ardente campo da política.

Numa exposição de princípios, após o preâmbulo, a redação declarou-se partidária da Monarquia, repelindo qualquer idéia de Constituinte. E concluiu: "Somos, portanto, ao mesmo tempo, conservadores e, por baixo das palavras "respeito à Constituição", inscreveremos na nossa bandeira a palavra "descentralização", que, no nosso pensar, deve ser a senha de todos aqueles que desejam a prosperidade da nossa bela pátria".

Completaram a edição as seções "Boletim político", "Boletim comercial", "Fatos diversos" e anúncios de poucas linhas.

Outro único número avistado foi o 200º, ano V, de 15 de setembro de 1863, acrescido o formato para 37 x 27, igualmente com quatro páginas, estas de três colunas de 16 cíceros. Sua matéria constou de extensos artigos redacionais, a seção "Interior" e notas diversas.

O Independente de Tamandaré era redigido pelo engenheiro francês Henrique Augusto Milet, radicado em Pernambuco, tendo como editor Severino Mártir Bispo (Biblioteca Pública do Estado).

Vila de CUCAÚ

O PROLETÁRIO - *Órgão Noticioso e Independente* - O nº 1, ano I, circulou no dia 1º de maio de 1934, em amplo formato 48 x 31, com quatro páginas de cinco colunas de composição. Diretor - Paulino Nicéas Filho; redator - Oscar Cipriano da Costa.

Lia-se no editorial de apresentação: "Nosso intuito não é propagar idéias subversivas ou revolucionárias, nem pregar socialismo mal entendido ou reacionário", adiantando: "... queremos desenvolver uma propaganda educacional que prepare espíritos para o trabalho, dentro das normas legais, com respeito aos direitos de todos".

A edição inseriu noticiário escolar e desportivo, "Seção Charadística"; quatro artigos assinados pelo redator Cipriano; conto de Severino Uchoa, poesia de João Beltrão, duas crônicas de *Valdelirios* e anedotas.

Não continuou a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

O ESCOLAR - Folha também publicada em Cucaú, segundo referência d'*O Proletário*, era órgão da Escola Daniel Vieira.

SALGUEIRO

O IPIRANGA - *Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Professor Manuel Leite* - O nº 4, ano I, circulou em outubro de 1951, manuscrito, copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretor -

Francisco G. Rocha - redatora - M. Iris de Vasconcelos; tesoureiro - Florido Bezerra. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares a lápis de cor.

Outros comprovantes encontrados: de novembro de 1953 e dos meses de abril, maio/junho, agosto e novembro de 1954. Responsável - H. F. Gomes; diretor - Nilson Santiago; redatora-secretária - Maria do Carmo de Carvalho. Manteve o ritmo anterior (Departamento Cultural da SEEC).

SANHARÓ

MUNICÍPIO DE SANHARÓ - Álbum comemorativo da primeira administração municipal, exercida pelo Prefeito Laurentino Ventura Caraciolo, circulou em novembro de 1952.

Reunindo 20 páginas, formato oblongo, de bolso, foi impresso em papel tipo Ilustração, a capa em cartolina, ilustrada com clichê de aspecto da cidade.

Só constou de documentário fotográfico das realizações da gestão finda e páginas especiais de "homenagem" e "reconhecimento" (Biblioteca Municipal de Pesqueira).

SANTA MARIA DE CAMBUCÁ¹⁸

O ATREVIDO - Primeiro órgão de imprensa da localidade, circulou no dia 6 de janeiro de 1952, com quatro páginas, formato regular, de três colunas de composição. Propriedade da "Empresa Atrevimento Ltda." e direção de José Almeida, Eurídice Almeida e Lourdinha Lima. Preço do exemplar - Cr\$ 2,00, acrescentando-se ao expediente: "Havendo cruzeiros, circula anualmente".

"Jornalzinho de festa", foi "criado por um grupo de jovens, com o fim nobre de auxiliar a construção da nova matriz", sendo o seu programa "humorístico, às vezes irreverente", mas de uma "irreverência suave", que "não fere, não irrita, deixando apenas pequenos amuos".

Sua matéria constou de crônicas sociais, noticiário, epigramas, perfis, variedades, etc., tudo, realmente, para fazer rir. A última página encheu-se de reclames comerciais.

Obedecendo ao mesmo programa e idêntico ritmo, os diretores d'O *Atrevido* deram à publicidade o nº 2 no dia 6 de janeiro de 1953. Não

¹⁸ Antiga Vila de Santa Maria, do município de Vertentes.

voltou mais à tona (Col. J. Almeida).

O BRADO - Datilografado em papel ofício, com seis páginas, publicou-se a edição de estréia em 1º de maio de 1953. Diretor responsável - José Almeida. Tiragem limitada, "para leitores escolhidos".

"Órgão divulgador de todos os acontecimentos a registrar" absolutamente imparcial, consoante o editorial de apresentação, criticaria ou elogiaria "aos que o merecessem". Nada de obedecer a "uma facção política ou econômica". Era "um jornal a serviço da coletividade".

Circulando mensalmente, inseria editoriais, uma página de "Política e Politiquice", outra de "Notícias do país e do Estado", noticiário local e humorismo.

Atingiu o nº 4 a 1º de agosto, terminando aí sua existência (Col. J. Almeida).

REVISTA BRANCA - Magazine datilografado, tendo como diretor e ilustrador José Almeida, saiu a lume no mês de julho de 1953, com dez páginas, formato de papel de ofício. Edição de um só exemplar, passava de leitor a leitor.

Divulgou matéria variada, incluindo comentário político, literatura, reportagens, noticiário e curiosidades.

O segundo número começou a ser batido na máquina, mas teve morte antecipada (Col. J. Almeida).

SÃO BENEDITO DO SUL

O IDEAL - *Órgão de Mundanismo e Letras* - o nº 1, ano I, circulou em 30 de janeiro de 1926, formato 30 x 22, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso, utilizando bom papel, na oficina do *Jornal do Recife*. Redator-chefe - Waldemar Lopes; redatores - Alcides Lopes, Iraci Ipirapoan e Narciso Valença. Tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 2\$500; trimestre - 1\$500. Publicação mensal.

Segundo o artigo — "O nosso ideal" — de abertura, o periódico não tinha programa: "O futuro dirá o que ele tem a fazer". Os fundadores do jornal eram, a bem dizer, crianças ainda: sua idade medeava entre treze e quinze anos.

Primeiro fruto da imprensa em São Benedito¹⁹, arriscavam-se os redatores a uma empresa difícil, ao que acrescentou o editorialista: "...se os nossos sacrifícios forem inúteis, se reconhecemos quão debaldes são

¹⁹ Povoado, depois vila de Iraci, terminando em município de São Benedito do Sul.

nossos trabalhos, o que só sucederá se os são beneditenses não apoiarem nossa iniciativa como ela merece ser apoiada, resta-nos um consolo, que também é uma honra: fomos os primeiros que se abalancaram a um passo tão incerto quanto áspero!”.

De início, *O Ideal* criou a seção “O ideal da petizada”, constituída de charadinhas, pequenos contos, etc.; estabeleceu concurso de beleza feminina, e dedicou o rodapé da segunda página ao folhetim “A Boneca da Morte”, conto de Frederico Trajelo. Ao atingir o nº 4, reduzia-se o corpo redacional ao nome de Alcides Lopes, que permaneceu ao lado do diretor (Waldemar Lopes) até o fim, passando à função de gerente em julho do ano seguinte.

Encerrado o ano normalmente, o nº 13, ano II, iniciou a meta de 1927 com uma edição especial de 10 páginas, em 30 de janeiro, comemorativa do primeiro aniversário, em cujo editorial - “A primeira vitória” - escreveu a redação: “Pela pátria, pelo bem, pelo direito, pelas letras, *O Ideal* continuará a caminhada há um ano começada”.

A partir de então, vigorou nova tabela de assinaturas, a saber: ano 8\$000; semestre - 4\$000; trimestre - 2\$500. Em compensação, o órgão tornou-se quinzenal. A seção “O ideal da petizada” já havia sido substituída pelo “Recreio dos Turunas”, de charadas, a cargo de *Walter Frepes* (anagrama de Waldemar Freire Lopes). Criaram-se dois concursos masculinos, para a escolha do rapaz mais feio e do mais simpático.

Atingindo o nº 24, de 31 de julho, alteou-se o formato d’*O Ideal* para 36 x 27, com quatro colunas de composição, quando passou a ser graficamente confeccionado nas oficinas do *Palmeira-Jornal*, em Palmeira de Garanhuns, atual cidade de Palmeirina. Manteve-se com quatro páginas, bastante matéria e, por algum tempo, sem anúncios.

Outras edições de aniversário ocorreram, com oito páginas cada uma, a 30 de janeiro de 1928 e em igual data de 1929, sempre em bom papel, inserindo colaboração especial de intelectuais da região. O último deles foi excepcionalmente impresso na Tipografia do Colégio Salesiano, em Colônia, hoje Frei Caneca.

Terminou aí a primeira fase do interessante periódico, no seu ano IV, com 51 números publicados.

O setor literário d’*O Ideal* constituíra sua principal característica. Jornal redigido com esforço e talento. Waldemar Lopes cercou-se de bons colaboradores intelectuais, publicando, ele próprio, do primeiro ao último, poemas e soneto que dariam para um livro volumoso, além de boa prosa - artigos e crônicas utilizando não só o nome ou a inicial W., mas também os pseudônimos *Walde*, *João d’O_Ideal*, *Juraci de Humaitá*, *Hermes Delamare* e *Paulo Gerson*, os dois últimos só aparecidos na segunda fase.

Os demais colaboradores foram: Silva Ramos; *Conde d'Altamont* (Narciso Valença); Alcides Lopes, o mesmo *Lopes Filho* ou *Zé do Riso*, incansável trovador; Edmundo Gusmão; Gilberto de Oliveira Rosas; Aduato Barreto, o mesmo *Luiz Augusto* ou *João do Beijo*, Antonio Lisboa Brito ou *Carlos Alcibíades Rosa Amália*; Odion R. Moreira; Aristides Carneiro; João de Souza Costa; Aymbiré Kanimura; *De Filgueiras* ou Normando Figueiras; Fenelon Barreto; Otávio Vila Nova; *Neo-Rosas*; Álvaro Costa; Andrade Lima Filho; Fernando Pio Santos; Murilo Buarque; *Silvestre Agripa* (pseudônimo de Adolfo Pereira Simões); Reinaldo Lins, *Nora Dulce A. Jorge de Souza*; Princesinha do Deserto (Quitéria Siqueira); *Batelão*, o mesmo José Alvarenga; Mariano Buarque de Gusmão, Calazans de Araújo e outros.

Com o último número d'*O ideal* ocorreu um fato curioso: deveria ter circulado no dia 30 de dezembro de 1928, mas extraviou-se a matéria enviada à tipografia. Conseguida matéria nova, a edição saiu um mês depois — a de aniversário. A nota explicativa a respeito esclareceu que *O Ideal* encerrava sua existência com vultoso déficit, terminando por fazer um apelo aos assinantes relapsos para que saldassem seus débitos.

Transcorridos dois anos, já com oficina própria²⁰, instalada, assim como a redação, na fazenda Novo Horizonte, a três quilômetros da vila, reapareceu o periódico, em nova fase - ano VI, nº 1 - a 8 de fevereiro de 1931, com idênticos formato e características, mas cobrando 10\$000 por anualidade ou 5\$000 por semestre, para circular semanalmente.

Ressurgia, segundo o editorial a respeito, "ao influxo generoso das mesmas altas e construtivas finalidades que lhe ritmaram a cruzada vitoriosa na sua primeira fase", acrescentando: "Vimos lutar, como ontem, pelo progresso, pelo direito, pela justiça. E, como ontem, queremos ser justos e sinceros, independentes e altivos, para que as nossas análises tragam o timbre de espíritos moços que não se amoldam às sugestões estéreis do meio ambiente, nem se deixam vencer pelas tibiezas rotineiras dos que desertam a nobreza viva dos nossos propósitos".

Prosseguiu a publicação, ininterruptamente e, como dantes, não se limitava à apreciação dos fatos locais, divulgando, igualmente, freqüentes comentários em torno de acontecimentos de âmbito nacional. Veio a inserir, através de contrato, atos oficiais da Prefeitura de Quipapá, acrescentando-se-lhe uma parte de anúncios.

Circularam, até o fim do ano, 47 edições, continuando a numeração no ano seguinte. Prolongou-se a existência d'*O Ideal* até o nº 97 (último), datado de 31 de dezembro de 1932.

²⁰ Waldemar e Alcides Lopes adquiriram, por compra, a Tipografia do extinto *O Quipapá*. Transferiram-na, dois anos depois, ao jornalista Álvaro de Assis, que a colocou, novamente, na cidade de Quipapá.

Além das constantes produções do diretor Waldemar Lopes e de alguns nomes vindos da primeira fase, novos colaboradores foram admitidos, tais como: Seve-Leite, Nelson de Alcântara, o mesmo N. A. do "Caderno de Notas"; Arthur Coelho; José Américo Leite, *João da Retreta* (pseudônimo de João Costa), *Arno Roiz*, ou seja, Arnulfo Rodrigues; *Luiz Osvald*, que não era outro senão Andrade Lima Filho; Leopoldo Lins; Agripino da Silva, Rafael Peixoto, Valença Leal; Humbertino Simas, etc., enquanto Alcides Lopes mantinha as seções "Modos de ver" e "Dentadas", uma em prosa, a outra em versos, assinadas, respectivamente, por A. L. e *Alpes*. Divulgavam-se, também, originais do *Lux-Jornal*. E não faltou, ainda, uma seção charadística, da qual participaram, entre outros, Samuel Lopes (*Crisântemo*) e Alcides Lopes (*Bugari*).

Pouco antes do "canto de cisne", o bem redigido órgão deu uma edição extraordinária, em 11 de dezembro, ao ensejo da realização do I Congresso de Jornalistas do Interior de Pernambuco²¹.

Foi com o artigo "Mais dois anos de ação e idealismo", nas colunas centrais da primeira página, que *O Ideal* se despediu dos leitores. Fazia-o por "circunstâncias de ordem superior", a cujos imperativos não era possível fugir. Formara, na imprensa do interior, uma "jornada de entusiasmo e de fé", dando-lhe as melhores energias da mocidade dos que o faziam.

"Não nos moveram nunca — acentuou — injunções menos dignas, nem vaidades inconfessáveis". Só a linha da coerência os empolgava, no cumprimento do seu programa "de verdade e justiça, de progresso e trabalho", numa cruzada "de desprendimento e abnegação, que é a existência de cada jornal matuto". Findou assegurando guardar na consciência "a alegria tranqüila do dever cumprido" (Col. Alcides Lopes e Biblioteca Pública do Estado)²².

O PALITO - *Jornal Sisudo de Menino Grande* - Entrou em circulação em agosto de 1929, mas sem exhibir data, apenas a indicação: "São Sebastião da Barra, tanto do mês desse mesmo ano". Formato 26 x 19, com quatro páginas de quatro colunas de oito cíceros. Diretor - *Zé do Riso* (pseudônimo de Alcides Lopes); secretário - *João da Rua* (João Calu do Nascimento); gerente - "Não tem não". Preço do exemplar - 200 réis.

²¹ Já a propósito do certame, escrevera Waldemar Lopes, na edição anterior, o artigo "Imprensa matuta", a salientar o tópico a seguir: "Há mais idealismo e sinceridade nas modestas oficinas do jornal da roça, nas quais tantas vezes a energia que impulsiona o lápis é a mesma que reúne os tipos e movimenta o prelo, do que nos edifícios suntuosos das grandes organizações jornalísticas, onde o operário da inteligência não trepida em servir às idéias alheias, esquecendo ou recalando, não raro, as suas próprias convicções".

²² a Coleção da Biblioteca Pública do Estado resume-se à segunda fase d'*O ideal* do nº 3 até o fim.

A apresentação foi feita no soneto intitulado “Cartão de visita”, a destacar as quadras:

Ora viva, leitor! Eis-nos agora

Transformando essa vida numa joça!

O Palito saiu! Saiu, embora

Co 'um programa madeira para a roça.

É fazer rir! Tolice de quem chora!

Só prá gente do mato! Eita! À carroça

Do lixo essa tristura que devora,

Pois O Palito é bicho bom na troça!

Seguiu-se a publicação irregularmente — “Sai quando se quer” — inserindo matéria cheia de verve, em prosa e verso, com um soneto-editorial em cada número, além de comentários e noticiário, tudo obedecendo ao ritmo humorístico, utilizando os colaboradores vários pseudônimos. Só no nº 6 passou a admitir anúncios. Foi igualmente quando assumiu a gerência *Menegildo de Bonito*, para entregá-la, algum tempo depois, a *H. Romeu Cavalcanti*.

Até o nº 9 saiu *O Palito* sem data. Corrigiu a falha, porém, no 10º, que circulou em julho de 1932, ano III, adotando título desenhado, com um “palito de dentes” a entrelaçar as letras, mais a epígrafe “Do povo e péla o povo”. Ficou então com três colunas normais de composição, tornando-se “diário mensal de circulação indeterminada” e cuidou logo de cobrar 1\$000 por seis números. Na edição seguinte, de agosto, alertava os leitores: “Jornal não vive quando não há dinheiro. Mande pagar logo a sua assinatura”.

Publicado o nº 13, em outubro, ficou suspenso o periódico, para só emergir, com o 14º, em março de 1933. Já se havia ausentado *João da Rua*. Fez o mesmo o gerente, e constou então do cabeçalho: “*Zé do Riso* dirige, gerencia e varre a redação”. Do nº 17 por diante circulou, invariavelmente, com seis páginas, o que antes era pouco comum. E ainda viveu alguns meses, mantendo a linha de humorismo e sátira leve.

Seus colaboradores escondiam-se sob os pseudônimos de H. Rei, Tampinha, H. Ramos, Perguntador, Palitador, Calunga Volúvel, Língua Ferina, Misterioso, Miss Feia (pseudônimo de Juraci Lopes), com a seção “Eles e Elas”; Dr. X.. Diabinho, D’Artagnam, etc.

O Palito, que era ilustrado com caricaturas em madeira, gravadas a

canivete, deu a lume sua última edição, de nº 21, ano V, em outubro de 1933, tendo sido impresso nas seguintes tipografias: nºs 1 e 2 - do *Palmeira-Jornal*, em Palmeirina; nºs 3 a 5 e 9 a 13 - d' *O Ideal* nºs 6 a 8 - na "Lobo", de Catende; nºs 14 a 21 - na "Assis", de Quipapá (Col. A. Lopes e Biblioteca Pública do Estado)²³.

MOCIDADE - *Literatura. Mundanismo* - Surgiu em dezembro de 1932, tendo como redatoras Ester Bezerra, Juraci Lopes e Ionísia Ipirapoan.

Publicou-se o nº 5 (primeiro comprovante encontrado) no dia 31 de março de 1933, formato 28 x 24, com quatro páginas de três colunas, sendo o trabalho material da Tipografia Lobo, em Catende. Preço do exemplar - 200 réis. Modificado o corpo redacional, ficou assim constituído: diretora - Hilda Porto; redatora-secretária - Ester Bezerra; redatoras - "diversas". Findou, então, um concurso de beleza, instituído na estréia do jornalzinho, classificando-se em primeiro lugar Lúcia Valença.

Os nºs 6 e 7 circularam nos dias 10 e 30 de junho, respectivamente, passando o nº 8 para 30 de setembro (já transferida a redação para o povoado de São Sebastião da Barra), ao passo que o nº 9, possivelmente último, saiu a lume no dia 1 de janeiro de 1934, quando se filiou à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

Jornal leve e interessante, obedeceu ao programa exarado no título, divulgando as produções das jornalistas responsáveis e outras, quase sempre mediante pseudônimos, como os de *Chapeusinho Vermelho*, *Violeta Dulce*, *Língua Ferina*, *Maria Clara*, *Susana*, *Jane Champion*, *Princesa Encantada*, *Salomé*, *Ló*, *Ana Maria*, *Senhorinha Indiscreta*, *Mile* e *Y. Y. Y.*, a autora das "Setas cor de rosa". Foram colaboradores masculinos Manuel Pacífico Cavalcanti e W. (o poeta Waldemar Lopes). Ocorriam, também, comentários de interesse local, noticiário, humorismo e alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado)²⁴.

IDÉA - *Mensário de Críticas e Notícias* - Com redação em São Sebastião da Barra, começou a publicar-se no dia 20 de setembro de 1933, formato 28 x 21, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Alcides Lopes; gerente (depois secretária) - Juraci Lopes. Assinava-se a 1\$500 por semestre, mediante pagamento adiantado.

Era, segundo o editorial de apresentação, "um jornal de mocidade. De reação moça à apatia ambiente". Não pretendia encher o abismo deixado pelo desaparecimento d' *O Ideal*, mas atuaria "no campo da

²³ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

²⁴ Do nº 9 de *Mocidade* só possuem comprovantes os colecionadores particulares Alcides Lopes e Dr. José Valença Júnior.

imprensa indígena sob os influxos benéficos do nobre exemplo daquele paladino”, em prol do desenvolvimento do município. Vinha defender não só os interesses locais, porém de todo o Quipapá. Lutaria pelo “progresso; pela verdade”.

Logo no segundo número, acrescentava-se ao cabeçalho: “Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco”.

Jornal sério, servido de bons comentários de interesse local, noticiário, raros anúncios e publicações oficiais da Prefeitura, inseriu artigos assinados por Álvaro de Assis e N.Valença e versos de Juraci e Alcides, este usando o pseudônimo *Alpes*.

Em mais de uma edição, *Idéa* deu eficiente cobertura à realização, em Catende, do II Congresso de Jornalistas Matutos.

A publicação, que se efetivou com regularidade, só atingiu o nº 6, de 28 de fevereiro de 1934, quando ocorreu mais de uma página de noticiário carnavalesco.

Idéa foi impresso na Tipografia Lobo, de Catende, com exceção do nº 2, único que saiu com seis páginas, sendo quatro confeccionadas em Garanhuns, na oficina de Manuel Gouveia, e as duas do centro, como Suplemento, na Tipografia Assis, de Quipapá (Col. A. Lopes_e Biblioteca Pública do Estado)²⁵.

SÃO BENTO DO UNA

GAZETA DE SÃO BENTO - *Órgão da Sociedade 21 de Março* - Primeiro a publicar-se na localidade, surgiu a 21 de março de 1900, em formato 44 x 31, com quatro páginas de quatro colunas. Redator principal — o juiz de direito Eduardo Correia da Silva; correspondente no Recife — Gerson d’Alembert; encarregado de receber as assinaturas da capital do Estado - Antonio F. S. Barreto. Impresso em tipografia própria, destinava-se a sair quinzenalmente. Assinatura anual - 10\$000; preço do número avulso - 200 réis.

Segundo o editorial de apresentação, o periódico tinha o objetivo de “trabalhar em prol do engrandecimento do município que lhe dá o nome”. Embora “apreensivo do seu futuro”, sentindo “o peso de suas responsabilidades” e prevendo “as inúmeras dificuldades a vencer”, empreendia a cruzada “com a fé de quem vai defender uma dessas idéias santas que simbolizam o cumprimento de um dever cívico”, reagindo “contra o egoísmo e a indiferença predominantes nas pequenas localidades afastadas dos centros populosos”.

²⁵ A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada da última edição.

A par de vasta matéria noticiosa, a edição divulgou a “Notícia histórica e geográfica do município de São Bento”, de autoria do dicionarista Sebastião de Vasconcellos Galvão.

Prosseguiu, regularmente, servido de artigos redacionais e outros assinados; Seção Literária; bom noticiário e atos oficiais da Prefeitura, sendo a quarta página de reclames comerciais. O nº 15, de 25 de novembro, teve sua primeira página, com grandes títulos, dedicada às festividades do dia, em homenagem a Cristo-Rei. Encerrou o ano a edição seguinte, datada de 15 de dezembro.

Logo a 1º de janeiro de 1901 apareceu o nº 1, ano II, fazendo a promessa de — após o período de férias em que ia entrar a Sociedade de que era órgão, de acordo com os respectivos Estatutos — circular trissemanalmente. Só voltou, contudo, divulgando a segunda edição do ano, no dia 25 de março, comemorativa do primeiro aniversário da publicação e do segundo do sodalício.

Nada obstante o manifesto “desejo, cada vez mais ardente, de trabalhar pela prosperidade” do município, a *Gazeta de S. Bento* terminou aí sua existência (Arquivo Público Estadual e Biblioteca Pública do Estado)²⁶.

SÃO CAETANO

SEMANTAL CAETANENSE - “Jornal independente”, de “boa material e variado sumário”, dele não restam comprovantes. Noticiou sua existência o *Jornal do Commercio*, do Recife, de 13 de março de 1929, ao acusar o recebimento dos nºs 2 e 3. Foi o pioneiro da imprensa na localidade.

OITO DE OUTUBRO - *Semanário Independente* - Entrou em circulação em 16 de agosto de 1936, obedecendo ao formato 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor -tenente Silvino Silveira; redator - Félix Cordeiro de Barros; gerente - José Pereira Sobral. Redação à rua 4 de Outubro, 22 e confecção da Tipografia Moderna, em Caruaru. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$500. Número avulso - 0\$200.

Apareceu, conforme o editorial de abertura, com o fito de “propugnar pela coletividade, pelas causas justas e pela grandeza dos limites geográficos do que se convencionou denominar Município de São Caetano”.

²⁶ Na Biblioteca Pública do Estado só existem exemplares esparsos.

O título adotado assinalava a passagem do primeiro aniversário da vitoriosa Concentração Cívica Sancaetanense.

Seremos — acentuou — um órgão independente e sem feição partidária, sem excluir, porém, dos nossos intuitos a crítica serena e desapaixonada; o louvor e o aplauso àqueles por cujos atos tornem-se dignos do justo apreço e da gratidão.

Publicando-se aos domingos, a folha deu apoio ao governador Carlos de Lima Cavalcanti, homenageando-o em artigo da edição de estréia, e ao novo prefeito, Luiz Coimbra Cordeiro Campos, passando a divulgar os atos oficiais da administração. Inseria diferentes comentários e noticiário, destinando uma página a reclames comerciais, e tinha como colaboradores Abner Florentino Cordeiro, J. Osório de Andrade, Antonio Leite, Godoy de Mendonça e Renato Pereira. De literatura, só uma crônica especial de Ascenso Ferreira e duas produções de Tancredo de Sousa e Typheu, respectivamente, nome e pseudônimo.

Sairam, apenas, nove edições (embora a última, por engano, tenha o nº 8), terminando em 11 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

A ÁRVORE - *Órgão do Grupo Escolar Agamenon Magalhães* - Encontrado um único comprovante: a edição de outubro de 1951, ano IX, manuscrita e copiada em hectógrafo, com quatro páginas de papel ofício. Diretor - José Moraes; redatora - Léa Gouveia Mendes. Redação na Avenida Luiz Coimbra. Sua matéria constou de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

SÃO JOAQUIM DO MONTE

ECOS DE SÃO JOAQUIM - *Órgão Literário, Crítico e Noticioso* - *Sem nenhum compromisso político* - Constando, ainda, do cabeçalho o slogan "Por Deus e pela Pátria", circulou o primeiro número do primeiro jornal sanjoaquinense no dia 6 de janeiro de 1931, em formato 33 x 23, com quatro páginas de três colunas. Propriedade Anônima, era Artur Franklin o encarregado de receber a correspondência. Tabela de assinaturas: anual - 6\$000; de proteção - 10\$000; semestral - 4\$000. Anúncios: uma página - 50\$000; frações diversas, /até a de 1/6 - 10\$000. Impresso em Vitória de Santo Antão, na Tipografia J. de Deus.

Conciso editorial de abertura, composição em três colunas, começou por frisar: "Aparece humilde e pequenino"; todavia, traz latente em si mesmo o germe do progresso; para concluir, após animadoras considerações: "Temos, pois, motivos promissores e legítimos para esperar que o nosso mensário, hoje humilde e pequenino, de futuro seja uma potência real e eficiente, a cristalização das nossas atuais previsões".

Outro artigo, na terceira página, focalizou o programa empreendido,

afirmando:

O nosso mensário será o porta-voz do povo, defendendo os seus interesses coletivos e também os interesses particulares de cada um, se estes estiverem em harmonia com o bem geral. Será intransigente contra a injustiça em qualquer de suas modalidades; para isto não temos concordatas nem arranjos com ninguém. Será de orientação católica e onimodamente independente de peias políticas, não assumindo, porém, a responsabilidade dos artigos assinados. Os que fazem o nosso jornalzinho não têm outro desejo que não trabalhar, como operários incansáveis, o progresso material e moral da nossa terra.

A edição inseriu artigos de P. B. C. e Padre Bernardino de Carvalho, que eram ambos uma só pessoa; Herculano Faro e Alfredo Nóbrega; humorismo, por *Lúcifer*; comentários redacionais de interesse local e um "Indicador Paroquial".

Dois meses decorridos, publicou-se o nº 2, precisamente a 6 de março, contendo oito páginas e bastante matéria, sobretudo assinada por novos colaboradores, a saber: Maria das Dores, Maria do Carmo Menezes, Firmo Antonio, Machadinho, Firmino Filho, Silvia e Artur Franklin. Repeliu, em longo comentário, as pretensões do município de Bonito, ansioso pela reinclusão, no seu território, do emancipado São Joaquim. Apesar do aumento da quantidade de páginas, não estampou o mínimo anúncio.

Ficou no segundo número (Biblioteca Pública do Estado).

SÃO LOURENÇO DA MATA

A COISA - Primeiro jornal da localidade, surgiu no dia 22 de outubro de 1902²⁷, em formato de bolso, com quatro páginas de matéria ligeira. Foi impresso a mão, pelo seu diretor, José Maranhão, que utilizou tipos de borracha, molhando-os, um por um, na almofada de tinta, à maneira de carimbo, para imprimir cada letra no papel, a fim de formar palavras, linhas, períodos e as duas colunas de cada página. Como era de esperar, só um exemplar foi impresso, o qual passava de mão em mão, atendendo à curiosidade dos leitores.

Apenas de longe em longe a oficinazinha dava à publicidade alguma nova edição, sendo a última datada de agosto de 1905. (Col. J. Maranhão).

O MUNICÍPIO - *Órgão Independente e Noticioso* - Tendo como redatores-proprietários Eusébio de Souza e Basilio de Melo, deu à luz o primeiro número a 31 de janeiro de 1904, em formato médio, com quatro páginas de quatro boas colunas. Assinava-se a 1\$000 por trimestre

²⁷ A *Coisa* figura nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", de Alfredo de Carvalho, como tendo circulado em meados de 1904.

(1\$500 para fora do município), custando 100 réis o exemplar. Tinha redação na rua Estrada Nova, 51, podendo a correspondência ser enviada, também, para o seguinte endereço, no Recife: Bilhar dos Arcos, no Cais da Regeneração (hoje, Avenida Martins de Barros), nº 30. Impresso na Tipografia do *Jornal do Recife*, tinha como correspondente, na capital, Augusto Wanderley Filho.

Lia-se no artigo-programa:

Longe de nós a idéia de dar vida, nas colunas desta folha, à politicagem baixa e vil, geradoras de males enormes. Consagrar a sociedade de São Lourenço numa só família, auxiliá-la nas suas mais louváveis aspirações, de acordo com aqueles que mais interessados se mostram para tão justo fim - eis o ideal que nos fascina ao iniciarmos esta empresa.

Acrescentou o editorialista: “O *Município* não se propõe a discutir questões elevadas nem usar de frases difíceis”, preferindo “uma linguagem chã, franca e sincera”.

Apresentando matéria variada e informativa, inclusive dos atos da Prefeitura, o semanário iniciou as seções de comentários “Rabiscos”, por *O. Roncarino*, e “Na feira”, por Jima; “Risos e risadinhas!...” e uma “Seção Literária”, estreada com soneto de Xavier Coelho, além do folhetim “A Tapera” (d’O Sertão, de Coelho Neto); charadas, sob o título “Entretenimento” e responsabilidade de *Pierre Júnior*, sendo duas páginas constituídas de anúncios e publicações solicitadas.

Circulou regularmente, admitindo outros colaboradores, que se revejavam, tais como: Heitor, *Olgiati*, F. Pereira, Cardoso Júnior, *Black*, com a seção “Humorismo”; Martins Filho, Manuel Monteiro, etc. A edição de 8 de maio registrou, com pesar, o afastamento de Basílio de Melo da redação. E no dia 22 começava a “Quinzena fluminense”, assinada por E. W. (Eustórgio Wanderley).

Entretanto, estava no fim a existência do bem feito jornal. Sua independência de atitudes, comentando fatos e coisas da localidade, não gerou simpatias, e elementos políticos procuraram “obstar a sua marcha”, o que resultou em extinguir-se a publicação com o nº 19, de 8 de junho (Col. J. Maranhão e Arquivo Público Estadual).

O BISTURI - *Crítico e Humorístico* - Entrou em circulação em 17 de abril de 1904, no formato de 18 x 12, com quatro páginas de duas colunas estreitas. Direção de *Félix Fidélis* (pseudônimo de Pedro A. Pereira do Lago), funcionando a redação na rua Estrada Nova, “junto do Bilhar”. Assinatura mensal - 0\$500. Preço do exemplar - 0\$100, devendo publicar-se quinzenalmente; impresso no Recife.

Destinava-se a “fazer um pouco de humorismo e criticar os

costumes sem ofender a pessoa alguma, evitando o mais que for possível as questões pessoais e servir de joguete para desabafar paixões de quem quer que seja”.

“Não é uma vestal — acrescentou o editorialzinho de apresentação — porém não admite, em suas colunas, escritos que possam dar mau resultado”.

Jornal de vida efêmera, além da seção “Por cima da cerca”, firmada com o pseudônimo do diretor, divulgava produções, em prosa e verso, de *Marcílio, Heleno, Dr. Pitomba, Jacob o Pescador, _Gitá, D. Ferrucho I, Dr. Perigoso, Leumas* (anagrama de Samuel Campelo) e outros.

Circularam quatro números²⁸, o último dos quais no dia 10 de junho (Col. J. Maranhão e Arquivo Público Estadual)²⁹.

O ARARA - Jornal manuscrito em papel pautado, com quatro páginas, apareceu em 20 de setembro de 1908. Tiragem de seis exemplares. Redatores: *K. P. Ta* e *Remenor* (pseudônimos de José Maranhão e Manuel Walderley, respectivamente).

Seu objetivo era “troçar com a rapaziada amiga”, ressaltando: “Avisamos, desde já, que não admitimos conselho, pois este, como tabaco, só se dá a quem pede”.

Como era mesmo do programa, só divulgou matéria ligeira, de sabor humorístico, dosada de sátira, com incursões pela crítica de costumes. Ora quinzenal, ora semanalmente, chegou a atingir o nº 8, de 6 de dezembro.

Reapareceu, em segunda fase, mais de quatro anos decorridos, a 25 de março de 1913, reduzida a tiragem a um único exemplar, impresso a mão, tipo a tipo, no sistema d’*A Coisa*. Direção e confecção, intelectual e material, de José Maranhão.

Publicou-se muito irregularmente *O Arara*, cujo último número foi dado à luz no dia 16 de maio de 1915 (Col. J. Maranhão).

O CHICOTE - Outro jornalzinho manuscrito, de um só exemplar, teve como redator-diretor Demétrio Nogueira. Circularam, apenas, dois números, em fins de 1908 (Relação J. Maranhão)³⁰.

²⁸ Na relação dos *Anais* consta o nº 2, de 2 de maio, como tendo sido o derradeiro publicado.

²⁹ Só os nºs 1 e 2 existem no acervo do Arquivo Público Estadual.

³⁰ Relação publicada n’ *A Hora*, edição de 10 de janeiro de 1951, sob o título “Imprensa Local”.

A LYRA - Foi outra folha manuscrita, de um só exemplar, que circulou em outubro de 1908, sob a direção de Jerônimo Soares da Cunha. Leitura exclusiva dos freqüentadores da Sociedade Mantenedora da Biblioteca Municipal (Relação J. Maranhão).

BOLETIM SEMANAL - Número primeiro e único, saiu a lume no dia 20 de março de 1910, com duas páginas tão somente, impresso a mão, tipo a tipo, por José Maranhão, seu diretor. A Matéria constou de um "resumo dos fatos mais picantes desenrolados na vila" (Coleção J. Maranhão).

A HORA³¹ - *Crítico e Humorístico* - Jornal manuscrito em folha de papel pautado, apareceu no dia 3 de junho de 1917, dizendo, em editorial, que viera "à luz com o fim único de fazer troça fina com os seus camaradas". Um único exemplar, passava de leitor a leitor. Direção de *Carnulfo* (Iranulfo Silva); redator-chefe - *Bêssobrinho* (Manuel Bessoni Sobrinho); secretário - *Tonhogueira* (Antonio Nogueira do Espírito Santo).

No segundo número, o diretor foi substituído por *Betinhão* (Alberto Cardoso de Albuquerque Maranhão). No sexto, de 29 de julho, apareceu sob a direção de K. Brito, ou seja, José Maranhão, acrescentando: Redatores - *Nem Um*.

Desde o segundo número, o periódico passou a ser datilografado, o que se verificou até junho de 1918, com edições de seis exemplares, havendo nesse meio um número confeccionado tipo a tipo, datado de 20 de janeiro.

No propósito de fazer circular *A Hora* com aspecto de verdadeiro jornal, foram conseguidos, por Anacleto Silva, no Recife, tipos usados em quantidade suficiente para a sua composição, e assim, de 14 de julho a 23 de novembro, foi impresso, embora ainda à mão, do seguinte modo:

³¹Esclarecimento de José Maranhão:

"Quando, em maio de 1917, foi, por ordem do General Comandante da Região Militar, suspenso o Tiro de Guerra nº 253, da Confederação, com sede em São Lourenço da Mata, um grupo de atiradores, do qual faziam parte José Maranhão, Alcindo Miranda, Alberto Maranhão, Ranulfo Silva e Luiz Costa, desejando continuar a camaradagem da fileira, resolveu fundar um pequeno periódico. Como incentivo à idéia, apareceu, manuscrito, em 3 de junho de 1917, o primeiro número d'*A Hora*. Essa denominação originou-se do seguinte fato: José Maranhão, na idade de 14 anos, tendo recebido de presente alguns tipos usados, entendeu de editar *A Coisa*, um pequeno jornal impresso à mão, tipo a tipo, constando a sua edição de exemplar, apenas, que, depois de lido pelos "assinantes", voltava à redação. Este jornalzinho, de quatro páginas e duas colunas, circulou durante algum tempo. Suspensa a publicação, foram os tipos guardados cuidadosamente, contando-se entre eles tipos de corpos diversos. Assim, para o novo periódico, procurou-se arranjar um título com as letras maiores, então existentes, e estas foram apenas em número de três: A, O e R. Devendo o novo jornal ter o título impresso para evitar dúvidas, e sendo o H a letra de linhas mais fáceis de se desenhar e de serem cortadas em qualquer pedaço de casca de cajá, surgiu *A Hora*. Do segundo número até junho de 1918, o periódico passou a ser datilografado, com edição de seis exemplares".

Ajustada a composição em um retângulo de madeira, passava-se nos tipos a necessária tinta; sobre eles colocava-se o papel, que era coberto por um pano convenientemente dobrado, por cima do qual corria, à força de braço, um cano de barro de alguns centímetros de comprimento, conseguindo-se desse modo impressão pouco nítida. Mesmo assim, a edição atingiu trinta exemplares, em formato pequeno de duas colunas.

Dada a organização de outro grupo, composto de José Maranhão, Leôncio Araújo, Luiz Costa, Artur Paiva e Luiz Rosendo, foi adquirido, por compra, em dezembro de 1918, pequeno prelo manual L'Abeille, de fabricação francesa, o que contribuiu para melhorar a impressão e elevar a tiragem para cem exemplares.

Até setembro de 1919 fez-se a distribuição gratuitamente. Dessa data em diante passou a cobrar assinaturas, variando de preço: 0\$500, 0\$600 e 1\$000 por seis números. Aumentou, então, o formato para três colunas, com o qual permaneceu, salvo ligeiras variantes.

A *Hora* era composta e impressa pelos seus dirigentes, sem dia determinado para a circulação e sem vendagem avulsa. A receita proveniente das assinaturas não cobria as despesas e por isso deliberou o grupo editor voltar a distribuir o jornal gratuitamente, o que ainda por longo tempo se fez.

Prosseguiu a publicação, em datas sempre indeterminadas e sob a direção de *K. Brito*, pseudônimo que só na edição de 15 de novembro de 1925 foi substituído pelo verdadeiro nome: José Maranhão, alma e vida do pequeno órgão. A começar de então, trouxe abaixo do título: "Periódico de Humorismos e Atualidades - Propriedade do Grupo d'A *Hora*".

Daí por diante a publicação tomou-se cada vez mais espaçada, havendo interregnos até de vários meses. Na edição de 15 de junho de 1930, após quase um ano de suspensão, escrevia o editorialista: "É uma teimosia, bem o sabemos". Inseria colaboração assinada por Jorge Campelo, José de Azevedo Machado, José de Alencar, Manuel Conde, etc.

Com a edição de 14 de dezembro do mencionado ano, foi suspenso o interessante jornal, para só reaparecer em 28 de março de 1937, sob a mesma direção, tendo como redator-chefe Oscar Crespo, que atuou poucos meses. Sotero de Sousa forneceu-lhe, também colaboração. Em julho, assumiu a gerência Clodoaldo Araújo, continuando a exercê-la, anos afora, embora sem ter o que fazer. Em 22 de maio de 1938, José de Azevedo assumiu o cargo de redator, no qual se manteve até novembro de 1950.

A *Hora* circulou em edição especial, de 16 páginas, no dia 6 de

janeiro de 1951, comemorativa da emancipação do município, com tiragem extraordinária de 1.000 exemplares, 50 dos quais em papel cuchê, ostentando vasta ilustração.

Sem cobrar assinaturas nem publicar anúncios, *A Hora*, publicada, sempre, em datas indeterminadas, constituiu um exemplo de abnegação do seu diretor, o incansável José Maranhão, que redigia, operava a composição tipográfica, em sua própria casa de residência; era o revisor, emendava, imprimia na pequenina máquina manual e preparava a expedição. Como compensação, presenteavam-no, vez por outra, com uma resma de papel de impressão ou uma lata de tinta. E assim atingiu dezembro de 1954³².

A curiosa folha dedicava suas páginas à defesa e ao progresso de São Lourenço da Mata, apresentando-se, sobretudo, noticiosa, às vezes empregando a sátira e a crítica, opondo-se aos erros da administração pública e aos defeitos da sociedade (Coleção. J. Maranhão³³ e Biblioteca Pública do Estado)³⁴.

O FOOT-BALL - Jornalzinho datilografado, com quatro páginas de papel pautado, surgiu no dia 3 de março de 1918, numa tiragem de quatro exemplares. Diretor - *Dr. P. Rigoroso* (pseudônimo de Manuel Bessoni Sobrinho). Inseriu matéria do tipo joco-sério.

Publicou-se o nº 2 (e último) em 31 de março (Coleção J. Maranhão).

O FREVO - Órgão manuscrito, quinzenal, tiragem de cinco exemplares, o primeiro número foi entregue aos primeiros leitores no dia 17 de outubro de 1925, em formato de meia folha de papel pautado. Tinha como diretores Valfrido Dias, Jorge Campelo, José Maia de Alencar e Antonio Figueirôa.

Acrescido o formato, no nº 2, para uma folha inteira, com quatro páginas, seguiu-se a publicação regularmente, divulgando editoriais de interesse das coisas municipais, noticiário, charadas, curiosidades e humorismo, a par das produções firmadas pela turma da direção. Chegou a completar um ano de existência, saindo o nº 26 no dia 31 de outubro de 1926. Ficou suspenso.

Reapareceu a 26 de fevereiro de 1928, datilografado, sob a direção única de Antonio Figueirôa. Nessa segunda fase circularam somente

³² Terminada esta bibliografia em 1954, *A Hora* continuou a publicar-se em 1955. Parou alguns anos depois e reapareceu em 1970.

³³ José de Albuquerque Maranhão, falecido a 2 de agosto de 1965, deixou impresso um livro: *História de São Lourenço da Mata*, Ed. *Folha da Manhã*. 1954.

³⁴ A coleção da Biblioteca Pública do Estado começa com a edição de novembro de 1925.

quatro edições, a última das quais datada de 18 de março (Coleção J. Maranhão).

AURORA - Número único, manuscrito, de pequeno formato, entrou em circulação a 8 de novembro de 1925, com quatro páginas de matéria leve, constituída de notas em torno de fatos locais, informações diversas e humorismo. Teve como diretor-proprietário Gabriel Wanderley Prazeres, oculto sob o pseudônimo de *P. Riquito* (Coleção J. Maranhão).

A SENTINELLA - Jornal de pequeno formato, com quatro páginas de três colunas, estreou sua publicação em 8 de novembro de 1925, impresso em tipografia do Recife. Diretores - José de Oliveira Pessoa e José Maria de Alencar. Outros números foram dados à circulação nos dias 22 de novembro e 20 de dezembro, daí passando para 28 de março de 1926, quando saiu o quarto e último.

Apresentava matéria variada, contando, inclusive, com a colaboração de Jorge Campelo, Ponciano Leitão, Severino Lemos, etc. (Coleção J. Maranhão).

O ALERTA - *Revista Mensal Ilustrada. Órgão Noticioso e Crítico Mais Novo em Circulação na América Latina* - Apareceu em março de 1926, com oito páginas de papel pautado, datilografadas, tiragem de um só exemplar, que corria de mão em mão, atendendo a mais de uma vintena de leitores. Diretor - *Dr. Come Tudo*; redator - *Dr. Limpa Tudo*; gerente *Dr. Não Deixa Nada*, reduzidos os três pseudônimos nas pessoas de Emilio A. Paes Barreto e José Monteiro de Melo.

Saíram quatro edições, a última das quais no mês de junho, todas bem servidas de matéria variada e ilustradas a cores (Coleção J. Maranhão).

O REBATE - Outro órgão manuscrito, de "critica e humorismo sadio", exemplar único, foi posto em circulação, de leitor a leitor, a 24 de junho de 1926. Direção de Noely Correia e Nilsino Nogueira. Era lido, principalmente, no Centro Literário Ruy Barbosa. Publicação incerta, saíram outros números nos dias 4 e 25 de julho, 19 de setembro e 18 de outubro, sendo este o último (Coleção J. Maranhão).

O APITO - *Órgão do Bloco Carnavalesco Chapéu de Palha* - Circulou pelo Carnaval de 1932, a 6 de fevereiro, em pequeno formato, com quatro páginas, impresso nas oficinas d'*A Hora*. Número único, teve a direção de Clóvis Pena, Valfrido Dias e Eucides [Euclides?]Lima (Coleção J. Maranhão).

O ARARA - *Critico e Humorístico de Graça por... 100 réis* - Saiu no dia 25 de setembro de 1932, em formato de 19 x 12, com quatro páginas de duas colunas. Propriedade e direção de Gabriel Prazeres e Lídio Pimenta. Redação na praça Araújo Sobrinho, 115, sendo o trabalho gráfico

efetuado nas oficinas d'A Hora. "Sairá — dizia o Expediente — quando houver tempo". A direita do título trazia uma frase filosófico-humorística, a substituir em cada edição.

Consoante o editorial de abertura, tinha o objetivo "de dissipar as nuvens de tristeza do nosso céu azul e profundo", prevenindo aos leitores: "... percorrerá os altos e baixos desta legendária cidade, fotografando cenas e gravando frases para cumprir o seu lema, que é e será sempre a boa pilhéria, simples, inofensiva e desopilante".

Seguiu o jornalzinho o seu programa, inserindo crônicas literárias e perfis, assinados por *Oidil* e *Lidoi* (anagrama), *Gabi*, *Lipi*, *Guri*, *Eva Iris*, *Garri*, *Garoto*, *Mandu*, Gentil Pessoa e Enedino. Era seções fixas principais: "Caretas" e "Na berlinda". Assim chegou ao nº 5, publicado em 20 de novembro, ficando suspenso.

Reapareceu — nº 1, ano II — no dia 1 de janeiro de 1933, com alguns centímetros a mais de altura e de largura. Matéria movimentada e boa verve; entretanto, parou novamente.

Passados quase nove meses, retornou *O Arara* - nº 2 - a 25 de setembro, no formato primitivo, para comemorar o aniversário de sua fundação. O segundo dos diretores foi substituído por *K. Brito* (pseudônimo de José Maranhão). E o nº 3 circulou a 29 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

Publicaram-se, segundo relatou J. Maranhão, mais duas edições, sendo a última datada de 25 de setembro de 1934.

O RATO - *Por graça... Sem graça... De graça* - Apareceu em 21 de abril de 1935, em formato 24 x 16, com quatro páginas de três colunas, impresso na Tipografia d' A Hora. Direção de Gabriel Prazeres.

Estava faltando um jornalzinho na terra, conforme a "Razão de ser" da apresentação. Veio *O Rato*, assim denominado porque a "roedeira" era "uma doença crônica", de que muitos sofriam. Daí, a aceitação do título, numa reunião de jovens, que se atribuíram os seguintes pseudônimos, aqui enunciados com as respectivas funções: redator - *Guabiru*; secretário - *Rato Branco*; gerente - *Catita*, pertencentes à "Sociedade Anônima Os Roedores".

A edição, que foi única, porque fracassou a Sociedade, divulgou matéria interessante, empregando títulos como "No escuro", "Conceitos", "Roendo", "Saladas", "Feiuras", etc. (Biblioteca Pública do Estado).

A FACETA - *Órgão Independente, Humorístico e Noticioso* - Circulou o primeiro número a 2 de agosto de 1936, manuscrito, com 12 páginas, ilustrado a lápis de cor. Direção de *Xico* (pseudônimo de José Pereira

Chaves); redator-chefe - *K. Peta* (Alberto Pereira de Araújo), funcionando a redação no "Castelo dos Inocentes". Embora datado do Recife, ocupava-se de coisas e fatos de São Lourenço da Mata, publicando-se o nº 2 e último a 6 de setembro, com oito páginas (Coleção J. Maranhão).

A TESOURA - *Órgão do Clube dos Dezoito* - Datilografado em papel ofício, tiragem de cinco exemplares, foram publicados dois únicos números, nas datas de 24 e 31 de dezembro de 1938. Eram seus diretores Protásio Gomes de Araújo e Eurico Regueira Costa (Coleção J. Maranhão)

GALHOFA - *Revista Ilustrada* - Saiu com 18 páginas datilografadas, repletas de comentários ligeiros, crônicas assinadas, poesias, humorismo, charadas e anúncios, dispondo de um só exemplar, que passava de leitor a leitor. Direção de Genésio Rocha.

Circularam, no mesmo ritmo, oito edições, a última das quais datada de 31 de agosto de 1941 (*Coleção J. Maranhão*).

SÃO LOURENÇO-JORNAL - *Órgão Independente* - Entrou em circulação no dia 27 de dezembro de 1953, obedecendo ao formato 50 x 31 com quatro páginas de seis colunas. Diretor - Luiz de Castro e França, funcionando a redação na rua 13 de Maio, 135. Trabalho gráfico das oficinas d' *A Tribuna*, no Recife. Preço do Exemplar - Cr\$ 1,00.

Preechendo uma lacuna, surgira, segundo o "Nosso roteiro", "com o propósito de pugnar pelo bem-estar e prosperidade da terra são lourencense", aplaudindo as iniciativas sãs e "profligando as injustiças, os despotismos, os desregramentos" daqueles que, ocupando o poder, desvirtuam a sua finalidade.

Ainda a propósito das diretrizes do jornal, escreveu Luiz de França uma "Conversa com o leitor", concitando-o a ajudá-lo no empreendimento.

Apresentando lisonjeira feição material, o *São Lourenço-Jornal* inseriu comentários diversos, reportagens, noticiário variado e artigos assinados por Sócrates Times de Carvalho, Olímpio Bonald Neto, José Maranhão e Clodoaldo Gomes de Araújo. Para completar, os anúncios necessários ao custeio da edição.

O nº 2 só saiu a lume no dia 10 de agosto de 1954, comemorando o Tricentenário da Restauração Pernambucana e o dia do padroeiro da Paróquia. Explicou o diretor, em artigo, que lutara com grandes dificuldades; daí, a demora em fazer voltar o órgão à circulação, "fruto de enormes esforços". Teve a colaboração de Sotero de Sousa, Bonald, Luiz Carlos da Câmara Meneses e Arnaldo Sérgio de Melo.

Ainda ocorreu a publicação do nº 3, a 26 de setembro. "Cremos - escreveu o diretor - que agora já não é possível recuarmos". Novos colaboradores: Orlando Parahym e Ludovico de Ataíde, além de sensacionais reportagens, entrevistas e noticiário³⁵ (Biblioteca Pública do Estado).

O APITO - *Arte, Notícias e Humorismo* - Fundado a 1º de fevereiro de 1954 (sábado de Carnaval), publicou-se o nº 2 no dia 17 de abril (sábado de Aleluia), em formato de 20 x 14, com quatro páginas a duas colunas. Confecção da Tipografia d'A Hora, com redação na praça Araújo Sobrinho, 66, constava do cabeçalho: "O Apito sairá nas ocasiões oportunas". Direção de Luiz Bezerra de Sousa; redatores - Josué de Oliveira e Sérgio de Melo.

"Conforme prevíamos — lia-se no segundo número — foi recebido com satisfação o nosso jornalzinho. De um povo como o nosso, amante do progresso, não podíamos esperar outra coisa".

Completando sua existência efêmera, circulou o nº 3 a 28 de junho (véspera de São Pedro).

O Apito focalizava, em comentários ligeiros, problemas locais, reivindicando medidas progressistas, sobretudo a melhoria dos transportes. Inseria noticiário miúdo; notas desportivas e sociais; humorismo e epigramas, sendo pseudônimos usados os de Zizo, Zé do Minuto e Rubro-Negro, como se escondiam Josué, Sérgio e Bezerra (Arquivo Luiz Bezerra).

Vila de CAMARAGIBE

O ALDEIÃO - Órgão do Clube Aldeões de Camaragibe, saiu a lume no dia 10 de fevereiro de 1907, precedendo de 16 dias o Carnaval, conforme noticiou o *Diário de Pernambuco*.

O nº 2, ano II, circulou em 1º de março de 1908, "para os três dias ao Deus Momo", com quatro páginas, no formato 25 x 17, lisonjeiro trabalho gráfico da Agência Jornalística Pernambucana, do Recife. Tiragem declarada de "10.000 exemplares".

Constituiu-se sua matéria de uma "Seção poética", notas ligeiras, humorísticas e quatro letras de marchas do Clube.

Terminou aí a existência anual d'O Aldeião (Biblioteca Pública do Estado).

O LANCEIRO - Órgão do Clube Carnavalesco Lanceiros

³⁵ Continuou em 1955, morrendo logo depois.

Camaragibenses - Circulou o Número Único, ano I, datado de 1/2/3 de março de 1908, em formato 23 x 17, com quatro páginas.

O artigo de apresentação intitulou-se "Até que chegou", redigido com boa verve, seguindo-se-lhe o "Canto", hino do Clube, assinado por D. P., e quase todo o restante da matéria em versos. A diretoria era presidida por Inácio do Rego (Arquivo Público do Estado).

Outro Número Único — ano III (?) — publicou-se em 1909, a 21/22/23 de fevereiro, com versos de C. C. e Alípio de Alencar, piadas e epigramas, entremeado de vinhetas de bonecos carnavalescos.

Ainda houve o Número Único — ano IV — de 6/7/8 de fevereiro de 1910, incluindo colaboração de J. Azevedo, D. P. e *Seu Quido*, apresentando lisonjeira feição gráfica e, em geral, bem dirigido (Biblioteca Pública do Estado).

SÃO VICENTE FÉRRER

O VICENTINO - Circulou em data não identificada, no fim do século passado, tendo como redator principal Antonio Guedes Alcoforado e auxiliar Júlio Leitão. Era "escrito a mão, em letra muito bem talhada, pelo professor Raimundo Gondim", segundo depoimento de Guedes Filho, em artigo biográfico, na *Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão*, vol. III, de 1962.

O VICENTINO - Outro jornalzinho manuscrito, este fundado, em 1910, pelo estudante primário Joaquim Inojosa (consoante declaração dele próprio), aos nove anos de idade, no qual, entre matérias mais ligeiras, "defendia, com ardor, a doutrina do Santo da Pobreza", ou seja, São Vicente de Paula.

O IDEAL - *Órgão do Ginásio Vicentino* - Surgiu na Vila de São Vicente³⁶, conforme noticiou o *Diário de Pernambuco* de 8 de abril de 1921. Datilografado, oferecia "leitura variada e escolhida, constituída em grande parte por trabalhos dos jovens" que freqüentavam "aquele conceituado estabelecimento".

O referido matutino recifense registrou, na sua edição de 24 de agosto, haver recebido o nº 5 da folha mensal dos estudantes vicentinos.

CORREIO DE FÉRIAS - Surgiu, como primeira manifestação de jornalismo na localidade, em junho de 1933, obedecendo ao formato 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Direção de Vicente Ferreira e Ivo Leitão Filho. Composto e impresso, utilizando papel especial, nas oficinas do *Timbaúba Jornal*.

³⁶ Ex-distrito de Timbaúba e atual município de São Vicente Férrer.

Além do desiderato de dotar o município “de um órgão de férias”, conforme o artiguete de abertura, o objetivo primordial dos redatores foi “o de transformar as festas sanjoanescas num ambiente festivo...”.

Inseriu artigo histórico; reportagem “do outro mundo”; crônicas ligeiras de *Sensorte* e *Salomé* soneto de *Censulo* leve noticiário e alguns anúncios.

Ao que tudo indica, ficou na edição de estréia (Biblioteca Pública do Estado).

REAÇÃO - *Quinzenário Independente* - Entrou em circulação em 31 de dezembro de 1934, no formato de 29 x 22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Ivo Leitão Filho, situando-se a redação na rua 24 de Outubro. Tabela de assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Preço do exemplar - 200 réis.

Constava do editorial de abertura: “*Reação* será um baluarte em defesa da justiça, em defesa do patrimônio que nos legaram nossos gloriosos antepassados. Eis o nosso motivo, eis o nosso lema”.

Nas duas únicas edições publicadas, o periódico veiculou interessante matéria redacional, constituída de comentários e noticiário; colaboração literária de Joaquim Cavalcanti e J. Albuquerque Filho e transcrição de sonetos do grande sanvicentino Alcedo Marrocos. Raros anúncios.

O nº 2 saiu no dia 13 de janeiro de 1935 (Biblioteca Pública do Estado).

SERRA TALHADA³⁷

VILLA BELLA-JORNAL - Começou a publicar-se no dia 27 de abril de 1930, numa edição de oito páginas, de “variada leitura, sobressaindo-se farto noticiário”. Diretor - Oscarlino Tavares; redatores - Lima Pacheco e Padre José Kehrlé. Constava do artigo-programa:

Antes de tudo, o Villa_Bella-Jornal não será um órgão de partido. Não será um órgão de combate, porque a política, esta, ficará para os políticos. Será ele, bem ao revés disso, o porta-voz das legítimas aspirações sertanejas, um propugnador estrênuo pela grande causa do sertão. Defender os interesses do nosso povo e trabalhar pelo alevantamento moral desta terra, eis, em suma, o que visamos colimar. Cumpre-nos, afinal, dizer que o nosso periódico há de ser independente, examinando consequentemente os fatos à luz da verdade, criteriosa e honestamente.

³⁷ Vila Bela era o nome antigo do município.

Não existem comprovantes do periódico nas bibliotecas visitadas, tendo veiculado a notícia acima resumida o *Jornal do Commercio*, do Recife, edição de 3 de maio.

Foi possível, depois, (gentileza do jornalista José Belém) avistar (e guardar) uma cópia fotostática do nº 4 do *Villa Bella-Jornal*, datado de 18 de maio. Lia-se sob o título: "Semanário Independente e Noticioso". Formato 33 x 24, quatro páginas, com redação e oficina na rua Dr. Manuel Borba, 9. Assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 7\$000. Número avulso - 300 réis. Abriu a edição artigo, com clichê, sobre o aniversário natalício do Padre Kehrle, seguindo-se extenso necrológio do tenente revolucionário Siqueira Campos, falecido num desastre de avião; crônica literária assinada por Da Costa Pereira; notícia, com clichê, do gerente comercial Olímpio de Meneses (também auxiliar da Farmácia São José), que ia visitar os municípios vizinhos, em propaganda do periódico; noticiário social e primeiras votações do Concurso Miss Villa Bella.

A publicação prosseguiu até, pelo menos, o nº 29, ano I, cujo aparecimento foi registrado pelo *Diário da Manhã*, do Recife, edição de 13 de dezembro do mesmo ano.

Do referido nº 4 guarda um exemplar o historiador dr. Luiz Wilson, que o mostrou, em 1973, ao pesquisador.

O VERGEL - *Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Solidônio Leite* - Fundado em 1942, restam dois únicos comprovantes: as edições de 19 de abril e 30 de maio de 1944, ano III. Saía com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretor - Erikson Ribeiro; gerente - Antonio Ribeiro. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

SERTÂNIA³⁸

JORNAL DE ALAGOA DE BAIXO - Circulou no dia 3 de novembro de 1935, em pequeno formato, "mas de idéias largas em prol dos interesses da terra" (Inf. d'A Voz do Sertão, de Triunfo).

BRASIL - Poliantéia dedicada ao aniversário natalício do Presidente Getúlio Vargas, apresentou-se com dez páginas, em formato de 32 x 23, utilizando papel especial. Saiu a lume no dia 19 de abril de 1942, sob a direção de Paulo de Oliveira, e voltou — nº 2 — em 10 de maio, como jornal noticioso, com quatro páginas. Foi, após, substituído pela

FOLHA DO SERTÃO - O nº 3 circulou em 24 de maio de 1942.

³⁸ Nome anterior do município: Alagoa de Baixo.

Começou como quinzenário, passando, logo mais, a publicar-se em dias indeterminados, às vezes tendo uma semana de permissão, outras indo até um mês; ora com quatro, ora com seis páginas de quatro colunas. Assinaturas: anual - Cr\$ 20,00; semestral - Cr\$ 12,00.

Órgão essencialmente noticioso, divulgava todos os acontecimentos do município, de vez em quando, alguma peça literária. Colaboração principal de Ulisses Lins, Bonald Filho, Monsenhor Urbano de Carvalho, Ângelo Jordão, filho, Valdemar Cordeiro, Diocleciano Pereira Lima, Carlos Rios, Alcides Siqueira e Otávio Castro Melo.

A data do primeiro aniversário foi solenizada com edição de 18 páginas, na qual, em editorial assinado, dizia Paulo de Oliveira: "Este jornal foi e é uma inspiração do Brasil independente e forte, altivo, soberano, impávido, entrincheirado nas heróicas tradições do seu glorioso passado, sustentando a defesa de sua soberania e reagindo, com o calor do sangue nordestino — dos brasileiros de norte a sul — às emboscadas do nazismo anticristão".

Divulgou produções especiais, em prosa ou verso, de Né Calixto, Otávio Ferreira, Baltasar de Oliveira, Gercino de Pontes, Arnóbio Alves Holanda, Carlos Rios, Mesquita Neves, Alcides Siqueira, L. Pires, etc., além de boas reportagens sobre "o prolongamento ferroviário de Alagoa de Baixo a Afogados de Ingazeira" e "melhoramentos municipais".

A *Folha* encetou campanhas sociais de grande efeito, inclusive em prol da criação de um hospital para a cidade, e deu edições especiais dedicadas aos municípios vizinhos, sobretudo Monteiro (Paraíba), Afogados da Ingazeira, Pesqueira e Arcoverde, esta última a 20 de agosto de 1944, com trinta páginas, em três cadernos, papel e tinta de cores e matéria bastante variada.

Na data do segundo aniversário, saiu com 16 páginas, em duas seções. Em seu editorial, Paulo de Oliveira aludiu aos "esforços multiplicados" e "canseiras de toda sorte" enfrentados "de ânimo sereno, olhando sempre para a frente, deixando à margem os pessimistas, indiferentes e despeitados. Os egoístas. Os pigmeus de mentalidades alarmantes". Inseriu colaboração de Costa Porto, Esdras Farias, Paulo Cavalcanti, Rogaciano Leite, Oscar Brandão da Rocha, Terezinha Caldas e outros.

A partir do nº 38, ano II, de 23 de janeiro de 1944, o cabeçalho passou a adotar o novo nome do município — Sertânia, em lugar de Alagoa de Baixo.

O promotor público Paulo Cavalcanti, que havia meses, vinha escrevendo artigos assinados, sobretudo o comentário "Homens & Coisas", assumiu, na edição de 9 de julho de 1944, as funções de redator-

chefe, exercendo-as até 18 de janeiro do ano subsequente.

A edição de 10 de setembro de 1944 exibiu o seguinte, ao lado do título: "A *Folha do Sertão* saúda fraternalmente todos os jornalistas presentes, na cidade, para comemorarem o dia da Imprensa"³⁹.

Cada ano a *Folha* elegia uma "madrinha", escolhida entre as moças de relevo social. No primeiro, foi Adalva Venâncio; no segundo, Teófila Gomes; no terceiro, Neci Rodrigues.

Ao entrar o periódico no quarto ano de existência, passou a distanciar mais o período de sua circulação, a ponto de só saírem cinco números em oito meses. Nos três últimos, sem caráter de polêmica, ocorreram artigos assinados, pró e contra a legalidade do Partido Comunista e sobre a personalidade de Luiz Carlos Prestes.

O último número posto em circulação foi o 56º, datado de 5 de agosto de 1946 (Coleção Paulo de Oliveira)⁴⁰.

A VOZ INFANTIL - *Órgão Oficial das Escolas Estaduais Reunidas* - Circulou em novembro de 1942, manuscrito, papel pautado, com quatro páginas. Direção da professora Julieta Áurea; redatora-secretária - professora Brivalda Lins.

Dizia, no editorial de apresentação, ter "como mira o engrandecimento desta gleba brasileira", tomando públicos "os acontecimentos mais importantes da vida da criança, no âmbito salutar e básico que a escola nova criou".

Inseriu colaboração dos meninos José Dias, responsável pelas seções "Vida Social" e "Seção Recreativa"; José Leal, Maria Soledade, Newton Macena, Maria Aparecida, Maria José da Silva Gama e Maria do Carmo Queiroz (Inf. da *Folha do Sertão*).

O PAPAGAIO - Publicou-se no dia 17 de fevereiro de 1944, em formato de 28 x 16, com quatro páginas, mais um Suplemento de duas, utilizando papel de cor. Sobre o título via-se um papagaio, clichê em xilogravura e, abaixo, dizia ser, no seu nº 02, "o jornal mais antigo do universo. Redator-chefe - *João Lipordino*; redator-secretário - *Rudrigui Brito*; gerente - *O Dono do Gato que Comeu o Papagaio de Rudrigui*, pseudônimos com os quais se escondiam Paulo Cavalcanti e Paulo de Oliveira. Trabalho material da oficina da *Folha do Sertão*.

³⁹ Em solenização à data, Paulo de Oliveira convocara um Congresso de Jornalistas Matutos, o qual teve a participação de diversos periodistas interioranos e a presença de confrades da imprensa da capital.

⁴⁰ Poucos exemplares existem, na Biblioteca Pública do Estado, da *Folha do Sertão*.

Edição dedicada ao Carnaval, toda a sua matéria, prosa e verso, constou de expansões humorísticas e satíricas, a salientar: "Homens & Frases", "Perfis Carnavalescos", "Variedades" e "Papagaiadas". Outros pseudônimos: *Meu Louro* e *Zé do Mato* (Col. Paulo Cavalcanti).

O BALÃO - Número único, circulou em 23 de junho de 1944, em formato 29 x 18, com quatro páginas a duas colunas de 16 cículos. Editado por iniciativa da *Folha do Sertão*, em cuja tipografia foi impresso, teve como redator responsável Paulo de Oliveira.

Apresentou-se o jornalzinho, segundo *Eu Mesmo*, como "recordação agradável do São João de Sertânia", com programa humorístico, em prosa e verso, a salientar poesia de Adauto Ferreira Gonçalves (Biblioteca Pública do Estado).

O REGIONAL - *Órgão dos Interesses Sertanejos* - Entrou em circulação a 31 de outubro de 1948, no formato 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Diretores: responsável - Jaime Pires Ferreira; secretário - Juarez Gomes Lopes. Assinaturas: anual - Cr\$ 30,00; semestral - Cr\$ 18,00. Publicação quinzenal, utilizava, no princípio, papel acetinado.

Assinalou J. G., no artigo "Definição": "Ele não representa nenhuma facção política; é um jornal feito, essencialmente, para o povo, a fim de que tenhamos uma voz onde possamos reclamar, exigir, elogiar os que merecem".

Contribuiu com interessante artigo Monsenhor Urbano de Carvalho, doutrinando a certa altura: "O bom jornal é um missionário. É um púlpito ambulante. É a trombeta da verdade. É, para os oprimidos, com um habeas-corpus. E, para ser bom, deve ser imparcial, para também ser de todos".

Bem feito, nítida impressão, trabalho da Tipografia Prima, de Arcoverde, contendo pouco mais de uma página de anúncios, inseriu variada matéria, inclusive artigo de Jofre de Santa Cruz, a seção "15 dias na rua", crônica de Margarida Barroso de Carvalho e sonetos de Waldemar Cordeiro e Monsenhor Urbano, além da parte propriamente noticiosa.

Seguiu-se a publicação normalmente, terminando o ano com edição de Natal de seis páginas, para continuar — nº 6 — a 9 de janeiro de 1949.

Transcorreram os meses. Ao atingir 30 de outubro, já no seu nº 24, *O Regional* proporcionou uma edição extraordinária de 16 páginas, comemorativa do primeiro aniversário. A par de apreciável messe de anúncios, apresentou colaboração especial de Silvino Lopes, Diocleciano Pereira Lima, Ubirajara Chaves, Paulo Cavalcanti, Tancredo de Souza, Paraíba Júnior, Galba Matos e A. Coimbra.

Entrado o ano de 1950, foi o redator-secretário substituído pelo Dr. Raul Torres Lafaiete, sem haver mais alterações no Expediente. A partir do segundo semestre, não permaneceu a periodicidade e, em 1951/1952, a circulação se fez, ora mensal, ora bimestralmente, ocorrendo, todavia, alguma edição de seis ou oito páginas. Utilizou, por algum tempo, papel verde. (A coleção começa a ter lacunas depois do nº 27).

O *Regional* divulgou, sempre, afora a matéria redacional de rotina, produções firmadas pelos diretores, mais a colaboração dos nomes já mencionados e, a seguir, de Enoque Viana, Rubem Patu, Francisco Brito Cavalcanti, Zeiss, Nair Alves Macena, Costa Porto, Carlos Luiz de Andrade, A. Lima, Josias Pires Ferreira, Djaci Magalhães, Dercílio Gomes de Albuquerque, Antonio Napoleão Arcoverde, *Aga*, Andrade Lira, José André, Cleto Padilha, Souza Leão Neto e Padre João Botelho. O mais assíduo, todavia; tanto em prosa quanto em verso, era M. U. C., ou seja, Monsenhor Urbano de Carvalho. Ocorria amplo noticiário social, às vezes ilustrado, e não deixou de alimentar um concurso de beleza feminina. No fim, divulgava atos oficiais da Prefeitura.

Parou a publicação após o nº 67, datado de 9 de novembro de 1952, com oito páginas, comemorativo do quarto aniversário, quando, em manchete, manifestou, mais uma vez, "o desejo de ser útil à região sertaneja", a que consagrava "todas as suas energias de imprensa matuta", mas imprensa que pregava "o bem contra o mal" (Biblioteca Pública do Estado).

O SERTANEJO - *Órgão de Interesses Gerais do Sertão* - Surgiu a 31 de julho de 1949, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-presidente - Ulisses Lins de Albuquerque; redator-chefe - Ubirajara Chaves; redatores - Osmário Téles, Jofre Bezerra de Santa Cruz e Américo Cardoso. Publicação quinzenal, assinava-se a Cr\$ 30,00 por ano, custando Cr\$ 1,00 cada exemplar. Impressão da Tipografia Sertânia.

Lia-se na "Apresentação", colocada acima do cabeçalho: "O *Sertanejo* saberá exercer fielmente o seu apostolado de sentinela vigilante do bem público, de combate ao erro, mantendo-se sempre à altura do clima reinante em nosso meio, cuja elevação constitui um motivo de legítimo orgulho para todos que aqui mourejamos".

A par de noticiário, artigo dos redatores e sonetos de Waldemar Cordeiro e do diretor, a edição de estréia inseriu "Vida Municipal" e um "Indicador Comercial".

Quinzenário, circulou o nº 3 a 28 de agosto, incluindo "Notas sobre Sertânia", por Ulisses Lins; "Questões de português", a cargo de Carlos Lira, e produções outras de W. Lins, José André de Lira, Hermes Paraíba,

Deoclécio Nepomuceno, Jorge de Assis Rocha (crônica do Rio), Osmário e Ubirajara.

A publicação d'*O Sertanejo* teve prosseguimento, mas são raros os comprovantes encontrados. Restam quatro de 1950, o último datado de 27 de agosto, acompanhando o ritmo inicial.

Decorrido mais extenso período, em meio do qual ter-se-ia sustado a circulação, para voltar como mensário, encontram-se, finalmente, os nºs 36 e 39 de, respectivamente, 25 de abril e 18 de julho de 1954, conservando o mesmo padrão de "órgão de interesses gerais do Sertão" (Biblioteca Pública do Estado).

SIRINHAÉM

NOTÍCIAS PAROCHIAES - Duas únicas edições foram divulgadas em fevereiro e julho de 1935, tendo como redator o vigário Frei Jerônimo e sede do Convento de São Francisco. Em quatro páginas de papel almaço, mimeografadas, davam conhecimento aos paroquianos dos atos religiosos das igrejas e capelas situadas nos municípios de Sirinhaém e Rio Formoso, além de notas doutrinárias (Coleção Nilo T. Gouveia).

A VOZ DE SANTO AMARO - *Notícias Paroquiais das Freguesias de Sirinhaém e Rio Formoso* - Apareceu - nº 1, ano II - em janeiro de 1936, em substituição ao boletim anterior, mas impresso tipograficamente, no formato 33 x 24, tendo oito páginas de três colunas de 14 cíceros.

Continuava — consoante o artigo de Frei Jerônimo — "a sua alta missão em prol da verdade". A nova denominação deveu-se ao fato de que "em ambas as freguesias muitos são os devotos do glorioso santo", cuja fotografia figurou, na primeira página, ao alto de igreja-matriz de Sirinhaem, da qual era orago.

Terminou o redator ensejando que *A Voz de Santo Amaro* pudesse "ser ouvida em todas as casas: no palácio do rico e na choupana do pobre".

Do expediente constava a seguinte tabela de assinaturas: anual, simples - 4\$000; de benfeitores - 8\$000, mediante pagamento adiantado; preço do exemplar - 0\$500. A publicação de graças e favores custava 3\$000; a de anúncios dependia de entendimentos com a redação, no Convento de São Francisco.

A edição de estréia inseriu artigos doutrinários, transcrições, vasto noticiário especializado e ligeiros reclames comerciais, o mesmo ocorrendo com o nº 2, publicado em fevereiro (Coleção Nilo T. Gouveia).

AVANTE - Circulou o nº 1, ano I, no mês de maio de 1949, sob a direção de Ivavel Ferreira e Valdir Peixoto, formato 32 x 21, com quatro páginas, a primeira de três colunas e as restantes de duas, largas.

A apresentação, bastante concisa, teve a assinatura de Brito Bastos: "É este o nosso jornal. Não contem artigos de jornalistas de renome, porém é uma prova de boa vontade e esforço dinâmico do povo de Sirinhaém", município que "escreveu também a sua bela página na história de Pernambuco". Não tinha partido político a defender. Só defenderia a legenda — Ordem e Progresso.

Divulgou alguns comentários, "Folha Social", incipiente literatura e uma página de anúncios. Colaboração principal de José Ferreira Franco e Catarina R. de Vasconcelos (Coleção Nio T._Gouveia).

Impresso na oficina gráfica da Livraria Americana, em Barreiros, saiu o nº 2 em julho. O nº 3, só publicado no mês de outubro, tendo o formato aumentado para 38 x 26, com três colunas de 16 cíceros, incluía o subtítulo "Periódico Literário e Noticioso".

As duas últimas edições apresentaram, além das seções "Para o recreio", "Notas soltas" e "Escotismo", produções de Fernandes de Freitas Henriques, Amauri Franco, Terezinha Dantas, José Chaves e Nicodemus, que não era outro senão o segundo dos diretores.

Nada obstante o apelo feito, em editorial, para que os habitantes do município proporcionassem ajuda "à nobilitante tarefa", o jornal não pode ir avante (Coleção completa de Ivavel).

SITIO DOS MOREIRAS⁴¹

ESTRELA - *Órgão Oficial dos Alunos das Cadeiras 181 e 222* (Caririmirim) - Circulou o nº 1, ano I, em outubro de 1951, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretor - Enoque F. Lopes; redator - F. Gileno Alves; secretário - Emídio Ferreira. Sua matéria constou de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares (Departamento Cultural da SEEC).

SURUBIM

SURUBIM-JORNAL - *Órgão Literário, Noticioso e Independente* - Publicação recém aparecida, tinha à sua frente, como redator-chefe, Mário de Barros. Estampou, "além de variado sumário" diversos clichês,

⁴¹ Ex-povoado do município de Serrita.

conforme noticiou o *Jornal do Commercio*, do Recife, edição de 1 de dezembro de 1928.

A VOZ DE SURUBIM - Publicou-se o nº 1, ano I, em 15 de agosto de 1936, em formato 38 x 27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Sem mencionar corpo redacional nem dar outra qualquer nota de expediente, adiantou o artigo de apresentação, na quarta página, assinado por Okapel Filho: "O nosso fito principal é homenagear o novo prefeito, Sr. Paulo Mota". Mas esperava continuar, tendo em vista a necessidade de o município possuir um jornal.

Estampou, na primeira página, clichê, em duas colunas, da primeira autoridade municipal e, nas demais, outros de vereadores e de senhorinhas que trabalharam para a eleição vitoriosa. Mais artigo de saudação, de Ivo Leitão Filho, e manchetes com telegramas. Sobre assuntos diferentes escreveram Lamartine Andrade, Manuel Alves e *Tasso Guanabara*. Um soneto de Cavalcanti Filho. Raros anúncios.

Teria continuado? (Biblioteca Pública do Estado).

ANO BOM - Número 1 (e único) de 1945, apresentou-se no formato 25 x 18, com quatro páginas de duas colunas largas. Responsáveis: Dionísio Marques e Valdomiro Amorim. Impressão, em papel acetinado, da Tipografia São José.

Constituiu, consoante a nota de abertura, "um presente" que os intelectuais matutos ofereciam "aos seus amigos de Surubim". O resultado material destinava-se à Jazz-Band Regional, para o que solicitavam a cooperação dos surubinenses.

Sua matéria reduziu-se a crônica de Mário Souto Maior e Cavalcanti Filho; algumas notas mundanas e sociais; anúncios na última página (Arquivo Mário S. Maior).

SURUBIM-JORNAL - Surgiu no dia 30 de maio 1948, em formato 40 x 30, com quatro páginas e quatro colunas de composição. Diretores: Jady Guerra e Ivan V. Mota. Assinaturas: ano - Cr\$ 10,00; semestre - Cr\$ 6,00. Número do dia - Cr\$ 1,00; número atrasado - Cr\$ 1,50.

Propugnaremos em nossas colunas - lia-se na ligeira apresentação - pelos problemas do espírito e da inteligência, pois as nossas vocações de estudantes e o nosso pouco conhecimento de humanidades se tomarão estéreis se não servirem a uma causa fecunda. Esperamos que seja compreendida a finalidade do nosso jornal.

Só no mês de julho, sem assinalar o dia, circulou o nº 2, rebatendo, em editorial, o escritor Mário Melo que, numa de suas crônicas da *Folha da Manhã*, do Recife, impugnar o anglicismo *Surubim-Jornal*, aconselhando-lhe a mudança desse título para *Jornal de Surubim*. Bem

causticante foi o articulista para com o secretário perpétuo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Cada edição contendo mais de uma página de anúncios, a folha divulgava noticiário, atos da Prefeitura e da Câmara de Vereadores, artigos de Joaquim Cavalcanti Filho, J. Mascarenhas, Dídimo Gonçalves Guerra, Moacir Souto Maior, João Batista de Queiroz e Ignotus.

Não há indícios de ter prosseguido a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

A CIDADE - Circulou em 28 de junho de 1950, em formato 31 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Impressão, em bom papel, da Tipografia Minerva, a primeira instalada no município. Diretores responsáveis - Jessé Cabral, Solon Guerra e Jadi Guerra. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Segundo o artiguete "O nosso jornal", seu objetivo era "desenvolver, intelectual e moralmente", a população da cidade. Constituíam um "grito de alerta" à juventude, para que exercitasse "o seu espírito nos diversos setores da intelectualidade".

A edição, com pouco mais de uma página de anúncios, divulgou artigo de Solon, crônica de *Lula_C.*, versos de Luiz Cavalcanti, *João Bordoada* e *Beócio*, e ligeiro noticiário (Biblioteca Pública do Estado).

Teria continuado?

CORREIO DO AGRESTE - Publicação mensal, só foi possível encontrar comprovante do nº 5, ano I, de 12 de setembro de 1952, obedecendo ao formato 40 x 30, quatro páginas a cinco colunas de composição. Não indicava corpo redacional. Nenhuma nota de expediente aconselhando-lhe a mudança desse título para "Jornal de Surubim". Bem causticante foi o articulista para com o secretário perpétuo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Abriu a edição ampla reportagem da I Semana Ruralista de Surubim. Focalizou, em editorial, o "belo exemplo de amor ao trabalho do monsenhor Ferreira Lima", que era o prefeito do município, ilustrando-o com fotografias do Hospital-Maternidade São Luiz. Apresentaram artigos assinados Samuel Soares, Dr. Orlando Parahym e José Nivaldo (Biblioteca Pública do Estado).

TABIRA

CORREIO DE TABIRA - *Órgão Noticioso e Independente* - Surgiu em 22 de abril de 1951, em formato de 31 x 23, com quatro páginas a três colunas de composição. Diretores - Joaquim Rodrigues de Barros,

Enoque Viana e Deusdedit Luiz Fernandes. Assinatura anual - Cr\$ 30,00. Confecção a cargo da tipografia d' *O Sertanejo*, de Sertânia.

Os dois primeiros redatores escreveram artigos individuais de apresentação, o segundo deles sob o título "Uma saudação e uma promessa", declarando que o jornal obedeceria à "boa ética profissional", de acordo com os "princípios da ética e da legalidade". No setor político, adotava "caráter apartidário, anti-faccioso e rigorosamente imparcial".

O primeiro, intitulado "O jornal de Tabira", sentenciou: "Lutar na imprensa matura é pelear contra uma grande maioria de incompreensíveis, para não falar nos constantes sacrifícios de ordem financeira, além de outros tantos entraves..."

A interessante folha, declarada quinzenal, só deu à luz o segundo número (formato um pouco maior) no dia 20 de maio, sofrendo logo, portanto, o impacto daquelas dificuldades, sem ter conseguido chegar ao nº 3.

Suas colunas abrigaram boa matéria noticiosa local, comentários ligeiros e concisos trabalhos de colaboração, assinados por Ubirajara Chaves, Ivo Mascena Veras e Maria Celeste Vidal Bastos, sendo uma página de anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

O CYSNE - *Quinzenário Noticioso. Literário e Independente* - Não encontrado comprovante da edição de estréia, circulou o nº 2 do órgão pioneiro de Tacaimbó⁴² a 5 de outubro de 1919, formato 28 x 17, com quatro páginas de três colunas de composição. Direção de Fausto Freire; redator-chefe - E. Gomes; redatores - Manuel Bezerra e L. Carvalho; redator social - A. Gomes; gerente - Elpídio Araújo. Foi impresso na tipografia do *Cinco de Novembro*, em Caruaru.

A edição inseriu produções assinadas por Augusto Tabosa e Heliodoro Salgado; algum noticiário; comentários ligeiros e curiosidades, sendo a quarta página só de reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

Segundo Assis Barros, in *Gazeta de Tacaimbó*, 03/09/1950, a publicação d'*O Cysne* atingiu o ano de 1920.

O MISTERIOSO - Fundado em 1931, por Antonio de Araújo Beltrão, Francisco Nunes Figueiredo, Abner Florentino e Otaviano Cabral, continuou a circular em 1932 e 1933 (*Assis Barros, artigo citado*).

GAZETA DE TACAIMBÓ - *Quinzenário Noticioso, Independente, Literário* - Apareceu no dia 3 de setembro de 1950, em formato 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-gerente - Francisco Assis

⁴² Ex-Antonio Olinto, segundo distrito do município de São Caetano.

Barros; diretor-substituto - Júlio César C. Neto; redator-secretário - Francisco Figueiredo; redatores - Amaral Militão, Hilton Silva, Alarico Vasconcelos, Tavares de Lima e João Neves Torres Galindo. Tinha, ainda, no princípio, um Conselho Fiscal, constituído de quatro membros, e um tesoureiro: José Leite de Barros, substituído, meses depois, por Terezinha Barros. Assinaturas: ano - Cr\$ 25,00; semestre - Cr\$ 15,00. Número avulso - Cr\$ 1,00. Redação na Praça Barão do Buíque, 23. Impresso na Tipografia Conceição, de F. N. Figueiredo, no Recife.

À guisa de apresentação, sob o título "Parabéns, tacaimboenses!", F. Figueiredo declarou que o periódico seria "o veículo de irradiação" das necessidades e reclamações locais, assim como "o pugnador da elevação cultural desta terra pequenina e boa".

Circulou, a princípio, regularmente, ora com quatro, ora com seis páginas, publicando matéria de interesse da localidade, noticiário de São Caetano, curiosidades, anedotas, tendo como colaboradores Milton Tavares, Francisco Sobreira, Firmino Filho, Amaro Ferreira, Tancredo de Souza, Ferreira Nunes, Gomes de Lima, Reinaldo Lessa, A. Vasconcelos, Terezinha Valois, Alcides Nicéas, Severiano Jatobá, Luiz Rocha, Hilda de Queiroz, Paulo Matos, J. Manuel, Ivanilde Beltrão e outros. A "Gazeta Social" era precedida de crônicas assinaladas por Luciano (Geraldo Cavalcanti).

O corpo redacional foi desfalcado, no sexto número, com a saída de Amaral Militão; no 16º João Neves foi substituído por Tiago de Barros Leite, e este, no 20º, por Manuel Vieira. Ocorreu nova alteração com a saída, no 29º número (abril de 1952), de Alarico Vasconcelos e Manuel Vieira. Em fevereiro de 1953 afasta-se, por sua vez, Hilton Silva. Finalmente, em dezembro, mantinha-se os principais elementos, com as seguintes modificações: diretor-responsável - F. Assis Barros; diretor-gerente - Júlio César; redator-chefe - F. Figueiredo, redator-secretário - Tavares de Lima; tesoureira - Terezinha Barros.

Ao completar o primeiro aniversário (nº 22, de 3 de setembro de 1951), que solenizou com edição de oito páginas, a *Gazeta*, não podendo manter-se como quinzenário, passou a circular mensalmente; mas, no decorrer de 1953 só foram publicados seis números e, definindo mais, saíram apenas dois em 1954, o último dos quais, nº43, em outubro/novembro, justamente quando a assinatura anual havia subido para Cr\$ 30,00.

"Carro de Boi", de F. Figueiredo, em versos de linguajar matuto e publicada ininterruptamente, foi uma das seções mais curiosas do jornalzinho, cuja direção também promoveu, com êxito, concursos literários e editou a revista *Tacaimbó Literário*, além de fundar a Rádio-Gazeta.

Em 1953 a Assembléia Legislativa do Estado aprovou, e foi sancionado pelo chefe executivo, a título de auxílio, um crédito de Cr\$ 10.000,00 para cada um dos principais órgãos da imprensa matuta, sendo contemplada, entre eles, a *Gazeta de Tacaimbó*.

Durante todo o decorrer de 1954 não conseguiu a direção da folha receber nenhuma parcela da verba a que tinha direito, esperando fazê-lo em 1955 para normalizar sua circulação, o que não conseguiu (Biblioteca Pública do Estado).

TACAIMBÓ LITERÁRIO - *Revista de literatura, mundanismo e artes*, apareceu em outubro de 1952, sob a responsabilidade da mesma turma da *Gazeta de Tacaimbó*: Francisco Figueiredo - redator-secretário; Assis Barros - diretor-redator; Tavares de Lima - diretor-gerente; Júlio César C. Neto - sub-gerente; Terezinha Ramos - tesoureira. Trabalho material da Tipografia Conceição, no Recife. De formato pequeno — 23 x 16 — o interessante magazine reuniu 32 páginas, impressas em cores diferentes, tendo na capa paisagem local.

Era o “resultado do esforço e da abnegação de um grupo de pessoas de boa vontade”, segundo o artigo inicial, que acentuou: “São páginas simples, impregnadas de poesia e romance, produtos da inspiração de penas que pouco a pouco se tornam esclarecidas no cenário literário do hinterland pernambucano”.

Inseriu variada matéria, inclusive produções originais de Ivanildo Beltrão, Lígia Diniz Fernandes, Margarida Galindo, Tancredo de Souza, Ernani Borba, N. Cavalcanti, Neusa Negromonte, Ferreira Nunes, Maria da Paz Figueiredo, Geraldo Cavalcanti, Aramis Trindade, Lenine Fiúsa e Heble Meira.

Não foi além do primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

TACARATU

PANCARUS - *Órgão Oficial dos Alunos das Escolas Reunidas Sérgio Magalhães* - Comprovante único existente: o nº 2, de 1954, correspondente ao mês de junho, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Sua matéria constituiu-se de literatura infantil, noticiário do movimento escolar e desenhos a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

TAMBÉ

ITAMBÉ - *Órgão da Sociedade Seis de Março* - Circulou na referida data, ano de 1932, apresentando-se em formato 33 x 23, com quatro

páginas de quatro colunas estreitas. Gerente - José Vicente Barbalho. Tabelas de assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 5\$000. Preço do exemplar - 0\$200. Impresso no Recife, na Tipografia do *Diário da Manhã*.

Constou do bem elaborado editorial de abertura: "... é numa época de labor contínuo, de esforços maravilhosos, que resolvemos iniciar a publicação semanal deste jornal". A tarefa era árdua, "o caminho espinhoso", mas havia o desejo de trabalhar pelo futuro de Itambé. Bater-se-ia pela verdade. Informaria tudo "sobre política, comércio, indústria, fatos diversos e outras notícias". E esperava contar com a ajuda dos municípios.

A edição inseriu artigos de J. P. e Joaquim Cirilo; página de atos da Prefeitura; transcrições e noticiário, abrindo a seção "Sociedade", versos de Figueiredo Silva.

Teria, apesar de tão bom início, ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

A CIGARRA - *Órgão do Grêmio Literário Getúlio Vargas do Grupo Escolar Arruda Câmara* - Circulou o nº 1, ano I, em 19 de abril de 1944, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretor - Severino Holanda; redatora - Neusa Rodrigues. Matéria constante de literatura infantil, noticiário e desenhos escolares.

O nº 2, foi publicado no dia 31 de maio, sem mais encontrar-se comprovantes da provável continuação (Departamento Cultural da SEEC).

TIMBAÚBA

A COISA - *Revista Semanária e Lítero-Humorística* - Registrada como primeira manifestação do jornalismo timbaubano⁴³, entrou em circulação no dia 13 de dezembro de 1903, manuscrito, com oito páginas, em formato 27 x 21. Propriedade de *Lili Saltante* e *J. Bruiry* (pseudônimos de Francisco Alves de Lima e Ildefonso Bezerra). Local da redação: desconhecido.

⁴³ A propósito do ensaio "A imprensa em Timbaúba", de J. A., ou seja, Jáder de Andrade, divulgado através d'A Serra, edição de 19 de fevereiro de 1916, escreveu-lhe Ildefonso Bezerra uma carta de esclarecimento. Disse que não foi *A Coisa* "O primeiro jornal manuscrito surgido", mas "uma consequência d'O Pândego, publicado anteriormente, sob a responsabilidade coletiva dos seus redatores: Tomaz Soriano Filho, José Gomes de Melo e Ildefonso Bezerra". Era semanário, distribuído aos domingos, ao meio dia, com o formato 30 x 22". Saíram seis ou oito números, contando-se, entre os colaboradores, Augusto Góis e Francisco Alves de Lima. Acrescentou que, antes d' O Pândego, ao tempo do Colégio Xavier, "Felisberto Pereira, Carlos Lauritzen e outros alunos dessa casa de educação fundaram e mantiveram *A Aurora*". O que não fez Ildefonso foi indicar as datas respectivas.

Constava do editorial de abertura: "Não criticará pessoa alguma, nem tão pouco de companheiros ou de companheiras, se acaso estes aparecerem. Porém se alguém a maltratar, ela *A_Coisa*, não ficará nem, nem".

O segundo e último número publicou-se uma quinzena depois, no dia 27, escrito com tinta encarnada.

Afora a produção dos responsáveis pela folha, esta divulgava literatura principiante, prosa e verso, só constando assinaturas com pseudônimos, a saber: *Panhdilheiro*, *J. Caçador*, *Etnaltas Stil*, *Zeze Trocista*, *Vico II* e *Dagoberto II* ("A imprensa em Timbaúba").

O SERRADOR - *Em homenagem ao Clube Serradores* - Saiu a lume no dia 5 de março, primeiro do Carnaval de 1905, em formato 33 x 23, impresso na tipografia d' *A Cidade*, em Nazaré da Mata. Redação a cargo de Augusto Gomes Rezende, José Gomes de Melo e Adolfo Góis, este último o A. G. da "Crônica de abertura". Contou mais com a colaboração de Luiz Carvalho, Isaac Cerquinho e Olegário Azevedo, ocultos sob pseudônimos ("A imprensa em Timbaúba").

Não circulou em 1906. Existem comprovantes a partir do nº 2, ano III, de 10 de fevereiro de 1907, feito órgão do Clube Carnavalesco Serradores da *Época*. Formato 35 x 24, com quatro páginas de três colunas, impresso a tinta vermelha, trabalho executado no Recife, nas oficinas gráficas da Livraria Contemporânea, de Ramiro M. Costa & Filhos.

A par do noticiário específico e de notas soltas e epigramas, a edição em apreço, redigida mais em verso do que em prosa, inseriu produções assinadas por Jáder de Andrade, então responsável pela publicação, inclusive com as iniciais J. A. e o pseudônimo *Job Sá*, e por Elpídio Bezerra, Ildelfonso Bezerra, *Braz_Sagaz*, *Braz Lapon*, *Amil*, *C. R.* e *Simplissimus*.

Prosseguiu a saída anual do bem feito e colorido jornal folião, imprimindo-se o nº 3, de 1 de março de 1908 (tinta verde), na Tipografia da Livraria Francesa, também no Recife. Voltou para a Contemporânea, onde foram confeccionados os nºs 4, de 21 fevereiro de 1909, e 5 (último), de 7 de fevereiro de 1910, impresso em papel de cor.

Iniciada n' *O Oportuno*, edições de 1906 e 1907 (ver página seguinte), continuou, nas três últimas d' *O Serrador*, a inserção da "Galeria Impagável - Descrições e Indiscrições", de sonetos satírico-humorísticos, sem assinatura, mas sabidamente da lavra de Jáder de Andrade, num total de dez em cada edição, até o nº 50.

Outros colaboradores mantiveram o bom padrão do anuário

carnavalesco, só assinados mediante pseudônimos, a saber: *Tamando A. Bandeira, Jeremias, Amil, Zé dos Couros, Gil Pândego, Levi, Zeca Arteiro, Arrezeb, Pierrot, Cabrion* (Mendes Martins), *J. Teteo, Zebu Chada e Ciríaco* (Biblioteca Pública do Estado e Biblioteca Nacional)⁴⁴.

O COLIBRI⁴⁵ - *Periódico Quinzenal, Literário e Noticioso* - Surgiu a 1º de maio de 1905, em formato 33 x 23, com quatro páginas, impresso nas oficinas d'A Cidade, em Nazaré da Mata. Direção de Luiz de Carvalho. Sairia "nos dias 15 e 30 de cada mês, proporcionando aos caros leitores, naqueles dias, dois minutos de prosa".

Constava do artigo-programa: "O Colibri não quer saber de política e nem tão pouco da vida privada de pessoa alguma".

Seguiu-se a publicação, inserindo notícias locais, seção de charadas e produções literárias de José Luiz de Andrade Lima, Adolfo Góis, Augusto Rezende, Tomaz Soriano Filho, José Gomes de Melo, Etelvina Carvalho, Hugo de Andrade, Ildefonso Bezerra e outros. Ocorriam alguns anúncios.

Foram publicados, apenas, quatro números, o último deles datado de 15 de julho (*A Imprensa de Timbaúba*).

O OPPORTUNO - Folha carnavalesca, deu a público sua primeira edição no dia 26 de fevereiro de 1906, com quatro páginas, formato 32 x 25, impressa em papel de cor. Anunciava no cabeçalho: "Propriedade e direção de *Job Sá* (Jáder de Andrade)". Confecção da Tipografia Popular, na Bahia (?). Constou do artigo-programa: "O *Opportuno* deixará a penumbra do nosso modesto gabinete todas as vezes que o seu aparecimento se fizer necessário. Daqui fica dito que a idéia de periodicidade é com desprezo lançada ao tinteiro" (*A Imprensa em Timbaúba*).

Apareceu o nº 2 (deste existe comprovante) a 11 de fevereiro de 1907, obedecendo ao formato de 41 x 29, com quatro páginas de quatro colunas, impresso nas oficinas do *Diário de Pernambuco*. Abriu o texto a "crônica", mistura de prosa e verso, firmada por *Sílvio, o Calouro*, seguindo-se matéria carnavalesca geral.

Foi na edição de estréia do órgão em estudo que começou a série de magnífico sonetos satíro-humorísticos, intitulada "Galeria Impagável - Descrições e Indiscreções", de Jáder de Andrade, mas sem assinatura. Nela publicaram-se os dez primeiros, para continuar, em 1907, até o XX.

Suspenso "durante seis anos", voltou à liça *O Opportuno* - nº 3 - a 3

⁴⁴ Só números esparsos.

⁴⁵ Não consta da relação de Alfredo de Carvalho, autor dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", que também não registrou *A Coisa*, nem *A Lasca*.

de fevereiro de 1913, sob a mesma direção e propriedade e igualmente impresso no Recife, na Tipografia do *Diário*, para distribuir-se gratuitamente. Matéria divulgada: "A crônica", de *Antonio Custódio* (outro pseudônimo de Jáder de Andrade); "Nosso préstito...", ocupando mais de uma página, e produções, em prosa e verso, do gênero chistoso e trocista, da autoria de *Job Zué*, *Job Zaphat*, *Job N'As*, *Job Zias* e *Job Sá* terminando o sumário com a série "Pensamentos célebres".

Não voltou, jamais, a publicar-se (Biblioteca Pública do Estado).

A LASCA - Jornalzinho humorístico, circulou o nº 1 no dia 3 de junho de 1906, manuscrito em folha de papel almaço. O trabalho material esteve a cargo de Francisco Alves de Lima, sendo a parte intelectual confiada a Jáder de Andrade, aparecido, na direção, sob o pseudônimo de *Neco Lasguinet*. Distribuía-se "no Café do Zumba".

Era "quase uma charge perene" contra os jovens Manuel Saraiva Cavalcanti, José Veloso Borba e Lauro Borba, este já residindo no Recife.

A existência do órgão domingueiro estendeu-se até o nº 5, de 8 de julho (*A Imprensa de Timbaúba*).

A LIGA - *Jornal Lítero-Sportivo e Anunciante* - O nº 1 circulou no dia 7 de setembro de 1909, em formato 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Publicação indeterminada. Propriedade da Liga Lítero-Atlética, distribuía-se gratuitamente.

Do longo editorial de abertura, de mais de uma página, constou o tópico: "Nós d'A *Liga* viemos engrossar as fileiras do exército que não derrama sangue, que não espalha cadáveres, que só semeia luzes, e cuja espada só mutila o erro, só fere o vício, só golpeia o horrendo. É a arte literária que nos preocupa por excelência. A palavra dando a visão real da idéia, talhando as formas das coisas, vitalizando o imaterial, tendo perfume, cor e música é o principal objetivo deste jornal".

Seguiram-se artigos de Olímpio Tiago e Juvenal Moreno, versos de Ildefonso Bezerra e Alim, noticiário e a quarta página toda de reclames comerciais.

Existe outro único comprovante d'A *Liga*, correspondente ao nº 2, ano V, de 7 de setembro de 1914. Impresso nas oficinas do *Diário de Pernambuco*, em papel verde, mantinha as mesmas características, sendo substituídos os colaboradores por novos nomes, a saber: Murilo Aranha, Rosa Lima e padre João Uchoa (Biblioteca Pública do Estado).

Segundo J. A. (*A imprensa em Timbaúba*), circularam, até a data acima, onze números d'A *Liga*, sendo o 1º e o 9º impressos na Tipografia Popular, na Paraíba (?), e o 10º nas oficinas d'A *Sena*. Tiveram como

fundador e diretor Francisco Alves de Lima.

POLYANTHEA - Circulou no dia 7 de junho de 1910, em formato 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Constituiu uma homenagem ao juiz de direito Tomaz Soriano de Souza, pela data do seu aniversário natalício. Inseriu escritos alusivos, assinados por Francisco de Assis Rabelo, José Taumaturgo de Araújo Pereira, Zeferino Inácio de Moura, Antonio Mendes de Azevedo e Ludjero Pinto (Coleção Vítor V. de Melo - Nazaré).

O MEZ - *Revista Literária, Comercial, Agrícola, Política, Científica, Religiosa, Industrial, Estatística, Noticiosa, Crítica, Artística e Humorística* - Começou sua circulação em julho de 1910, no formato 32 x 23, com 14 páginas de papel especial, inclusive a capa, trabalhada em vinhetas e impressa com tinta verde. Trabalho gráfico de Ramiro M. Costa & Filhos, no Recife. Direção e propriedade de Jáder de Andrade; redator-chefe - José de Barros Lima; secretário Ismael Cabral; repórteres - Manuel Saraiva Cavalcanti e José Luiz de Andrade Lima; correspondentes na capital - Porfirio de Andrade Sobrinho e José Inácio Filho. Redação no Pátio da Matriz, 27. Assinatura anual - 5\$000; preço do exemplar - 0\$500.

O seu programa — lia-se no artigo de apresentação — pode resumir-se na defesa dos direitos públicos daqueles em cujo meio social ele virá a circular, sem que, por isso, nas suas páginas não tenham cabida todos os algos e dignos assuntos capazes de interessar a uma cidade como a nossa, mais ou menos culta e relativamente próspera, como nos orgulhamos de proclamá-la. Em outros termos, O Mez pretende ser um magazine moderno, feito de forma que, na medida das suas proporções modestas, possa se igualar às atuais publicações congêneres do país e do estrangeiro.

Publicava-se com idêntica quantidade de páginas, divulgando na capa, cada mês, um soneto, de diferentes poetas. Inseria "Notas gramaticais", por B. L. (José de Barros Lima); "Perfis patrícios" e "Poses infantis", seções estas assinadas por *Madalena* (pseudônimo de Jáder de Andrade); "Cartas sem porte", de *Cid* (ainda Jáder); a "Galeria impagável - Descrições e Indiscreções", sem assinatura, mas da autoria do mesmo Jáder, em continuação aos 50 sonetos já divulgados n' *O Oportuno* e n' *O Serrador*, atingindo, n' *O Mez*, o LXX; "Vida Social"; "Vilas e povoações"; "Álbum de charadas", a cargo de *França*, o *porteiro* movimentos do Correio e do Clube Serradores da Época, além dos comentários e noticiário, inclusive político. Alguns anúncios. A partir do nº 2, iniciou uma série de concursos literários, o primeiro dos quais consistiu em apresentar um quarteto e um terceto, a serem completados num soneto, cujos concorrentes melhores colocados ganhariam prêmios.

Divulgava produções, em prosa ou verso, de Antonio Vicente de Andrade Bezerra, com as iniciais A. B.; Ildefonso Bezerra, Mário Sette, Carlos Lira Filho; padre Benigno Lira, que assinava versos em português e prosa em francês; José Peixoto, Felisberto dos Santos Pereira, padre F. R.

da Cunha Pedrosa, autor de constantes versões, sob o título "Trechos seletos"; Laiete Lemos, Augusto Góis, José Tavares de Andrade Lima, *Anacleto das Mercês* (pseudônimo de Francisco Tavares Neto), *André Girasol*, Aprígio Ramos, Anísio Galvão, Doralécio Valcacer, *Elcysne Cismarino*, Telésforo de Almeida, João da Silva Vieira, Monteiro Lopes Sobrinho, Ulpiano Bezerra Ventura, Américo Teixeira Palha, Filinto de Moraes, Antonio Maria da Silva, com as "Cartas da Serra", e Sá, que, já no fim, apareceu firmando "Bilhetes da Capital".

A par da colaboração alheia, o diretor aparecia assinando trabalhos com o próprio nome e, além dos já mencionados, com os pseudônimos de *Job Sá*, *J. S.* e *Antonio Custódio*, enquanto o redator-chefe se travestia em *B. Lima*, *Alda Felício*, *George Rieux* e *Ivo da Cruz*, ambos produzindo boa prosa e a melhor poesia.

Em março de 1911 a redação mudava-se para a rua Barão de Lucena, 48. O nº 12, de junho, com 32 páginas, comemorou o primeiro aniversário, inserindo vasta matéria redacional, clichês dos colaboradores e boa messe de reclames comerciais. A partir do mês de setembro, o trabalho gráfico passou a ser executado na Imprensa Industrial, também no Recife.

Não deixou *O Mez* de reservar algum espaço à política partidária local e do Estado, chegando a manifestar apoio à candidatura, ao governo do Estado, do General Dantas Barreto, cujo clichê estampou em página dupla do centro, na edição de novembro de 1911.

Sempre atraente e bem feita a revista teve existência limitada, ficando suspensa após o nº 23, de maio de 1912, para jamais ressurgir (Biblioteca Pública do Estado).

A SERRA - *Órgão dos Interesses Gerais do Município* - Entrou em circulação em 22 de fevereiro de 1913, no formato 43 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade "de uma Sociedade Anônima". Diretor - Antonio Vicente Pereira de Andrade; redator-chefe - Jáder de Andrade; redatores auxiliares - Manuel Saraiva Cavalcanti e José Luiz de Andrade Lima; administrador da oficina - Eustáquio Firmo Ferreira, também encarregado da parte de assinaturas, publicações no jornal e trabalhos avulsos; tudo com sede no Pátio da Matriz, 27. Correspondente no Recife - Ulpiano Bezerra Ventura. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre- 6\$000; para fora do município - 11\$000 e 6\$500, respectivamente.

Constou do bem elaborado editorial de apresentação:

A Serra é, neste pequeno departamento do Estado de Pernambuco, o órgão oficial do partido dominante, representando a opinião dos atuais diretores das coisas públicas de Timbaúba, filiados como são estes aos que ascenderam ao poder com o

triunfo eleitoral do Exmo Sr. General Dantas Barreto, honrado e digno Governador do Estado.

Mais adiante, lia-se:

A Serra⁴⁶, como di-lo o seu nome, antes que tudo será um jornal dedicado aos interesses desta parte interior da pátria pernambucana, pugnando para seu desenvolvimento material e moral, lutando pelo seu progresso, batendo-se para evolução deste recanto em que nascemos e vivemos.

A edição de estréia inseriu "A Crônica", de *Antonio Custódio* (pseudônimo de Jáder de Andrade); suelto; noticiário, inclusive a parte social, sob o título "Frutos e Flores"; "Solicitadas" e uma página de anúncios.

Seguiu-se a publicação, semanalmente, para, meses após, edição de 23 de agosto, exibir formato maior, 52 x 35, com cinco colunas de composição, suprimindo, assim, a deficiência de espaço, de modo a oferecer matéria mais variada. Apresentou, enquanto isto, aspecto melhor, em virtude da reforma quase completa por que passara a tipografia própria. Na oportunidade, ausentava-se do cabeçalho o nome de Antonio Vicente, passando Jáder à dupla função de diretor-redator-chefe, ao passo que o primeiro dos redatores auxiliares foi substituído por Oscar Mousinho e entrou para a liça um segundo correspondente na capital do Estado: José Inácio Filho.

Já o periódico vinha divulgando colaboração do padre Jerônimo de Assunção, com o pseudônimo *Péricles*; do farmacêutico Porfirio de Andrade Sobrinho, que mandava do Recife "Ensaio de Crônica", assinando-a *J. Maurício* de Mário de Alcântara, o dos "Bilhetes", de curta duração; Joaquim Lima, autor de sonetos esporádicos; *J. Repórter* e *Job Sá*, ou seja, Jáder de Andrade, também travestido em *Levina das Dores*, a partir de agosto, no comentário "Opiniões de uma senhora"; depois feito *Magdalena*, com os "Perfis patrícos", ou firmando-se *Cid*, nas "Cartas sem porte".

Ainda em 1913, *A Serra* adotara a seção "O Comércio"; mais folhetim, começando com "O desconhecido", de Conan Doyle, em tradução especial; a seção de charadas "Diabo a 4", a cargo de *Josaphat* "Notas agrícolas", de Luiz de França Pereira, e as "Fitas no cinema", de mundanidades e humorismo, com a assinatura *Um, Qui Chant Clair*, além da "Caixa" de correspondências.

Em janeiro de 1914, assumiu Hugo de Andrade a superintendência do semanário, ficando Jáder como redator ausente, no Recife, aonde fora

⁴⁶ O título *A Serra* "provém da designação usual de um grande planalto existente naquele município, numa ramificação da grande serra da Borborema, onde esta começa a fazer a separação entre Pernambuco e a Paraíba", escreveu Lauro Borba, em artigo n' *O Norte*, do Rio de Janeiro, reproduzido no *Timbaúba Chic*, de 23 de junho de 1923.

assumir a secretaria do *Diario de Pernambuco*, o que só aconteceu até outubro do mesmo ano, quanto voltou à sua múltipla atividade.

O superintendente interino, firmando-se H. A., entrara a divulgar "O Conto para crianças", cada semana, mais tarde passando às Histórias para rir". Outros colaboradores: *Abel*, com a crônica "Do Recife"; *Paulo Sem*, poeta e prosador; *Zé da Guarda*, que escrevia "Timbaúba de ontem", etc.

Uma edição de dez páginas, às quatro primeiras em papel couchê, assinalou, a 22 de fevereiro — nº 53, ano II — o transcurso do primeiro aniversário do jornal, ilustrada com fotografias do diretor-fundador e outras, inclusive de aspectos pernambucanos. Assim terminou o editorial comemorativo:

Que A Serra, ao iniciar o seu segundo ano de vida, través do acidentado caminho que trilha, continue a contar a resistência forte que alimentou até aqui, se não com lustre e galhardia, ao menos com uma pureza de vontade e uma limpeza de consciência que nos orgulham.

Começou, a 14 de março, a seção "Evangelho". Movimentou-se mais a folha, admitindo a colaboração de Júlio Leitão de Melo, padre João Uchoa, Américo R. Neto, Esdras Farias, Ernesto de Albuquerque, Ferreira de Melo, etc. Ao findar o ano, precisamente a 12 de dezembro, entrava Tomaz de Aquino Barbosa de Souza para o corpo redacional.

Iniciado 1915, seguiu Jáder, novamente, rumo à capital, ali assumindo a gerência do *Diario de Pernambuco*, para voltar ao seu posto no mês de junho. Não deixava, nessas curtas ausências, de enviar crônicas e artigos para o seu jornal, alimentando, embora de espaço a espaço, as seções anteriores.

A crônica "Do Recife" teve novos signatários, que foram: *Sílvio*; depois, *Caim* (pseudônimo de Osvaldo Chateaubriand); mais algum tempo, *X*, que era o próprio Jáder de Andrade; já em 1916, *A.* (Aníbal Fernandes), o mais assíduo, até princípios de 1917; finalmente, *Leo* (Leônidas de Oliveira); ainda *X.* e *A.*, este dois anos após transformado, algures, em *Antonio*.

Criara-se a seção "Boas Letras", para abrigar, cada semana, um soneto, o que permaneceu até o fim da publicação, nela aparecendo nomes de projeção nas letras pernambucanas, a saber: Baltazar de Oliveira, Luiz Marinho, José Mindelo, Silvino Lopes, Silvio Dória e outros, já mencionados ou não. A penúltima edição do ano apareceu com Suplemento, ilustrado, dedicado à posse de Manuel Borba no Governo do Estado.

Iniciado 1916, a partir de 29 de janeiro abria a primeira página a curiosa seção "Timbaúba anedótica", de *Job Sá*. Enquanto isto, como já fizera nos anos precedentes e haveria de fazer nos subseqüentes, *A Serra*

chamava a atenção dos assinantes para “a satisfação dos seus débitos em atraso”. Ia entrar no quarto ano de existência, “mantida através de mil vicissitudes de época e do meio”.

A par de editoriais, focalizando, invariavelmente, os problemas administrativos, políticos, econômicos e sociais de Timbaúba; vasto noticiário local e dos distritos; notas “de toda parte” e demais matéria de rotina, sem faltar mais de uma página de “Solicitadas” e anúncios, o semanário divulgava sempre seleta colaboração. No ano em referência, apareceram *Sev. Leite* (o então promotor Severino Alves Leite); *Lélia*; Luiz Gomes, etc., ao passo que voltavam *Caim* e *Levina das Dores*, enquanto Hugo de Andrade, que mexia com tudo, passou a fornecer artigos sobre Pecuária, tema que levou o grande criador Carlos Benigno Pereira de Lira a mandar para *A Serra* uma série de cartas, sob o título “O gado Zebu”.

Em 1917, o diretor-redator-chefe efetivou uma estação de repouso em Poços de Caldas, motivo de algumas “Cartas sem porte”, enviadas lá do Sul. No mês de novembro, ocupando a coluna, recentemente vaga das “Fitas no cinema”, surgia um novo humorista: *K. Timbó Assu*, que a manteve até fins de 1918. Nesse último ano teve início a preciosa colaboração de *Lígio* que, em séries diferentes e de procedências diversas — ora do Recife, ora do Rio de Janeiro, ora da Bahia — parando e voltando, se estendeu por anos sucessivos.

Abdias Cabral de Moura que, em 1915, fornecera reportagens ao *Jornal de Jáder*, tendo retornado ao Amazonas, onde já antes tinha trabalhado, via-se outra vez, em 1919, feito redator-auxiliar. No ano subsequente, assinava, só com as iniciais, a coluna “Sport”.

Começando 1920, lia-se no cabeçalho: Propriedade de J. Andrade & Cia. (firma substituída, três anos após, por Queiroz & Andrade). Junto ao diretor Jáder, assumiu Hugo de Andrade a função de redator-secretário. E o periódico entrou a circular bissemanalmente, escrevendo, a propósito, a redação:

“Os seus editores querem assim corresponder ao bom acolhimento que tem tido esta folha no seio das classes conservadoras do município, ampliando os serviços de informações e de noticiário”.

“Surgindo nas quartas e sábados de cada semana, *A Serra* procurará fazer em cada número uma resenha dos acontecimentos da capital do Estado e de todo o país, mantendo para este fim um modesto serviço telegráfico”.

“O nosso vai ser, em todo o interior de Pernambuco, o único jornal com duas edições semanais”.

Em face da medida tomada, foi estabelecida nova tabela de assinaturas, "para dentro e fora da cidade": ano - 15\$000; semestre - 8\$000. O custo do exemplar subiu para 0\$200.

Outra admirável meta da direção d'A Serra foi a criação do Suplemento "Timbaúba-Chic", cujo primeiro número acompanhou a edição de 3 de julho de 1920 (estudado à parte, páginas adiante).

Ao tempo, liam-se, no órgão-matriz, produções originais de Alfonsus Delamare; L. B.; ou seja, Lauro Borba, então residindo no Rio de Janeiro; Naasson (de Figueiredo), que mandava, do Recife, "Vida alheia", e o fez, com intermitências, durante vários anos; C. M., com as "Cartas à Serra", procedentes de Filipéa (Paraíba); Osvaldo Chateaubriand que, desaparecido, voltava assinando o "Jornal de um solitário" e, depois, "... de um viajante", substituído, mais tarde, pela crônica "Azedo, doce e salgado", o mesmo *Caim* das simultâneas, mas esparsas, "Cartas pagãs"; Ivo Santelmo; *João_Burundanga* (pseudônimo de Aurélio Domingues), autor do folhetim "O último Tindárida"⁴⁷ e *J. Mocó*, seu continuador, com as "Fitas aldeãs".

Seguiu-se idêntico ritmo no ano seguinte, sendo novo redator-auxiliar Simplicio Ferreira, ao lado de Abdias e Ulpiano Ventura. E vieram, já em novembro, as "Cartas daqui mesmo", de *Regina_Celi*, cronista a quem não escapavam os temas mais complexos, continuando, com intermitências, durante anos sucessivos.

Modificou-se o cabeçalho na primeira edição de 1922, reduzido a três colunas, à direita, ficando o espaço restante destinado a um quadro com a notícia local mais importante. Não faltava, cada começo de ano, apreciada seção carnavalesca, assinada por *Dominó* e mantida enquanto viveu o jornal. Foi o ano da escolha da mulher mais formosa do Brasil, concurso patrocinado pela *Revista da Semana_e A Noite*, do Rio de Janeiro, e pelo *Jornal do Commercio*, em Pernambuco, cabendo a *A Serra* apurar qual a mais bela timbaubense.

Teve início em 2 de setembro uma semana de edições diárias comemorativas, sendo a do dia 7 acompanhada do Suplemento *Timbaúba-Chic*. que estampou, na primeira página, magnífica alegoria em verde-amarelo, a bandeira nacional como que esvoaçando ao centro e, abaixo, a legenda: "Homenagem d'A Serra ao Centenário da Independência — O Município de Timbaúba, pela sua imprensa, saúda com todo entusiasmo a Pátria brasileira, no dia em que comemora o nosso primeiro século de Independência. Viva o Brasil! Viva a República! Viva Pernambuco!"

No ano em referência, ainda no início, aparecia Leônidas de Oliveira,

⁴⁷ As crônicas d'O *Último Tindárida* foram, depois, enfeixadas em livro.

nas colunas do bisemanário, com o disfarce de *Antonio de Jesus*, assim firmando uma série de "Reminiscências", às quais se seguiram diferentes artigos, pelo tempo afora. Foram outros colaboradores: Ângelo Jordão Filho, Mendes Martins, Anselmo Ribas, Mauro Luna, Luciano de Oliveira, assíduo até o fim; Alves Pedrosa, Euclides de Andrade, Renato Vieira de Melo, Edésio Guerra, Rosenfeld e outros que iam e vinham, além da transcrição de trechos seletos, assim como de sonetos nas "Boas Letras".

Integrava, então, o corpo redacional Leônidas de Oliveira (que se iniciara diante da caixa tipográfica, redigira periódicos no Recife e chegou a gerente d'*A Província* e do *Diario de Pernambuco*). E o diretor Jáder de Andrade tinha nova função: a de prefeito do município, tornando-se, algum tempo depois, deputado e, mais ainda, senador estadual.

A completar o primeiro decênio de existência da folha —1923— adotava ela a seção "Há dez anos passados". Um número especial, a 10 de junho de 1924, foi dedicado à memória de Carlos B. P. de Lira, proprietário da empresa *Diario de Pernambuco*, falecido no mês transato, com o respectivo clichê na primeira página e as três restantes exclusivamente ocupadas por artigos originais, sobre a personalidade do extinto, de Aníbal Fernandes, Samuel Hardman, Eurico Chaves, Moreno Brandão, Manuel Caetano de Albuquerque Melo, Ângelo Jordão, filho, monsenhor Cunha Pedrosa, José dos Anjos, Gilberto Freyre, João A. de Lira Andrade, major Teófilo de Barros e Hugo de Andrade.

A 7 de novembro de 1925 foi a edição dedicada ao centenário do *Diario de Pernambuco*, acompanhando-se do Suplemento *Timbaúba-Chic*, cuja página de frente ostentou artística alegoria em verde-amarelo, com soneto alusivo, ao centro, de Jáder Andrade. Outra, de 12 de setembro de 1926, homenageou o Governador Sérgio Loreto, que visitava Timbaúba. Teve retrato, em tinta de cor, ao centro da primeira página, vendo-se, na quarta, o de Estácio Coimbra, Governador eleito.

Além de publicar-se semanalmente, *A Serra*, que foi, na opinião de Assis Chateaubriand, "o mais interessante, o mais caracteristicamente local dos jornais de interior em todo o Brasil", passou, no referido ano, a sair com seis páginas, a fim de conter o crescente volume de matéria, não só redacional, mas também dos atos oficiais da Prefeitura e demais publicidade paga.

Voltou Sílvio, em 1927, a mandar a crônica "Do Recife", logo mais substituído por *Antonio*. No ano seguinte, reapareceu X. assinando comentários ligeiros, e *Braz Cubas* passou o ano inteiro redigindo a "Bissemanal". Chegou, no outro ano, a vez do comentarista eclético *Zildo*, que só largou a pena, às vezes irreverente, quando o jornal deixou de

existir⁴⁸.

Tendo sido nomeado Secretário da Agricultura de Pernambuco, Jáder de Andrade foi residir, desde janeiro de 1929, no Recife. Permaneceu na direção, transmitindo a chefia da redação a Leônidas de Oliveira.

Comemorando o 16º aniversário de existência, escreveu a redação, entre outras considerações:

A tudo o que aqui se tem feito nesse espaço de 16 anos, todas as iniciativas, todos os grandes empreendimentos, tudo, enfim, A Serra emprestou a sua colaboração e o seu modesto e desinteressado prestígio de órgão de imprensa. À força de perseverança e a golpes de talento, Jáder de Andrade, que tem hoje na política de Pernambuco um lugar de relevo, pelos seus notáveis merecimentos de trabalho e de inteligência, soube a dar A Serra essa feição simpática e atraente que veio se apurando até hoje, como o espelho vivo dos seus nobres sentimentos de moderação, de tolerância, de visão perfeita dos homens, dos fatos e das coisas.

A ausência do diretor não alterou o padrão superior do jornal, sempre bastante noticioso e variado. Voltou por último a aparecer *Seve-Leite* com suas produções, em prosa ou verso, enquanto E. elaborava os "Reparos"; *Guatemoc* fornecia a crônica "Pelo cinema" e Hugo de Andrade apresentava artigos apreciáveis; mais *Zildo* (pseudônimo de Júlio Vasconcelos) e outros, inclusive o poeta Israel Fonseca.

Assim entrou 1930, quando a publicação, a partir de janeiro, por motivos óbvios, se fez, novamente, hebdomadário, sem reduzir a quantidade habitual de páginas, mantendo sua normalidade pelos meses afora.

Foi o ano do fim. Viera a campanha política da Aliança Liberal, pregadora da revolução. Efetuada esta, *A Serra*, que era órgão de legalidade, não teve meios de continuar sua jornada. E parou, uma vez publicado o nº 1411, de 4 de outubro de 1930⁴⁹.

Alguns meses decorridos, foi possível divulgar uma edição extraordinária, de seis páginas, datada de 25 de abril de 1931, assim apresentada, no quadro à esquerda do título:

Suspensa, desde 4 de outubro de 1930, reaparece hoje esta folha — ainda, por ora, em número único e especial — para o fim de inserir uma necessária defesa aos antigos e dignos administradores do município de Timbaúba. Distribuição gratuita e a quem solicitar.

⁴⁸ Depois da revolução vitoriosa, noticiou o *Timbaúba-Jornal*, edição de 24 de dezembro de 1930, que o médico Angelo Rodrigues da Cruz Ribeiro, por intermédio do advogado-estudante Júlio Gomes de Moraes Vasconcelos, apresentara, no dia 13, perante o Juízo de Direito de Timbaúba, queixa-crime contra Queiroz & Andrade, proprietários d'*A Serra*, a propósito do artigo "O caso da semana", inserido na edição de 3 de maio do mesmo ano, sob o pseudônimo de *Zildo*. repleto de "alusões injuriosas" à pessoa do queixoso. Não teve andamento.

⁴⁹ À coleção manuseada falta, unicamente, a edição final.

Toda a matéria, composta em duas colunas, tipo corpo 10, com a assinatura Jáder de Andrade⁵⁰, sob o título "Administração Municipal de Timbaúba", constou da "Exposição" que se julgava "oportuno fazer, em contradita ao relatório de uma Comissão de Sindicância", esta nomeada pelo Interventor Federal no Estado, com o objetivo de apurar "irregularidades" na escrita da Tesouraria da Prefeitura sob a administração decaída (Biblioteca Pública do Estado).

O GRÊMIO - *Órgão Literário e Noticioso do Grêmio Literário Joaquim Nabuco* - Surgiu no dia 17 de abril de 1913, em formato 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Redator-chefe - Soriano Neto; secretário - professor Joaquim Olavo Bezerra de Meneses; gerentes - Josino de Araújo e José Tavares da Silva, funcionando a redação na rua Barão de Lucena, 9. Publicação mensal, assinava-se a 3\$000 pelo trimestre. Constavam do cabeçalho os versos a seguir, do "Fausto", de Goethe:

Tal é a conclusão aceite atualmente:

Só deve merecer a liberdade e a vida

Quem para as conservar luta constantemente.

"O ideal do Grêmio é a Literatura — lia-se no artigo "Lutando", em mais de uma página batida — Ele apareceu com o fim de semear nas cabeças juvenis e esperançosas de seus sócios a Literatura - a mais radiante e bela de todas as manifestações do pensar humano. E esse o seu ideal".

Escreveram na edição: Armando Goulart Wucherer (poesia), O. M. e Soriano; mais noticiário, variedades e uma página, a quarta, de anúncios. Obedecendo ao ritmo inicial, apareceu o nº 2 a 13 de maio (Coleção Abdias Moura e Biblioteca Pública do Estado)⁵¹.

⁵⁰ Jáder de Andrade, nome dos mais credenciados, como jornalista e homem de letras, poeta de ressonância nacional, morreu de traumatismo. Fazendo-lhe o necrológio, escreveu Edmundo Jordão, no periódico *O Monitor*, de Garanhuns, edição de 11 de outubro de 1931: "Talvez na cidade serrana que ele fez ressurgir ao sopro renovado de seu entusiasmo juvenil, *A Serra* não servisse de pão espiritual a mais de duzentos indivíduos. Via de regra, os jornais que se arrastam nas cidades do interior se estiolam à míngua de leitores. Nesses meios a maioria da população prefere o *Jornal Falado*, em que colaboram anonimamente todos os frequentadores dos cafés, das boticas, dos cartórios, das esquinas e até das reuniões familiares. É mais rápido e variado... Jáder de Andrade, porém, não desanimava perante essa indiferença. Fez de *A Serra* um periódico bissemanal, com uma tiragem de mil exemplares, que ele fazia distribuir, gratuitamente, por todo o Brasil, levando o bom nome intelectual de Timbaúba. Não visava, com esse gesto, compensações materiais. De unia feita me afirmou que *A Serra* tivera, no período de um ano, um déficit de quase doze contos de réis, que ele cobrira com dinheiro tirado à sua economia individual".

⁵¹ A Biblioteca Pública do Estado possui comprovante, apenas, do primeiro número.

Embora faltem outros comprovantes, ainda se publicaram três outras edições, a última das quais, de nº 5, registrada por *A Serra* de 30 de agosto.

A PUA - *Humorístico e Noticioso* - Apareceu no dia 9 de julho de 1913, em formato de 36 x 25, com quatro páginas de três colunas, impresso nas oficinas d' *A Serra*. Redator e editor-responsável - Artur Marcos Pereira de Andrade, funcionando a redação na rua Coronel Antonio Vicente, 5. Preço do exemplar - 0\$200, mas o número atrasado custaria 0\$500. Publicação indeterminada.

Apresentação, sob o título "A palavra, pela ordem...", foi feita em bons versos, quase ocupando toda a primeira página, em composição de 16 cíceros, a destacar a seguinte estrofe:

A nossa plataforma tão distinta,
Todo o programa inteiro,
Morre afogado em tinta
E não há jeito a tirá-lo do tinteiro
O melhor
Mais perito, mais prático, mais certo,
É fazermo-lo de cor
Nas promessas bocais, que findam perto.
Nada de preto sobre o branco
Na forma de jurídico contrato.
Esta é a verdade, para falar-lhes franco,
Este é que é o fato.

Escreveram na edição de estréia: Domingos Barbosa, A "Prosa Seleta", e H. Linha, a seção "Puando", além de notas redacionais, como o "Cinema d'A Pua" e outras, tudo dosado da melhor verve.

A publicação seguiu sua meta, mas só chegou até o nº 4, que circulou no dia 3 de setembro (Biblioteca Pública do Estado).

Ao que revelou, depois, Jáder de Andrade (*A Imprensa em Timbaúba*), ele e Tomaz Soriano Filho foram colaboradores da indiscreta *Pua*, usando vários pseudônimos.

O INNOCENTE - *Órgão Noticioso e Humorístico* - Publicou-se a

edição de estréia no dia 20 de setembro de 1914. "Era confeccionado por alguns empregados da estação da Great Western (atual Rede Ferroviária do Nordeste), trazendo sobre alguns deles graciosas charges" (*A Imprensa em Timbaúba*).

O nº 2 tinha sido anunciado para circular no mês seguinte, impresso tipograficamente. Faltou a confirmação.

O CORREIO DE TIMBAÚBA - *Órgão Literário, Noticioso e Independente* - O nº 1 circulou a 21 de outubro de 1914, em formato 35 x 24, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia d'A Serra. Redator-chefe - Olavo Meneses; secretário - José Armando Pernambucano; redatores - Aduauto Moura, Dioclesiano Brandão, Leocádio B. Cavalcanti, Edgar Bezerra e João Carmo Filho; noticiaristas - Elísio de Andrade e Aristóteles Moura; redator-gerente - José T. da Silva, com redação à rua Direita, 64. Assinaturas: semestral - 2\$000; trimestral - 1\$200, mediante pagamento adiantado.

Segundo o editorial de abertura, não tinha "a vaidade ridícula das exhibições aparatosas nem o egoísmo cego de fazer figura"; sim "o desejo empolgante de aperfeiçoamento intelectual e a ânsia sublime de conquista nesta cruzada santa do saber". Nem "discussões políticas", nem "princípios filosóficos", adiantando: "O que desejamos, o que aspiramos, o que pedimos, o que imploramos é a Luz! Luz! Muita Luz que ilumine os cérebros obscurecidos pela ignorância..."

Nada obstante apresentar tamanha equipe redacional, coube ao redator-chefe assinar três matérias diferentes, inclusive poesia, desaparecendo os demais no anonimato do noticiário e nos pseudônimos da "Seção Charadística". A edição iniciou concurso de elegância. Uma página e pouco de anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Não restam outros comprovantes do *Correio de Timbaúba*. Entretanto, a publicação prosseguiu e, conforme registrou Jáder de Andrade, no estudo *A Imprensa de Timbaúba*, circularam 19 números até 27 de janeiro de 1916, tendo contado, na sua vivência, com a colaboração de Austro-Costa, Ernesto Melo, João Dias, Antonio Cardoso Veras, Antonio de Moraes, Alfeu Rabelo, Dario Souto, Brito Lira, Paulino de Albuquerque, Soriano Neto, João Mendes, Augusto Rezende, Tertuliano Lima, Hugo de Andrade, J. Bezerra, Josino de Araújo Pereira e outros.

Foi, além disso, mais adiante. Assim é que *A Serra*, noticiando haver entrado em circulação o número de 5 de abril de 1916, declarou serem novos redatores do *Correio* o médico Ernesto de Albuquerque e o dentista Antonio Cardoso Veras.

Sem mais nenhum informe a respeito, é bem provável que os dois últimos responsáveis pela redação do jornal não tenham conseguido

mantê-lo de pé.

O IMPARCIAL - *Peródico Independente e Noticioso* - Entrou em circulação a 16 de maio de 1915, com quatro páginas, tamanho regular, sendo impresso nas oficinas gráficas d' *A Serra*. Redator-chefe - Louis Deusdedit⁵² ; diretor-gerente -Abdias Cabral de Moura. Tópico do editorial de apresentação: "O nosso programa é o programa da nossa terra, sob os auspícios do sagrado lema: Trabalhar por Deus e pela Pátria". Continuando, teve sua confecção material transferida, nos nºs 3 e 4, pra a Tipografia Comercial, em Guarabira, Estado da Paraíba (*A Imprensa em Timbaúba*).

Foi possível manusear-lhe o nº 3, datado de 6 de junho. Apresentou-se em formato 29 x 22, com quatro páginas de três colunas, para continuar circulando quinzenalmente. Mudara de feição, segundo a nota de abertura; diminuiu o tamanho, mas não alterou a matéria redacional, para isto suprimindo a parte de anúncios. Afora o redator-chefe e diretor-gerente mencionados, tinha mais dois redatores: Oscar Mousinho, secretário, e José Campos Sobrinho, e os seguintes repórteres: Raimundo Moura Filho, Otávio Mousinho, Abílio Faustino da Silva, Antonio da Silva Azevedo e Álvaro Cabral de Moura. A redação funcionava na rua da Constituição, 108. Assinatura trimestral - 1\$200. Preço do exemplar - 100 réis.

A edição inseriu comentários; noticiário; curiosidades; as seções "Traços", de *Marron de Leão* e "Pingos", de A. B. C., e crônicas assinadas por *Miriam* e *Milton* (Biblioteca Pública do Estado).

"Depois de alguns dias de interrupção (noticiou *A Serra*, de 24 de julho), para a devida montagem de sua própria tipografia, que ora funciona no prédio à rua Coronel Antonio Vicente, 34", reapareceu *O Imparcial*, com o nº 5, no dia 20, continuando "a encenar magnífica colaboração e gracioso aspecto"; exibiu, na primeira página, retrato do candidato à sucessão governamental Manuel Borba. Mantida a direção de Abdias, o corpo redacional ficou reduzido a dois nomes: redator-chefe - padre João Uchoa; secretário - Júlio Ferreira da Silva.

Prosseguindo, ao publicar-se (ainda informes d'*A Serra*) o nº 9, a 7 de setembro, tinha assumido a direção José Pedrosa de Andrade, ao passo que se despedia o padre Uchoa.

Findou-se-lhe a existência ao circular o nº 13, a 15 de novembro do mesmo ano.

⁵² Escreveu *Marron de Leão*, nos seus "Traços" d'*O Imparcial*, edição de 6 de junho de 1915, que Louis Deusdedit, com Abdias Cabral de Moura e Noêmio da Rocha Ferraz, redigiu *O Automóvel*, no Colégio Diocesano. Tempos depois, com os mesmos, publicou o *Repórter Colegial*. Não mencionou datas.

A VERRUMA - Jornalzinho humorístico e satírico, deu à luz o primeiro número no dia 22 de agosto de 1915, em formato 26 x 18, com quatro páginas. Impresso na tipografia d'A Serra, tinha como redator-chefe o editor responsável Artur Marcos de Andrade Lima, que abandonou essas funções ao publicar-se o nº 2, datado de 29 do mesmo mês.

"Parece que, pelo seu programa chargista, o jornal provocou sérios desgostos entre algumas pessoas da localidade, dando por finda a sua missão nos dois números referidos" (*A Imprensa em Timbaúba*).

A MÃO RUBRA - Publicou-se o primeiro número "desse interessante jornalzinho carnavalesco" no dia 18 de fevereiro de 1917 - segundo informou *A Serra* - sendo distribuído "por ocasião do almoço da Mão Rubra, nos Recreios Benjamin". Divulgou "farta e espirituosa colaboração em prosa e verso".

O CHIC - *Jornal Ilustrado de Artes, Elegâncias. Literatura e Indiscreções* - Entrou em circulação a 5 de março de 1918, no formato 21 x 15 ½, com 36 páginas, inclusive a capa, esta em papel acetinado de cor, com o cabeçalho e um soneto original. Trabalho gráfico das oficinas d'A Serra, instalara redação à rua Vigário Augusto, 27. Não indicou o corpo redacional. Gerente - Oscar Mousinho. Tabela de assinaturas: 24 números - 4\$000; 12 - 2\$000. Número avulso - 0\$300.

Entregando o periódico às mãos das "gentis conterrâneas", acentuou a nota de abertura: "... é bem para elas que nos esforçamos por fazer publicar, pela primeira vez entre nós, um magazine exclusivamente dedicado às boas letras e ao movimento da sociedade de nossa *urbs*". Mais ainda: "As páginas d'O Chic tudo terão se conquistarem os olhares compassivos das dignas leitoras, sem distinção de nenhuma espécie".

Revista bem feita (não jornal), circulava em dias indeterminados, entre mensal e bimestral, começando no nº 4 a apresentar capa em papel cuchê, com "Aspectos da Cidade". Manteve padrão *standard*, inserindo seções invariáveis enquanto existiu, tais como: "A Crônica", por *Antonio Custódio* (pseudônimo de Jáder de Andrade), abrindo o texto; "Página dos Sonetos"(dois); "Está na Berlinda...", por *Argos* "Posta Restante", a cargo de *Karteiro* "Registro Social"; "Boatos, Constas & Cochichos", com a assinatura de *H. Pitu* "Galeria Infantil"; "Perfis Patrícios", por *Magdalena* (outro pseudônimo de Jáder); "Cartões Postais"; "Concursos e Torneios" e a "Galeria Impagável - Descrições e Indiscreções", a partir do Soneto LXXI, seção vinda de outra revista, *O Mez*, sem assinatura, mas identificada a autoria de Jáder de Andrade.

A colaboração esparsa, em prosa ou verso, variou entre Araújo Filho, Sev. Leite (juiz Severino Alves Leite), Coriolano de Medeiros, Adiléa Alencar, Lauro Montenegro, *Creusa* (pseudônimo da profª Ana Eufrásia

Cabral de Moura), Esdras Farias, Simplício Ferreira, Zeferino Brasil, Enéas Alves, Pereira da Silva, Augusto Azevedo, *Menelau*, José Inácio de Andrade Lima, Sabiniano Maia, Alcedo Marrocos (dois sonetos, produzidos quando o grande jornalista se encontrava cego), etc. Inseria noticiário geral dos fatos e acontecimentos da cidade, serviço de clicherie e alguns anúncios.

Ao atingir o nº 7, de 24 de dezembro do primeiro ano, o magazine noticiou completa reforma na administração, passando a ser propriedade exclusiva da firma J. Andrade & Cia., estabelecida no Pátio da Matriz, 27. Não modificou, todavia, o setor intelectual, vindo, depois, a ser mencionados como redatores o colaborador Abdias Cabral de Moura e Ulpiano Bezerra Ventura. A direção, no entanto, era e continuou exercida por Jáder de Andrade.

O nº 17, de 15 de novembro de 1919, exibiu, na capa circulada de vinhetas verde-amarela, fotogravura do jornalista Jáder de Andrade, que assumia, na data mencionada, o exercício de Prefeito do município.

A existência d'*O Chic* terminou com o nº 20, ano III, de 20 de abril de 1920, tendo a "Galeria Impagável" atingindo o nº XC (Biblioteca Pública do Estado)⁵³.

ALMANACH TIMBAUBENSE PARA O ANO DE 1919 - Ano I, nº 1, circulou no mês de janeiro, em formato 20 x 14, com 80 páginas, mais a capa em cartolina, impresso nas oficinas gráficas d'*A Serra*. Diretor e editor - Abdias Cabral de Moura.

Apesar das dificuldades que se lhe depararam, ao empreender a obra, quis o autor - conforme a nota de abertura - levar "ao conhecimento dos leitores de longínquas paragens, os homens, o progresso material e as belezas naturais" de sua terra, "torrão pernambucano fadado para ser o berço de homens que engrandecerão a pátria".

Seguiram-se duas páginas, inclusive clichê, de homenagem ao jornalista e industrial Jáder de Andrade, também aparecido com o soneto "Ano Novo" e algumas quadras, sob o pseudônimo de *Job_Sá*. _Foram outros colaboradores: Ana Eufrásia Cabral de Moura, *A. Eufrásia*, *A. E.* e *Creusa*, que eram uma só pessoa, assinando dez diferentes produções em prosa e verso; *Seve-Leite*, Luiz Gomes, Franklin Seve, Marilita de A. Lima, João B. de Melo, etc. Como matéria informativa, divulgou reminiscências municipais; galeria dos timbaubenses diplomados; relação do comércio, ruas, praças, avenidas e engenhos existentes; notas históricas dos distritos; curiosidades. Alguma publicidade comercial.

⁵³ A coleção em apreço acha-se desfalcada do nº 1, só encontrado na Biblioteca Estadual de Sergipe, cuja coleção, aliás, só se estende até o nº 14.

Ficou no primeiro número (Coleção Abdias Moura Filho).

CRUANGY-JORNAL - Número único, saiu a lume no dia 2 de fevereiro de 1919, dedicado aos festejos de São Sebastião. Diretor - Abdias Cabral de Moura. Apresentava aspecto interessante, gracioso e muito bem impresso". Além do noticiário em torno das solenidades religiosas do dia, inseriu matéria variada, incluindo informações relativas à localidade, seção humorística, perfis, quadras populares, etc. (Informações d'A Serra).

A LANTERNA - Jornalzinho literário, destinado a publicar-se mensalmente, teve o seu primeiro número aparecido em março de 1920. Direção da professora Maria Isabel de Araújo Lima (Marilita), funcionando a redação na Usina Genipapo, distrito de Cruangi.

A informação foi veiculada pelo periódico *A Serra* que, noutra edição, de 26 de maio, noticiou achar-se em circulação mais um número da referida folha, sem mais pormenores.

TIMBAÚBA CHIC- *Suplemento Ilustrado de Arte, Elegâncias, Literatura e Indiscreções* - Surgiu no dia 3 de julho de 1920, como "publicação indeterminada", para distribuição gratuita entre os assinantes do semanário *A Serra*, obedecendo ao mesmo formato, com quatro páginas impressas a cores, em magnífica apresentação gráfica.

Constou do editorial de abertura: "*Timbaúba Chic* destina-se a registrar o movimento literário, artístico e elegante de nosso meio, oferecendo para tanto uma leitura variada e a reprodução em clichês dos nossos aspectos - homens e coisas - mais notáveis".

Seguiu-se a publicação, colaborada por nomes de projeção nos círculos literários de Pernambuco, servida das seguintes seções fixas: "A crônica", abrindo cada edição, firmada por *Antonio Custódio* (pseudônimo de Jáder de Andrade); "Na berlinda", de *Argos* "Boatos, constas e cochichos", a cargo de *H. Pitu*, e a famosa "Galeria impagável - Descrições e Indiscreções", de Jáder, mas sempre sem assinatura, a qual, procedente da revista *O Chic*, onde atingiu o soneto XC, passou a sair esporadicamente no *Timbaúba-Chic*, um de cada vez, para terminar com o XCVI, na edição de 4 de janeiro de 1922.

Ocorriam edições de Carnaval, ilustradas com alegorias originais, sobretudo de Vilares, e repletas de matéria satírico-humorística, inclusive os "Epitáfios carnavalescos", de *Job Sá* (outro pseudônimo do admirável poeta Jáder de Andrade).

A partir de 30 de agosto de 1924, o *Timbaúba-Chic* divulgou o "Diário da Revolução", de *Rosenfeld*, que dizia ser um dos seus redatores presente em São Paulo durante o movimento rebelde ali irrompido.

Circulou, em edição especial, a 7 de novembro de 1925, em homenagem ao centenário do *Diario de Pernambuco*, sendo a primeira página ocupada por expressiva alegoria, a cores, ao centro da qual se via um soneto de Jáder, alusivo ao evento.

Eram, em geral, atraentes as edições do Suplemento d'A *Serra*, que divulgava produções, em prosa e verso, de *Antonio de Jesus*, Baltazar de Oliveira, José Mindelo, Ferreira de Melo, M. Martins, José de Barros Lima, Maria do Céu, Anselmo Ribas, Naasson de Figueiredo, Rui Caldas, Monteiro de Melo, *Seve-Leite*, Lauro Borba, Jarbas Peixoto, Elias Guedes, Chagas Ribeiro, Silva Lobato, Ferreira dos Santos, Edésio Guerra, J. H. de Sá Leitão, Augusto de Oliveira Góis, *Lúcio de Oliva*, ou seja, Luciano de Oliveira; Renato de Alencar, etc.

Transcorreu, indubitavelmente brilhante, a existência do *Timbaúba-Chic*, as páginas externas sempre impressas a tintas de cor, amplamente ilustrado de fotografias da vida social, cultural e econômica da cidade, além de focalizar constantemente flagrantes do Recife; ampla matéria noticiosa e transcrições de curiosidades nacionais e internacionais, só estampando publicidade comercial das firmas ligadas aos proprietários do órgão-matriz *A Serra*.

Prolongou-se a publicação até o nº 94, ano X, de 30 de março de 1929 (Biblioteca Pública do Estado).

O ANJO DO LAR - *Órgão da freguesia de Timbaúba* - Destinado a publicar-se mensalmente, a edição de estréia apareceu em 25 de julho de 1920, em pequeno formato. Matéria constituída de artigos de caráter religioso e do registro de todo o movimento católico do município.

Tendo fornecido base para a notícia acima, continuou a fazê-lo *A Serra* até o nº 8, ano II, do jornalzinho, que foi lançado no dia 30 de abril de 1921. Teria sido o último.

A NOTA - *Jornal de Elegâncias, Literatura e Graça - A Serra*, em sua edição de 26 de fevereiro de 1921, informou que, "às primeiras horas" do dia seguinte, seria distribuído o novo e "interessante jornal", que surgia "graças aos esforços de um grupo de moços amantes das letras". Servido de variado sumário, prometia fazer sucesso. Além da matéria redacional e de artigos de colaboração, apresentava boa clicherie.

O *Diario de Pernambuco*, de 2 de março, acusou o recebimento do nº 1 d'A *Nota*, acrescentando que eram seus redatores Abdias Cabral de Moura e Simplício Ferreira.

Deve ter ficado na estréia.

CORREIO DE MOCÓS⁵⁴ - *Quinzenário Literário, Ilustrado e Noticioso* - Surgiu no dia 27 de setembro de 1925, em formato regular, com quatro páginas. Direção de Baltazar de Oliveira; redator-secretário - João Batista de Melo; gerente - José Gomes de Freitas. Lisonjeiro trabalho da Tipografia A Serra.

Publicou-se com regularidade, inserindo matéria bastante variada, redacional de colaboração. Figuravam alguns anúncios.

Atingiu o nº 9, dado à luz no dia 31 de janeiro de 1926 (Biblioteca Pública do Estado)⁵⁵.

CORREIO DA SEMANA - Com este título, ao que informou *A Serra*, a 28 de outubro de 1925, apareceu "mais um órgão de publicidade" no município, sob a direção e propriedade de Manuel Cunha. Era "regularmente bem impresso", destacando-se, dos seus artigos, o intitulado "O nosso rumo... uma boa dentadura...".

TIMBAÚBA-JORNAL - *Órgão das Classes Conservadoras do Município* - Entrou em circulação a 18 de dezembro de 1926, obedecendo ao formato 52 x 37, com quatro páginas de sete colunas. Propriedade "de uma "Sociedade Anônima". Diretor - Dr. João Ferreira Lima; redator-chefe -Baltazar de Oliveira, com redação e oficinas à rua Coronel Antonio Vicente, 11. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 7\$000.

Lia-se no extenso artigo de apresentação, intitulado "De como é nossa divisa":

O jornal independente é uma necessidade inadiável em qualquer lugar, principalmente naqueles em que a operosidade dos dirigentes seja uma realidade. Agora, o que não é leal é vermos uma localidade, por melhor administrada que pareça, impingir-se como um seio de Abrahão, tendo, como outra qualquer, os seus desassossegos, faltas que imploram corrigendas. Louvaremos aquilo que se puser à altura de um louvor, e a nossa censura se fará sentir em tudo o que estiver a merecê-la.

Esclareceu, mais adiante:

Sentimo-nos bem apoiando o governo que ora se inicia, porque rendemos assim um sincero preito de homenagem a um cidadão digno, por todos os títulos, da admiração dos pernambucanos, já como a mais justificada reparação aos memoráveis desmandos de 1911, já pelo conseqüente ostracismo mantido com dignidade e prestígio nunca desmentido no próprio seio das rivalidades.

Seria uma de suas preocupações o "problema agropecuário, fonte

⁵⁴ "Mocós era o núcleo de população de que resultou Timbaúba", segundo Mário Melo, no artigo "O Quinquagenário da independência de Timbaúba", publicado no *Diario de Pernambuco*, edição de 21 de fevereiro de 1932.

⁵⁵ Só encontrados números esparsos.

primordial de nossas rendas, quiçá da vida econômica do país”.

Ainda um pouco — concluiu o editorialista — embora a sua conformação conhestra de jornal do interior, não iludirá com o malabarismo da praxe, com frouxas atitudes untuosamente enganadoras, porque, amando a verdade com a devoção de Epaminondas, continuará a cultuá-la sempre em oferenda aos Fados protetores, pelos surtos vitoriosos, pela moralidade, pelo bem geral de Timbaúba.

As três primeiras colunas da página da frente da edição de estréia foram dedicadas ao noticiário da inauguração da bem montada tipografia. Ao lado, clichê do governador Estácio Coimbra, com artigo encomiástico. Abriu a terceira página outra produção em torno do aparecimento da folha, assinada por José Inácio de Araújo, sob o título: “A Imprensa”. Mais sueltos, crônica de Zulmira Maciel dos Santos; sonetos de Landolfo Medeiros e Baltazar de Oliveira; notícias e anúncios.

Logo no segundo, o *Timbaúba-Jornal* abriu campanha contra o situacionismo local, focalizando “aspectos do feudalismo”, a começar pelo que chamou a oligarquia de um Senhor, ou seja, o Senador Jáder de Andrade, travando, daí por diante, acerbo debate com *A Serra*, o periódico oficioso.

Alternando política com literatura, publicando-se regularmente, o periódico contou com a colaboração, pelo tempo afora, em prosa ou verso, de Odilon de Araújo, Mauro Mota, Murilo Buarque, *Fraco Leal*, Salatiel Costa, Agripino da Silva, Gilka Machado, Bastos Portela, M. A., da “Correspondência...” de Cametá; Dr. Melo e Silva, assinando “Questões de profilaxia”; Jaime de Santiago, Abdias Cabral de Moura, autor de “A minha salada”, procedente do Recife, depois substituída pela “Crônica da Semana”, às vezes assinando-se *Saidba* professora Luiza Cavalcanti e Z. L. D., em “pendant” com a matéria de rotina, que incluía as seções redacionais “Queixas e Comentários”, “De tudo” e “Vida Social”, sucedendo-se, igualmente, sonetos do redator Baltazar de Oliveira, além da parte de anúncios.

A polêmica política foi uma constante do semanário, até que, com o artigo da edição de 2 de julho de 1927, intitulado “O que queremos”, veio a interrompê-la, não por “capitulação desonrosa”, mas atendendo a “um gesto de atenção” ao Governador do Estado e, ainda, “pelo amor, pelo progresso, pela harmonia, pelo bem geral de Timbaúba livre das peias do mandonismo”, assim contribuindo “para um honroso entendimento político”.

Pouco menos de dois meses após, reabria-se, no entanto, a frente de ataques, através das “Cartas daqui”, de Max, nas quais Jáder de Andrade era chamado *Jadereco*, e *A Serra* era “O Sarro”. Sucederam-se os editoriais combativos, e Baltazar, em artigos assinados, defendia-se de acusações pessoais.

A 17 de março de 1928, ocorreu o artigo "Porque aderimos ao Dr. Manoel Borba", com o respectivo clichê, atitude justificada pelas descon siderações de que a direção do *Timbaúba-Jornal* fora alvo por parte do Governador Estácio Coimbra.

Não teve mais trégua a catilinária contra a administração do município, seus líderes e *A Serra*. Meses depois, a edição de 18 de agosto era dedicada ao falecimento de Manuel Borba.

No ano seguinte, ocorreu a campanha para eleger prefeito do município o opositor Belarmino de Souza Rodrigues, na qual o periódico se empenhou ardorosamente, seguida da propaganda dos candidatos da Aliança Liberal à Presidência e Vice-Presidência da República.

Enquanto isto, apareciam produções literárias de Esdras Farias, Garcia Passos, Álvaro Lins, Cassiano de Souza, Dimas de Castro, Gomes Maranhão (começou com o artigo de 16/03/1929, intitulado "Alto lá!", repelindo insinuações descorteses da *Gazeta de Nazareth*), Edgar Gomes de Melo, Amaro Medeiros (atacando Álvaro Lins), Pereira de Assunção, Florisberto Amaral, etc.

A 3 de maio de 1930 entrava Guedes Alcoforado Filho como redator, em substituição a Baltazar de Oliveira, que se transferira para o Recife. Escreveu a redação: "Alterada, embora no seu corpo redacional, todavia esta folha continua a manter o programa traçado em sua estréia". Tinha em vista, "tão somente, o aperfeiçoamento de uma política nova, do governo para o povo, dentro de um programa sadio". Levaria avante esse propósito, "de par como Partido Republicano de Timbaúba".

Logo mais, a 14 de junho, ausentava-se Ferreira Lima do cabeçalho, passando Guedes Filho a figurar como diretor-substituto. Como sucedera ao diretor efetivo, que por um triz não fora assassinado, um ano antes, não deixaria o interino de pagar o tributo da ousadia de escrever contra a situação dominante. Assim é que, a 18 de setembro, numa viagem a São Vicente Férrer, elementos policiais o agrediram e prenderam na estrada; mas durou pouco a prisão. No mês seguinte, assumia Antonio Galvão Cavalcanti a função de redator-secretário.

À época escreveu o professor Guedes Alcoforado a série de artigos "Finalidade das leis". Surgiram os "Retalhos", com a assinatura de *Liberado* a seção "Alegres", de anedotas, e "O conto da semana", em rodapé, substituído, a 28 de junho, pela longa narrativa "A marcha da Coluna Prestes", do capitão Moreira Lima.

Ao passo que diminuía o formato, em 2 de agosto de 1930, para 48 x 32, o semanário, já transferidas as suas instalações para o nº 105 da

mesma rua, proporcionou boa cobertura, através de necrológio e noticiário, com tarja e clichê, do assassinio do presidente paraibano João Pessoa, fazendo-o em várias edições.

Coroadada de êxito a campanha da Aliança Liberal, com o vitorioso movimento revolucionário de outubro, o *Timbaúba Jornal* tornou-se, a partir de 14 de novembro, órgão "das Classes Liberais do Município", acrescentando, no quadro do Expediente: "Semanário Independente".

Entrou, assim, em nova fase, esclarecendo: "Não há solução de continuidade no seu programa. Apenas uma remodelação que lhe permitirá um maior raio de ação".

Voltou Baltazar de Oliveira a chefiar a redação, ausentando-se, porém, no mês seguinte, por ter sido nomeado prefeito de São Vicente Férrer. Assumiu a direção e a gerência, ao mesmo tempo, Abdias Cabral de Moura, ficando Guedes Filho (só até dezembro) e Galvão Cavalcanti como redatores. Quanto ao antigo diretor, Ferreira Lima, dizia uma nota a respeito: "... continua a ser o nosso patrono, o nosso distinto comandante, o nosso grande chefe". E foi entregue a administração das oficinas a Pedro Ivo da Silva.

Ao atingir 1931, o periódico transformou-se em porta-voz do governo revolucionário, divulgando matéria oficial da Prefeitura e apontando os erros da situação decaída, as violências policiais que a tinham caracterizado e a "malvadez da *troupe* Jáder & Cia." Falava, então, do ambiente de plena liberdade em que viviam os timbaubenses, sob a administração de Belarmino de Souza Rodrigues. Ocorria, de vez em quando, um Suplemento de duas páginas.

Carlos Fernando (travesti de Isnard de Moura) vinha assinando a seção "Silhetas femininas de Timbaúba", logo abaixo da "Vida Social". Foram outros colaboradores, enquanto se normalizava a posição política do jornal: Isnard Cabral de Moura, a poetisa, também usando o anagrama *Dransv_Armou*; Carlos Afonso, Israel Fonseca; sempre Baltazar de Oliveira, R. Perrucci, com a "Correspondência do Recife"; Ernesto de Albuquerque, *Falira* (pseudônimo de Josefa Pereira de Lira); *Zé Terra*, que escrevia "Como se conta a história" (episódios da administração decaída); Mauro Mota, ora prosa ora poesia; Gomes de Moura, *João Serrano*, *Creusa* (pseudônimo da professora Ana Eufrásia Cabral de Moura), etc.

O carnaval de 1931 mereceu boa cobertura do *Timbaúba Jornal*, inclusive uma edição extraordinária, na "terça-feira gorda", 17 de fevereiro, de quatro páginas, a primeira das quais ostentando alegoria em duas cores, e toda a demais matéria constituída de noticiário, troças e ilustrações.

Voltou Dr. Ferreira Lima à direção a 4 de abril, ficando Abdias Cabral

de Moura na gerência, ao mesmo tempo que redator o homem eclético, que fazia o comentário político, a crônica de atualidades⁵⁶, memórias e notas literárias. Depois, no mês de agosto, retirava-se o redator-secretário Antonio Galvão Cavalcanti, colocados no seu lugar "redatores - diversos". Sob o título passou a figurar: "Semanário Independente e Noticioso". As edições acompanhavam-se do *Suplemento Semanal Ilustrado*, do Rio de Janeiro.

Não era lisonjeira a situação das finanças do jornal, cuja gerência, de quando em quando, dirigia apelos aos assinantes relapsos, vindo a advertir, desde a edição de 6 de junho:

Este periódico não é subvencionado, nem recebe favores, vive de suas assinaturas, publicações e anúncios, O papel, a tinta e o operariado são pagos com a renda eventual. E, faltando o auxílio dos amigos, poderemos fazer milagres? Há alguns amigos que dão-se ao sport de ler o jornal gratuitamente, economizando modestos 200 réis, e pensam suprir a falta com protestos de amizade, elogios, coisa muito agradável, realmente, mas que não resolve o caso financeiro de nenhuma empresa jornalística.

Já não muito devotado à divulgação literária, o semanário, no segundo semestre do ano, contava com poucos e diferentes colaboradores, a salientar *Jocopinho*, com os versos "Na troça"; *Sol de Atenas*, que assinava "Os sete dias da Cidade Maurícia", e Dinamérico A. Crespo, autor de "Espiritismo", numa série de artigos, ao passo que Gomes de Melo fazia preceder a coluna "Sociais" de cinco centímetros de fantasia literária, e *Petrônio* mandava comentários sobre fatos e acontecimentos do Recife. Aqui e acolá, um artigo de Alcibíades Gonçalves, e ocorria a "Coluna Médica", do *Dr. B. Croshmann*.

Terminado o ano com a edição de 19 de dezembro, começou 1932 ao publicar-se mais alterações, ocupadas quase só de anúncios as duas páginas internas. No mês em referência, transferiu-se a oficina gráfica para a rua Barão de Lucena, 67, e em março deixou suas funções o gerente, sendo substituído por Antonio Galvão Calvacanti, ao mesmo tempo feito redator-chefe.

Prosseguiu a publicação, ininterruptamente, anos afora, mantido o programa mencionado no cabeçalho. A 12 de maio de 1934 verificou-se nova substituição do redator-gerente, assumindo Bandeira de Melo a dupla função, enquanto se transferiam as instalações da redação e oficina para a rua Coronel Antonio Vicente, 84. Logo mais, a 23 de junho, afastava-se Ferreira Lima, cujos afazeres de médico não lhe permitiam uma "assistência mais constante à frente do *Timbaúba-Jomal*", sendo

⁵⁶ Em crônica de 24 de outubro de 1931, sob o título "Erros de revisao", veio a escrever Abdias Cabral de Moura: "...dentro deste jornal há um fato curioso: eu sou aqui dentro... redator, revisor, gerente, administrador, repórter e... o *coronel* para pagar a folha do operariado, aos sábados, sem auxílio de quem quer que seja".

substituído por José Campos Sobrinho. No mesmo ano, a 1º de dezembro, desaparecia do cabeçalho o nome de Bandeira de Melo.

Ao atingir 1937, o periódico passou a circular com lacunas na sua semanalidade; assim nos anos seguintes. Em 1939, entrou a adotar páginas de seis colunas mais estreitas, quando mudou a tipografia para a rua Dr. Manuel Borba, 17/29. Era, então, redator-chefe João Feliciano da Silva. Na gerência, Manuel Gomes de Moura. A assinatura anual, para o centro da cidade, foi reduzida para 10\$000. A partir do mês de maio, lia-se sob o cabeçalho: "O seu jornal". E, em agosto, acrescentava: "Órgão informativo e de defesa dos interesses do município". Elevou-se para 300 réis o custo do número avulso e para 15\$000 a anualidade. Ocorriam algumas edições de seis páginas, inclusive a de 28 de outubro (1939), em homenagem ao município de Nazaré da Mata.

Voltou a circular sem lacunas em 1940, ano iniciado com o julgamento do concurso "A melhor crônica sobre Timbaúba", no qual obteve a primeira classificação a de José Cassiano de Souza, intitulada "Timbaúba, recanto feliz..." Surgiram, meses afora, novos colaboradores, a saber: Silvino Lopes (de residência temporária, feito dirigente local do Recenseamento), Alfredo Becker, David Becker, Ivo Leitão de Melo Filho, Joaquim de Melo Rezende, etc. A 6 de julho vagou o cargo de redator-gerente, sendo ocupado, no fim do mês seguinte, por Joel Assunção, até 19 de outubro; e, desde janeiro de 1941, novamente por Manuel G. de Moura, que permaneceu até 9 de 1943.

Desde junho de 1941, reduzira-se o formato para 33 x 24, quatro colunas de composição, saindo com oito páginas e, depois, com seis. Estabeleceu o sistema de assinatura unicamente mensal, a 1\$000 (Cr\$ 1,00), até 3 de julho de 1943, passando, então, a anunciar a anualidade de Cr\$ 12,00, para elevá-la, seis meses após, a Cr\$ 15,00, subindo para Cr\$ 0,40 o preço do número avulso (a nova moeda - o Cruzeiro - entrara em vigor em novembro de 1942).

A 17 de novembro de 1945 foi o diretor substituído por Antonio Galvão Cavalcanti. Nesse ano, criava-se, em agosto, a seção "Na Esplanada", a cargo de *Nhô do Pau*. E o semanário empreendeu campanha a prol da candidatura General Eurico Dutra à presidência da República, prestigiando a política do P. S. D., orientada pelo ex-Interventor Agamenon Magalhães.

Após três meses de ausência, retomou Campos Sobrinho, em 23 de fevereiro de 1946, à direção do "seu jornal". No ano seguinte registravam-se, novamente, lacunas na publicação. Em 1947, nova alteração no custo da assinatura anual: subiu para Cr\$ 20,00. Número avulso - Cr\$ 0,60.

Revezando-se ou substituindo-se, foram outros colaboradores do

Timbaúba-Jornal: Joaquim Freire (poesias); Benjamin Mariz; *Xi Xi*, que assinava a crônica "Reparando"; Dr. Aristides de Paula Gomes; Cassiano de Souza; *Tupi* (de Nazaré da Mata); João Feliciano da Silva; *Sidney* (pseudônimo de José Pereira de Andrade Lima), autor das "Coisas"; J. Malta de Melo; Urbano Andrade; Luiz de Magalhães Melo; João Manuel Vieira de Melo; Elias Guedes; Valfrido Uchoa; Alfredo Backer; Esdras Farias; Alcides Nicéas, o das "Efemérides"; Mário Souto Maior; José Inojosa; F. Simplicio Pessoa; *Zezito*, com o "A propósito"; *Guatemoc* que, em 1943, escrevia "De tudo e de todos"; ainda Ivo Leitão Filho; Andrade Lima; *Jeep*, já em 1946, firmando a "Nota da semana"; *Maxlinder*, proporcionando a crônica "Chumbo Fino"; *D. Caturra*, em 1947/48, com as "Caturrices"; *Max*, autor do "Chumbo grosso"; Dr. Pires Rabelo; Hugo de Andrade, etc.

Campos Sobrinho, diretor e autorizado comentarista, manteve a boa marca do periódico por todo o segundo ciclo do decênio terminado em 1950. Assim prosseguiu no decênio seguinte. Em 1952 transferiam-se as instalações da empresa para a Avenida Rio Branco, 14. O cabeçalho teve novo clichê. Abílio Lins assumiu a gerência e elevou-se para Cr\$ 40,00, o preço da anualidade, custando Cr\$ 1,00 o número avulso. Entre os colaboradores salientavam-se José Pereira de Andrade Lima, P. Simplicio, Sebastião Samuel da Costa e H. A., ou seja, Hugo de Andrade, o mais assíduo.

Veio 1953. Chegou 1954. Ocorriam os "Fatos do Município"; "Pela política"; editoriais; noticiário, inclusive desportivo, este a cargo de J. Alencar; "Nos bastidores do mundo", de Al Neto, do Rio de Janeiro; artigos originais de Ronaldo Lima, mandados do Paraná, e dos locais Vicente Cunha Cavalcanti, Ageu de Oliveira Moura, José Cassiano de Souza, *Lucas Serrano*, que escrevia "Modos de ver"; Oliveira Lira, etc. No último ano mencionado, a redação promoveu campanha política a prol da candidatura (frustrada) de João Cleofas de Oliveira ao governo do Estado e da candidatura Ferreira Lima Filho à deputação estadual.

Timbaúba-Jornal, que passou a quinzenário e vinha circulando ininterruptamente, sobreu o primeiro hiato de sua existência após o nº 1329, de 25 de setembro de 1954, ano em que termina este resumo bibliográfico⁵⁷ (Biblioteca Pública do Estado e Coleção Dr. Milton Queiroz)⁵⁸.

O GAROTO - *Órgão Literário e Humorístico* - Entrou na liça a 27 de maio de 1928, em formato 28 x 17, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Hermes Pedrosa; redator-chefe - Virgílio de Marselha, tendo redação "instalada" na rua Coronel Antonio Vicente, 13. Publicação dita

⁵⁷ O reaparecimento verificou-se (nº 1330) a 5 de fevereiro de 1955 e ainda prossegue a publicação.

⁵⁸ Coleções incompletas.

mensal, assinava-se a 3\$000 anuais, custando o exemplar 200 réis.

“O nosso programa — dizia o editorial de abertura — é o programa da inteligência, da mocidade, do progresso, das letras”, concluindo, depois de mais algumas palavras entusiásticas: “...sangue quente e ardente da mocidade a pulsar febrilmente pela grandeza da gleba timbaubense”.

Foram colaboradores da edição: *Zé-Catita*, *Eddie*, *Língua de Sogra*, J. de Souza, *Joatelsil*, *Marx*, *Claire* e *João Medroso*. Na última página, só anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O JAZZ-BAND - *Órgão Lítero-Humorístico e Noticioso* - Surgiu no dia 1 de junho de 1930, em formato 28 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso nas oficinas do *Timbaúba-Jornal*. Direção de João Teles da Silva; redatores - Antonio Galvão Cavalcanti, Simplício Moura Diniz e Severino de Araújo Medeiros, funcionando a redação na rua Joaquim Nabuco, 91. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000. Preço do exemplar - 0\$300. Nos primeiros números, um dos quadrinhos, ao lado do título, inseria o conceito: “Um jornal, por pequeno que seja, é mais um passo à frente para o soerguimento de um povo”.

Era um “jornal — consoante a nota de abertura — feito pela mocidade e para ela dedicado, que será o pioneiro das boas causas, das boas letras e dos bons ideais”. Acentuava: “É do nosso programa, também, o não nos imiscuirmos em política e sectarismo. Jamais ofenderemos à moral de quem quer que seja”.

De matéria variada, iniciou logo as seções “Bolindo”, versos, por *Boliçoso*; “Duas por mês”, por *Zé dos Mocós*; “Nossa correspondência” e “Serviço telegráfico”, de troças. No nº 2, *Ninita* criava “Meu carnet elegante” e apareceram as “Trovas”. Outras foram aparecendo, como “Perfilando”; “Na dança”, de versos, por *Dansarino*, etc.

O nº 3 saiu com oito páginas, dedicado aos festejos de São João. A partir do 4º, figuraram, no cabeçalho, um de cada lado, minúsculos desenhos de dança e jazz, confeccionados por S. Moura. Seguiu-se a publicação com seis páginas, sempre em papel acetinado, variando de cor para cada edição. Outra de oito páginas ocorreu a 28 de dezembro, com a primeira ilustrada, numa saudação ao Ano Novo.

Publicação quinzenal, dos primeiro e terceiro domingos de cada mês, ao atingir o nº 9 seu diretor foi substituído por Severino Medeiros, entrando José Mendes da Silva para o corpo redacional. Mas aquele só permaneceu até 24 de maio de 1931, quando os três redatores passaram a diretores.

A interessante folha, de excelente aspecto material, teve a

colaboração, em prosa e verso, de *Dransy* ou Isnar de Moura, José Cassiano de Souza, Florisberto Amaral, *Loverboy*, *Rariceso* e *Ajax*, pseudônimo de Odorico Tavares⁵⁹, Mauro Mota, Edgar Gomes de Melo, professora Iracema de Alencar, Agesilau Pinheiro Ramos, Otilia Tavares, *Cilro Meigo* (pseudônimo de Arquimedes de Albuquerque), Danilo Lobo Torreão, Cláudio Maia, etc. O redator Galvão Cavalcanti divulgava poesias e crônicas, assinando-as, respectivamente, *Paulo Antonio* e *Onio Valga*, e o redator José Mendes era *Carlos Augusto* e *Rodrigo Castelar*. Em fevereiro de 1931 iniciava-se a seção “Cartas do Recife”, de *Ader Jur*, ou seja, Aderbal Jurema, mas ficou na primeira.

Jazz-Band atingiu o nº 24 no mês de junho, ano II, não figurando aí o nome do diretor José Mendes.

Reapareceu em formato de revista, reduzido de poucos centímetros, com 36 páginas, no dia 2 de agosto de 1931, capa e texto bastante ilustrados, assim comemorando, com dois meses de atraso, o aniversário de sua fundação, vendido o exemplar a 1\$000. Divulgou colaboração especial de Mário Sette, Baltazar de Oliveira, Hilton Sette, Manuel Cavalcanti, Izácio Carneiro Ramos, Abdias Cabral de Moura, Jaime de Santiago, Milton Queiroz, Elias Guedes, além dos nomes já conhecidos; boa parte de noticiário social, as seções costumeiras e só então apresentou reclames comerciais.

Terminou ai sua existência brilhante (Biblioteca Pública do Estado).

O REPÓRTER - *Periódico Humorístico, Livre e de Cavação* - Apareceu no dia 7 de janeiro de 1931, esclarecendo: “Primeira vez que circula, não tem número”. Apresentou-se em formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Diretor - *João Barafunda* (pseudônimo de Abdias Cabral de Moura). Trabalho gráfico do *Timbaúba-Jornal*.

Constava do bem humorado “Artigo de fundo”, entre outros tópicos: “*O Repórter* não tem programa, pois a sua missão, no globo terráqueo, é ver tudo, bolir com tudo”.

Manteve a prometida verve, através de comentários, notas ligeiras e versos matutos, atirando boas doses de sátira e ridículo nos políticos locais decaídos ante o advento da Revolução de 1930. Deu alguma cobertura aos pródromos carnavalescos, divulgando, inclusive, poesia de *Falira* (pseudônimo de Josefa de Lira Cavalcanti) e colaboração de *Zé da Torre*. Outras produções tiveram a assinatura de *Van Der Lei* e Gomes de Melo.

Não inseriu publicidade comercial, terminando a “cavação” com o nº 3, dado a lume no dia 15 de fevereiro (Biblioteca Pública do Estado).

O REBATE - *Publicação Periódica. Órgão Literário e Noticioso* - Entrou em circulação a 2 de setembro de 1931, no formato 46 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Impresso nas oficinas do *Timbaúba-Jornal*, tinha como diretor e redator-chefe Abdias Cabral de Moura, custando cada exemplar 0\$200.

Como única apresentação, após, focalizar, em poucas palavras, os percalços da vida de imprensa, escreveu o diretor, numa crônica eclética, de abertura: "...apesar de mais de dez anos de lides jornalísticas, aqui, no Recife e no Amazonas, ainda não me resolvi a ir plantar batatas... e lanço á publicidade, em minha terra, mais um jorna: *O Rebate* aí está".

Bem orientado, e bem servido de matéria geral, contou a folha, ora quinzenal, ora semanal, com a colaboração da poetisa Isnard Cabral de Moura ou *Dransi Ramou* ou simplesmente *Dransi*, "como assinava a seção em prosa "Bordando cartas"; Aristides de Paula Gomes, Péricles de Alencar, Gomes de Melo, Rodrigo Castelar, *Falira* (pseudônimo de Josefa Pereira de Lira); Baltazar de Oliveira; *Petrônio* ("Do Recife"); Dinamérico Apolinário Crespo, Hermes Pedrosa e outros.

Manteve seções de "Modas Femininas" e de "Escola Nova"; divulgou uma "Corografia de Timbaúba", de autoria da professora Ana Eufrásia Cabral de Moura, que também colaborou com o pseudônimo de *Creusa*; Atos da Prefeitura; concurso para a escolha da "rainha dos auxiliares do Comércio" e cerca de uma página de anúncios.

Teve, entretanto, *O Rebate*, vida efêmera, encerrando-a com o nº 9, datado de 13 de janeiro de 1932 (Biblioteca Pública do Estado).

O JAZZ-BAND-MIRIM - *Revista Literária e Carnavalesca* - Editada pelo periódico *O Rebate*, circulou a 9 de fevereiro de 1932, declarando substituir *Jazz-Band* e obedecendo ao formato de 30 x 20. Direção de *João Barafunda* (pseudônimo de Abdias Cabral de Moura). Preço do exemplar - 0\$500. Na capa, a alegoria "Colombina Moderna". Impressão da tipografia do *Timbaúba-Jornal*, com 32 páginas de texto.

A par da matéria carnavalesca, constituída de troças e epigramas, servida de alguma ilustração, incluiu produções literárias, em prosa e verso, de Mário Sette, Silvino Lopes, Isnard de Moura, *Jota_Erre*, Agesilau Pinheiro Ramos, Manuel Cavalcanti, *Falira* (Josefa Pereira de Lira), Florisberto Amaral, Gomes de Melo, etc. Não faltaram bons anúncios.

Embora indicasse no cabeçalho: ano 1, nº 1, não se publicou mais nenhuma edição (Biblioteca Pública do Estado).

O HELIO - *Jornal Escolar. Humorístico e Noticioso* - Apareceu no dia 21 de fevereiro de 1932, obedecendo ao formato 33 x 24, com quatro

páginas de três colunas. Diretora - professora Maria do Carmo Guedes de Melo; redatora-chefe - professora Ana Eufrásia Cabral de Moura. Redação no Grupo Escolar D. Pedro II e impressão das oficinas do *Timbaúba--Jornal*. Preço do exemplar - 200 réis.

Criado em obediência à lei da Escola Nova, visava o periódico a incentivar "os primeiros passos" da infância, "na grande estrada da literatura". Assinalava, por outro lado, o seu aparecimento a data do cinqüentenário da emancipação de Timbaúba.

Inseriu matéria variada, inclusive colaborações e noticiário, assim continuando mensalmente (o nº 2, por engano, foi datado de fevereiro, quando devia ser março), ora com quatro ora com seis páginas⁶⁰

Além da incipiente literatura dos alunos, ocorriam produções, em prosa ou verso, assinadas por Isnar Cabral de Moura e *Dransy d'Armou*, que era a mesma; Carmem de Melo, Carlos Leite Maia, Edson Maranhão, Maria Alba, Carmita Silva, *Jota Erre*, Iracema de Alencar, Sally, Severino Galvão Cavalcanti e *Falira* (travesti de Josefa de Lira Cavalcanti).

A pequena folha circulou até o nº 9, de 22 de outubro (Biblioteca Pública do Estado).

REVISTA DE TIMBAÚBA - *Número único, comemorativo do 50º aniversário da instalação da Câmara Municipal e Comarca* - Circulou em fevereiro de 1932, num volume de 50 páginas, obedecendo ao formato 31 x 22, impressas em papel-cetim, afora a capa, em cartolina. Nela figurava-se, em modesto desenho, a cores, uma mulher com as bandeiras nacional, estadual e do município, esta encarnada, com o dístico "Timbaúba Livre"; mais o escudo do Estado e a data simbólica - 1882. Preço do exemplar - 2\$000. Trabalho gráfico das oficinas de Cisneiros & Irmão, no Recife.

O redator e organizador Ferreira Lima, em artigo de página, abrindo o texto, declarou: "A razão de ser desta revista partiu do prefeito Belarmino de Souza Rodrigues", com o objetivo de "propagar por esse Brasil em fora o progresso, o valor, as energias e possibilidades da terra comum", no momento em que transcorria o "qüinquagésimo aniversário da elevação de Timbaúba a cidade".

A bem orientada edição inseriu dados históricos e informações gerais do município, ostentando copiosa clicherie, não só de paisagens e

⁶⁰ Prestando contas de sua atuação, a diretora do jornalzinho divulgou, no *Timbaúba-Jornal*, de 19/03/1932, o seguinte "Ao Público", sobre o primeiro número publicado: "Apurado d'O Hélio - 53\$600. Despesas: impressão de 200 exemplares - 30\$000. Líquido, depositado no Banco de Timbaúba, nesta data (25 de fevereiro), em benefício da Caixa Escolar do Grupo D. Pedro II - 23\$600.

aspectos locais, como de personalidades da vida administrativa, social e comercial de Timbaúba, sem deixar de iniciar o capítulo das homenagens com os cichês do presidente Getúlio Vargas e do interventor Lima Cavalcanti. Teve a colaboração de Agamenon Magalhães, Dr. Benigno de Araújo, Mário Melo, Joaquim Freire, Dinamérico Crespo, Isnar de Moura, Abdias Cabral de Moura, Baltazar de Oliveira, Alcebíades Gonçalves, Dr. Ângelo Cruz Ribeiro, Cassiano de Souza, Carlos Leite Maia, monsenhor João de Barros Uchoa e outros, que apareciam ora em prosa ora em verso. Numerosas páginas foram dedicadas a reclames comerciais e industriais (Biblioteca Pública do Estado).

O MOSQUITO - Publicação autorizada "pelas autoridades policiais", circulou o nº 2, ano I (não existe comprovante do nº 1), sem data nenhuma, mas em 1932. Formato 32 x 24, com quatro páginas de três colunas, trabalho gráfico da oficina do *Timbaúba-Jornal*. Diretor - *Não Sei*; redator - *Já Disse*; gerente - *Vou Saber*.

Sua matéria constou de crônicas de sabor humorístico; "Verdades e Mentiras"; "Arroxando"; "De janela a janela"; carnet, pensamentos; troças outras e versos ligeiros, tudo à base de pseudônimos (Biblioteca Pública do Estado).

NEGO - Número ocasional, circulou no dia 26 de julho de 1932, em formato 32 x 24, com quatro páginas. Foi impresso em tinta azul, trabalhado graficamente nas oficinas do *Timbaúba-Jornal*, tendo como editor o prefeito Belarmino de Souza Rodrigues.

Teve a primeira página dominada por fotogravura do presidente João Pessoa, com a legenda: "Vivo, não te venceriam"; outra (ele no gabinete de trabalho), ocupou o alto da quarta, constituindo o espaço restante uma poliantéia, ao ensejo do 2º aniversário do assassinio daquele líder político paraibano, ocorrido no Recife. Ocorreram sonetos de Emilio d'Alva, P. A. e Carmem de Melo; tópicos ou frases soltas de Severino de Medeiros, Cruz Ribeiro, Natércia da Cunha, Anunciada Cavalcanti, Belarmino Rodrigues e outros (Biblioteca Pública do Estado).

O RUY BARBOSA - *Mensário Lítero-Humorístico* - Editado pelo Colégio Rui Barbosa, circulou o primeiro número no dia 4 de agosto de 1932, em formato 30 x 22, com quatro páginas de três colunas. Redatores - Horton Pinto, Hildebrando Queiroz, Severino Pessoa, Severino Veloso, Carlos Cirilo e Jomar Silva Veloso. Composto e impresso no *Timbaúba-Jornal*, em papel de cor assetinado. Preço do exemplar - 200 réis.

Consoante a nota de abertura, intitulada "Mais um...", o periódico, "minúsculo, embora", pretendia contribuir "para o engrandecimento de Timbaúba".

Sua matéria, nos poucos números dados a público, constituiu-se de

noticiário especializado, literatura colegial e crônicas humorísticas. Inseriu, inicialmente, o Hino do Colégio, letra da professora Ana Eufrásia Cabral de Moura e música do professor Horácio Vilela. Entre os jovens colaboradores, figuravam Aude Marrocos, Fernando Araújo, Adonias Lira Cabral de Moura, *Saulo*, Judite das Neves e Rivaldo Pedrosa de Vasconcelos.

Divulgado o nº 3, a 4 de outubro, ficou suspenso (Biblioteca Pública do Estado).

O GURY - *Jornal Lítero-Humorístico e Noticioso* - Começou a publicar-se no dia 7 de agosto de 1932, em formato 26 x 21, com quatro páginas de três colunas. Diretor - J. Ramos; redatores - Sebastião Samuel da Costa e Joaquim Melo Rezende. Impresso na Tipografia do *Timbaúba-Jornal*, localizava-se a redação no mesmo endereço. Preço do exemplar - 200 réis.

Destinava-se, consoante o editorial "O nosso objetivo", ao "cultivo intelectual da mocidade". Não eram seus organizadores "literatos de renome e sim uma plêiade de jovens idealistas", que desejavam "o soergimento da gleba, esperando ter boa acolhida".

Folha mensal, publicou-se, a princípio, com a devida regularidade, servida de matéria variada, segundo o programa enunciado, a salientar: seções fixas de troças, perfis, epigramas e pensamentos satíricos. Foram seus colaboradores: Péricles de Alencar, *Dransy d'Armou* (como se assinava Isnar de Moura), Antonio Trajano, *Ha. Hely*, Ferreira Júnior, Baltazar de Oliveira, José Mendes da Silva, Bandeira de Melo, *Sans Atout*, Iracema de Alencar, Deoclides de Carvalho e diferentes pseudônimos.

Atingindo 1933, após comemorar o primeiro aniversário, nº 9, de 27 de agosto, fazendo-o mediante edição extraordinária de seis páginas, ilustrada de fotogravuras, *O Gury* ficou suspenso, precisamente quando A. L. de França assumiu a direção.

Ressurgiu — nº 10, ano II — a 20 de maio de 1934, acrescido o formato de alguns centímetros, sendo diretor Jarbas Rezende e redatores A. Lopes e M. Moura, este logo afastado. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 2\$500. Preço do exemplar - 0\$200. A redação transferira-se para a rua Marechal Dantas Barreto, 16. A par da matéria de rotina, instituiu-se o "Questionário d'O *Gury*" e, a partir do nº 13, acolhia anúncios.

Voltando ao ritmo mensal, alternou-se com o bimestral, e assim atingiu o nº 20, datado de 11 de agosto de 1935, comemorativo do terceiro ano de existência (Biblioteca Pública do Estado)⁶¹.

⁶¹ Coleção com lacunas.

Ainda foi possível avistar o nº 22, ano III, de 31 de maio de 1936, que estampou imagem da Virgem Maria na capa e inseriu colaboração de Maria Rosa, *Azordep* (como se ocultava Hermes Pedrosa), *José Amarelo* e *Zé da Rua*; questionário, notícias e anedotas (Coleção Izácio C. Ramos).

O GUARANI - *Mensário Crítico-Literário* - Entrou em circulação a 1º de janeiro de 1933, no formato 28 x 21, com quatro páginas de três colunas. Diretor - José Cabral; redator-chefe - Sebastião Samuel da Costa, funcionando a redação na rua Dantas Barreto, 11. Trabalho gráfico da oficina do *Timbaúba-Jornal*.

Lia-se nas "Duas Palavras" de abertura: "O nosso jornalzinho visará, apenas, dar um pouquinho de luz aos nosso pequenos e obscurecidos cérebros". Batalharia "pelo aperfeiçoamento de nossa mocidade e pela felicidade de nossa pátria".

Publicação mensal, contou com a colaboração, em prosa e verso, de Isnar de Moura, utilizando o travesti *Dransi d'Armou*; Santos Ferreira (pseudônimo de José Cabral); *Ladislau Silva*, que era Sebastião Costa; Cassiano de Souza, *Don Alvarado*, *Violeta*, José Noronha, *Leni* e outros pseudônimos, inclusive firmando seções leves. Raras notícias.

Ao atingir o nº 5, José Cabral ficou sozinho no cabeçalho, acumulando direção e redação. Mas estava no fim a vida do mensário, que só conseguiu chegar ao nº 6, publicado a 29 de maio (Biblioteca Pública do Estado).

A CRUZ - Número único, foi editado pelo prefeito do município, no dia 6 de janeiro de 1933, comemorando a oposição da efígie de Cristo no Tribunal do Júri. Formato 25 X 38 com quatro páginas de três colunas, foi impresso em papel de cor, na Tipografia do *Timbaúba-Jornal*.

Sua matéria constituiu-se de artigos e crônicas alusivos, assinados por José Freire, Baltazar de Oliveira, Augusto Azevedo, M. C. S., Sebastião Costa, Antonio Bezerra, Da Silva Bastos e Severino de Medeiros; palavras de Djalma Tavares da Cunha Melo e Ferreira Lima e soneto de P. de A. (Biblioteca Pública do Estado).

VOCÊ... - *Lítero-Humorístico* - O nº 2 (não resta comprovante do nº 1) publicou-se no dia 11 de fevereiro de 1934, em formato 30 x 22, com seis páginas de três colunas. Diretores - José Cabral e Sebastião Costa. Impressão da oficina do *Timbaúba-Jornal*.

Continuou a aparecer cada mês, variando para quatro a quantidade de páginas, às vezes utilizando papel de cor. Ao atingir o nº 4, acrescentava-se ao cabeçalho: redatores - Antonio Nascimento, João Feliciano da Silva (que era o poeta *Fanilecio*) e José Noronha; e já na

última edição, M. G. de Moura.

Obedecendo ao enunciado, o periódico divulgou colaboração, em prosa ou verso, de *Santos Ferreira* (ou seja, José Cabral); Cassiano de Souza, *Ladislau Silva* (travesti de Sebastião Costa); Macário de Almeida, *Jean Valme*, *Moreira de Alencar* (como também se assinava João Feliciano) e outros.

O último número encontrado foi o 6º, datado de 10 de junho (Biblioteca Pública do Estado).

A ESQUINA - *Lítero-Humorístico-Noticioso* - Surgiu a 24 de junho de 1934, obedecendo ao formato 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Altair Maranhão; secretário-Manuel Gomes de Moura. Trabalho gráfico do *Timbaúba-Jomal*. Preço do exemplar: 0\$200.

Lia-se no "Era preciso..." de abertura: "Não é um jornal político, nem satírico, nem amoral. Será o porta-voz dos principiantes das letras, daqueles que mais tarde haverão de ser os baluartes da inteligência timbaubense, quiçá brasileira".

O pequeno órgão divulgou matéria interessante, dentro do seu programa, incluindo seções de sátiras, epigramas, anedotas e a colaboração de *Moreira de Alencar* (ou João Feliciano); Sebastião Costa, Alberto Pinto, *Jovasti*, Horton Pinto, etc. (Biblioteca Pública do Estado).

A TESOIRA - *Cortando Sempre* - Entrou em circulação em 19 de julho de 1934, obedecendo ao formato 23 x 15, com quatro páginas e três colunas de composição. Diretor - Severino Marrocos; secretário - *Salpicos*, logo substituído por *Zinho*, ou seja, José Cabral.

Dizia a nota de abertura, intitulada "Prá começar": "A *Tesoira* é um produto da safra intelectual de Timbaúba. Tomará a ombros a espinhosa incumbência de aparar um pouquinho as excrescências da vida alheia".

Foi o que fez, realmente, através das seções "Serviço telegráfico", "O que dizem", "Já sabiam?", perfis, epigramas, etc. Inseriu, também, crônicas literárias e poesias.

Sem numerar as edições, outras foram divulgadas a 7 e 30 de setembro; a 15 de novembro, quando Raimundo Ferreira, substituiu o diretor, e a 1 de janeiro de 1935, com seis páginas, sendo Severino Galvão redator-secretário e constando do cabeçalho: nº 5, ano I.

Por meio de pseudônimos ou não, *A Tesoira* contou com a colaboração de A. Nascimento, Jarbas Rezende, Altair Maranhão, José Osmar, João Feliciano da Silva, o mesmo *Moreira de Alencar*, e Edison Maranhão.

Tendo começado a distribuir-se gratuitamente, terminou cobrando 200 réis por exemplar.

Não continuou? (Biblioteca Pública do Estado).

O RADICAL - *Lítero-Humorístico* - Entrou em circulação em 7 de abril de 1935, obedecendo ao formato 32 x 22, com quatro páginas de três colunas. Redator-chefe - Raimundo Ferreira; secretário - Galvão (Severino Galvão Cavalcanti). Impresso na Tipografia do *Timbaúba-Jornal*.

Segundo a "Apresentação" da folha, o pré-julgamento das dificuldades com que se defrontava a imprensa matuta não obstou "a concentração de uma idéia sã e louvável": dar a Timbaúba "um jornal de moços, com idéias novas, para ser sempre o porta-voz de cérebros sãos, ainda não descrentes do futuro brilhante reservado à Terra dos Mocós". Nada de programa, dependendo o seu raio de ação das "possibilidades intelectuais e materiais".

Jornalzinho bem feito, dedicou suas páginas, mais do que tudo, à Literatura, contando, nos seus dois únicos números publicados, com a colaboração de João Feliciano da Silva, o mesmo *Fanilecio*; José Osmar. Hermes Pedrosa, José Cabral, Altair A. Maranhão, Perilo de Alencar, Carmem de Melo e outros.

O último *O Radical*, o nº 2, saiu à rua no dia 12 de maio (Biblioteca Pública do Estado).

MARIA - Circulou no dia 30 de maio de 1935, em formato 23 x 16, com quatro páginas e três colunas de composição, confeccionado na tipografia do *Timbaúba-Jornal*. Distribuição gratuita.

Publicando o "número especial", quiseram "os representantes da mocidade intelectual de Timbaúba", conforme o editorial sob o título "Explicando", "prestar a Maria-Virgem-Mãe uma pálida, mas sincera homenagem", acrescentando "a intenção nobilíssima de colocá-lo nas mãos líricas das lindas timbaubenses".

Sua matéria constituiu-se de crônicas literárias, notas sociais e poesias, do sonetos às quadras e perfis em sete sílabas, assinando-a João Feliciano, também aparecido como *Maria Luiza* e *Fanilécio* José Cabral e *Zinho*, seu pseudônimo; Altair Maranhão, o mesmo *Rialta*, Manuel G. de Moura, Cláudio Hamilton e *Azordep*, como se ocultava Hermes Pedrosa (Exemplar de José Cabral).

INFORMADOR DE TIMBAÚBA - Número único, datado de 1937, apresentou-se em bom formato 25 x 19, com 114 páginas, a maioria de papel cuchê, e capa em cartolina especial, impressa a cores, tendo ao centro fotogravura do Palacete da Prefeitura. Organizado e ilustrado por

Edison Ponce de Leon; fotografias de Antonio Silva. Trabalho gráfico da Empresa *Jornal do Commercio*, no Recife. Preço do exemplar - 5\$000.

Depois das “Duas Palavras” de apresentação, de Ferreira Lima, o magazine divulgou várias páginas em homenagem a homens ilustres; histórico do município, a cargo de Mário Melo; informações gerais; parte comercial; agricultura e indústria; aspectos da cidade, curiosidades, calendário e ampla literatura, em prosa e verso, assinada por Esdras Farias, Israel Fonseca, Odorico Tavares, José Penante, Cassimiro de Souza, Sanelva de Vasconcelos, Gomes Maranhão, Isnar de Moura, Mário Sette, Ernesto de Albuquerque, Aurino Maciel, Andrade Bezerra, Baltazar de Oliveira e outros.

A partir da página 90, o *Informador* foi dedicado a São Vicente, com farto serviço de clichês, informações gerais e produções com a assinatura do Cônego Xavier Pedrosa, Aluísio Inojosa, José César Borba, Ivo Leitão Filho, etc., incluindo homenagens à memória de Alcedo Marrocos e Manuel Borba, grandes filhos de São Vicente (Coleção Álvaro Alvim).

DIÁRIO DE TIMBAÚBA - Entrou em circulação em 12 de fevereiro de 1940, no formato 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor-responsável - Manuel Gomes de Moura; redator-chefe - Ivo Leitão Filho; secretário - João Feliciano da Silva, funcionando a redação na rua Dr. Manuel Borba, 17. Trabalho gráfico da oficina do *Timbaúba-Jornal*. Assinatura semanal - 1\$000; número avulso - 200 réis.

Seguiu-se a publicação, contendo matéria noticiosa; comentários assinados; “Vida Mundana”, a cargo de *Castro*, e quase duas páginas de anúncios. Os articulistas eram Feliciano da Silva, João da Serra (pseudônimo de Ivo), Mário Souto Maior e raros outros.

Todavia, não foi possível ao jornal manter-se diariamente. Após o nº 10, de 25 de fevereiro, passou a sair esporadicamente, a ponto de haver chegado ao nº 15 no dia 2 de abril, terminando aí a arrojada tentativa (Biblioteca Pública do Estado).

O EXTERNATO - Órgão do Externato Timbaubense, mensário, circulou a 7 de setembro de 1941. Faltam pormenores.

A ESTRELA - Órgão Oficial da Escola de Aplicação de Santa Maria - Circulou o primeiro número do primeiro ano em maio de 1944, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Direção de Leni Bezerra; redatora - Maria Socorro de Albuquerque. Sua matéria constou de literatura infantil, noticiário escolar e desenhos a lápis de cor (Departamento Cultural da SEEC).

O TESOURO - Órgão do Grupo Escolar Professor Cavalcanti - Raros comprovantes encontrados. Os nºs 43 a 50 datam de fevereiro a outubro de 1944, ano VII, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e

copiado em hectógrafo. Diretora - Terezinha Gomes; secretária - Helena Meneses. Matéria ligeira, de orientação didática e noticiosa, idêntica ao precedente.

Outro exemplar manuseado foi a edição de novembro - ano XII - do ano de 1949 (Departamento Cultural da SEEC).

SERRAS - *Ciências Literatura. Política* - Apareceu em junho de 1948, obedecendo ao formato 26 x 17, com 32 páginas, inclusive a capa, carolinada. Direção - Artur A. Lima; redação - Alberto Lopes e João Feliciano. Preço do exemplar - Cr\$ 3,00. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, no Recife.

Assim concluiu a "Apresentação" do magazine: "Sem cor religiosa, nem preferência política, *Serras*, que será um periódico sem data obrigatória, cumprirá, de todo, suas finalidades se, como veículo de propagação cultural, conseguir o intercâmbio desejado entre os que se dão ao sacrifício de fazer literatura em todas as unidades da Federação".

Além da reportagem ilustrada "Nossa Terra", toda a matéria da edição de estréia se constituiu de artigos, crônicas e poesias assinadas pelo pessoal responsável (a salientar a boa marca poética de João Feliciano, a par de boa prosa) e por José Pereira de Andrade Lima, professor Pinto Ferreira, Cassiano de Souza, Aires Cunha, dr. João Coutinho, Ivo Leitão Filho, José Pessoa de Moraes e Alice de Souza. Algumas páginas de anúncios.

Passados sete meses, janeiro de 1949, publicou-se o nº 2, com moderna feição material, mais os seguintes nomes acrescentados ao corpo redacional, chamados "conselheiros": Josafá Marinho, João Coutinho, Cordeiro Filho, José Cabral e Manuel Moura. Instalou redação na praça Carlos Lira, 82. Outros colaboradores: J. I. de Andrade Lima, Paulo Pedrosa, Lício Neves, José Gonçalves de Oliveira e Moacir Souto Maior; Charles Cros e Fernande Lambert, em traduções de Edison Régis. Ilustrações de Fernando Pedrosa e outras reproduzidas. Mais: "Fitas e Fatos" e "Notícias Literárias".

TRIUNFO

CORREIO DO CENTRO - *Semanário dos Interesses Sertanejos* - Inidiou sua publicação pioneira em 15 de março de 1914, em formato 44 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Constava do Expediente: "Independente, Literário e Noticioso". Redatores - Ulisses Elísio do N. Wanderley, Liberalino de Almeida e Felinto Wanderley. Escritório, redação e oficinas: praça 15 de Novembro, 26. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número do dia - 0\$200.

Ao entrar “na arena jornalística”, conforme o artigo-programa, seria “menos um periódico noticioso do que o órgão dos interesses de nossa zona sertaneja”. Embora alheio às “contigências das lutas partidárias”, não se considerava proibido “de externar, com imparcialidade e decisão, a sua humilde opinião” sobre a política local, regional, nacional ou internacional.

Depois de outras delongadas considerações, prometia “concorrer, com o seu esforço intelectual, para a cultura e desenvolvimento das letras”.

Vibrante artigo em torno do aparecimento do periódico, assinado por Alcindo, saudou a Imprensa como “o mais prodigioso veículo da civilização”, “a mais altruística das obras e uma das maiores manifestações da potencialidade assombrosa do gênio da humanidade”. Outra saudação constou do magistral soneto abaixo, de Liberalino de Almeida:

Ergue o busto, alça a luz de teu lampadário
E mata a escuridão que nos vela o horizonte.
É preciso que a luz de uma outra era desponte
Para seguirmos, firme, um novo itinerário.
Faze que viva a Lei, que o Direito reponte,
Esmagando a opressão e abrindo outro cenário,
Onde não medre o crime, a infâmia e o ódio corsário,
E o deus do altruísmo assome alcandorando a frente.
Abre o templo auricor da Liberdade e manda
Que a civilização, no auge da formosura,
Surja em todo o Brasil e o almo civismo expanda...
Filho de Guttemberg, avante! É tempo agora
De te ergueres do pó! Veste a rija armadura
Que o povo quer mirar o Sol duma outra aurora.

Seguiu o jornal sua trajetória, divulgando, além do editorial de cada semana, artigos sobre Direito ou de literatura, em prosa ou verso, assinados pelos redatores, mais a colaboração de *Solrac* ou Carlos Afonso de Melo; Monte Sobrinho; *Rembrandt*, o das “Silhuetas”; *Ego*, que firmava constante “Carta”; *Macedo*, divulgador de conselhos, sob o título

"Civilidade", etc. Manteve noticiário; veiculava atos da Prefeitura e enchia a quarta página de reclames comerciais. Circulando ininterruptamente, o *Correio do Centro* encerrou o ano com o nº 42, de 27 de dezembro.

A publicação prosseguiu em 1915, rareando, no entanto, os comprovantes encontrados. Restam o nº 49, ano I, de 14 de fevereiro, e o nº 62, ano II, de 16 de maio. Inseriam, a par da matéria rotineira, produções de *Pedro Simples* (pseudônimo de Gabriel Quintas), de Felisberto dos Santos Pereira, do redator Ulisses Wanderley e, sob o título "De longe", do ex-redator Liberalino de Almeida, que assinava L. de A. (Biblioteca Pública do Estado).

FOLHA DO SERTÃO - Hebdomadário de Orientação Católica - Saiu a lume o nº 1, ano I, no dia 7 de setembro de 1916, em formato 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Provável redator principal: padre José Landim, tendo como redator auxiliar Deodato Monteiro. Tabela de assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 4\$000; pelo Correio: 10\$000 e 5\$000, respectivamente. Preço do exemplar - 0\$200.

Lia-se no editorial de apresentação: "Os princípios que adotaremos na orientação de nossas idéias estão epigrafados em nosso hebdomadário; não nos afastaremos, em nada, dos ensinamentos cristãos em um meio onde todos professam, sem reboço, uma fé viva e ardente".

Bem impresso, na Tipografia Teles, de José Teles de Meneses, situada à rua Marechal Deodoro, 29, circulou regularmente, entrando pelo ano de 1917, com matéria variada e escolhida, a predominar o noticiário, além dos atos oficiais da Diocese. Teve também a colaboração de Belarmino de Almeida, Pompilio Wanderley, Franklin Gameiro, J. Alves, Luiza Pereira de Azevedo, etc. Inseriu mais, em folhetim duradouro, a novela de costumes sertanejos "Os desordeiros do Joazeiro", escrita especialmente, sem mencionar, todavia, o autor. O mesmo sucedeu, no ano seguinte, com "A lei de Caim".

Encerrou o ano o nº 60, datado de 1º de dezembro (Arquivo Bispado de Pesqueira).

A publicação prosseguiu em 1918. Comprovantes a partir do nº 5, ano III, de 7 de abril. Manteve o mesmo ritmo, baixando, porém, o preço da assinatura anual (única) para 5\$000, acrescidos de 1\$000 para fora da cidade.

Desde o nº 16, de 23 de junho, entrou *Paulo Neto* a escrever o comentário semanal "Ecos...". Depois aparecia *Pedro Júnior*, que debateu, com o precedente, pontos de vista em tomo da Instrução Pública. Ocorreu em 7 de setembro uma edição extraordinária, comemorativa, de oito páginas. Vinham prevalecendo, como no ano anterior, os artigos assinados por Deodato Monteiro, aparecendo outros, de quando em

quando, do padre Landim.

Último número encontrado: o 39º, de 21 de dezembro (Biblioteca Pública do Estado).

O SERTÃO - *Órgão Literário e Noticioso* - O nº 1 saiu no dia 2 de fevereiro de 1919, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas, para publicar-se semanalmente. Redator-chefe - Deodato Monteiro, funcionando a redação e oficinas na Praça 15 de Novembro, 33. Assinatura anual: para o Município - 5\$000; para fora - 6\$000, mediante pagamento adiantado. Número avulso - 100 réis.

Assim começou o artigo "O nosso programa":

Debaixo da bandeira sacrossanta da paz e sob o fulgurante auspício da evolução, o novel filho de Gutemberg entra nas lutas da imprensa indígena armado a cavaleiro, sem as injunções nefastas do partidarismo malsão, que profligará, e sem a tutela de inspirações outras, que não sejam a ordem, o engrandecimento e o progresso do nosso amado Triunfo, que é uma partícula vital no organismo da federação brasileira.

Mas adiante, lia-se "O Sertão pregará o progresso e a educação do povo, a eliminação total do crime e da calúnia, a unificação do bem, a propaganda continua e eficaz dos interesses da sociedade. São estas as suas credenciais, será esta a sua diretriz".

O primeiro número apresentou-se variado, com serviço telegráfico; a seção *Parnaso*, iniciada com dois sonetos do diretor do periódico; crônica de I. M. e anúncios.

Teria ficado na edição de estréia (Biblioteca Pública do Estado).

TRIUNPHO-JORNAL - *Órgão de Livre Opinião* - Publicou-se o primeiro número a 13 de maio de 1925, com oito páginas, para continuar com quatro, de três colunas de composição. Diretor - José Cordeiro Lima; redatores - José Leal Barcelos e João Capistrano de Moraes e Silva; gerente - Plácido Norões. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 7\$000. Número avulso - 300 réis.

Destinado a circular semanalmente, assim começou o editorial "Nosso Programa": "É trabalhar, lutar, vencer e orientar a opinião pública, sem melindrar por suas faltas, mas não deixando de conscientemente comentar os seus defeitos, numa linguagem decente, para desta forma não nos afastarmos do regime da boa imprensa e evitarmos as promessas de empastelamento....

Será sempre independente e noticioso. Não será político no sentido faccioso. O nosso partido é o da ordem; é o que garanta o nosso regime e saiba compreender bem os cuidados que merece o povo sertanejo", frisando: "...não discutirá crenças religiosas. Respeitará todas, tendo sempre uma orientação católica.

Mas adiante, salientou: "Combateremos o analfabetismo e

mostraremos, com princípios claros, o modo de se higienizar a alma e o corpo na vida social". Em conclusão: "O nosso fim é dizer o que sente o povo sertanejo e defender os interesses permanentes da terra sertaneja. Pensar e agir é o nosso programa".

Matéria bem distribuída, constante de editoriais, notas diversas, serviço telegráfico, noticiário geral e uma parte comercial, seguiu o periódico o seu enunciado, com a devida regularidade. Contou com a colaboração poética de Emídio de Miranda, Richomer Barros, Ulisses Lins de Albuquerque e Da Costa e Silva, assinando trabalhos, em prosa *Petronius* (pseudônimo de J. C. Morais e Silva), *Silvio* e *Ogs* (como se ocultava José Barcelos), *Zé da Serra* (Cordeiro Lima), Irene Souto Maior, Hélio, etc.

Ocorreram algumas alterações no corpo redacional, como a seguir: do nº 5 ao nº 10, foi redator-secretário Domício Lima; J. Barcelos foi substituído, no nº 15, por Américo Magalhães; a partir do nº 31, Noronha tomou-se gerente-proprietário, mantendo-se os demais em suas funções.

Circulou o *Triumpho-Jornal*, com ligeiras lacunas, até o nº 44, datado de 9 de maio de 1926, não chegando a comemorar o primeiro aniversário de fundação (Arquivo Morais e Silva)⁶²

O IMPARCIAL - *Semanário Independente, Imparcial e Noticioso* - Fundado a 13 de março de 1927, apresentou-se em formato 35 x 22, com quatro páginas de três colunas. Diretor-proprietário - Carolino Campos; redator-chefe - Djalma de Moura, funcionando redação e oficinas na rua Benjamim Constant, 4. Assinaturas: anual - 10\$000 (12\$000 fora da cidade); semestral - 7\$000; número avulso - 0\$200.

Jornal modesto, inseria comentários redacionais, noticiário, atos oficiais da Prefeitura, questionário literário; as seções "Silhuetas", por *Vinicius*, e "Perfil", por *Alma de Jota*; sonetos de Emídio de Miranda, ou transcritos, uma para cada edição; mais a colaboração de Laura Marques de Moura, Sebastião Norões, Maria Quitéria Firmo de Oliveira, etc. Cerca de uma página de anúncios.

Publicou-se regularmente e, ao atingir o nº 43, de 6 de janeiro de 1928, cresceu o formato consideravelmente, passando para 50 x 25, com seis colunas de composição. Tornou-se, então "Órgão Literário, Noticioso e Comercial", elevando o custo das assinaturas para 15\$000 e 8\$000, respectivamente, e o do número avulso para 0\$300. Adotou serviço telegráfico especial, admitiu correspondentes nos municípios vizinhos e encetou concurso de beleza feminina.

Terminado o primeiro ano, com 52 edições, a 13 de março, começou

⁶² Na Biblioteca Pública do Estado existem raros comprovantes do *Triumpho-Jornal*.

numeração nova. Além da matéria de rotina, incluindo quase duas páginas de reclames comerciais, teve outros colaboradores, a saber: Dr. Cordeiro Lima, *Magliano Júnior*, Erotides Lima, *Zenon*, com a seção de comentários “*In medias res*” *Amiral*, o das “Notas ligeiras”; os irmãos Domício e Deocleciano Pereira Lima, Dr. Jacarandá, Belísio Córdula, Osvaldo de Sousa, A. Falcão, Manuel Ribeiro, Beatriz Delgado, Francisco Meneses, etc.

O redator-chefe, já substituído, temporariamente, em princípios de 1928, pelo Dr. José Lúcio Cordeiro Lima, transmitiu-lhe a função, em definitivo, a 20 de janeiro de 1929.

Datada de 13 de março, nº 52 do ano II, a edição consagrada à comemoração do segundo aniversário do periódico⁶³ reuniu seis páginas, na primeira delas figurando clichês do diretor e do redator-chefe. Longo editorial reportou-se aos “inúmeros espinhos de que está erigido o campo do jornalismo”. Adiantou haver cumprido o programa traçado, “abraçando e defendendo as boas causas”; aplaudindo os “gestos” e “atos bons”; sugerindo metas em benefício do povo; profligando e censurando o que fosse “contrário aos interesses da comunhão”; trabalhando pelo alevantamento do “nível intelectual, moral e político”; imprimindo, finalmente, à folha, feição “moderna e atraente”.

Escreveram, ainda, a respeito do evento, José Artur Leite, Auta Nogueira e Cordeiro Lima, que asseverou ser *O Imparcial* “a síntese da cultura triunfense”.

Seguiu-se o ano III abrindo numeração nova, circulando a folha cada semana, ininterruptamente. A primeira página passou a ser dedicada ao serviço telegráfico especial do Recife, mandado pelo correspondente Renato Barros, servida de manchete e quadros, num lisonjeiro trabalho de paginação; matéria bem distribuída nas páginas centrais e na de fundo, que exibia, em quatro colunas, o artigo constante de Cordeiro Lima, às vezes assinando J. Lúcio. Não faltavam produções de Deocleciano e Domício Pereira Lima, nem atraentes poesias de Emídio Miranda ou mediante transcrições, formando uma faixa no alto da terceira página. Outros colaboradores: Oscar (Cavalcanti) Borges, Marçal Paulino, Ricardo Valença, *Santana*, *Lord Tristeza*, etc.

A passagem do terceiro aniversário foi registrada em edição comum, nº 47, de 16 de março de 1930. Cumprira, consoante o editorial alusivo, as suas obrigações, nunca transigindo nos seus inabaláveis princípios e de suas indemostráveis convicções.

Teria terminado aí a existência do semanário (Biblioteca Pública do Estado)⁶⁴.

⁶³ A data foi solenizada com a bênção da oficina gráfica e um sarau dançante.

⁶⁴ Coleção lacunosa, faltam-lhe, sobretudo, os primeiros dezessete números.

A MACACA - Publicava-se esse "interessante periódico" em Arcoverde (Referência d'*O Imparcial*, na nota "Apelo Justo", 3ª páginas da edição de 17/06/1927).

O MOMENTO - *Órgão de Livre Opinião* - O nº 1, ano I, foi dado à estampa no dia 5 de janeiro de 1930, formato 33 x 26, com margens brancas excessivas, com três colunas de 14 cíceros e quatro páginas. Diretor-responsável - Napoleão Xavier; redatores - diversos; propriedade de J. Teles & Cia.; gerente - João Lima. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200.

Era — segundo o artigo "A nossa diretriz" — um "pequeno jornal de livre opinião", que ia, "no evolver das lutas sociais, concorrer para a vivificante orientação das forças propulsoras da grandeza e do futuro da nossa nacionalidade". Seguiu-se uma nota de saudação de *Plutarco* aos moços triunfenses que, com *O Momento*, abriam um "campo de lutas intelectuais, de literaturas vastas por idéias sublimes e meritórias".

Figuraram na página de frente, cichês dos políticos Getúlio Vargas e João Pessoa; e, na de fundo, o do novo prefeito de Triunfo, "coronel" Carolino Campos. No mais, crônicas, noticiário e anúncios.

O nº 3, de 19 do referido mês, divulgou o artigo "Um símbolo da nacionalidade", assinado por Lima Pacheco, que enalteceu a personalidade do presidente paraibano João Pessoa, e uma nota redacional de censura ao prefeito municipal, porque "fazia do coreto do jardim público depósito de automóveis". Em consequência, foi a edição apreendida pela polícia, sendo o diretor e o gerente chamados a comparecer à Delegacia e intimados a "não fazer circular o referido jornal" (Gentilezas do Dr. Luiz Wilson, o nº 1, e da Srª Hilda Xavier).

A VOZ DO SERTÃO - *Órgão dos Interesses Sertanejos* - Surgiu em 22 de julho de 1934, em bom formato 48 x 32, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - Sigismundo Pinto; redatores - José Lúcio Cordeiro Lima, João Lúcio e Manuel Castilho Campos, funcionando a redação, oficina e administração na rua Coronel Manuel Siqueira Campos, 4, 1º andar. Assinaturas: anual 15\$000; semestral - 8\$000. Preço do exemplar - 0\$300. Tabela de anúncios: 1 página - 100\$000; 1/2 - 60\$000; 1/4 - 40\$000; 1/8 - 20\$000; 1/16 - 10\$000; 1/24 - 5\$000. Todas as publicações, até três meses, tinham o desconto de 30%; até seis meses, 40%; até um ano, 50%. Ineditoriais: 1ª e 4 páginas - 0\$400 por linha; nas páginas internas - 0\$300. Pagamento adiantado.

O seu programa essencial — consoante o artigo "Antes de tudo" — é clamar pela união de vistas dos interesses sertanejos, despertando-a na gente do âmago das caatingas, com isenção de ânimos e serenidade. A Voz do Sertão é mais um grito a retumbar do topo da Borborema pelo que o sertão possui de aproveitável e bom.

Acentuou noutro tópico:

Os que mourejam nas colunas da Voz do Sertão, apesar das dificuldades, estão dispostos a cerrar fileiras com os bravos colegas do sertão, no aperfeiçoamento de uma gente apta a vencer na vida e que só vem servindo de "buxa" nas rusgas políticas e de mostrengo à luz da crítica e da ribalta.

"Imparcial, noticioso e literarário", manteria ativa correspondência telegráfica do Recife", a fim de por os leitores em dia com "os acontecimentos mais recentes do país".

A edição de estréia apareceu repleta de matéria, incluindo artigos assinados, poesias e a cobertura noticiosa da realização, na cidade, do 1º Congresso Econômico Sertanejo. Cerca de uma página de anúncios.

Seguiu-se a publicação aos domingos. A partir do nº 4, devido a um desarranjo na impressora, foi o formato reduzido para 29 x 22, com três colunas de composição, saindo com dez e, depois, oito páginas. Ao atingir, porém, o nº 9, mediante a aquisição de "ótimo maquinismo impressor, uma tipagem moderna", adotou o formato definitivo 43 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. E foram as assinaturas, anual e semestral, estabilizadas em 12\$000 e 7\$000, respectivamente.

Terminado o ano com o nº 15, de 9 de dezembro, continuou a circulação — nº 16 — a 13 de janeiro de 1935, vindo a integrar o corpo redacional, a 24 de março, um novo nome: professor Napoleão Evaristo Cunha, quando também o jornal se declarava, no cabeçalho, filiado à Associação de Imprensa do Interior.

Edição de 20 páginas, dividida em três seções, solenizou, a 22 de julho, a passagem do primeiro aniversário, cujo editorial, "Uma data auspiciosa", aludiu ao fato de A Voz do Sertão haver adotado,

como programa de ação em geral, uma política larga em um meio consideravelmente estreito, como o interior, onde uma educação claudicante dificilmente resiste aos embates da ignorância; uma política construtiva, fora dos partidos regionais a que superiormente acata e aplaude sempre que mantiverem a linha de decência e de elegância expressa na soberania da vontade popular.

Exibiu exuberante matéria original, servida de vasta clicherie, sobretudo as efigies da equipe responsável e aspectos da cidade.

Desde sua fundação, o periódico, a par da matéria de rotina, inseria produções assinadas, inclusive poesias, ora do pessoal da redação, ora de colaboradores, tais como: Nachor Barros, Manuel Cândido, Dr. Públio Dias, Dr. Soares d'Avelar, *Gustavo*, Auta Nogueira, Diocleciano Pereira Lima, S. Machado, M. (Manuel) Ribeiro, o das "Farpas..."; Pompílio Wanderley, Dr. Conserva Feitosa, Auto Ferreira Gonçalves, Marçal Paulino, Padre Renato

de Meneses, juiz Moraes e Silva, Zé da Serra, o cronista das "Coisas da Serra", que não era outro senão o médico Cordeiro Lima; Victo do Espírito Santo, Ulisses Lins de Albuquerque, D'Oleron Darreto, Possidonio Bem, Kalixto Bruno, Dr. Mário Medeiros, Novais Campos, Dr. Alceu Colaço, etc.

No mês de abril de 1936 substituiu-se, no corpo redacional, o nome de Napoleão da Cunha pelo de Nachor Barros. No mencionado ano, o recorde de páginas elevou-se a 32 na edição do segundo aniversário, dividida em três cadernos e comemorada com o editorial "Mais uma etapa vencida", copiosa ilustração fotográfica e produções especiais.

Não teve solução de continuidade a circulação do jornal, ano a fora, variando entre quatro e seis páginas, aumentadas, ainda, em datas de significação histórica ou de aniversário, às vezes utilizando tintas ou papel de cor. Divulgava atos oficiais da Prefeitura local e noticiário dos municípios vizinhos, além da parte informativa da cidade. Embora apolítico, levou a efeito, em 1937, viva campanha em prol da candidatura José Américo de Almeida à Presidência da República.

Muito expressiva é a nota a seguir, transcrita da edição de 22 de julho de 1938, comemorativa do quarto aniversário:

A Voz do Sertão é mantida pelos esforços de três criaturas que se expõem aos maiores sacrifícios, trabalhando dia e noite, pelo progresso do sertão, confeccionando este semanário independente, que pugna pelas causas da região, sem outro interesse senão o de bem servir à coletividade. Esses três batalhadores são: Sigismundo Pinto, Manuel Bezerra da Silva e José Rodrigues da Silva, respectivamente, diretor, chefe das oficinas e tipógrafo-impressor desta folha, O primeiro dirige os trabalhos, substitui o corpo redacional, faz a revisão, etc. e os dois últimos executam os papéis de seus cargos com eficiência.

A partir de 15 de novembro de 1939 deixaram de figurar no cabeçalho os nomes constitutivos do corpo redacional, lá ficando unicamente o do diretor, que era também proprietário, gerente e redator.

Após a primeira elevação do custo das assinaturas anual e semestral (já em vigor a nova moeda — o Cruzeiro), para Cr\$ 15,00 e Cr\$ 8,00, respectivamente, veio a ocorrer nova alteração a 22 de julho de 1943, em virtude da "alta excessiva do papel e tinta", mais as despesas "por motivo da guerra", a que "muito a contra-gosto" fora a direção arrastada, passando a parcela-teto para Cr\$ 20,00 e a outra Cr\$ 12,00. A 8 de setembro de 1946, essas cifras subiram para Cr\$ 25,00 e Cr\$ 14,00, atingindo Cr\$ 30,00 e Cr\$ 18,00, respectivamente, a 22 de julho de 1947, assim permanecendo, pelo menos, até 1954. Por sua vez, o custo do número avulso, partindo de Cr\$ 0,30, ascendeu a Cr\$ 0,50 e depois a Cr\$ 0,60.

Aparecendo ora semanal, ora quinzenalmente, o jornal de Sigismundo Pinto teve sua circulação ainda mais irregular a partir de

1950, de maneira a proporcionar uma média anual de 25 anúncios, mantidos os padrões anteriores. A 22 de janeiro do ano referido, ensaiou-se um Suplemento Literário, muito interessante, em tablóide de quatro páginas, papel de cor, idêntico. ao das edições rotineiras, nele colaborando, em prosa ou verso, Romero Lincoln Fernandes, A. de Herácio, Valdemar Cordeiro, Ulisses Diniz, Amadeu Félix, José Mardec e Geraldo Pinto. Não passou do nº 1.

De tropeço em tropeço, seguiu *A Voz do Sertão* a meta traçada, alheio à política partidária, comentando e noticiando os fatos e acontecimentos locais, pugnando pelos interesses da faixa sertaneja, representada por Triunfo e municípios limítrofes.

Atingido o ano de 1954, entrou a figurar no Expediente, ao lado do diretor, o nome de Geraldo Campos Pinto, na qualidade de redator-secretário. Logo mais, a 22 de julho, uma edição de 12 páginas comemorava o 20º aniversário do esforçado periódico.

“Vinte anos — dizia o editorial — peçados das mais várias vicissitudes, sem um só gesto de fraqueza, ilustram, realçam e até dignificam a nossa luta. Aprendemos que a imprensa é mais que uma atividade humana: é um sacerdócio”.

E acentuou: “Não fosse a irreprimível força de um idealismo que não nos parece impróprio proclamar, haveríamos já sucumbido, moral ou materialmente, nas tantas contingências que se nos apresentaram ao longo da sua existência”.

Além dos quase assíduos Manuel Ribeiro e Diocleciano Pereira Lima e do bissexto Cordeiro Lima ou *Zé da Serra*, o periódico inseria, nos últimos quinze anos, colaboração diversa de prosadores e poetas, que se revezavam ou substituíam amiúde, a saber: José Demétrio, José Pinto da Silva, padre Severiano Jatobá, Agamenon Magalhães (transcrições da *Folha da Manhã*, do Recife), Luiz Patury Acioli, Auto Ferreira Gonçalves, Dimas Siqueira Lima, José Coelho Brandão, Osmário Teles, Gercino de Pontes, padre Olímpio Torres, Jorge Alencar, *Panocrácio* (pseudônimo de Camucé Granja), Durval de Novais Campos, Lício Neves, juiz Cícero Galvão, Permínio Asfora, Dr. Orlando Parahym, E. Gomes, Abaeté de Medeiros, Antonio Napoleão Arcoverde, Antonio Geraldo Guedes, Otávio Ferreira Silva, Moacir Souto Maior, Dornelas Júnior, Al Neto (“Nos bastidores do mundo”), Luiz Cristovão dos Santos, José Firmo de Araújo, Teodolindo Rodrigues, Nunes dos Santos, Edson L. Cantarelli, J. Augusto Maranhão, Valdemar Cordeiro e outros.

A Voz do Sertão atingiu o fim do ano de 1954 — limite desta bibliografia — com o nº 757, ano XXI, de 19 de dezembro⁶⁵ (Biblioteca

⁶⁵ Prosseguiu em 1955 e ainda circula no ano presente.

Pública do Estado)⁶⁶.

A RAJADA - Surgiu a 24 de dezembro de 1937. De feição humorística, era destinado a divertir "a mocidade triunfense, com chistes inofensivos", durante o novenário de N. S^a das Dores (Cf. *A Voz do Sertão*).

A TESOURA (Suplemento humorístico d'*A Voz do Sertão*) - Sem que restem exemplares das edições precedentes, publicou-se o nº 3, no dia 29 de dezembro de 1942, em formato 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. custo do exemplar - Cr\$ 0,60.

Outro comprovante manuseado foi o nº 5, ano II, de 7 de março de 1943, cuja nota de abertura dizia haver *A Tesoura* feito "O seu retorno, mais afiada do que nunca, para cortar o cós das calças de algum folião incauto...".

Inseria matéria ligeira, de acordo com o programa enunciado, incluindo versos de José Pimenta e crônicas assinadas com pseudônimos (Biblioteca Pública do Estado).

A FLECHA (Suplemento Missionário d'*A Voz do Sertão*) - O nº 1, ano 1, circulou a 18 de outubro de 1942, em formato 30 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel de cor.

Destinou-se a "animar o dia festivo" das Missões, mediante "sadia jocosidade", conforme a nota de apresentação, intitulada "Mensageira...", na qual se aconselhava a trabalhar pela "cristianização do mundo".

Além de algumas trovas, inclusive assinadas por Jaci Ronaldo, a edição ocupou-se da obra missionária, acrescentando crônicas leves, anedotas e curiosidades.

Teria ficado no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

AKELÁ - *Órgão da Associação de Escoteiros Caio Viana Martins* - Inexistentes comprovantes outros, saiu a lume o nº 2, ano II, no dia 21 de abril de 1947, em formato 27 x 16, com quatro páginas a três colunas de composição. Diretor - José do Patrocínio Vieira. Trabalho gráfico das oficinas d'*A Voz do Sertão*.

Lia-se no editorial de abertura: "Há três anos que, submerso, então, nas brumas do passado, era fundado o nosso jornalzinho, minúsculo em seu reduzido tamanho, grandioso em sua finalidade".

⁶⁶ Coleção algo desfalcada.

Divulgou crônicas assinadas por monitores, soneto de Zélia Vilas Boas, noticiário, curiosidades e alguns anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

VERTENTES

22 DE JULHO - *Órgão do Município* - Entrou em circulação no dia 3 de setembro de 1921, em formato 36 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Braz Bezerra da Silva; redatores - Antonio de Andrade Lima, Renato Dornelas Câmara e Canuto Clemente de Oliveira Guimarães; gerente - Cícero Barbosa, funcionando a redação e oficinas na rua Dr. Manuel Borba, 6. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; preço do exemplar - 0\$200. Publicações solicitadas a 0\$200 por linha, e anúncios mediante ajuste.

O editorial intitulado "Nosso Programa" narrou a história da emancipação da vila de Vertentes, desmembrada do município de Taquaritinga a 22 de julho de 1915. Daí, o nome do periódico, cujo programa se resumia no seguinte: trabalhar pelo progresso local.

Seguiu-se a publicação semanalmente, inserindo comentários, noticiário, atos oficiais da Prefeitura, Parte Comercial, algum artigo de colaboração e anúncios. Logo no segundo número iniciara folhetim-rodapé, com a novela "O Duelo", de E. Grimblot. A 26 de novembro, em lugar de "Órgão do Município", lia-se: "Publicação Semanal". Na realidade, a folha era apenas oficiosa, embora seu diretor fosse também o Prefeito. Em dezembro, dava-se início a pacífica campanha eleitoral, primeiro para o Legislativo estadual, da qual sai eleito deputado o Coronel Braz, e depois para a Presidência da República, visando à chapa Nilo Peçanha - J. J. Seabra.

A 21 de janeiro de 1922 foi o gerente substituído por Luiz do Nascimento, igualmente redator-auxiliar e tipógrafo.

Enquanto, desde o início, o juiz de direito Andrade Lima redigia os comentários redacionais, o juiz municipal divulgava crônicas literárias, assiando-as R. C., e o promotor Canuto firmava longos artigos, focalizando, sobretudo, o Ensino, com o pseudônimo *Calixto Garcia*. Foram outros colaboradores: João Pio R. dos Santos, *Piron*, *João da Fonte*, Dr. Liciniano de Almeida, *Máximo_Copertino*, Alfredo Sotero, todos de passagem, e Manuel Benício, o qual, depois de outras produções, mandadas de Niterói, Estado do Rio, começou a divulgar, em rodapé, a 8 de abril, a novela "Mariano Gato, o caçador de onças", baseada em episódios da vida de certo lavrador da Serra Seca, conhecido como o maior mentiroso dos sertões de Pernambuco e da Paraíba. Não faltava, cada semana, um soneto famoso na primeira página.

Deflagrada, no mês de maio, a luta em torno da sucessão governamental do Estado, o *22 de julho* adotou a candidatura Lima Castro, do lado pessoista, entrando a combater o candidato borbista José Rufino Carneiro da Cunha. Inflamou-se, em conseqüência, a política local, tão pacífica que era, afastando do jornal os redatores Canuto Guimarães e Andrade Lima, este último feito líder da facção contrária à de Braz Bezerra, o que lhe valeu, na edição de 17 de junho, ser alvo de críticas do artigo "Um juiz de direito que ficou torto", com o respectivo clichê da cabeça para baixo.

Miguel Braz Pereira de Lucena assumira a direção da propaganda jornalística local pró-Lima Castro, contando, inclusive, com serviço telegráfico especial, do Recife, que informava o desenrolar dos acontecimentos no Estado. Logo mais, em agosto, por motivo de ausência, deixava a redação Renato Câmara.

O periódico levou a efeito tal campanha em meio a constantes ameaças ao redator-gerente, sozinho no *batente*. A casa que servia de redação e oficinas precisou, por algum tempo, de ser guardada por bons "cabras" do prefeito, armados até os dentes. Mas tudo passou.

Modesto clichê de Sergio Loreto, na primeira página, anunciou o fim da querela em todo o Estado, mediante acordo para a elevação daquele juiz à curul governamental.

Mantidos alguns colaboradores, continuou o *22 de Julho* o seu caminho até findar-se o ano de 1922, quando ficou suspenso.

Ressurgiu em janeiro de 1924, na qualidade de "órgão de informações e variedades", sem alterar-se a direção, mantido o gerente Luiz do Nascimento, ao mesmo tempo redator único. Era ele o autor da crônica semanal "Fumaças", então criada, com a assinatura L., além de aparecer usando os pseudônimos *Lírio do Norte*, *Luso*, *B. Mol* e *L. do N.*, noutros trabalhos, em prosa e verso.

Posta de lado a atuação política, teve, então, o semanário uma fase de plena vivência literária, além do noticiário, expediente da Prefeitura e a parte de reclames comerciais. Divulgava produções de Américo Sedícias, às vezes transformado em *Amepobre*, também autor de versos com a inicial A; Amaro Abdon, Adauto Correia de Araújo, Manuel Porto Filho, Eustáquio Vieira, José Wilson, José Olivar Borges, *Aldo Silveira* (pseudônimo de Alfredo Afonso Ferreira Chaves) e, ainda, Manuel Benício, o memorialista e historiador ausente havia dezenas de anos, mas sempre lembrado de sua Vertentes. Criaram-se, também, seções religiosas, de charadas, e "Canhenho", esta para o registro de nomes de assinantes novos. Enquanto isto, o noticiário do "Registro" era precedido de versinhos e pensamentos.

A 4 de julho, porém, o redator-gerente-tipógrafo foi substituído⁶⁷ por José Caetano de Souza.

Sem mais alterações, prosseguiu a jornada do periódico, que admitiu novos colaboradores, entre os quais Israel Fonseca, S. da Mauricéa, *Charitas*, Aureliano Silva, Maria Augusta Souto Maior, Antonio Gonçalves da Mota e *Philodomini*, assim oculto, outra vez, Américo Sedícias, no comentário semanal "Parafusando".

Prolongou-se a existência do *22 de Julho* até 27 de setembro de 1924, quando saiu o nº 100, tantas foram as edições publicadas desde a sua fundação (Biblioteca Pública do Estado)⁶⁸

O DEMOCRATA - *Semanário Independente, Literário e Noticioso* - O nº 1, ano I, saiu a lume no dia 24 de janeiro de 1925, em formato 36 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Direção e propriedade de Leandro Bezerra da Silva; gerente - José Caetano de Souza. Redação e oficinas⁶⁹ na praça Dantas Barreto, 62. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000, mediante pagamento adiantado. Preço do exemplar - 0\$200.

Constava do artigo de abertura: "Fiel a seu programa, será *O Democrata* um órgão que objetivará as boas manifestações perante o concerto social, será ele o verdadeiro porta-voz do dever". Noutro editorial, dizia: "Acha-se moldado num princípio verdadeiro social, de paz e harmonia, de feição em absoluto independente".

Servido de bom noticiário, expediente da Prefeitura, matéria diversa e anúncios, caminhou o periódico com regularidade, tendo como primeiros colaboradores Adauto Correia de Araújo e Américo Sedícias (ou *Philodomini*) que foi redator-chefe por pouco tempo. Transcreviam-se sonetos e alguma prosa literária. Deu boa cobertura do Carnaval, a cargo de *Folião*, entremeados o noticiário, de pequenas figuras gravadas em madeira.

Apareceram, depois, produções de *Sertanejo Júnior*, F. S. Correia de Araújo; J. A., ou seja, Joaquim Aurélio Correia de Araújo e de Mário Simas, que chegou a ser admitido como redator, também de passagem.

⁶⁷ Muito curioso o motivo do afastamento do redator-gerente do *22 de Julho*. Ele divulgara, nas colunas do órgão, modesto conto de sua autoria, no qual se continha certa cena amorosa, não bem vista pelo vigário da freguesia, o virtuoso Padre Carvalho que, por sinal, era, igualmente, o prefeito do município. Resultado: durante a missa solene do domingo, viu-se o pobre contista alvo da condenação do padre, no sermão do dia. Que os fiéis não lessem mais a folha enquanto redigida pelo satânico jornalista. E fez mais: como prefeito, mandou dizer ao chefe político, o Coronel Braz, que suspendia os 150\$000 do ordenado do redator. Dito e cumprido pelo vigário-prefeito...

⁶⁸ Coleção com lacunas.

⁶⁹ A tipografia foi a mesma que imprimiu o *22 de Julho*, comprada a Braz Bezerra.

Após o sexto mês, ficou a publicação suspensa durante três semanas.

Reapareceu, já com o nº 28, a 29 de agosto, quando assumiu a função de redator-gerente Luiz Nascimento, também tipógrafo. Em artigo na primeira edição dessa nova fase, escreveu Aduino Correia que *O Democrata* prometia “colaboração mais variada e interessante e uma feição técnica mais moderna, acentuando: “Vertentes de há meses estava a exigir à frente do seu semanário uma criatura de cerebração mais lúcida, que melhor traduzisse os seus sentimentos coletivos”.

Melhorou de aspecto, realmente, o jornal, mediante a aquisição de duas novas fontes de tipos. Criaram-se as seções “Para dar tratos à bola”; “Variações...”, epigramas, por *Linguarudo* (Luiz do Nascimento), e “Dali, Dacolá”, de noticiário procedente dos distritos e povoados.

Ao lado dos assíduos Américo Sedícias e Aduino Correia, novos colaboradores surgiram, a saber: Eustáquio Vieira, Regina Limeira, Henrique de Queiroz, Onofre Correia, Zoastro Araújo, Mário Gadelha, José Wilson, Medeiros Brito (acadêmico de Medicina), P.A., que era o padre Antonio Gonçalves de Souza; Olindina Monteiro, Antonio Cardoso Veras, Franco Leal, *Charitas*, José Orestes e L. do N. ou *Lírio do Norte*, que divulgou, inclusive, lírica correspondência com *Ruth*, intitulada “De_lá e de cá”.

Circulou a 21 de novembro a primeira edição de seis páginas, impressa em tinta azul, repleta de clichês, por motivo da posse do prefeito José Borges Pereira de Lira. Foi logo superada, pois reuniu 12 páginas no dia 24 de janeiro de 1926, comemorando o primeiro aniversário d’*O Democrata*, feita a impressão em cores diferentes. Bem ilustrada de fotogravuras, inseriu, entre outras, produções originais de Apolinário Bezerra, promotor Luiz Marinho, acadêmico Andrade Lima Filho e capitão Carlos Afonso.

Findou em fevereiro a missão de Luiz do Nascimento, que foi substituído, em caráter interino, na gerência e na tipografia, pelo aprendiz Simpsom Wanderley, e este, em junho, por Pinheiro de Almeida. Os trabalhos redacionais ficaram a cargo de Antonio Cardoso Veras. A redação e oficinas tinham sido transferidas, antes, para a rua Dr. José Bezerra, 15.

A par dos artigos filosóficos de P. A., tomaram-se eficientes colaboradores Andrade Lima Filho, em prosa e verso, e *R. Danilo*, ou seja, Arlindo Moreira Dias, o dos contos ligeiros, ambos do Recife. Assinavam outras produções B. Arruda, *Mabel*, *Xisto*, o “Rabiscos”; *Pery*, autor de “Perfilando ela...”; *Domitavares* (Domitila Tavares), etc.

Ocorriam, às vezes, edições de seis páginas. Em agosto começava um concurso de beleza feminina. No mês de setembro nascia ardente

campanha contra a administração do prefeito José Borges, através de editoriais e da seção "Carta sem selo", de *José do Centro*.

Encerrando o ano o nº 95, de 31 de dezembro, só circulou o subsequente no dia 24 de janeiro de 1927, comemorando o segundo aniversário de fundação, com 12 páginas, nelas inseridas produções originais de Esdras Farias, José Mindelo, Plácido Gomes Pereira, *Mauwander*. Otaviano Alves, *Príncipe Negro*, *Flor de Lys*, *Palmeida* (Pinheiro de Almeida) e outros.

Desde então, *O Democrata* veio a circular irregularmente, inexpressivo e desestimulado, sem redator, vivendo de transcrições e anúncios. Sem deter a numeração, atingiu o nº 104 a 5 de junho do mesmo ano, aí terminando sua existência⁷⁰ (Biblioteca Pública do Estado)⁷¹.

VICÊNCIA

O COIÓ - Manuscrito, de feição humorística. Circulou em 1904 (Informação de Aníbal de Oliveira Mota).

O TUBIBA - *Órgão do Clube Carnavesco Pás de Ouro* - Circulou (número único) a 1º de março de 1908, em bom formato 36 x 25, com quatro páginas e três colunas de composição. Redatores: *Três Cueras*. Redação no *Oco do Mundo*. Distribuição gratuita.

Impresso na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, no Recife, o primeiro jornal vicenciano apresentou lisonjeiro aspecto material.

Após mencionar os nomes que formavam sua "diretoria", à frente Antonio Moura Filho, abriu o texto d'*O Tubiba* um comentário a respeito do segundo ano de atividades do Clube, seguindo-se bem redigida matéria especializada, em prosa e verso, ocorrendo assinaturas de Antonio de Moraes, *Pafúncio Tubibado*, *Xico Tampa*, *Antonio Silvino* e *Um Balisa*, Não faltou vasta ilustração de bonecos carnavalescos (Arquivo Público do Estado).

O IDEAL - *Órgão Literário e Noticioso* - Entrou em circulação a 23 de abril de 1932⁷² obedecendo ao formato 50 x 31, com quatro páginas de

⁷⁰ Um mês depois, achava-se a tipografia d'*O Democrata* em Quipapá, adquirida por Manuel Gomes Leal, para nela imprimir-se o semanário *O Quipapá*.

⁷¹ Coleção desfalcada.

⁷² As oficinas d' *O Ideal* foram inauguradas solenemente, no dia 17 de abril, com discursos, música e cerveja. A máquina impressora pertencera à *Gazeta de Nazareth*, adquirida, assim como o restante material tipográfico, com numerário angariado por subscrição pública, entre os vicencianos, por iniciativa do corpo redacional.

cinco colunas. Diretor-gerente - Miguel Pessoa Pinho; redator-chefe - Israel Fonseca; redatores - Nivaldo Correia de Melo (secretário), Eurico Pedrosa Pessoa, Joaquim Cavalcanti Filho, Luiz Bezerra Tavares e Aníbal de Oliveira Mota. Redação e oficina à rua João Pessoa, 100. Assinaturas: Anual - 10\$000 (pelo correio - 11 \$000) semestral - 6\$000 (pelo correio - 6\$500), mediante pagamento adiantado. Número avulso - 0\$200.

Fundado no mês de março, publicaram-se cinco números d'*O Ideal*, manuscritos, aos domingos. Ao aparecer em caracteres tipográficos, recomeçando com o nº 1, ano I, foi apresentado através do editorial "O primeiro passo", em que a redação se congratulou com o município pela "concretização de tão alevantado objetivo", traçando a sua profissão de fé, assim consubstanciada: "Combater o mal, por amor ao bem. Combater o erro, por amor à verdade. Combater a ignorância, por amor... aos ignorantes".

Embora constituísse "propriedade exclusiva do povo", a redação salientava o desvanecimento de serem os seus componentes "os fundadores do primeiro órgão de publicidade" de Vicência, acentuando: "Nenhuma ligação política nos há de tolher os passos. Num só partido nos alistamos e este vem a ser o do alevantamento intelectual e moral deste município".

A edição de estréia divulgou um pensamento do maestro Levino Ferreira, em quadro, à esquerda do título, local reservado a conceitos de homens célebres, por toda a existência do semanário. Escreveram sobre o aparecimento do jornal, saudando-o e estimulando-o, Gomes Maranhão, João Trajano e outros, e começaram as seções de comentários: "Uma por semana", por Oliveira Mota; "Minha crônica", por Israel Fonseca e "Pequenas coisas", por *Joteme* (pseudônimo de João Ataíde de Moura); noticiário e uma página de anúncios, a terceira.

Jornal bem feito, de edificantes editoriais e sueltos, em que os temas de interesse regional eram abordados com aprumo, seguiu *O Ideal* sua meta, adotando ainda novas seções como a "Página feminina", iniciada por *Mirtô* (como se ocultava Josefa Guedes de Vasconcelos) e "Pareceres", por *Vandipue* (pseudônimo de Agostinho Ferreira Leão), inserindo poesias de Israel Fonseca, também responsável pelos editoriais, além de artigos de redatores e a colaboração esparsa de Mauro Mota, Ataíde de Moura, Salviniano Mais, *E Reivax* (Henrique Xavier de Moraes), Manuel Cavalcanti, *Peri_Pedro*, Levino Ferreira, *Garça Solitária*, Dr. Severino Apúlio Cavalcanti, Lauro Cisneiros, Ernesto de Albuquerque, Severino Farias, *Nicorrê* (anagrama de Nivaldo Correia), Aristides de Paula, etc., variando com alguns *copy writers* da *Blux-Jornal*", do Rio de Janeiro, e do "Grupo Terra da Gente", do interior de Pernambuco, integado por Waldemar Lopes, Lisboa Brito, A. C. Montenegro e outros.

Ora através da crônica assinada, em que alternava literatura com

política, ora através de editoriais, Israel Fonseca começou, no mês de agosto, a criticar a administração municipal, cujo prefeito raramente aparecia na cidade, que por isso não progredia. Foi o bastante para que os políticos da situação mandassem um memorial ao interventor federal no Estado, queixando-se contra *O Ideal* e seu redator-chefe. Não demorou a reação: Israel que já tinha sofrido agressão, por denunciar violências policiais, foi demitido, sumariamente do cargo, que exercia, de adjunto de promotor público⁷³. Resultou daí o artigo "A vitória da calúnia", na edição de 8 de outubro, em linguagem causticante.

O periódico tinha caráter independente, qualidade que passou a constar da linha abaixo do título, desde o nº 32, de 26 de novembro.

Israel foi ameaçado de pancadaria e morte; a tipografia também esteve sob ameaça de empastelamentos. Mas a campanha não se deteve, sem faltar, por outro lado, uma poesia de Israel em cada edição, extinguindo-se as seções primitivas.

Duas edições especiais, uma de seis, outra de oito páginas, impressas em papel acetinado grosso, assinalaram as datas de 10 de janeiro de 1933 e de 23 de abril, esta comemorativa do primeiro aniversário d'*O Ideal*, em ambas figurando a página "Musa em férias", repleta de poesias.

Vinham ocorrendo algumas alterações na equipe responsável. Ao iniciar-se 1933 já figurava entre os redatores o nome de José Bandeira Costa. Afastado Miguel Pinho, ficou Israel Fonseca como diretor-redator-chefe, passando Cavalcanti Filho para a gerência. Em abril despedia-se o redator Nivaldo Correia. Desde a primeira edição de janeiro, sucederam-se artigos do novo colaborador Costa Porto.

Após o nº 51, de 29 de abril, ficou suspenso *O Ideal*, precisado que estava de refazer as finanças precárias.

Reapareceu, menos de dois meses decorridos, saindo o nº 52 no dia 10 de junho. E assim concluiu o editorial respectivo: "Voltamos, pois, à arena jornalística, impelidos pelos mesmos propósitos de censurar o censurável, de verberar arbitrariedades, de condenar os abusos do poder tão em moda na Vicência de após-Revolução".

Prosseguiu semanas afora, a crítica, mordaz, intensa, ao prefeito Benjamin Azevedo, ao "chefe" José Cândido de Oliveira, a José Nicodemos e demais áulicos. Quase se transformou a folha em panfleto. A sátira e o ridículo foram armas tremendas do poeta Israel, também dono de admirável pureza de estilo.

⁷³ A pressão continuou, meses depois, com a transferência da professora estadual Regina Fonseca, esposa de Israel, de Vicência para Paudalho.

Bandeira Costa entrou também a assinar sonetos. A matéria acrescia-se dos artigos de literatura mandados, então, pela U. B. I. (União Brasileira de Imprensa), que congregava escritores do primeiro plano. De vez em quando apareciam crônicas ou versos de *Qui-Qui* (pseudônimo de Israel Fonseca).

Em seu nº 63, de 26 de agosto tornou-se *O Ideal* órgão filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

Na mesma edição, uma reportagem sensacional informava que, no último dia de feira, o chefe do situacionismo local armou grupo de "cabras" para assassinar o diretor-redator-chefe. Este, com a ajuda de amigos, conseguiu deixar a cidade, encaminhando-se ao Recife, onde conseguiu, na Chefia de Polícia, as necessárias garantias de vida e, nas redações, a quase total solidariedade da imprensa diária⁷⁴.

Na edição seguinte, escrevia Israel: "Como nunca, estou firme no meu posto".

Acalmaram-se os "valientes", e o semanário prosseguiu na sua linha de ataque, ao passo que *If* iniciava a seção de versos satíricos "Petecas".

A partir do nº 78, de 9 de dezembro, Aníbal Mota figurou como proprietário da empresa d'*O Ideal*, depois que o fora, por um mês, Israel Fonseca. Mas, na realidade, não havia proprietário, na acepção correta da palavra, desaparecendo do expediente o cargo e seu ocupante. Afastaram-se os demais redatores, só ficando Bandeira Costa, na qualidade de Secretário, que acumulou com a chefia da oficina. Esta foi transferida, em novembro, para o nº 94 da mesma rua e, em junho do ano seguinte para a rua da Matriz, 2.

Terminado o ano, o valente semanário começou 1934 com o nº 81. Abriu-se o concurso "Qual a mais bela?" e apareceu a colaboração de Fernando de Oliveira Mota e de Nicanor Souto Maior (artigo único); depois, a de J. Andrade, feito redator-chefe.

As edições de 3 e 10 de fevereiro foram exclusivamente dedicadas ao Carnaval, contendo, sobretudo, longa série de sonetos-perfis, a cargo de Israel e de Bandeira, todos assinados com o pseudônimo *Zé Folião*.

Contou, excepcionalmente, 20 páginas⁷⁵ a edição de 23 de abril - nº 90, marcante da passagem do segundo ano de vida acidentada d'*O Ideal*.

⁷⁴ O fato teve a mais intensa repercussão em todo o Estado, através da atuação da A. I. I. P., cujos jornais filiados dele se ocuparam largamente, solidarizando-se com *O Ideal* e seu diretor.

⁷⁵ Para o preparo de tamanha edição numa tipografia de material limitado, deixou de circular o semanário durante cinco semanas.

Dividiu-se em três cadernos, bastante ilustrados de fotogravuras, inserindo numerosa colaboração especial, em prosa e verso. O vento foi solenizado com uma sessão magna, presentes as bandas de música local e de Limoeiro.

Outra ligeira suspensão ocorreu antes do nº 93, que só circulou a 9 de junho. Estivera em pauta, novamente, a crise de numerário, enfim superada, segundo escreveu a redação:

"...raríssima é a força de vontade que se não torne impotente diante dos obstáculos de ordem financeira, em que tropeça, a cada passo, o obscuro homem de imprensa do interior. Para esta folha, porém, abre-se uma exceção bem digna de nota: pode manter-se com reduzido número de assinantes. Conta com amigos cuja assinatura anual monta a somas superiores a 200\$000, 600\$000, 1:000\$000 e mais, muita vez. É espantoso, mas verdadeiro.

"*O Ideal* não cairá antes da politicagem reinante entre nós. Ela, a megera de garras de abutre, cairá primeiro. Não resistirá sempre aos embates da verdade".

Da quarta página passou a constar a seguinte manchete, que permaneceu até o último número: "É dever de todo vicenciano de brio fazer oposição aos anacrônicos figurões políticos de Barra e Sossego".

Ocorreu ainda uma alteração no corpo redacional, com o afastamento de J. Andrade (engenheiro Júlio Ramos de Andrade Lima), cujas funções de redator-chefe voltaram a ser acumuladas pelo diretor. Travou-se, então, entre os dois, no decorrer de algumas edições, interessante polêmica, envolvendo desde o motivo político da retirada até questões de lingüística e semântica.

Continuou *O Ideal* a circular com regularidade, incluindo no rol de suas críticas o interventor Lima Cavalcanti, sob a acusação de estar subvertendo os princípios da revolução de 1930. Fez a propaganda eleitoral da Ação Libertadora orientada por João Alberto, visando à derrota dos candidatos situacionistas no município, o que conseguiu.

Enquanto isto, não se alterava a parte literária do jornal, que, além dos seus bardos permanentes, ainda transcrevia poesias e excertos de prosa ou pensamentos de nomes famosos. Voltaram as escassas "Petecas", com a assinatura de *Zé da Rua*, o mesmo *Fonseca* ou *Ignotus* das "Hebdômadas", seção de comentários políticos do tipo das catilinárias. Israel ainda pôs ao "canto da cerca", numa polêmica sobre questões de português, o jornalista Artur Xavier de Moraes, que escrevia n'*O Planalto*, de Carpina, querela que rendeu de dezembro de 1934 a março de 1935.

Nos últimos tempos, *O Ideal* vinha inserindo, esporadicamente,

produções de Costa Porto, Fernando de Oliveira Mota, Waldemar Lopes, Bandeira Costa (substituído, na função de redator-secretário, por Getúlio Andrade), Oton Fialho de Oliveira, A. Camargo, e raros outros, sem faltarem jamais os sonetos do diretor-redator-chefe. Aumentou a divulgação de anúncios, até encher as duas páginas do centro.

No segundo semestre de 1935, *O Ideal*, que passara a circular quinzenalmente, entrou a fazer propaganda da candidatura de Geminiano Pedrosa ao cargo de Prefeito. Viu-a vitoriosa, acontecimento que celebrou, jubilosamente, com o artigo "Vicência liberta", na edição de 20 de outubro - nº 143 - quando terminou a existência regular do vibrante periódico.

No ano seguinte, precisamente no dia 15 de agosto de 1936, *O Ideal* ainda proporcionou aos leitores uma edição especial, de oito páginas, em excelente papel, comemorativa da data da posse do prefeito e dos vereadores eleitos, cujos clichês estampou, além de outros, de amigos da redação. Boa parte da literatura. Foi o fim (Biblioteca Pública do Estado).

A IDÉA - Jornal Humorístico e Noticioso - Sem comprovante existente da edição inicial, circulou o nº 2 a 26 de maio de 1934, formato 31 x 24, com quatro páginas e quatro colunas de composição. Direção de Fonseca & Andrade, ou seja, Israel Fonseca e Antonio de Oliveira Lira. Preço do exemplar - 200 réis.

Ensejou a publicação o fato de achar-se suspenso, embora por poucas semanas, o semanário *O Ideal*, em circunstâncias especiais. O editorial desse segundo número teve o título "A *Idéa* e outras idéias", focalizando a situação em que se debatia a imprensa local. Inseriu diversas notas redacionais, de caráter político; artigo de J. de Andrade; versos de Bandeira Costa, Luiz Tavares Bezerra e Israel Fonseca, este através dos pseudônimos *Nico-demus* e *Indiscreto*, fimiando epigramas. Notícias ligeiras e alguns anúncios completaram a edição (Arquivo Ataíde de Moura).

CABOCLA - *Suplemento d'O Ideal* - Circulou a 1º de janeiro de 1935, em formato 26 x 16, com 28 páginas de texto (papel comum) e capa em cuchê, a duas cores, nela apresentando poema do diretor, Israel Fonseca, tendo como título o próprio nome da revista. Capa externa e sub-capas em branco. Redator-secretário - José Bandeira Costa. Redação e oficina à rua da Matriz, 2, a mesma d'O *Ideal*.

O editorial de abertura aludiu a que publicar uma revista, em Vicência, era "um desses golpes de força que deveriam ser recebidos pelo público com a admiração e entusiasmo com que se costumam consagrar feitos heróicos", acentuando:

É quase tão impraticável como uma viagem à lua. Mas Cabocla aí está. E traz nos olhos toda a boniteza bem nossa das noites de lua dos sertões. E tem flores de

paudarco nos cabelos. E não diz frases em francês. Fala o português nacional brasileiro.

A par de transcrições, pensamentos, notícias e serviço de clicherie, a interessante revista literária inseriu prosa e verso do diretor, do redator-secretário (diferentes produções de cada um) e dos colaboradores Costa Porto, Henrique Xavier de Moraes (*Ed Reivax*), Ataíde de Moura, Manuel Cavalcanti, Erasmo Lira, Ernesto de Albuquerque, Lauro Cisneiros e Levino Ferreira. Apenas dois anúncios de página.

Ficou no primeiro número (Biblioteca Pública do Estado).

O MATUTO - Impresso na gráfica d'*O Ideal*, foi dado à publicidade o nº 1 no dia 25 de dezembro de 1935, formato 30 x 20, a três colunas de composição, com quatro páginas, só utilizadas três, sendo uma de anúncios, em papel amarelo-ouro. Diretor-redator-chefe - *Papai Noel*; responsáveis — Fonseca, Lira e Bandeira (Israel Fonseca, Antonio de Oliveira Lira e José Bandeira Costa).

Focalizou, em puxado artigo de apresentação, a vida do homem do mato, o chamado matuto, "artista sem artifício", que nada percebe de política, humilde e despersonalizado. Seguiu-se a reprodução de uma crônica de Álvaro Moreira. Uma coluna de trovas, com diferentes assinaturas, e duas notícias completaram a edição.

No nº 2, escreveu a redação, em meio a longas considerações: "Vida efêmera, em verdade; mas este jomalzinho foi apenas editado pela segunda vez para provar a alguns inimigos nossos que, pelo fato de sermos amigos dos pobres, não somos comunistas".

Folha eminentemente literária, inseriu, nesse último número, de 01/01/1936, poesias dos três redatores-responsáveis, uma página de "Conceitos e Preconceitos", de Berilo Neves, noticiário da festa de Santana, notas ligeiras e apenas dois anúncios, todas as quatro páginas ocupadas (Arquivo Ataíde de Moura).

MASCARENHAS - Órgão de publicação semanal, surgiu a 15 de maio de 1936, formato 38 x 26, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor-redator-chefe - José Bandeira Costa, o qual, a partir do nº 4, dividiu o encargo com o redator Luiz Tavares Bezerra, entregando-lhe a direção; redator-secretário - Antonio de Oliveira Lira; redator - Wilson Araújo Silva; gerente - Eurico Pedrosa, só o nº 14, quando o diretor acumulou a função econômica. Redação e oficina na rua da Matriz, 2. Assinaturas: anual - 10\$000; semestre - 6\$000, custando o exemplar 200 réis.

Ao circular, não tinha, segundo o editorial de apresentação, "o intuito maquiavélico de fustigar ou corrigir ideologias políticas ou religiosas de que quer que seja..." Seu ideal era "um produto de atavismo, de audácia".

Nascia para o bem da terra vicenciana, para "a defesa intrínseca dos seus direitos".

Aparecendo aos leitores com regularidade, o periódico focalizava temas diversos nos seus comentários, de interesse local ou geral, mantendo em dia o noticiário dos acontecimentos do município. Também divulgador de Literatura, era constante, nas sua páginas, a presença de Bandeira Costa e Oliveira Lira, em prosa e poesia, sendo outros colaboradores Abdias de Oliveira Filho, Wilson Araújo Silva, Rômulo Brandão, J. Malta de Moura, *Bitavá*, Erasmo Lira, Luiz Bezerra, Lauro Cisneiros, etc. E ainda originais da União Jornalística Brasileira. Quase duas páginas eram de anúncios. Após o nº 14, adotou o subtítulo: "Órgão Independente".

Não se alongou a existência do Mascarenhas, cujo último número avistado foi o 23º, de 7 de novembro do mesmo ano (Biblioteca Pública do Estado)⁷⁶.

A SERRA - *Órgão Independente* - O nº1, ano I, circulou no dia 21 de novembro de 1936, formato 50 x 31, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor-redator-chefe - José Bandeira Costa; gerente - Wilson Araújo Silva, funcionando a redação e oficinas na rua da Matriz, 2. Assinatura anual - 10\$000; semestral - 6\$000; Número avulso - 0\$200; atrasado - 0\$500. Publicação aos sábados.

Sendo substituto do precedente, divulgou a direção a nota a seguir:

Todos os assinantes que começaram com Mascarenhas e já pagaram as suas assinaturas, ficarão recebendo A Serra gratuitamente, até que complete o ano. A nossa atitude se justifica porque, não podendo aqueles assinantes terem prejuízo, ficará deste modo excluída a responsabilidade do diretor deste jornal, que também teve atuação na redação de Mascarenhas.

Manteve idêntico programa informativo-noticioso, além do comentário geral: os mesmos anúncios e a inserção constante de poemas ou sonetos, contos ou crônicas de Bandeira Costa, acrescentando a colaboração de J. Coelho Moura, Carlos Amorim, Israel Fonseca, Lauro Cisneiros, Cavalcanti Filho, Dr. Cireno Gonçalves, Procídio Xavier, Wilson Silva e Oliveira Lira, além de copy rights da União Jornalística Brasileira.

A *Serra* viveu sempre em boas relações com a administração municipal, divulgando-lhe, inclusive, os atos oficiais. Na parte social criou um concurso para apurar qual "a dona dos mais belos olhos" de Vicência.

Após o nº 22, de 15 de maio de 1937, o semanário sofreu interrupção motivada pela deficiência de suas instalações. A edição seguinte saiu a 24 de julho, transferidas a redação e oficina para a rua

⁷⁶ Coleção com lacunas.

Vigário Rego, 163, ocorrendo no Expediente a seguinte alteração: diretores - J. Bandeira Costa e M. Cisneiros Luna; secretário - Erasmo Lira.

Prosseguiu a vida d' *A Serra* até o nº 30, de 25 de setembro, provável último número publicado (Biblioteca Pública do Estado).

A COLINA - *Órgão Literário e Noticioso* - Surgiu no dia 28 de maio de 1938, formato 31 x 22, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na oficina gráfica situada na rua Vigário Rego, 163, onde se instalara também a redação. Diretor-redator- chefe - Aníbal de Oliveira Mota. Tabela de assinaturas: por ano - 10\$000, ou 11\$000 acrescida do porte do Correio; por semestre - 6\$000 ou 6\$500, respectivamente.

Abriu com o editorial "Início da jornada", declarando logo: "Somos uma bandeira que partimos com um destino incerto, a fim de levar àqueles que não compreendem o objetivo de nossa finalidade". Após extensas considerações, aduziu: "E a nossa finalidade é tão somente fazer campanha cerrada contra aquilo que venha de encontro ao progresso coletivo de nossa terra".

Sentenciou, mais adiante: "O jornal é um relator mudo, mas que diz a todo mundo a vida geral de uma região. Criar um jornal é cuidar da vida de uma terra, é zelar pelos interesses de um povo, sem visar o caráter de sua recompensa. Criar um jornal, em síntese, é dizer algo da cultura de um povo".

Depois de relatar os princípios da imprensa de Vicência, que então retomava o duro labor, concluiu solicitando o auxílio da população para levar *A Colina* a bom destino e vida longa.

A edição inseriu artigo de Oliveira Lira, soneto de Ataíde de Moura, noticiário, matéria oficial da Municipalidade e fotografuras do vigário Manuel Guedes e do presidente Getúlio Vargas.

A Colina dizia-se semanário, mas no segundo número passou a quinzenário. Entretanto, esse nº 2 só foi publicado a 16 de julho, duplicado o formato, acrescentados ao cabeçalho dois nomes: Antonio de O. Lira - redator-secretário; João Gomes da Silva - gerente. Festejou, em editorial, a vitória conquistada, conclamando os vicencianos a elevarem sua terra à altura das irmãs civilizadas. Apresentou boa matéria noticiosa e de colaboração, inclusive soneto de *Ed Reivax* (Henrique Xavier de Moraes) (Arquivo Ataíde de Moura).

Não conseguiu prosseguir além do nº 3, do qual, todavia, não resta comprovante.

CORREIO DO SIRIJI - *Órgão Literário e Noticioso* - Entrou em

circulação o nº 1, ano I, a 5 de junho de 1949, no formato de 40 x 28, com quatro páginas de cinco colunas. Impresso em oficina própria, situada, junto à redação, na Praça da Bandeira, 40, obedecia à direção de F. Assis Pedrosa, sendo Aníbal de Oliveira Mota redator-chefe e Hélio T. Oliveira secretário. Na gerência - Pedro R. Albuquerque. Tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 30,00; Semestre - Cr\$ 20,00. Número avulso - Cr\$ 1,00.

O editorial "Apresentação" fez um retrospecto das atividades jornalísticas no município, desde o seu primeiro jornal até a aparição do *Correio de Siriji*, "de feição humilde, porém de leitura agradável e sadia, pronto para lutar pelo engrandecimento de Vicência, cheio de viço para bater-se pelas boas causas". Seria, finalmente, "uma sentinela sempre alerta na defesa da paz, da integridade e dos direitos" da terra e do povo vicencianos.

A edição de estréia inseriu produções especiais de Mauro Mota, Jordão Emerenciano, José Bandeira Costa e Hélio Tavares de Oliveira.

Seguiu-se a publicação quinzenalmente, tratando de "Coisas do município" e bem servida de comentários gerais, literatura, noticiário, inclusive dos distritos, e cerca de uma página de anúncios.

Encerrando o ano o nº 15, de 18 de dezembro, continuou a numeração a 1º de janeiro de 1950. Passou a circular espaçadamente, havendo, às vezes, mais de um mês de interregno. O nº 23, de 11 de junho, reuniu 10 páginas, em papel de cor, ilustradas com fotografuras e boa colaboração, comemorando o primeiro ano de existência.

Mais algumas edições e no nº 27 era substituído o redator-secretário por Antonio de Oliveira Lira.

A 24 de dezembro saía o último número do ano, para só aparecer o seguinte, que foi o 30º, no dia 25 de janeiro de 1951. Continuou até 23 de agosto, formando um total de 39 edições.

Sob a orientação do líder político Geminiano Pedrosa e apoiando a administração municipal exercida pelo médico José Otávio Maciel, o *Correio* fez a apologia do Partido Social Progressista e a propaganda dos respectivos candidatos a cargos eletivos, nos setores estadual e federal. Deu franca cobertura noticiosa ao Congresso dos Municípios e ao Congresso de Jornalistas do Interior, realizado em Caruaru.

No último ano, forneceu ponderável espaço às *démarches* para o apaziguamento da política municipal em torno da escolha de uma candidato apartidário à função de Prefeito, o que resultou na apresentação do nome do jornalista José João da Mota e Albuquerque (*Zito Mota*), cuja posse e primeiros atos administrativos mereceram amplo noticiário.

Fora a matéria de rotina, a folha inseria colaboração, ora em prosa, ou em verso, de Fernando de Freitas Henriques, Leonardo Selva, Solon C. de Moraes Vasconcelos, *Píndaro*, Gentil Alves Feitosa, Waldemar Lopes, *Labina* (anagrama), que assinava "Fato & Boato" e "Perfis Femininos"; A. da Cunha Gomes, Hélio Tavares, Hermes Bezerra Neves, Queiroz Baima, Aníbal Mota (contista), que também se assinava *Sílvio*, Oliveira Lira, o mesmo Aril; José Gonçalves de Oliveira e outros. Pretendeu levar avante um concurso de beleza, mas fracassou.

A situação financeira do *Correio* era insatisfatória, nada adiantando os apelos que se vinham fazendo à boa vontade dos vicencianos categorizados. Não conseguiu mais emergir depois da edição de 23 de agosto de 1951 (Biblioteca Pública do Estado).

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

O VICTORIENSE - *Jornal Noticioso e Comercial* - Publicação iniciada a 5 de novembro de 1866⁷⁷, não restam comprovantes dos três primeiros anos de sua vivência.

Existe, nos escaninhos da Biblioteca Pública Estadual, exemplar do nº 46, ano IV, de 20 de novembro de 1869. Impresso em tipografia própria, situada à rua Imperial, 27, apresentou-se em formato 37 x 26, com quatro páginas de três colunas de 14 cículos. Trazia sob o título uma faixa de composição miúdo, contendo o expediente — "Publica-se uma vez por semana. Assina-se a 3\$000 por trimestre (pagos adiantados)" — e informes sobre as audiências do Juiz Municipal.

Não inseriu editorial que fornecesse uma idéia das tendências políticas ou apolíticas do primeiro jornal do município, fundado e redigido por Antão Borges Alves. Abriu a primeira página a seção "Atos Oficiais", seguindo-se-lhe "Revista Semanal", constituída de noticiário; folhetim, transcrição, variedades, a continuação dos Estatutos da Sociedade Recreio Teatral Vitoriense, editais e anúncios.

Transferida a pesquisa para Vitória de Santo Antão, foi possível manusear, na biblioteca do Instituto Histórico local, números esparsos e muito raros d'O *Victoriense*, que vêm sendo, pouco a pouco, consumidos pelo tempo. Assim o nº 24, ano IV, de 25 de junho de 1870,

⁷⁷Cf. Alfredo de Carvalho, in "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908". Cometeu um lapso o historiador José Aragão - "A imprensa periódica da Vitória de Santo Antão", in vol. I da *Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão*. 1954, ao mencionar, à página 178, esta cidade como tendo sido a sexta, do interior de Pernambuco, a ter jornal. Não, foi a quinta, com *O Victoriense*. Coube o sexto lugar a Goiana, porque *O Oriente*, fundado a 8 de julho de 1866, era jornal recifense, só transferido para lá em 1868.

acompanhando o ritmo do precedente, mas adotando tabela completa de assinaturas, a saber: ano - 12\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000.

De algumas edições resta, apenas, a folha correspondente às páginas 3 e 4, como prova de pagamento de matéria do tipo "Solicitadas". Numa delas vê-se publicado um Edital, tendo à margem o recibo abaixo transcrito, devidamente selado, datado de 18 de maio de 1874 e assinado por Antão Borges Alves: "Recebi do Sr. Dr. Afonso José de Oliveira a quantia de seis mil réis (6\$000), da publicação do edital de arrematação do engenho Mocotó".

Outros comprovantes d'O *Victoriense*, com todas as quatro páginas, embora mutiladas: nºs 19, 20 e 32, de 8 e 15 de maio e 10 de agosto de 1875, achando-se transferida a tipografia, junto ao escritório, para o nº 8 da mesma rua Imperial. Constava do sub-título: "Gazeta Noticiosa do Interior de Pernambuco". No terceiro dos mencionados iniciava-se novo folhetim: "Uma história de sonhos", com a assinatura *Verba Volant*. Formato aumentado, páginas com quatro colunas de composição.

Passa-se para os nºs 35 e 45, de 25 de agosto e 10 de novembro de 1877. Mudara o sub-título para: *Jornal Noticioso e Comercial*, como dantes. Novo endereço: rua Imperial, 43. Não deixou de constar, jamais, o nome do proprietário - Antão Borges Alves.

Voltando à Biblioteca Pública do Estado, lá existem, ainda, os nºs 7 e 8, datados, respectivamente, de 2 e 9 de março de 1878. A par da matéria de rotina, divulgava o folhetim "Solfa em lamiré", a cargo de *Solfaute*, especializado em criticar o "pasquim conservador", ou seja, *A idéia Conservadora* (outro jornal da cidade), além da colaboração política de *Justus* e de comentários redacionais, no mesmo sentido.

Segundo, ainda, Alfredo de Carvalho, no estudo *Gênese e progressos da arte tipográfica em Pernambuco*", 1ª parte do volume dos "Anais", página 49, *O Victoriense*, "que, de 1870-76 (ver nota ao pé da página), teve o título mudado para *Correio de Santo Antão*, publicou-se regularmente até fins de 1878, quando o seu proprietário e principal redator, mudando-se para Glória do Goitá, para lá transportou a mesma imprensa e deu à luz *O Goytaense*".

Decorridos 61 anos, reapareceu *O Victoriense* - nº 1, ano LXXII - a 8 de julho de 1939, em formato 48 x 32, com quatro páginas e lisonjeiro aspecto material, tendo a redação e as oficinas instaladas à rua Barão do Rio Branco, 90 e na praça Leão Coroado, 9, respectivamente. Diretor - José Aragão Bezerra Cavalcanti. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$000; mês - 1\$000. Preço do exemplar - 0\$300.

Aludindo ao retorno do primeiro jornal fundado na cidade, escreveu a redação, no editorial de abertura:

O Victoriense corporificou o ideal de um batalhador; satisfez aos anseios de uma geração sequiosa de luz; foi o primeiro lampejo da inteligência em nossa terra, o marco mais profundo de nossas conquistas, o precursor de nossas vitórias nas lides do pensamento. Por que, pois, em se tratando de imprensa, Vitória, deixar em triste olvido, na poeira dos séculos, o nosso primeiro jornal, filho legítimo da nossa inteligência com o nosso coração?

Ainda da primeira página constaram notas biográficas, com clichê, do redator-fundador e uma carta do respectivo filho, de igual nome, autorizando o professor José Aragão a fazer ressurgir *O Victoriense*, cedendo-lhe todos os direitos sobre o respectivo título.

A edição inseriu bastante matéria, a salientar a colaboração de Mário de Farias Castro, *Joseph_d'Alemmar* (pseudônimo de Manuel de Holanda Cavalcanti), Cícero Galvão, Severino Lira, *Miss_Elania* (como se ocultava Maria Isabel de Holanda) e F. Moura; as seções "O que *O Vitoriense* publicava em 26/06/1875"; "Calendário Cívico"; "Seção Religiosa"; "Vida Administrativa"; "Vida Esportiva" e "Notas Sociais", e alguns anúncios.

Prosseguiu a publicação, ora semanal, ora quinzenal, incluída nova seção: a "Coluna Feminina", a cargo de *Mary Ann*. Vieram as "Informações Uteis"; mais a divulgação de produções de Pelópidas de Arroxelas Galvão, Crispim Alves, Lamartine de Farias Castro, Francisca Sena, padre José Pessoa, além dos artigos e crônicas do diretor, assinados ou não. Ocorriam, ainda, pelo tempo afora, "Perfis", em versos, por *Iolanda*; "Cócegas", de *Vinicius* (outro travesti de Manuel Holanda); "Ritmos do Século" e "Jóias Literárias".

Sem passar das quatro páginas habituais, *O Victoriense* comemorou, com seu nº 33, de 13 de julho de 1940, o transcurso do primeiro aniversário da nova fase. Segundo o editorial alusivo, houve, no decurso da jornada, "injustiças e compreensões", que foram situadas, pelo articulista, "dentro das vicissitudes humanas, dos espinhos da missão da imprensa, sublime mas ingrata, e que, no interior, significa renúncia e sacrifício".

Interessante seção veio a criar-se depois: "Evocando o passado". Ia-se substituindo outras e apareciam diferentes colaboradores, tais como o padre Antonio Alves, Corina de Holanda, Henrique de Holanda, Maria Isabel de Holanda (afora o pseudônimo) e, pelo menos uma vez, Silvino Lopes, enquanto se apresentava, como encarregado das finanças da empresa, Jonas de Moraes Andrade.

Ao atingir 1941, tinha início a "Coluna do Escoteirismo", a cargo de Alceu Vidal de Melo e, precisamente na edição de 8 de fevereiro, nascia um jornal dentro do jornal: o "Jornal das Escolas"- ano I, nº 1 - ao ensejo do começo do ano letivo, ocupando cerca de meia página, na 2ª, destinado a divulgar o movimento do ensino primário e colaborações infantis; não passou de nove inserções.

Liam-se, nas colunas d'O *Victoriense*, à época, produções de Manuel de Holanda, Severino Lira e Teixeira de Albuquerque; contos e crônicas; a seção "Sintonizando"; noticiário desportivo e geral e notas ilustradas, sob o título "Panorama da Guerra". A partir de 27 de junho de 1942, o diretor José Aragão, que tinha assumido o cargo de prefeito do município, admitiu um redator-chefe: Aloísio de Melo Xavier, e um redator-secretário: Júlio Siqueira. Enquanto isto, juntavam-se redação e oficina no prédio nº 15 da rua Barão do Rio Branco. Novos colaboradores: Clidenor Galvão e Albertina Lagos. Por pouco tempo vigorou a seção "Fustigando", de versos satírico-humorísticos, por *Pinóquio*. Às vezes, alterava-se o formato; outras vezes parecia a folha impressa em papel de cor.

Circulou, a 6 de maio de 1943⁷⁸, em edição especial de 14 páginas, comemorativa do centenário da elevação da antiga vila de Santo Antão à categoria de cidade da Vitória, divulgando clichês de administradores federal, estadual e municipal e personalidades de projeção local, noticiário dos festejos do dia e produções originais de elementos de relevo nas letras. Boa parte de reclames comerciais.

No ano em referência, desde 3 de julho, a direção adotou nova tabela de assinaturas, tendo em vista a alta dos preços do material de imprensa, a saber: ano - Cr\$ 18,00; semestre - Cr\$ 9,00; trimestre - Cr\$ 4,50; mês - Cr\$ 1,50. Embora normalizado o formato de seis colunas de composição, diminuíram os anúncios, incrementada, assim, a parte editorial, contando com artigos assinados de José Aragão e diferentes produções de J. Esberard Beltrão, Alcides Nicéas, o das "Missangas"; *Italenda Mosel*, Áurius Júnior e Agamenon Magalliães, este mediante transcrições autorizadas da *Folha da Manhã*, do Recife. Divulgava, em 1944, atos oficiais da Prefeitura, já ocupada por diferente titular.

Prosseguindo, o semanário "noticioso e independente" Veio a reduzir o formato a 28 de abril de 1945, ao sistema tabloide — 33 x 24, com quatro colunas de composição — devido à reforma a que ia submeter-se a tipografia. Passou, no entanto, a dar seis e, logo mais, oito páginas, sem mais alterações, salvo a saída da redação, em novembro, do redator Júlio Siqueira.

Ficou suspensa a publicação no ano seguinte, após a edição de 6 de julho. Reapareceu ano LXXX, nº 1 - a 2 de março de 1947, com doze páginas, ainda tablóide, feito quinzenário, usando tipagem nova, nítida impressão, transferidas a redação e oficinas para a rua do Rosário, 36. Assinaturas a Cr\$ 24,00 ou Cr\$ 12,00 por semestre, figurando, no cabeçalho, o mesmo incansável e eficiente diretor.

"Não é uma ressurreição. É um retorno", segundo a nota de abertura.

⁷⁸ O ano do centenário coincidiu com o da assinatura da lei por força da qual o nome da cidade mudou para Vitória de Santo Antão.

Tinha suspenso "por motivos imperiosos". Voltava obedecendo ao mesmo programa, para "servir, nobre e desinteressadamente, à terra e ao povo de que recebeu o nome".

Adotou as seções "Jornal Operário"; "Em quinze dias", crônica de *Justino d'Ávila* "Arte e Literatura", a cargo do diretor-gerente Henrique de Holanda Cavalcanti; "Perfil"; "Vida Forense"; "Figuras e Fatos da História Pátria", por *Gurjão de Almeida* ou José Aragão; "Vida Esportiva", a cargo de Beraldo Veras; "Pró & Contra", de Verçosa Filho, que assumiu, no fim do ano, a gerência, por morte do titular acima mencionado; "O *Victoriense* no lar"; a jamais faltosa "Seção Religiosa", etc.

Findou o regime de doze páginas uma vez divulgado o nº 16, de 5 de outubro de 1947, para, no mês subsequente, dia 8, começar numeração nova no formato maior, de cinco colunas de composição. Assim continuou, entrando 1948, quando, em março, voltou a semanário e logo mais estabelecia os seguintes índices de assinatura: ano - Cr\$ 30,00; semestre - Cr\$ 15,00; trimestre - Cr\$ 8,00. Aurino Valois firmava a "Coluna Jurídica" e Verçosa Filho "A Crônica da Semana".

Não era satisfatória a situação financeira d'O *Victoriense*, fatalidade inerente a tudo quanto é jornal interiorano. Muito oportuno foi, a respeito, o editorial de sua edição de 24 de julho, sob o título "Cooperação", tema este focalizado em cores vivas. No caso da imprensa, por exemplo: fala-se da necessidade de um jornal, para tratar "dos problemas locais, movimentar o meio, incentivar a vida social, pugnar pelos interesses das classes e grupos, ventilar os assuntos administrativos, econômicos, educacionais, etc.", porque "o jornal é o do progresso, os pulmões do povo", etc., "Mas, quando chega o recebedor das assinaturas, tem de bater mil e uma vezes à porta e subir verdadeiro calvário", para regressar carregado de desculpas. Concluiu o articulista: "E a cooperação, a boa, a boa vontade para o engrandecimento da terra, mãe comum dos vivente, que somos nós? Fica sempre *nas débeis cordas da lira*".

Não era possível ir muito longe mais, O valente periódico terminou seus dias com o nº 10 do ano LXXXIII, que saiu a lume no dia 1 de agosto de 1948, o qual comemorou, como era praxe todos os anos, o dia da vitória, no monte das Tabocas, contra o domínio holandês em Pernambuco⁷⁹ (Biblioteca Pública do Estado).

O ECHO LIBERAL - *Periódico Político e Noticioso* - Impresso em tipografia instalada á rua Imperial, 20, "o nº 1 do ano I saiu a 19 de setembro de 1868 e a publicação perdurou até fins de abril de 1869". É o que consta dos "Anais", de Alfredo de Carvalho, não restando

⁷⁹ O *Victoriense* voltou a publicar-se, por alguns meses, em 1956, feito órgão do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão, ao qual José Aragão transferiu os direitos adquiridos. Reaparecendo em 1965, comemorou, no ano seguinte, o centenário de sua fundação.

comprovantes.

Acusando o recebimento do nº 2, o periódico *A Opinião Nacional*, do Recife, em sua edição de 7 de outubro, confirmou que era proprietário da folha liberal Manuel Bernardo Gomes Silvério.

O mesmo órgão recifense, a 14 de janeiro de 1869, ao referir-se à publicação do nº 1, ano II, d' *O Echo Liberal*, acrescentou: "Sentimos profundamente o desacato que sofreu o seu proprietário e redator, vítima, como tantos outros campeões da imprensa nestes tempos de *harmonia dos brasileiros*, das infâmias dos agentes do governo".

A ocorrência, verificada às 19 horas do dia 23 de dezembro, foi assim narrada pelo diário *O Liberal*, também do Recife, edição de 16 de janeiro de 1869:

De um grupo onde se achava o subdelegado saiu um soldado, quando passava o paciente para sua casa, e a poucos passos espancou-o cruelmente, deixando-o cortado pelos peitos com o azorrague de que estava premunido, sem haver um só dentre tantos que acercavam o subdelegado que o fosse tirar das mãos do algoz, o qual, depois de cometido o crime, voltou, mansa e pacificamente, ao seu primitivo lugar.

Acentuou o narrador que a gazeta victoriense havia falado do subdelegado, "publicando alguns fatos criminosos que lhe eram atribuídos". O ofendido dirigiu-se à capital do Estado, apresentando queixa ao Conde de Baependy, presidente da Província.

Chamava-se João de Góis a atribiliária autoridade policial, que houvera, inclusive, ameaçado empastelar a tipografia onde se imprimia o jornal de Gomes Silvério.

O LIBERAL VICTORIENSE - *Semanário Democrático e Literário* - Noticiou o *Jornal do Recife*, de 14 de maio de 1869, haver sido obsequiado, "pela respectiva redação, com o primeiro número" da nova folha, publicado no dia 8. Sucedendo a *O Echo Liberal*, imprimiu-se na mesma tipografia, sob a direção de Manuel Bernardo Gomes Silvério. Apresentava o *slogan*: "Quando a liberdade periga, todo cidadão deve ser um revolucionário".

Jornal de vida extensa, dele só existem, na Biblioteca Pública do Estado, dois comprovantes: nº 5, ano V, de 19 de maio de 1873, não mais exibindo o *slogan* e com editorial de crítica a *O Município*, e nº 164, ano VIII, de 27 de janeiro de 1877. Tinha bom formato 36 x 27, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Assinava-se a 10\$000 por anualidade, acrescidos de 2\$000 para fora da cidade; o semestre a 6\$000 e o trimestre a 3\$000.

O mencionado nº 164 atacou, avidamente, o Juiz de Direito local,

Marcos Correia da Câmara Tamarindo, que tinha cobertura de defesa por parte do periódico *Idéa Conservadora*. Duas páginas da edição eram dedicadas a anúncios.

Embora Alfredo de Carvalho tenha registrado, nos "Anais", que *O Liberal Victoriense* só viveu até meados de 1877, a publicação foi mais além. Existe, por exemplo, na biblioteca do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão, comprovante do nº 208, ano IX, de 6 de abril de 1878, em formato 48 x 32, com quatro páginas a quatro colunas de 14 cíceros. Constava do cabeçalho, abaixo do título: "Semanário Democrático, Noticioso e Literário, dedicado aos Interesses do Povo pernambucano".

Abriu a edição o editorial "O Gabinete Liberal", atacando os "conservadores perdidos na opinião, gastos e corrompidos que a todo transe se querem filiar à democracia, tendo somente em vista o interesse pessoal". Concluiu, após uma série de considerações: "*O Liberal Victoriense* que, por força das circunstâncias, tinha-se eclipsado entre as brancas nuvens da liberdade, volta ao seu antigo posto de honra, equipado de carabina ao ombro".

Seguiu-se matéria de rotina, complementando-a duas páginas de reclames comerciais.

Ainda mais: *A Província*, do Recife, louvando o jornalista Manuel Bernardo Gomes Silvério, "esforçado paladino da imprensa liberal na cidade da Vitória", em sua edição de 9 de maio de 1878, reproduziu o artigo comemorativo da edição de aniversário d'*O Liberal Victoriense*, acompanhando-lhe o erro de "dez anos", em lugar de nove. Dele vão aqui transcritos os tópicos principais, que definem até onde afirmava o idealismo de um homem devotado à sua causa e ao seu jornal:

"Dez anos de existência completa a nossa gazeta. Contamos dez anos de sacrifícios, vexames e contrariedades; até o próprio sangue serviu de holocausto aos assassinos que policiavam esta vitória em 1868, cujos remorsos e crimes trucidam-lhes as negras almas. Nunca vimos perigos que não os agrontássemos, embora cercados de ameaças e perseguições. Muitas vezes tentaram rebentar a nossa imprensa; repetidas vezes tentaram também contra a nossa existência; porém, para desesperá-los de raiva, para cauterizar tão cancerosas chagas, pouco valor dávamos à vida; lutamos desesperadamente. A nossa tenacidade era aplaudida pela imprensa democrática do país".

CORREIO DE SANTO ANTÃO - *Jornal Político, Noticioso e Comercial*
- Iniciou sua publicação em janeiro de 1871, em substituição a *O Victoriense*, conforme o registro dos "Anais", de Alfredo Carvalho⁸⁰.

⁸⁰ O historiador focalizou o *Correio de Santo Antão* como tendo existido, na qualidade de substituto, "até 1876" (pág. 319 dos "Anais") ou até "dezembro de 1975" (pág. 336).

Prosseguiu, alguns anos afora, dele restando raros exemplares. O nº 45, ano V, circulou a 11 de novembro de 1871, em formato 47 x 31, com quatro páginas a quatro colunas de 14 cíceros. Propriedade de Antão Borges Alves, que era também redator, imprimia-se em tipografia própria, situada na rua Imperial, 27. Semanário, assinava-se a 3\$000 por trimestre, pagos adiantamente. Anúncios - 100 réis a linha.

A edição em apreço inseriu editorial, noticiário, variedades, soneto de A.P.C.A., audiências do juiz municipal e deu início ao folhetim, em rodapé, "Amélia", com a assinatura "de um nosso amigo". Toda uma página de reclames comerciais.

Outro comprovante manuseado: nº 17, ano VII, de 26 de abril de 1873, do qual constava a seguinte tabela de assinaturas: ano 12\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000. Ocupou toda a primeira página o começo da matéria intitulada "Traços biográficos do Comendador Tiburtino Pinto Almeida", seguindo-se "Gazetilha", "A pedidos" e o folhetim (já na 32 parte) "As três irmãs", de Camilo Castelo Branco.

Ainda: um exemplar (mutilado), de 3 de outubro de 1873, e o nº 53, ano VII, de 17 de janeiro de 1874, acompanhando o ritmo anterior Biblioteca do Instituto Hist. de Vitória).

Na Biblioteca Pública do Estado, existe, finalmente, entre os avulsos, o *Correio de Santo Antão* de nº 50, ano V (?), de 16 de dezembro de 1875.

A LIBERDADE - *Periódico Político, Noticioso e Comercial* - Circulou o nº 2 no dia 18 de janeiro de 1873, em formato 36 x 26, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na tipografia da rua Imperial, 20. Editor-proprietário - José de Oliveira Maciel do Rego Barros. Assinava-se a 3\$000 por trimestre, sendo a publicação semanal. A edição estampou editorial contra o partido "administrativo" e a política do personalismo, seguindo-se literatura, noticiário e anúncios.

Circulou até o nº 9 (segundo exemplar existente), datado de 8 de março. De sua matéria destacaram-se artigos sobre a Fala do Trono e sátiras contra o *Correio de Santo Antão* (Biblioteca Pública do Estado).

O MUNICÍPIO - *Hebdomadário Imparcial, Noticioso, Critico e Comercial* - Tendo aparecido pouco depois do precedente, só resta comprovante do nº 41, ano I, de 14 de fevereiro de 1874, apresentado em formato 44 x 30, com quatro páginas de três colunas de 15 cíceros. Redator e proprietário - José de Oliveira Maciel do Rego Barros. Impresso

Entretanto, viu-se que ocorreram edições d'O *Victoriense* em maio de 1874 e de maio a agosto de 1875, o que dá a entender, nada obstante a deficiência de comprovantes, de parte a parte, que os dois semanários circulavam concomitantemente.

em tipografia própria, situada á rua Imperial, 20. Assinatura trimestral - 3\$000.

Seu sumário constou de artigos de João Antonio de Miranda, Libânio Presídio de Carvalho e *Um_Seu Conhecido*, todos tratando de questões pessoais; "Fatos Locais"; "Agricultura"; "Revista Noticiosa", etc. Quase sem anúncios (*Biblioteca Instituto Hist. de Vitória*).

Outro exemplar encontrado foi o nº 115, datado de 4 de setembro de 1875, que teria sido o último posto em circulação. Acompanhou o ritmo de matéria variada (*Biblioteca Pública do Estado*).

O REFORMISTA - *Jornal Politico, Noticioso e Comercial* - Impresso nas oficinas gráficas d'*O_Município*, em pequeno formato, "o nº 1, saiu a 12 de junho (1874) e o nº 17 (último?) a 4 de setembro. Semanal. Trimestre - 3\$000"(Informações "Anais").

O POPULAR DA VICTORIA - Noticiou-lhe o aparecimento o Jornal do Recife, edição de 6 de maio de 1876, acrescentando: "E folha periódica, consagrada aos interesses do povo e redigida pelo Sr. José de Oliveira Maciel do Rego Barros".

Não foi possível obter outros pormenores.

IDÉA CONSERVADORA - "É este o título de um novo periódico que começou a ser publicado na cidade da Vitória. Declara, em seu artigo de apresentação, que "está dispensado de exhibir um programa, pois o seu título e mais ainda o fato de ser órgão do Partido Conservador victoriense mostram claramente os fins a que ele se destina".

À notícia acima, acusando o recebimento da edição de estréia, acrescentou *A Província*, do Recife, edição de 12 de junho de 1876, verrosamente: "É bem verdade que a imprensa conservadora não tem que assinalar princípios; seu único fim é sustentar o Partido Conservador, cujas únicas aspirações reduzem-se simplesmente ao gozo do poder".

Seguiu-se a publicação, semanalmente, existindo comprovante do nº 12, de 16 de setembro do referido ano, com quatro páginas, formato médio, impresso em papel amarelo, na tipografia do diretor José de Oliveira Maciel do Rego Barros, Situada à rua Cruz das Almas, 47. Abaixo do título, a designação de "órgão do Partido Conservador". Assinava-se a 12\$000 anuais, custando 240 réis o número avulso. Aceitava com agrado escritos de interesse do Partido; mas os de interesse particular, só mediante ajuste. Anúncios a 80 réis por linha; para os assinantes - 40 réis e grátis as demais vezes.

A matéria da edição constou de artigo de polêmica contra *O Liberal Victoriense* folhetim, em rodapé, assinado por *O Poeta João*

Lourenço; artigo de defesa do Juiz de Direito Marcos Tamarindo e de ataque ao Juiz Municipal Nicolau Lima; noticiário e toda a última página de anúncios.

Das outras edições foram avistadas, evidenciando que a *Idéia Conservadora* teve existência dilatada: o nº 5, ano IV, de 22 de fevereiro de 1879, e o nº 8, de 22 de março do mesmo ano, cujo editorial elogiava a situação do Partido Conservador, "o realizador das idéias nacionais e o paládio das liberdades públicas (Biblioteca Pública do Estado).

JORNAL DA VICTÓRIA - Segundo o *Diario de Pernambuco* de 11 de agosto de 1879, acabava de encetar-se a publicação do novo órgão, que se dizia democrático. Nenhum outro pormenor.

Dele existe, apenas, um comprovante, entre os avulsos da Biblioteca Pública do Estado: o nº 1, ano II, de 3 de janeiro de 1880, impresso em amplo formato 45 x 29, com excesso de margens em branco. Quatro páginas. Não lisonjeiro aspecto material. Redator não identificado.

Sua matéria constou de editorial, em que o articulista, focalizando 1879, disse que foi um ano "das mais lamentáveis consequências, das mais duras provações para a humanidade" e que a lavoura só não foi mais sacrificada devido ao auxílio e esforços do "patriótico governo liberal"; o folhetim "Evangelina", de Heitor da Silva, já no 16º; comentários ligeiros; noticiário e a última página de anúncios.

A CONVICÇÃO - *Órgão Liberal, Agrícola e Comercial. Revista Semanária* - Saiu a lume no dia 27 de setembro de 1879, em formato 38 x 27, com quatro páginas de três colunas, impresso em tipografia própria, na rua Imperial, 47. Proprietário e redator principal - Ulisses Ponce de Leon. Assinaturas: ano -12\$000; trimestre - 3\$000. Dizia, ainda, o expediente: "Aceita-se correspondências particulares competentemente legalizadas e por prévio ajuste; anúncios - 100 réis por linha; metade para os assinantes".

"Humilde e despretencioso", segundo o artigo de apresentação, seu objetivo era "defender os interesses gerais da comarca e servir de eco aos oprimidos, que em suas colunas encontrarão o mais sincero e franco apoio".

Depois de amplas considerações a respeito da necessidade de se imprimirem mais jornais na cidade, já tão desenvolvida em sua vitalidade, escreveu U., em conclusão, dedicando o periódico à causa liberal:

Se o consagrarmos à política, é porém à idéia e não à paixão partidária, não às vinganças e ódios, não ao adversário pessoal, de que sempre fugiremos; porque, outra é a missão da imprensa, irmã da liberdade, e não temos queda para a intriga. A Convicção, surgindo no mundo do jornalismo, pede vênua e saúda a imprensa

liberal, a imprensa brasileira, a imprensa, enfim, de todas as nações.

Copioso noticiário completou a edição, sendo de anúncios a quarta página.

Outro exemplar manuseado foi o nº 20, de 10 de julho de 1880, cuja primeira página se apresentou circulada de tarja, lendo-se, ao centro, encimada por uma cruz, concisa nota sobre a hecatombe de 27 de junho, luma data fatal, uma data inesquecível, uma data memorável, o luto, a dor, a tristeza e a ignomínia". A segunda página estampou pormenorizada notícia das ocorrências políticas da cidade, de que foi teatro a Igreja de N.S. do Rosário, provocadas pela ala liberal dos "leões" e de que resultaram diversos mortos e feridos (Biblioteca Pública do Estado).

Não existem mais comprovantes. Segundo os Anais, de Alfredo de Carvalho, a publicação atingiu o nº 14, do ano I, a 27 de dezembro, saindo mais 45 números entre 3 de janeiro e 31 de dezembro de 1880 e 12 entre 29 de janeiro e 26 de agosto de 1881.

O LIDADOR - *Hebdomadário Político, Noticioso e Comercial* - Entrou em circulação no dia 12 de junho de 1880⁸¹, mas o primeiro número avistado foi o 5º, datado de 10 de julho, publicando-se semanalmente. Formato médio, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Propriedade e direção de José de Oliveira Maciel do Rego Barros. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000, mediante pagamento adiantado. Ainda constou do expediente: "Anúncios - 80 réis a linha; para assinantes, grátis. Publicaremos o que se convencionar". Tipografia própria, funcionava à rua Imperial, 74.

A edição inseriu editorial, artigos de Antão Borges Alves e A. Bernardino e discurso de José Maria de Albuquerque Melo, tudo versando sobre a hecatombe de 28 de junho, ocorria na cidade. A quarta página só comportou reclames comerciais.

Não existe coleção completa d'O *Lidador*, referente aos primeiros anos de sua publicação. Após a edição em apreço, a seguinte encontrada foi o nº 17, ano III, de 12 de julho de 1882. Ocorreu ligeiro período de suspensão, consoante a seguinte notícia do *Diário de Pernambuco*, de 30 de maio de 1883: "Reapareceu na imprensa desta província, *O Lidador*, semanário que se publicava na cidade da Vitória e que havia interrompido sua publicação".

De 1884 restam comprovantes dos nºs 19, de 10 de maio, e 23, de

⁸¹ A estréia do periódico, que se tornou o mais antigo em circulação no interior do Estado, foi assim registrada pelo *Jornal do Recife*, de 19 de junho de 1880: "Na cidade da Vitória, sede da comarca de Santo Antão, apareceu, no dia 12 do corrente, o primeiro número d'O *Lidador*, hebdomadário político, noticioso e comercial, destinado a defender e propagar as idéias do Partido Conservador, do qual é órgão naquela localidade".

agosto, no primeiro dos quais (custo do exemplar: 240 réis) escreveu o editorialista que “a nossa Assembléia” jamais decretara uma lei útil ao povo pernambucano. Agora, acentuou, cogitava “de um projeto que importa na liberdade - forçada dos escravos e o cativo dos seus senhores”.

Artigo redacional do nº 2, ano VI, de 31 de janeiro de 1885, condenava a política dominante, como causadora de prejuízos à nação. Outro, no nº 3, dizia estar a nação marchando, “a passos de gigante, para a revolução”. Focalizou “atos arbitrários” do Gabinete Dantas.

Mais quatro números acham-se arquivados, de 1885, ano em que começou *O Lيدador* a incluir, no cabeçalho, os *slogans*: “Ordem e Liberdade” e “Verdade e Justiça”.

Foi possível verificar, através das edições de 31 de julho e 2 de agosto de 1886, que o periódico admitira a inserção de folhetins, continuando a manter amplo noticiário miúdo, a “Seção Livre” e boa parte de anúncios.

Lia-se a 8 de janeiro, primeiro número de 1887⁸²: “Após alguns dias de repouso, voltamos ao sublime sacerdócio da imprensa”, acrescentando que alimentava os mesmos princípios políticos, desejando “mil venturas” no ano iniciado. Quase uma página foi ocupada por longo poema de José Cupertino dos Santos Meira.

Outros comprovantes avistados: de 18 de maio de 1887; de 16 de junho de 1888; de 25 de maio de 1889, do qual constava: propriedade e redação de Pedro de Albuquerque; de 28 de novembro de 1891: idem, aparecendo o primitivo diretor, Oliveira Maciel, na qualidade de redator, ainda mencionado na edição de 27 de fevereiro de 1892⁸³.

Passou para o número de 17 de agosto de 1895, já transferidas a tipografia e redação para o nº 74 da mesma rua Imperial, que depois se chamaria rua Conselheiro Correia de Araújo.

Três exemplares restam de 1897, o segundo deles datado de 21 de agosto, lendo-se no expediente: Redadores: José de Barros de Andrade Lima, Leonardo de Carvalho e Pedro d’Albuquerque, o proprietário.

De 1898 guarda-se a edição de 4 de junho; e de 1899, a de 30 de setembro. Deixara de figurar o corpo redacional, só ficando o nome de

⁸² Comprovante só existente em poder de Francisco Rodrigues, odontólogo recifense, que o guarda, zelosamente, entre as preciosidades de sua coleção de documentos antigos.

⁸³ Aconteceu, então, inexplicável lapso tipográfico, que viria a provocar, dezenas de anos decorridos, séria confusão: depois do ano XI/1891, passou a cogitar do cabeçalho: ano XV/1892, em lugar de XII, sem que jamais se corrigisse o erro.

Pedro d'Albuquerque, na qualidade de diretor-proprietário.

No ano em que findou o século, continuando no subsequente, *O Lidador* (números esparsos) criou um serviço telegráfico e, através de editoriais bem traçados, defendia o prefeito e o Conselho Municipal, de críticas do semanário *A Victória*, redigido por Gonçalves da Rocha.

O primeiro exemplar manuseado, correspondente ao de 1901, foi datado de 9 de fevereiro, vendo-se substituído o *slogan* do cabeçalho pelo seguinte: "Ordem, Fraternidade, Progresso, Liberdade e Justiça" que, todavia, só permaneceu até o ano seguinte. Restam outros, segundo os quais *O Lidador* obedecia à orientação política do Partido Republicano, chefiado pelo Conselheiro Rosa e Silva. Apresentava matéria geral variada, inclusive parte econômica e seção de Teatro, já elevada para duas páginas a quantidade de anúncios. Sua meta principal foi a propaganda dos candidatos situacionistas a prefeito e sub-prefeito do município às eleições de 25 de julho: Manuel Tavares de Lima e Nestor de Holanda Cavalcanti, que foram eleitos e empossados a 15 de novembro, consoante cobertura noticiosa do dia seguinte.

Prosseguiu, divulgando atos oficiais, rara colaboração de Urbano Duarte, Ribeiro da Silva, Albino Martins, poeta J. de Oliveira Melo, Joaquim de Holanda, etc. Manteve correspondente na cidade de Bezerros, que se assinava *Jandir*, às vezes *Lucas* e, já em 1907, era Luiz Beltrão. A partir de 1908, contou com a colaboração da professora Francisca Izidora, cronista e poetisa de mérito.

Ao principiar 1909, a edição de 2 de janeiro apôs no cabeçalho: Henrique Lins - redator-chefe; Joaquim de Holanda - secretário, lendo-se no editorial: "*O Lidador* apresenta-se com as mesmas vestes de muitos anos anteriores, mau grado as suas finanças, pouco ou nada lisonjeiras que elas são". O redator-chefe, em declaração de 12 de junho, frisou que a sua intervenção no jornal se limitava, "exclusivamente, à parte redacional"; quanto ao mais, nenhuma responsabilidade lhe assistia.

No ano de 1910, tendo Henrique Lins assumido, em novembro, a função de prefeito do município (que já exercera anteriormente), passou Joaquim de Holanda Cavalcanti ao lugar do redator-chefe; depois, ao de diretor, ocupando-o até 16 de dezembro do ano seguinte. Declarou, então, em carta de despedida, que "motivos sobremaneira poderosos" o afastavam da terra natal; por isso, pedia a exclusão do seu nome do cabeçalho. Ficou figurando a linha: "Redatores e colaboradores -diversos".

Decerto que não era estranha à atitude do redator-chefe a atuação d'*O Lidador* como órgão do Partido Republicano, uma vez decaída a política de Rosa e Silva, subindo ao poder, na chefia do governo do Estado, o General Dantas Barreto. Não houve, todavia, solução de continuidade quanto ao proprietário Pedro José de Albuquerque. Nova

tabela de assinaturas vigorou a partir de janeiro de 1912: ano - 8\$000; semestre - 4\$000; trimestre - 2\$000, custando o número avulso 160 réis.

Colaboravam no semanário Francisca Izidora, Bartolomeu Anacleto, monsenhor Douetts *Urbino_Gomes* (anagrama de x Romeu Gibson) Mário Galvão, Ribeiro da Silva e outros, em caráter esporádico. A partir de 28 de junho de 1913, a indicação do cabeçalho foi substituída pela seguinte: "Folha Semanária". Vinha divulgando, também, produções do professor Guedes Alcoforado, a começar pela crônica "Melange", com a assinatura *Ângelo*, e foi um dos mais credenciados colaboradores, inclusive através de outros pseudônimos, como, já em 1914, *Antenor Gomes*, nos comentários sob o título "Na baiuca". Apareceram Porfirio Chaves e Célio Meira. Este começou firmando crônicas de assunto variado, tendo como títulos, em algarismos, a quantidade de linhas ocupadas, e seu nome, ainda em 1913, subiu para o Expediente, em 1º de novembro, na qualidade de redator. Em 1914, *Musael* (anagrama de Samuel Campelo) manteve a seção de epigramas "Máscara de Cera". Sobrevieram as "Cajadas", do *Coelho* crônicas de *Leon de Bourgogne*, etc.

Ao solenizar, em 1915, o 380 aniversário de fundação, lia-se no artigo de fundo: "O *Lidador*, que, nos últimos anos, longe das tragédias políticas, afastado das lutas religiosas, tem mantido um programa de imprensa moderna ainda não experimentou a sensação mórbida dos recuos, ainda não deixou de patrocinar as causas justas e nem deixará de mostrar, impassível, onde está a verdade, mesmo quando, à sua passagem cintilante, se anteponha a tenebrosa falange dos sábios enfatuados".

No ano em apreço iniciava Guedes Alcoforado as "Questiúnculas" (em torno do vernáculo), acumulando, no ano subsequente, a série "Epístolas Paternas", ai feito *Antenor Gomes*.

Precisamente no primeiro dia de 1916, iniciava Silvino Lopes sua colaboração n' *O Lidador*, abrindo a seção "Salpicos", de "prosa trivial", segundo classificação dele mesmo, para durar poucos meses, enquanto Célio Meira redigia "Alfinetes" e *Musael do Campo* fornecia "Pequenas Doses". Ia aparecendo, por sua vez, o prosador José Miranda, primeiro a usar, junto à assinatura, um 13 entre parênteses, na qualidade de membro da "Academia de Letras dos Supersticiosos", então fundada e afundada no ano seguinte.

Uma vez divulgado o nº 37, de 16 de setembro de 1916, ficou suspenso o periódico, em vista de ter-se agravado o estado de saúde do diretor-proprietário Pedro de Albuquerque, cujo falecimento se verificou no dia 22⁸⁴.

⁸⁴ Consoante declaração oral do escritor Manuel de Holanda, que o conheceu pessoalmente, Pedro de Albuquerque pedira, ao adoecer, fosse o seu caixão mortuário

Reapareceu no dia 2 de fevereiro de 1918, "depois de ano e meio de ausência", figurando no cabeçalho: "Orgão Noticioso e de Informações" e, noutra linha: "O jornal mais antigo do interior do Estado de Pernambuco". Propriedade, por arrendamento, de Guedes Filho, funcionando a redação e oficina na rua Alexandre Luna (antiga do Barateiro), 39.

Contou *O Lidador*, na nova fase, da qual existem raros comprovantes, com a colaboração de Célio Meira, autor das crônicas intituladas "Letras Suaves", depois substituídas pela série "Claves"; de Silvino Lopes ou *Mário Marino* de Guedes Alcoforado, que redigia as "Notinhas de Português" e, logo mais, a seção "Literatismo", noutros artigos assinando-se *Antenor Gomes* de César Barreto; *Vinicius*, o das "Silhuetas", em sonetos; *Mefistófesles*, com os "Postais Históricos"; Baltazar de Oliveira; *Genaro Hécio*, que não era outro senão Guedes Filho, etc.

De 1918 foi último avistado o nº 47, datado de 24 de dezembro.

Nenhum outro exemplar existe, nas coleções manuseadas, correspondente à fase de Guedes Filho. Foi possível, no entanto, verificar que *O Lidador* entrou, firme, na campanha da sucessão governamental de 1919, haja vista o que registrou o *Jornal do Commercio*, do Recife, edição de 8 de agosto, sob o título "Imprensa Ameaçada". Guedes Filho participara achar-se "perseguido pela policia da Vitória e o seu jornal ameaçado de empastelamento", por fazer a propaganda da candidatura do Barão de Suassuna. Telegrafou, a respeito, "à Associação Brasileira de Imprensa, no Rio, comunicando as positivas ameaças que tinha recebido e lhe punham "a vida em perigo".

Teria havido nova suspensão. Encontra-se arquivado o nº 7, de 4 de outubro de 1919, sendo Zenóbio Melo arrendatário, diretor-redator-chefe, e gerente Eugênio Melo. Transferira-se a redação, com a oficina, para a rua João Góis, 73. Nova tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000; mês - 1\$000. Cobrava, nas "Solicitadas", 200 réis por linha, dando 50% de abatimento aos assinantes.

Pouco mais de um mês decorrido, outra modificação ocorreu no cabeçalho, do qual constou: Diretor e proprietário - Quintino Cavalcanti, permanecendo Zenóbio na qualidade de redator-chefe, mas desaparecendo o nome do gerente. Circulou assim, o periódico, até o nº 22, de 17 de janeiro de 1920, ficando novamente suspenso.

Dezoito meses decorridos, reapareceu *O Lidador* - nº 1 - a 6 de agosto de 1921, feito órgão de uma Sociedade Anônima, tendo a redação e oficina instaladas na rua Pedro Lins, 155. Diretor-redator - Guedes Alcoforado; redator-secretário - José Miranda.

formado com exemplares d'*O Lidador*, o que foi feito

Dormia, conforme o editorial de abertura,

o seu sono recuperador, para agora despertar, revigorado, e vir assumir a sua nobre posição no alto sólio da imprensa indígena”, acrescentando: *O Lidador*, a fênix da imprensa vitoriense, tendo sido adquirido por uma Sociedade Anônima, vem requerer, pela terceira vez, o lugar de honra que sempre lhe pertenceu perante o conceito deste povo benemérito e hospitaleiro, que teve a felicidade de assistir aos seus primeiros vagidos e o seguiu, pari-passu, acompanhando os seus ditosos dias de florescência, bem como as suas adversidades e os seus imprevistos.

Tendo a empresa adquirido novas fontes de tipos, o jornal apresentava melhor aspecto material, nítida impressão, e dedicou três páginas à parte redacional, ficando apenas uma para a de reclames comerciais, O noticiário tomou-se copioso, afora a seção “Várias”, sueltos em vez de editoriais longos, os epigramas de *Xis*, sob o título “Fica”; “Falar e Escrever” e “Notas Vernáculas”, do mestre Alcoforado, também aparecido, em crônicas e artigos, com os disfarces de *A. Chaeté*, *Floro do Rego* e *Antenor Gomes*. além de assinar sonetos; e a colaboração esparsa de *Z. Leite*, *Agamenon Costa*, *D. Dias*, *Honório dos Passos*, *Phebo*, o das “Trovas”; *Hélio*, *M.*, *Jota*, *Samuel Campelo*, etc., afora as produções, também, variadas, de *José Miranda* ou *J. M.* Publicava-se, normalmente, aos sábados, divulgando, de vez em quando, à guisa de estímulo aos relapsos, listas dos assinantes em dia com a Gerência.

No decorrer de 1923, o professor Alcoforado criou um curso adiantado da língua portuguesa, cujos alunos tinham guarida nas colunas do semanário, com produções ligeiras, em prosa ou verso, tais como *Alberto Azoubel* ou *Abel*; *Alfredo Afonso*, o mesmo *Aldo Ferreira*; *Luiz do Nascimento*, *L. do N.* ou *Lírio do Norte*; *Irineu Maciel* e *Jorge Campelo*, este último na função de redator, em que permaneceu até o ano seguinte. Eram outros colaboradores da época: *Oscar de Barros*, *Gastão de Oliveira*, *Job Velino*, *Mozart Ferrão*, etc.

Sucedeu que a liberdade da palavra escrita e falada andava muito restrita, o que levou o jornal a publicar um aviso, segundo o qual, em face da lei de imprensa, nenhum artigo de feição editorial serial publicado, desde 24 de novembro de 1923, sem a escolha do assunto e a prévia revisão” do diretor-responsável.

Retirou-se, porém, *Guedes Alcoforado* (por ter ido ocupar cargo público em *Timbaúba*) e, no dia 2 de fevereiro de 1924 - nº 2, ano XLVIII (?) - após o intervalo de uma quinzena, assumia a direção *Simplicio de Holanda Cavalcanti*. Continuava, segundo o artigo de fundo, “a não se preocupar com o partidário político”, sem que isso impedisse o trato dos “problemas administrativos e do estudo dos meios a empregar para resolve-los”.

Logo mais, a 29 de março, era o redator-secretário (*José Miranda* foi fixar residência em *Moreno*) substituído por *José Teixeira de Albuquerque*,

já constante colaborador, inclusive de versos românticos e humorísticos, usando os pseudônimos *Júlio Thebano* e *Eu*. No ano imediato, desde 21 de fevereiro, viu-se no seu lugar o nome de Manuel de Holanda Cavalcanti Sobrinho, que durou pouco tempo. Vinham ocorrendo produções de *Gurjão de Almeida* ou *G. de A.*, como se ocultava José Aragão Bezerra Cavalcanti.

Não era, ainda, firme a posição d'*O Lidador*, que veio a mostrar-se, a partir de 5 de setembro de 1925, totalmente modificada, constando do cabeçalho: "Hebdomadário Independente". Redatores - José Augusto de Oliveira e Edgar do Nascimento Valois; gerente - José Alexandre. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000.

Voltava à circulação após ligeiro interregno, lendo-se no editorial de abertura: "Obedecendo a uma nova orientação e talhado em modos diferentes, surge uma fase nova, que, se não conta a emprestar-lhe valia o mérito de jornalistas consumados, tem, ao menos, a vivificá-la, cada vez mais, a energia e a tenacidade de quem jamais soube esmorecer e baquear defrontando o pessimismo dos incrédulos e as perfidias dos mal intencionados".

Passou a sair com seis páginas, alentadas por grande messe de anúncios. Prosseguindo regularmente, veio a dar sua maior edição no dia 3 de agosto de 1926, num total de 12 páginas, em homenagem ao tricentenário da cidade, a primeira das quais ilustrada com alegoria alusiva, sugestivo desenho de *Paula Judeu* (pseudônimo do jornalista recifense Osvaldo de Almeida). Inseriu, no texto, boa colaboração sobre a data.

Voltou, em 1927, ao regime de quatro páginas. Mas a edição de 12 de junho apresentou-se com oito, impressas a cores, comemorando o cinquentenário da fundação⁸⁵. Divulgou colaboração especial de Nehemias Gueiros, que focalizou "A Imprensa de Vitória"; Prudenciano de Lemos, Henrique Lins, Manuel de Holanda, Célio Meira, José Miranda e André Lino. Quase toda uma página foi dedicada, com o respectivo clichê, à memória do redator José Augusto, médico falecido em maio do ano anterior, cujo nome permaneceu no cabeçalho durante alguns anos, em sinal de homenagem.

Sem outras alterações, continuou a existência d' *O Lidador* redigido, com apuro, pela dupla Edgar Valois - José Alexandre.

⁸⁵ Os dirigentes d'*O Lidador* continuavam e continuaram, ainda por todo o tempo, a manter a ilusão de que o jornal tinha sido fundado em 1877, engano que foi cabalmente esclarecido pelo historiógrafo José Aragão, no seu estudo e documentário "A Imprensa Periódica na Vitória de Santo Antão", inserto no Vol. 1, ano dc 1954, da *Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão*.

Atingindo o ano de 1932, sem ter havido nenhuma interrupção, transferiu-se a sede da redação e oficinas para a Avenida 15 de Novembro, 121, aí sofrendo algumas reformas, inclusive juntando ao material gráfico toda a tipagem do periódico *O Popular*, que se publicara (em 2ª fase) de 1927 a 1930, adquirida por compra. Noticiando a transformação, foram os leitores advertidos, na edição de 12 de março, de que a direção tinha resolvido “cobrar, em ajuste prévio a publicação de reclames, convites, editais, avisos ou quaisquer outras publicações de propaganda”.

Uma quinzena decorrida, passou a constar do expediente: “Orgão dos Interesses do Município”, ficando a equipe responsável assim constituída: Redatores - José Alexandre (de Barros Correia) e Edgar Valois; diretor-gerente - José Miranda; chefe da Seção Comercial - Henrique de Holanda, cuja atuação durou poucos meses, continuando ele a parecer na qualidade de colaborador, tanto em prosa quanto no setor da poesia. Mudou-se o clichê do título e criou-se, na tabela de assinaturas, a parcela: Para fora da cidade: ano - 12\$000; semestre - 7\$000, algum tempo depois generalizada. Comentando as reformas por que passara o semanário, concluiu a redação: “...ontem como hoje, *O Lidador* está a serviço da causa pública, sem desfalecimentos e sem se arredar deste princípio: tudo pela Vitória e para a Vitória”.

Melhorou, realmente, a parte redacional, que destinou suas páginas, internas aos anúncios, demais matéria paga e publicações oficiais da Prefeitura. Variavam as edições, ora quatro ora seis páginas. Estas adotaram seis colunas estreitas de composição, em vez das cinco habituais.

Certo acontecimento fez com que, no dia 23 de julho do referido 1932, ocorresse uma 2ª edição, caso único em toda a existência do jornal, horas após a circulação do número do dia. É que precisou desmentir boatos tendenciosos de haver irrompido uma revolução no Rio Grande do Norte, paralela ao levante constitucionalista de São Paulo, boatos que a primeira edição transformara em notícia. Não, o Estado potiguar achava-se em paz. *O Lidador* ficava de pé ante os leitores.

Filiou-se, a 2 de dezembro de 1933, à Associação da Imprensa do Interior de Pernambuco. A partir de janeiro de 1934, o diretor-gerente José Miranda foi promovido a diretor-redator-chefe, sem alterar-se a posição dos dois redatores. No ano em apreço, a edição de 12 de dezembro, com 10 páginas, foi dedicada ao III Congresso de Jornalistas do Interior, realizado na cidade da Vitória.

Em 1935 restabeleceu-se a praxe de quatro páginas cada sábado. No mês de agosto do ano seguinte, era noticiada a posse do prefeito eleito do município, o imperturbável José Alexandre, que já ocupara o cargo após a Revolução de 1930. Mas só governou até o golpe militar de 1937.

Enquanto ocupava a Prefeitura, não deixou de figurar como redator. Ao invés, afastou-se o outro: Edgar Valois, em setembro de 1936.

A maior edição d'*O Lidador* - 30 páginas, em dois cadernos - verificou-se a 12 de junho de 1937, comemorando o LX (?) aniversário de sua fundação, para vender o exemplar, excepcionalmente, a 1\$000. De frente via-se uma alegoria (gravura de João de Barros) em honra ao evento, ostentando as datas 1877/1937, ladeada pelo soneto "Homenagem de Vitória", de Teixeira de Albuquerque. No texto, o artigo "60 anos" (?), ilustrado com clichê do diretor José Miranda, seguido de artigos de Baulino Belém, Manuel de Holanda, Mário Castro, dr. João Correia, Miguel Jasselli, Henrique Lins, Nestor de Holanda Neto, Antonio Vilaça, Guedes Alcoforado, Marta de Holanda, M. Martins, J. Lourenço e outros, e poesias de Henrique e Risoleta de Holanda, Sonia F. Gourvitz, Luiz Peixoto, Cícero Barreto, Mário Barros, etc.

Seguiu pelos anos afora, quase que unicamente dedicado ao noticiário e à parte comercial, de vez em quando inserindo crônica ou poesia assinada por José Miranda e, mais raro, um soneto de *João Poeta*, o mesmo dos "Pinguinhos", crônica das "Sociais". Em setembro de 1941, a redação e oficinas foram transferidas para a rua Pedro Lins (antiga da Paz), 46. Em junho de 1943 surgiu nova tabela de assinaturas (já substituído o mil réis pelo cruzeiro); ano Cr\$ 15,00; semestre - Cr\$ 8,00; trimestre - Cr\$ 4,00; mês - Cr\$ 1,50. O custo do número avulso, que se estabilizara em Cr\$ 0,30, elevou-se para Cr\$ 0,50.

A monotonia do periódico foi quebrada no período de 1942/45, quando se via, perdido entre anúncios e mal arrumadas notícias, o epigrama "Humoradas", de *Maraval*. No segundo semestre de 1946, aparecia um signatário de artigos concisos e bem elaborados: Alfredo Sotero. Depois, vinha José Mixto de Oliveira com artigos políticos.

Era angustiosa a situação financeira do órgão mais antigo em circulação no interior... do país. O "encarecimento permanente das coisas" e a necessidade de melhorar o nível dos que trabalhavam na tipografia levaram a direção a adotar, em 1946, outra tabela de preços para os assinantes, apesar de irrisória, a saber: ano - Cr\$ 17,00; semestre - Cr\$ 9,00; trimestre - Cr\$ 5,00. Em dezembro do ano mencionado, mudava-se a tipografia para a rua Rui Barbosa, 46.

Desde muito, vinha a direção apelando para os assinantes relapsos; que aparecessem, saldassem suas contas cada ano, ou então deixariam de receber o jornal. Daí, a precariedade das condições da empresa. Em janeiro de 1947, mais Cr\$ 1,00 foi adicionado ao custo da anualidade e do semestre, passando o exemplar a vender-se a Cr\$ 0,60.

Indo ao encontro da situação, o deputado José Mixto justificou, em julho de 1949, um pedido de auxílio de Cr\$ 15.000,00 à empresa, que

estava em via de extinguir-se devido à falta de meios, “faltando-lhe máquinas e restauração inadiável das existentes, bem como a substituição dos seus tipos” que, usados por tantos anos, já não se prestavam “para o serviço de impressão”.

A propósito, comentou o jornalista Samuel Campelo, a 4 de agosto, no *Diário de Pernambuco*: “Quinze mil cruzeiros representam, no máximo, uma esmola para *O Lidador*, e não foi este, de certo, o pensamento do deputado José Mixto, quando propôs se assegurasse a continuidade existencial do hebdomadário que, pelo seu tempo de vida, já se tomou um patrimônio das tradições culturais, não só de Vitória, mas de todo Pernambuco”. Solicitou ao parlamentar que, se ainda possível, aumentasse o auxílio ao periódico, “capacitando-o a aparelhar-se eficientemente para prosseguir a jornada em demanda do seu centenário”.

Lei aprovada, lei sancionada, na hora do pagamento a Fazenda do Estado ainda reduziu a íntima verba para Cr\$ 7.500,00⁸⁶.

Novos apelos eram, enquanto isto, dirigidos aos leitores que liam e não pagavam. Em janeiro de 1952 ocorreu novo aumento na tabela de assinaturas, que seriam, por segurança, cobradas adiantadamente, na seguinte base: ano - Cr\$ 30,00; semestre - Cr\$ 18,00. Ao iniciar-se 1954 mudou para Cr\$ 40,00 e Cr\$ 20,00, respectivamente, custando Cr\$ 1,00 o número avulso.

A partir de 1953 via-se *O Lidador* ostentando lisonjeiro aspecto material, uma vez que adquirira tipagem nova, em substituição às suas fontes gastas, obsoletas, imprestáveis. Apareciam artigos em composição de duas colunas, às vezes penetrados de política regional, a par de crônicas memorialistas do incansável José Miranda. Assim atingiu 1954, fazendo, inclusive, a propaganda da candidatura dos vitorenses João Cleofas, ao governo do Estado, e José Mixto de Oliveira a uma cadeira na Assembléia Legislativa.

A atuação de José Alexandre no semanário, desde 1925, primeiro como gerente, depois feito redator, terminou a 27 de dezembro de 1952,

⁸⁶ Retrato absolutamente fiel da vida cheia de embaraços do seu jornal, proporcionou-o José Miranda, no artigo “Os 74 anos d’*O Lidador*”, inserto na edição do *Jornal do Commercio*, do Recife, a 14 de junho de 1951. Dele consta o tópico a seguir: “Se já não encerrou sua vida, como os outros, vencido, agradeço ao meu demasiado esforço, à minha abnegação, uma vez que tenho o velho órgão como parte de meu eu na soberania cultural e cívica da terra de Tabocas doutros tempos. *O Lidador* é feito por mim, como não o fez José Maciel nem Pedro de Albuquerque. É feito, às vezes, com parte das *minhas* economias e pelas minhas mãos passando boa soma do trabalho do seu feitio gráfico também”. Aliás, o artigo em tela, além do erro contido no título (“74 anos” em lugar de 71), apresenta diversos lapsos de memória do realmente dedicado jornalista, inclusive a declaração de que *O Lidador* “fora o terceiro órgão vitoricense”, quando foi o 12º.

quando saiu o seu nome do cabeçalho. José Miranda, que assumira a direção em 1932, permaneceu indefinidamente, encampando, por fim, todos os encargos do jornal, da redação à gerência.

O último *O Lidador* de 1954 foi o nº51, ano LXXVH⁸⁷ - na realidade, ano LXXIV - datado de 25 de dezembro⁸⁸ (Biblioteca Pública do Estado e Instituto Hist. de Vitória)⁸⁹.

ECHO DA VICTORIA - *Órgão das Idéias Livres* - Em tudo idêntico à *Folha da Victória*, a que substituiu, iniciou-se com o nº 6⁹⁰ a 3 de outubro de 1886. Mudara de nome, a fim de evitar dúvidas e confusão em face de outra *Folha da Victória*, existente na província do Espírito Santo. Estampou o editorial intitulado "Assim querem, assim tenham", que dizia estar resolvido a "queimar o último cartucho em favor da causa santa do abolicionismo". Focalizou, noutro comentário, as "Belezas da Monarquia". Inseriu poesias de F. de G. Queiroz, Maria Amália e Elvira Augusta; charadas, etc (Coleção de Francisco Roiz, Recife).

Dois outros comprovantes foram encontrados pelo pesquisador: os nºs 20 e 21, de 16 e 23 de janeiro de 1887, servidos de boa matéria, a saber: "Sociologia", de Gil Amora; "Noções gerais de Física", também em série, por M.A.S.B.; poesias de Inês Pessoa e do redator-proprietário Amaro Pessoa; folhetim e demais seções (Biblioteca Pública do Estado).

A publicação prosseguiu, transferindo-se para o Recife no nº43, de 23 de julho de 1887, mudado o título para *Echo do Povo*, nele continuando o redator suas campanhas de reivindicações populares (Ver o Vol. VI: "Periódicos do Recife - 1876/1900").

O METEORO - *Órgão do Povo* - *Publicação semanal*, deu à luz o primeiro número no dia 16 de abril de 1887, em formato 37 x 26, com quatro páginas de quatro colunas estreitas, com largas margens em branco. Propriedade e direção de Piragibe Hagissé da Silva Costa. Tabela de assinaturas: ano - 6\$000; trimestre - 1\$500; mês 0\$500; para fora da cidade - 7\$000, 1\$600 e 0\$600, respectivamente. As "Solicitadas"

⁸⁷ Teimosamente, não deixou a direção d'O *Lidador* de conservar no Expediente a errônea indicação: "Fundado em 12 de junho de 1877".

⁸⁸ A publicação prosseguiu em 1955, atingindo 1960, ano em que faleceu o jornalista José Tiago de Miranda. Suspensa, ressurgiu em novembro de 1961, para uma experiência de poucos meses, sem êxito. O velhíssimo prelo "Jesus", que imprimiu *O Lidador* até 1960, encontra-se, em descanso eterno, no Museu do Instituto Histórico local. O velhíssimo prelo "Jesus", que imprimiu *O Lidador* até 1960, encontra-se, em descanso eterno, no Museu do Instituto Histórico local.

⁸⁹ Coleções bastante desfalcadas. O colecionador particular Pedro Ramalho Filho possui exemplares seguidos d'O *Lidador*, a partir de 1925, até o fim.

⁹⁰ Não, absolutamente, como está nos "Anais", do autor citado, que dera "primeiro" número ao *Echo da Victória*, pespegando-lhe a data do segundo da *Folha da Victória*. Este último periódico circulou até o nº 5.

obedeceriam a prévio ajuste, sendo pagas adiantadamente. Imprimia-se à rua Imperial, 59.

Carta assinada pelo diretor, abrindo a primeira página, pedia o obséquio de “uma assinatura, mediante o pagamento de 0\$500 mensais”, adiantando: “O único motivo que poderia privar a V.Sa., de me prestar este auxilio seria a sua crença política; este motivo, porém, não tem razão de ser, desde que garantimos a V. Sa., que não nos filiamos a nenhum grupo político”⁹¹.

“...não pondendo tomar parte nos pomposos festins da imprensa grande — declarou o artigo de apresentação — vinha, todavia, trajando as singelas vestes da humildade, fazer sua aparição no mundo social”.

Após dizer que tinha como lema “o cunho da moralidade”, concluiu:

Seremos justos nas nossas apreciações; e se, para sustentarmos sua publicação, for necessário descer ao nível da corrupção e do servilismo, então abandonaremos a nossa sublime missão, a fim de não baixarmos à vala dos pesquineiros cobertos de opróbrio.

A par de editoriais, sueltos e variado noticiário miúdo, o hebdomadário divulgou folhetins, a seção “Mosaico”, de sonetos escolhidos, “Indicações úteis” e “Solicitadas”, dedicada a anúncios a última página.

Seguiu-se a publicação e a 2 de julho aumentou, ligeiramente, a estatura, alargando um pouco as colunas de composição.

Cumpriu, em toda linha, o programa estabelecido, comentando os fatos e acontecimentos da cidade, noticiando amplamente e dedicando colunas, constantemente, à literatura, em prosa e verso. Assim atingiu o nº 26, publicado a 5 de novembro, provavelmente último do ano.

Até aí a coleção completa pesquisada. Não parou, todavia, para só voltar cinco anos após, como pretendeu Alfredo de Carvalho (obra citada). Continuou em 1888, existindo comprovantes dos nºs 14, de 21 de abril, 18, de 19 de maio e 22, de 16 de junho. Novo diretor - João Costa.

A segunda dessas edições — as quatro páginas circuladas — foi dedicada à abolição da escravatura, assim dividida a matéria: 1ª - centralizada com o laconíssimo texto da Lei nº 3.353 e as palavras: “Diante da majestosa Lei de 13 de maio, curva-se reverente a redação do *Meteoro*” 2ª - Boletim do *Meteoro*, com a reprodução, em tipos grandes, do noticiário telegráfico do Rio de Janeiro, a respeito, para a imprensa do

⁹¹ Em local diferente, divulgou *O Meteoro* a nota a seguir “O abaixo assinado pede às pessoas que ficaram a dever assinaturas do periódico *O Federalista* o obséquio de mandar satisfazer-las. O Editor - Pirabibe Hagissé”.

Recife; 3ª e 4ª - notícia da "Festa da Liberdade", local, seguida de produções, em prosa e verso, de Antonio Saraiva, Padre Américo Novais, Job, Dumas Neto e Thm, tudo sobre o magno acontecimento.

Após ter estado suspenso, saiu a 13 de maio de 1889, ano III, um "Número Especial" d'O *Meteoro*⁹², impresso em papel especial, sem outras alterações. Da primeira página constaram, apenas, em tipos fortes, os dizeres: "Treze de Maio - Página brilhante da História Brasileira diante da qual curva-se, respeitosa, a redação d'O *Meteoro* - Viva a Pátria livre!". O editorial, na página subsequente, sob o título "Treze de Maio", começou assim:

"Tendo interrompido a nossa publicação por causas imprevistas, necessitamos declarar aos nossos bondosos leitores que esta interrupção é apenas temporária. E, ainda que *O Meteoro* estivesse completamente morto, era impossível que agora, no momento em que o povo brasileiro se levanta para, cheio de entusiasmo, comemorar o aniversário do astro deslumbrante da liberdade no horizonte de seu querido país, ele não fizesse arredar um pouco a pedra do seu túmulo para também gritar: - Viva a abolição da escravidão!".

Concluiu o artigo: "...enquanto o ministério agoniza, *O Meteoro* bate palmas, cheio de entusiasmo, no dia do aniversário da abolição dos escravos".

Completaram a edição-poliantéia produções assinadas por Leovigildo, Gaurino Silva, Alexandre de Medicis, Sebastião de Vasconcelos Galvão, Fausto Gonçalves e Francisca Vilarim de Vasconcelos Galvão.

Avistado, finalmente, um comprovante de 1892: o nº 3, ano 1V, 2ª época, de 20 de fevereiro. Transferira-se a direção-propriedade para Samuel Gomes e José Salomão. Cobrava 3\$000 por assinatura trimestral, sem porte, ou 3\$200 com porte. Impressão na mesma topografia da rua Imperial.

A edição em tela, a par de comentários, noticiário, publicações pagas e anúncios, estes a 80 réis a linha, inseriu crônica de Fortunato Silva; soneto, escrito em Vitória, de Odilon Nestor, e folhetim, com "O Guarani", de José de Alencar, começado na semana anterior (Biblioteca Pública do Estado).

FLOR DA VICTÓRIA - *Órgão da Juventude Victoriense* - Publicou-se o nº 2⁹³ no dia 7 de maio de 1887, em formato 29 x 19, com quatro páginas de três colunas. Propriedade de Samuel Gomes e Pedro de

⁹² Exemplar único existente na Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão. Não consta da coleção da Biblioteca Pública do Estado.

⁹³ Alfredo de Carvalho (obra citada) registrara, apenas, o nº 1.

Albuquerque e trabalho gráfico da oficina d'O *Lidador*. Assinatura trimestral - 1\$000. Colaboradores diferentes ocuparam as três páginas, constando da última a seção "Recreio Parnasiano", com produções de *Mecânico* e Juvêncio de Albuquerque (Biblioteca Pública do Estado).

O AUTONOMISTA - Consta da relação dos "Anais", como tendo sido publicado em 1890, sem pormenores.

A MOCIDADE⁹⁴ - *Literário, Crítico e Noticioso* - Surgiu no dia 6 de setembro de 1890, em formato 32 x 22, com três colunas e quatro páginas, tendo como diretores José Salomão, Teófilo Cavalcanti, Fortunato Gonçalves e João Cintra. Assinava-se a 0\$500 mensais. Como colaboradores, constavam do expediente os nomes de Cesário Ribeiro, Gaurino Silva, Franklin Martins, Joaquim Elias, José A. de S. Bandeira e Antão Bernardino.

De início, divulgou uma Circular ao "Cidadão", solicitando-lhe o auxílio de uma assinatura. Seguiu-se o editorial, em que dizia: "A *Mocidade* apresenta-se, na arena jornalística, como a avezinha enfeitada e implume, perdida entre os condores, lutando pela vida". Seu programa, o que podia garantir — acrescentava — "é que não pretende sulcar os mares da política. A sua nau é pequena e as tempestades, que ali se abatem, são horríveis". Em conclusão:

Deixando de um lado a medonha cratera em que se abismou a velha monarquia, e do outro as altas cordilheiras donde surge o ofuscante sol da República, segue cabisbaixa e humilde em procura do bem público.

Jornal variado, apresentou colaboração de Joaquim Elias d'Albuquerque Rego Barros, Fortunato Silva, os dois últimos assinando versos; *Foebel*, com a crônica "Ao correr da pena", e outros, além de triolets, charadas e notas ligeiras.

Prosseguiu, assim, com regularidade, tendo, porém, vida efêmera. Último avistado foi o nº 5, de 4 de outubro, com mais de metade do seu espaço dedicada ao debate de uma questão de erros, de português suscitada por Fortunato de Carvalho, através d'O *Lidador* (Biblioteca Pública do Estado).

Ainda circulou o nº 6, registrado na "Gazetilha" do *Jornal do Recife* de 11 de outubro.

⁹⁴ Não faz parte da relação dos "Anais" (1821-1908), nem do Documentário sob o título "A Imprensa Periódica na Vitória de Santo Antão", elaborado pelo escritor José Aragão e divulgado pela *Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão*, Vol. I, de 1954. No entanto, o autor dos referidos "Anais", no artigo "O jornalismo literário em Pernambuco", in *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, edição de novembro/dezembro de 1901, mencionara *A Mocidade* como representante obscuro literário no aliás fecundo e vivaz jornalismo de Vitória".

O 14 DE AGOSTO - Com o título em semicírculo, trazendo abaixo o desenho de uma lira e impresso em papel cuchê, utilizando tinta vermelha, publicou-se, como número único, a 16 de agosto de 1891, em formato 33 x 22, com quatro páginas de três colunas.

Comemorou o terceiro aniversário da fundação do Recreio Musical 14 de Agosto, cujo Histórico constituiu a matéria principal, seguindo-se produções, em prosa e verso, a respeito do evento, assinadas por José Bandeira, Antão Bernardino, Fortunato Silva, Franklin Martins, A.M. Saraiva Galvão e José Salomão (Biblioteca Pública do Estado).

A VICTORIA - Começou a publicar-se no dia 11 de maio de 1895, em formato 35 x 25, com quatro páginas de quatro colunas. Proprietários - Holanda & Bandeira, logo substituídos por Bandeira & Filhos; redator-principal - José Alves de Souza Bandeira, funcionando a redação e tipografia na rua Marquês do Herval, 50. Tabela de assinaturas: Semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000. Era cobrador José Modesto Soares Brandão.

"...embora dispondo de redação alheia às lutas do jornalismo", pretendia, segundo o editorial de apresentação, "discutir as questões sociais e políticas que se suscitarem na sociedade brasileira", acentuando: "A sua política, posto que não se filie a partido algum, será a da paz, da ordem e da liberdade". Em conclusão: "As discussões pessoais, que não resultem outro proveito que não seja o desabafo de paixões individuais, são inteiramente abolidas".

A edição de estréia divulgou: "Agricultura", por *Orion* "Instrução Pública", com assinatura F.C.F. de M.; "Literatura"; "Notícias Políticas", noticiário geral e anúncios.

Raros outros comprovantes foram avistados do ano de estréia, cuja matéria manteve o ritmo da edição acima estudada.

De 1896 existem exemplares esparsos, desde o nº 8, de 22 de fevereiro, até o nº 71, de 4 de novembro. Transferira-se a redação para a rua Imperial, 58. Na edição de 21 de março, constava do expediente: proprietários - Bandeira & Filhos; redatores - Francisco de Carvalho Gonçalves da Rocha, Franklin Minervino Martins, Fortunato Teixeira de Carvalho e José Paulino Cavalcanti de Albuquerque, este último acumulando a função de gerente. De semanário que era, passou a sair duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados. A partir do nº 24, de 13 de maio, deixou de mencionar corpo redacional, figurando um nome apenas, no cabeçalho: Samuel Gomes - gerente da oficina.

Mais de um ano decorrido de suspensão, voltou à plena atividade *A Victoria* - nº 1, ano IV - no primeiro dia de outubro de 1898, alterado o formato para 51 x 34, a cinco colunas de composição. Nova tabela de assinaturas: - 10\$000; mês - 1\$000, mediante pagamento adiantado.

Imprimia-se na Tipografia e Papelaria Vitória, instalada na rua da Imperatriz, 25.

Impunha-se o reaparecimento, consoante o editorial de abertura da segunda fase, "como uma necessidade inadiável, ou antes, como uma medida de segura orientação política, para prosseguirmos na sustentação das idéias do Partido Republicano deste município". Resolvera romper o silêncio, uma vez "convencidos, depois de longa expectativa, de que foram improficuos todos os meios suasórios que empregamos no sentido de conciliar uma dissidência reacionária e sem razão de ser".

Salientou o articulista, noutra tópic: "Nesta espinhosa missão de abnegação e civismo, que nos anima, nesta árdua romaria que empreendemos, muito embora superior às nossas limitadas forças, e apenas interrompida por conveniências de ordem partidária acima expostas, *A Victória*, apresentando-se hoje ao público, de quem espera benévolo acolhimento, não poupará esforços nem sacrifícios para que veja respeitado e cumprido o nosso Pacto Fundamental de 24 de fevereiro".

Seguiu-se a circulação semanal, bastante variada de matéria, assim distribuída: editoriais; a seção "Agricultura"; a crônica "Ao correr da pena"; de Francisca Izidora; "Rapsódias" (poesias); "Variedades"; "Tiro ao Alvo", de charadas, a cargo de *K.P.Ta* "Por longe"; "Cartadas", versinhos de Gedeão "Pizzicato", de comentários políticos, com a assinatura de *Os Três Bemois*; noticiário e anúncios, estes ocupando mais de uma página.

Afora os três primeiros números da nova fase, não restam comprovantes correspondentes aos 31 meses subseqüentes, embora não se interrompesse a circulação. Avista-se, então, ainda no acervo de jornais avulsos, exemplar do nº 138, ano VII, de 18 de maio de 1901; mais alguns, até o nº 164, de 16 de novembro. Declarava-se "filiado ao Partido Republicano de Rosa e Silva", mantendo o mesmo ritmo, com a colaboração, inclusive, da poetisa Narcisa Amália e do dr. Orêncios Sabauna. Estampou o aviso a seguir: "Para qualquer negócio referente a este periódico, e na ausência de seu redator-chefe e proprietário dr. Gonçalves da Rocha, deve ser procurado o nosso colega de redação Joaquim de Holanda Cavalcanti".

São de 1902 os nºs 179, 182 e 185, este último de 19 de abril. Constava do cabeçalho: redator-chefe - Gonçalves da Rocha; redator-secretário - Joaquim de Holanda.

Existem, de 1903: nºs 18, de 9 de maio; 24, de 11 de junho (só, na redação, Gonçalves da Rocha); 29, de 25 de julho; 30, de 2 de agosto e 50, de 19 de dezembro. Criara-se a firma social Rocha & Cia., que assumiu a propriedade da empresa. Na quarta das edições referidas inseriu-se a letra do "Hino Inaugural do Monumento Comemorativo do Combate de Tabocas", de autoria da renomada poetisa Francisca Izidora.

Eram outros colaboradores d'*A Victória*, no ano em referência: Ribeiro da Silva, *João Cláudio* (pseudônimo de João Rodrigues Carneiro Campelo), Honório Monteiro, Júlio Peixoto, Úrsula Garcia, Cintra Luiz, Ovídio Aragão, Inês Sabino, Raul Monteiro e Grato Varela. Não faltavam, a par do noticiário e "Solicitações", editoriais de apoio à política do Conselheiro Rosa e Silva. Uma página enchia-se de anúncios.

Principiou 1904 como o nº 1 - ano XI - de 9 de janeiro. Continuava em "defesa da causa do bem público", na propaganda constante dos "melhoramentos morais e materiais do município", mantendo as seções literárias e científicas, com força para defender a causa do partido político a que pertencia, principal motivo de sua existência. No nº 18, de 30 de abril, teve início a inserção do folhetim "O romance de Áurea", original de Úrsula Garcia.

Outros comprovantes, últimos avistados: nºs 19, 21, 22 e 23, este datado de 4 de junho de 1904⁹⁵ (Biblioteca Pública do Estado e Instituto Histórico de Vitória)⁹⁶.

A NOVA VENEZA - Publicou-se o nº 1 no dia 1 de janeiro de 1898, em formato 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redator único: *O Velho da Montanha*.

Mal escrito, dizia-se "jornalzinho não de esquina e sim do sério". Sua matéria constou de comentários prolixos, de intuítos moralizantes, terminando com uma poesia transcrita, a qual continuaria na edição seguinte, que jamais circulou (Biblioteca Pública do Estado e Instituto Histórico de Vitória).

S.C. PHILOCRÍTICA - *Órgão da Atualidade* - Circulou, pela primeira vez, datado de 12/14 de fevereiro de 1899, em formato 30 x 22, com quatro páginas. Editado pela Sociedade Carnavalesca Filocrítica, foi impresso na Tipografia Vitória, instalada na rua da Imperatriz, 25, utilizando papel de cor.

Constava do seu programa "provocar hilaridade com o chiste da pilhéria, com o sal da troça sensata; sufocar o *spleen* num ambiente de gargalhadas francas; sobretudo, dar ao Carnaval o cunho da atualidade".

A edição inseriu interessante matéria satírico-humorística, em prosa e verso, ilustrada de vinhetas figurativas (Arquivo Público do Estado).

Obedecendo a idêntico padrão, circulou o nº 2, ano II, a 27 de

⁹⁵ Do pouco cuidadoso registro dos "Anais", de Alfredo de Carvalho, consta a publicação d'*A Victória* durara, apenas, "até 1898".

⁹⁶ Os exemplares mencionados pertencem ora a uma ora a outra das duas bibliotecas referidas.

fevereiro de 1900 (Biblioteca Pública do Estado).

Seis anos depois, foi publicado, ao que consta, o nº 3.

A GAZETINHA - *Órgão de Diversões, Gastronômico e Pirotécnico* - Impresso no formato 23 x 14, com quatro páginas, em papel de cor, foi posto à venda o nº 1 no mês de junho de 1899, ao preço de 300 réis por exemplar, editado pela Tipografia e Papelaria Vitória. Cada um deles trazia cinco dezenas de milhar, fazendo jus, por sorteio da Loteria Federal do dia 23, a prêmios, que constavam "do mais provocante e opíparo sortimento de bebidas e comidas, grande variedade de fogos de salão, divertimentos, etc."

Ao editorial explicativo, em que se dizia pretender a empresa proporcionar um dia de São João cheio de "festivas expansões e de gratas alegrias", seguiu-se a enumeração dos prêmios, não faltando uma seção de humorismo e curiosidades. No fim, anúncios da casa editora (Biblioteca Pública do Estado).

Não há indício de ter voltado a publicar-se *A Gazetinha*, segundo Sebastião⁹⁷, tivera como redator Antão de Souto Lima.

O GAIO - *Literário, Noticioso e Humorístico* - Publicação semanal, apareceu no dia 6 de abril de 1902⁹⁸, em formato 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redatores - "diversos". Tabela de assinaturas: semestre - 3\$000; trimestre - 1\$500; mês - 0\$500; para fora da cidade (só as duas primeiras parcelas): 4\$000 e 2\$000, respectivamente. Número avulso - 0\$100. Trabalho gráfico da oficina d'O *Lidador*.

Ocupando uma página, o editorial de apresentação focalizou a "pesada tarefa" que punha a ombros "uma pleiade de moços pobres e empregados", ao entregar aos leitores *O Gaio*. "Jornal pobre de cabedais científicos", escreveria tudo quanto estivesse "ao alcance da crítica imparcial mordaz ou encomiástica", fazendo, quanto à literatura, o que estivesse ao alcance de suas forças. À política, porém, não daria guarida, porque, segundo acrescentou, "ela corrompe e confunde".

Seguiu-se normal a vida do pequeno órgão, cuja matéria se constituía de crônicas, em linguagem às vezes licenciosas; reportagens de escândalos; tropas e sátiras, misturando prosa e verso inexpressivos; mote-glosas, perguntas indiscretas, epigramas, etc. Os colaboradores escondiam-se sob pseudônimos, a saber: *Carbureto, Pafúncio, Dr. Krup, Bisonho, Dr. Pelado, Dr. Baiacu, Plínio Pio, Dr. Enredo, Dr. Pikh Gado,*

⁹⁷ In "Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco", vol. S a Z, pág. 251.

⁹⁸ Alfredo de Carvalho (obra citada) registrara, erroneamente, "fins de novembro ou princípios de dezembro", sem nada mais adiantar.

Zumba, Dr. Dorminhoco, Zé F. Dô, Kock Júnior, Pinto Patureba, Sabetudo, Ferrolho, Victor, Zê das Crioulas, etc.

Ao atingir o nº 12, de 29 de junho, reduziu-se o sub-título d' *O Gaio* para, simplesmente, "humorístico e noticioso", ao passo que os "diversos" redatores foram substituídos por um diretor: *Maneco*, pseudônimo de Márcio de Albuquerque, também aparecido com o anagrama *Oicram*. Mudaram as letras do título para um clichê, pobremente ilustrado, feito em madeira.

Outra alteração veio a ocorrer no nº 30, de 9 de novembro. Novo diretor - *Plínio Pequeno* propriedade "de uma sociedade anônima"; órgão "humorístico e satírico". Terminado o ano, prosseguiu em 1903, saindo o nº 37 no dia 4 de janeiro, com a primeira página pessimamente ilustrada, clichê em cajá. Continuando, estendeu-se a publicação d'*O Gaio* até o nº 41, de 1º de fevereiro (Coleção de Pedro Ramalho Filho)⁹⁹.

Embora sem mais comprovantes guardados, teria prosseguido a circulação do pasquim, sendo também provável ter ficado suspenso por algum tempo. Após longa ausência, foi possível avistar, na hemeroteca do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão, exemplares dos nºs 38 e 46, respectivamente, de 11 de setembro e 6 de novembro de 1910, ano VIII. Apresentava o subtítulo: "Jornal que troça com a rapazeada". Impresso na tipografia d'*O Lidador*, aparecia aos domingos, custando ainda 100 réis o número avulso. A matéria acompanhou o ritmo primitivo, sendo novos diretores *Três Gueras*.

O OLHO - *Periódico Humorístico e Noticioso* - Surgiu no dia 28 de novembro de 1902, em formato 26 x 18, com quatro páginas de duas colunas, destinado a publicar-se semanalmente. Redatores - "diversos". Assinatura mensal - 0\$500, mas só aceitava "de três meses para cima, pagos adiantadamente". Anúncios, para os assinantes até dez linhas, nada custavam.

"*O Olho* será indiscreto" — dizia no artiguete de apresentação — "porém a boca será discreta". Sua pilhérias teriam um único fim: "fazer fosquinhas à tristeza, sem ofender a moral".

Sua matéria constou de seções de crítica e sátira, como as "Coisas com que eu inxo", do *Dr. B. Tevi*, e os "Casos Interessantes", por *Maria Mole*; mais notas ligeiras, de discutível verve, entremeada de frases picantes e assinadas por *Birro Patusco, Cacau, Dr. Sampador, F.T. de C.*,

⁹⁹ A coleção manuseada, sem lacunas e devidamente encadernada, pertenceu ao dentista Antonio Maurício, que a ofereceu ao atual possuidor, como "uma lembrança", em 28 de julho de 1942. Do primeiro ano d'*O Gaio* existem, no Recife, três únicos exemplares: os nºs 11 e 12, em poder do colecionador particular Francisco Rodrigues, e o nº 19, na Biblioteca Pública do Estado

Jeremia, Zé Ligeiro e outros pseudônimos.

Não ficou no primeiro número¹⁰⁰. Circularam, pelo menos, três outras edições, sem alteração no programa traçado, nos dias 3 e 20 de dezembro e em data não identificada¹⁰¹.

O Gaio, jornaleco de igual catadura, noticiou - e glosou - em sua edição de 11 de janeiro de 1903, o desaparecimento d'*O Olho* (de Zé Holanda), cuja existência, ao que acentuou, era "a desmoralização" da imprensa vitoriense.

O MASCARADO - *Órgão carnavalesco, trabalhado por "um punhado" de redatores*, apareceu no dia 23 de fevereiro de 1903, em formato 26 x 18, com quatro páginas. Impressão na Tipografia e Papelaria Vitória. Modesta nota de apresentação focalizou a excelência do reinado de Momo, terminando por desejar que os leitores se divertissem entusiasmadamente. Inseriu, a seguir, matéria concisa e variada, em prosa e verso de sabor chistoso por *Pio Pimenta, Folião, Confetti, Guizo, Bisnaga, Língua de Sogra* e outros.

Voltou a publicar-se, feito "órgão da atualidade", indicando como "redatores - 7\$500", a 14 de fevereiro de 1904. Apresentou formato maior, tendo o cabeçalho impresso em tinta encarnada e o texto em azul. Foram outros colaboradores do gênero satírico-humorístico: *Tupi Jati, Tupá Júnior, Jati_Sobrinho, Melchior, Paspalhão Gomes*, etc. (Arquivo Público do Estado).

Ainda houve uma terceira edição no carnaval de 1905, da qual não resta comprovante.

A ROSCA - *Periódico Semanal, Noticioso e Crítico* - Propriedade "de uma empresa anônima", sob a direção de *Forneiro Mor*, teve seu primeiro número publicado a 19 de abril de 1903, em pequeno formato 19 x 14, com quatro páginas de duas colunas. Assinava-se a 1\$500 por trimestre, cabendo aos assinantes procurarem cada exemplar "nas agências locais". A correspondência devia ser endereçada à Tipografia d'*O Lidador*, onde era impresso.

No artigo de apresentação, dizia-se *A Rosca* filha "dos esforços insanos de alguns rapazes que amam as letras e que trabalham pela moralidade", acentuando: "É o caso que muitas mulheres de vida livre e

¹⁰⁰ No seu registro dos "Anais", Alfredo de Carvalho mencionara o nº 1 como tendo sido único.

¹⁰¹ O nº 1 d'*O Olho* encontra-se no Arquivo Público Estadual e os nºs 2 e 3 na Biblioteca Pública do Estado, seção de avulsos, sendo o nº 4 referido no noticiário, intitulado "Recepções", da folha humorística recifense *O Papagaio*, de 15 de janeiro de 1903, cuja transcrição vai a seguir: "O *Olho* - Recebemos os nºs de 1 a 4 deste interessante jornalzinho humorístico que se publica na Vitória".

diversos tipos relés, que infestam esta cidade, andam por aí praticando atos indecorosos, sem temer ao menos o rigor sequer de um jornal crítico para o sovarem no que for necessário". Prevenia-os, então, que a reportagem ia entrar em atividade.

Admitindo os pseudônimos de *Mestre Padeiro, Padeiro Mor, Quiri Camelo, Mestre Maceiro, Tupi Careca* e outros, o endiabrado órgão entrou a dar expansão às suas indiscreções, através das seções "Contos Ligeiros", "Revelações de um gato", "Falam por aí", etc., que eram verdadeiras pasquinadas. A partir do nº 4, glosavam-se motes simplesmente indecentes.

Ató o último número, o oitavo, de 21 de junho, *A Rosca* não alterou seu programa de autêntico pasquim¹⁰² (Arquivo Público do Estado).

O GRILLO - Publicou-se, no formato in-4º, em fins de abril de 1903, faltando pormenores a respeito ("Anais").

O ALHO - Jornaizinho de troças, circulou, provavelmente em número único, entre fins de junho e princípio de julho de 1903¹⁰³.

O GATO - *Periódico Humorístico e Trocista* - sob a direção de *Zé Lucas*, circulou o nº 1 (que foi único) no dia 26 de julho de 1903, em formato 24 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Pretendendo sair aos domingos, anunciou que custaria 1\$500 a assinatura trimestral e 0\$500 a mensal, e que a correspondência devia ser enviada ao "vendedor Antonio de Barros, em carta fechada".

Disponha-se, conforme a nota de apresentação, a "deleitar" os leitores e leitoras, "nas horas vagas", e a "corrigir os erros destes que, *inconscientemente*, praticam o mal". Concluiu dizendo que tivessem cuidado com *O Gato* e suas "arranhadelas".

Metido a moralista, o jornaleco não fez mais do que seguir o caminho d'*A Rosca*, dosando de pornografia a sua matéria, seja em prosa, sejam em verso, tendo como colaboradores *Dr. Tiririca, Mané_Matuto*,

¹⁰² Outro jornaleco, não menos imoral - *O Gato*, abriu uma seção de epitáfios com o seguinte:

Aqui jaz apobre Rosca
Jornal que esteve na arena:
Morreu de pornografia
Por ter a boca pequena.

¹⁰³ O mencionado não consta do registro de Alfredo de Carvalho (obra citada) nem da relação de José Aragão (trabalho citado), mas existiu, haja vista o epitáfio, sob o título "Morada de todos", publicado no congênere *O_Gato*:

Eis aqui, em outra cova,
O tal d'O Alho espevitado,
Que mal botou a cabeça,
Morreu logo o desgraçado.

Mané Bicudo e Bolimbalacho (Arquivo Público do Estado).

A PISTOLA - *Jornal Crítico e Pilhérico* - Propriedade "de uma sociedade anônima", destinado a publicar-se semanalmente, deu à luz o primeiro número no dia 25 de dezembro de 1903, sob a direção de *Zé Pistola*. Em formato 20 x 16, com quatro páginas de duas colunas, foi impresso na Tipografia d' *O Lidador*. Preço do exemplar - 100 réis.

"...apontando a uns, alvejando a outros", ia o mal redigido jornalzinho cumprir sua missão. Dizia-se feito por "meia dúzia de desocupados", pretendendo "corrigir os erros desses sedutores sem brilho e sem critério", sem detratar das famílias. E... nada de político.

Publicaram-se, apenas, dois números, constituídos de gracejos mal alinhavados, em prosa e verso, assinados com pseudônimos. O último saiu no dia 31 de dezembro (Arquivo Público do Estado).

A ESPADA - *Jornal Crítico e Pilhérico* - "O nº 1 saiu a 27 de março (1904) e o nº 2 (último) a 5 de junho. Número avulso -100 réis.

Consta, a informação acima, dos "Anais", de Alfredo de Carvalho. Foi possível verificar, no entanto, que não ficou aí a publicação, pois *O Lidador*, de 17 de setembro do ano em referência, divulgou a notícia abaixo, que comprova haver a mesma prosseguido:

"A *Espada* - Amanhã, traz o seguinte sumário: "Namorados mucufas", "Depósito de tomates", "Pauladas" e as seções ordinárias, que estão mesmo um primor. Tudo por módico preço, além de um suplemento extraordinário".

O FOGO - *Jornal Crítico* - Apareceu em fins de março de 1904, in-4º, faltando promenores a respeito ("Anais").

O MORCEGO - *Jornal Humorístico e Noticioso* - Entrou em circulação a 7 de setembro de 1904, em formato 20 x 15, com quatro páginas de duas colunas, sob a direção e propriedade de *Gente Viva*. Assinatura mensal - 0\$500; número avulso - 0\$100.

Ocupou mais de uma página o artigo "Entrando", para assim resumir o seu programa de atividades: "Rir, brincar, voar e pilheriar".

Circularam quatro números, constituídos de matéria ligeira, menos o longo "Cavaqueando, de *Filipino Pançudo*, *Gil Sagaz* e *Gente Viva* assinavam sonetinhos de sete sílabas. E havia também as "Coisas que *O Morcego* não chupa", de trepações sobre a rapazeada. Humorismo pouco convicente.

O último número saiu a 9 de outubro (Arquivo Público Estadual).

GAZETA SANJUANESCA - Circulou em junho de 1905, editada pelo comerciante Inácio de Brito, para sorteio de prêmios através da Loteria Federal. Preço do exemplar - 300 réis (Inf. d'O *Lidador*).

O ANDARILHO - Livro de sortes para 1906, publicou-se no mês de junho, organizado por Inácio de Brito. Acompanhava cada exemplar um jogo de disparates (Inf. d'O *Lidador*).

ESPANTA COIÓ¹⁰⁴ - "Publicado em 1906, estava no 12º número em 26 de agosto", conforme o registro de José Aragão, no seu documentário "A imprensa periódica na Vitória de Santo Antão".

Por sua vez, o jornalzinho *O Vagalume*, de Gravatá, edição de 13 de outubro do ano em referência, acusou o recebimento dos "nºs 15, 16 e 17, ano I, do *Espanta Coió*, órgão humorístico sob a direção de Zé de Pelhas".

POLIANTHÉIA¹⁰⁵ - Circulou no dia 7 de setembro de 1906, em homenagem ao transcurso de mais um aniversário da Independência do Brasil (Inf. do *Diário de Pernambuco*, de 2 de outubro).

O PIMPÃO - *Livro de Sortes* - Foi dado à publicidade em junho de 1907, impresso na Tipografia e Papelaria Vitória (Inf. d'O *Lidador*).

O POPULAR - *Órgão Político, Literário e Noticioso* - Semanário de propriedade "de uma Associação", começou a circular no dia 4 de janeiro de 1908, em formato 37 x 25, com quatro páginas de três colunas, obedecendo à seguinte tabela de assinaturas, para o Interior: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000. Número do dia - 0\$300; atrasado - 0\$500. Anúncios, por linha - 0\$140; nos editoriais - 0\$200; ao assinante - grátis até vinte linhas, e as excedentes a 0\$100.

O artigo de apresentação fez o elogio da política do Conselheiro Rosa e Silva e dos seus delegados no município: Antonio de Melo Verçosa (prefeito) e Henrique Lins Cavalcanti de Albuquerque. Em seguida, punha as colunas do jornal à disposição de todas as classes — operários, lavradores, comerciantes e artistas, para manifestarem suas opiniões, quer de interesse particular, quer em benefício da coletividade. Findou esclarecendo que os seus redatores eram moços "modestos, criteriosos e simples".

Impresso na tipografia de J. Agostinho Bezerra, na rua do Imperador, 31/33, no Recife, logo no segundo número começou a ser confeccionado em oficinas próprias, localizadas, com redação e escritório,

¹⁰⁴ Não consta da relação de "Anais".

¹⁰⁵ Também não a mencionou a obra citada. Quanto aos Livros de sortes, nesta páginas referidos, deles não se ocupava, ordinariamente, Alfredo de Carvalho.

à rua Pedro Lins (atual Ruy Barbosa), 44, depois transferidas para o prédio nº 2 da travessa do mesmo nome (atual Mateus Ricardo), ao mesmo tempo que aumentou o formato para quatro colunas; passados três meses, para cinco e, já no nº 45, para seis, terminando na estatura de 53 x 37. Por sua vez, a velha tipagem inicial foi substituída, proporcionando lisonjeira feição material.

A partir do nº 4 constou do cabeçalho: Propriedade de Antonio de Melo Verçosa. No expediente: "redatores - diversos" (estes "diversos" eram Joaquim de Oliveira Melo e Inácio Pereira de Brito); diretor-gerente - Austriclinio Paes Barreto. Cabia a Henrique Lins, de modo implícito, a direção política.

Circulando normalmente, *O Popular* inseria matéria variada, do editorial, sobre temas gerais, ao amplo noticiário, repleta de anúncios a última página. Não faltou a parte humorística, com as "Cócegas" e os versos ligeiros "Cromos", mais adiante substituídos pelos "Retratos", ambos de *Jacques Milkau* (pseudônimo de Oliveira Melo, que também escrevia a crônica "Retalhos"; nem faltaram uma "Seção Comercial", charadas, "A pedido" e Atos Oficiais da Prefeitura. Os nºs de 10 a 13 circularam acompanhados de Suplemento, em tablóide de quatro páginas.

Durante algum tempo, o periódico estampou, sob o título geral "Bouquet", um soneto em coluna dupla da primeira página, onde apareciam, afora transcrições, originais de J.R.S. Duarte, A. Mendonça, Carlos Coelho, *Gil Pimpão*, Walfrido Leonardo Pereira, Isaias Gomes de Matos e Silva, Leovigildo Júnior, Lídio Gomes, Severino Barbosa, Gervásio Fioravante, Olímpio Fernandes, Franklin Seve e José Américo de Almeida. Entre os colaboradores em prosa contavam-se, com produções esporádicas, Bartolomeu Anacleto, Adolfo Silva ("Cartas do Recife"); José Teófilo, que escreveria sobre o tema Agricultura por toda a vida do periódico; H. Lopes, *J. Diniz* (pseudônimo de José Duarte Gonçalves da Rocha), com a série de artigos "Ensino Público"; Tay autor de interessantes crônicas procedentes do Recife, que ocultava o nome do bacharelado Juarez Gambetá, a par da seção do mesmo quilate "Rabiscando", do redator, também bacharelado, Oliveira Melo; Ventura Cravo, *Porthos*, etc.

O nº 52, de 4 de janeiro de 1909 comemorou o primeiro aniversário d'*O Popular*, cujo editorial alusivo reafirmou sua fidelidade à política rosista. A edição acompanhou-se de pequeno avulso, em papel assetinado, nele estampado o clichê do proprietário Melo Verçosa, como homenagem da redação. A subsequente dedicou grande espaço aos festejos da data aniversária. Apareceu, então, explícito, o corpo redacional completo: diretor e redator responsável - Austriclinio Paes Barreto; redatores - Alfredo Odion Silvério Coelho, Joaquim de Oliveira Melo e Inácio Pereira de Brito; gerente das oficinas - José Correia de Andrade Melo.

Dias após, além das edições comuns, lançava-se, a 16 e 23 de janeiro, o Boletim d'O Popular, em pequeno formato de três colunas, só impresso de um lado, contendo o noticiário de uma greve do pessoal da Great Western (hoje Rede Ferroviária do Nordeste).

Nesse ano, já aumentada a quantidade de reclames comerciais, surgiam novas seções, em substituição, tais como: "Binoculando", depois, "Machadadas"; depois, "Minha Seção", todas de *Jacques Milkau*; "Pitadas", por *Junqueira Milton* (o mesmo Oliveira Melo); "Coluna Alegre"; "Cromos", por *Black* "Máximas"; "Adágios"; "Cartas de Família", por *Bento Messias*; "Meus Bilhetes", por Judite das Mercês (ainda Oliveira Melo); "Humorismo", etc.; e mais colaboradores, a salientar Edwiges de Sá Pereira, Oscar Bandeira, Leovigildo Júnior, Aníbal Rego, Vital Melo, A. Oliveira e F. Palma.

Iniciado, porém, o segundo semestre, ocorreu uma crise redacional. Assim é que, já retirado Inácio de Brito, afastou-se Oliveira Melo "por motivo de saúde" e, uma semana após, saía Odilon Coelho sem motivo, ficando Austriclinio Paes Barreto na função de "diretor e redator único". Transcorrido um mês, precisamente a 28 de agosto, este último, numa declaração abrindo a primeira página, retirava-se, por sua vez, alegando "motivos de ordem política e social", no que foi acompanhado pelo gerente. Na edição a seguir, reapareciam no antigo posto os redatores Oliveira Melo e Inácio Brito, aos quais veio a juntar-se a 1º de janeiro de 1910, Antonio Guedes Alcoforado, antes colaborador, quando se agregou, igualmente, Samuel Ramos, na qualidade de gerente, cargo, todavia, que logo vagou e não foi preenchido.

Não teve mais solução de continuidade a vida d'*O Popular*, salvo na substituição de crônicas e cronistas. Foram novos: *Boêmio. S.S. da Simplicidade Simples*, autor da "Gazetinha"; *Xis*, com os "Pensamentos"; Diógenes Dias, o das "Confidências"; *Aga* (Guedes Alcoforado), com as notas "Cavando Ruínas", seguidas das "Apostilas"; L. D., que assinava "Coluna Religiosa"; *Nicles*, colocado "À porta do cinema", e *Célio Meira* (anagrama de Ceciliano de Oliveira Melo) que, sendo revisor, desde 1908, estreou na letra de forma a 3 de dezembro, firmando crônicas fantasiosas, padrão que manteve enquanto viveu, na primeira fase, o jornal de que era redator o seu irmão.

A 7 de janeiro de 1911, solenizando a data do terceiro aniversário, lia-se no editorial respectivo: "*O Popular* não precisa mais de dizer que foi, é e será órgão defensor do Partido Republicano de Pernambuco...".

Os anúncios já ultrapassavam duas páginas e a parte redacional ressentia-se do brilhantismo dos primeiros dois anos. Durante 1911, foram raras as matérias de maior interesse, merecendo destaque a seção "Gramaticando", de *José Bálsamo* (outro pseudônimo de Guedes Alcoforado) e a colaboração de Joana Ramos. Era cobrador e repórter

Severino Nascimento.

Sobreveio a propaganda da candidatura Rosa e Silva ao governo do Estado, cujas eleições, marcadas para 5 de novembro, deram lugar a agitações públicas e ao fim da existêntica d'*O Popular*, que tinha circulado na véspera, dia 4, e não voltou mais à tona.

Circularam duzentos números, ao todo, sem que houvesse uma única lacuna na distribuição semanal, nem faltando, no cabeçalho, o nome do proprietário - Antonio de Melo Verçosa¹⁰⁶.

Depois de longo período, reapareceu o semanário — ano XIX, nº 1 — a 1º de maio de 1927, “dedicado somente aos legítimos interesses de Vitória”.

Lia-se no artigo-programa:

Já há tempos existiu, nesta cidade, com o mesmo nome e de propriedade do ilustre coronel Melo Verçosa, um jornal de que naturalmente não estarão esquecidos os vitorenses. Aproveitamos-lhe o título, altamente significativo, e os mesmos propósitos sociais e políticos. Com a feição de jornal o mais moderno possível, pretendemos nos colocar ao nível das possibilidades de Vitória.

Obedecendo ao mesmo formato anterior, teve como diretores Severino Nunes Lins, Flávio Meireles e Irineu Maciel, sendo órgão oficial do Município. Inseria manchetes na primeira página, bons editoriais e colaboração dos irmãos Corina e Manuel de Holanda, Adolfo Lins, Marta de Holanda e outros.

A 20 de agosto do mesmo ano, Ovídio Verçosa Filho assumiu a propriedade do periódico, que, no dia 19 de novembro, passou a usar, abaixo do título o *slogan* “Pátria sobre tudo”. A esse tempo, Flávio Meireles ficou sozinho na direção, admitindo Teixeira de Albuquerque na qualidade de redator, mas este não demorou, no cabeçalho, mais que um mês. Como principais colaboradores figuraram, a seguir, José Miranda e Aureliano Teixeira.

O Popular continuou a publicar-se sem interrupção, assim alcançando 1930, para tomar-se, em abril, órgão do Partido Republicano. No mês seguinte entrava Célio Meira para a função de redator, enquanto o diretor era substituído por Quintino Cavalcanti.

Extinguiu-se, contudo, a vida do jornal, uma vez divulgada a edição de 4 de outubro do vigésimo ano¹⁰⁷. Era impresso em oficinas próprias,

¹⁰⁶ A tipografia d'*O Popular* foi vendida, em julho do ano seguinte, ao capitão Emílio Pessoa de Oliveira, que a transportou para o Recife, a fim de imprimir o *O Leão do Norte*.

¹⁰⁷ “Com o advento e vitória da Revolução de Outubro, deixou *O Popular* de circular, pois representava uma idéia vencida no tempo e no espaço” - tópico da “Coluna do Instituto

cujo material veio a ser adquirido, em fevereiro de 1932, pela empresa *O Lidador*.

Ainda teve *O Popular* uma terceira fase, iniciada a 23 de fevereiro de 1952¹⁰⁸, apresentando-se como "Jornal de Interesses Municipais". Instalou redação à rua Barão do Rio Branco, 2, sendo impresso no Recife, nas oficinas gráficas da Polícia Militar. Sob a direção de Guedes Alcoforado Filho, a chefia da redação estava confiada à H. Cavalcanti (capitão Pedro Holanda) e a secretaria ao major João Rodrigues. Na gerência - José Ferreira da Costa. Assinaturas: - Cr\$ 60,00; semestre - Cr\$ 35,00; trimestre - Cr\$ 20,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Ao contrário da anterior orientação político-partidária, o semanário, que modificara o formato para 50 x 30, voltava ao campo da luta jornalística — dizia a nota de abertura — com um único fito: defender os interesses do município". Não era órgão oficial ou oficioso; tinha as suas colunas "livres e independentes". Servia ao Município, porque assim servia ao povo.

Boa edição de seis páginas, inseriu matéria bastante variada, sobretudo, noticiosa e informativa; o comentário "Das Galerias", *Onika*: "Coluna do Instituto Histórico"; "Pela Educação", de Antenor Gomes; "Problemas Municipais", etc., terminando com o artigo de Pedro de Holanda; "Última Coluna".

Circularam, apenas, mais dois números, o último dos quais, o 3º, datado de 29 de março, procrastinada a publicação por dificuldades financeiras. No segundo, começaram as "Minutas", crônica de J.A. (José Aragão); e, desde o início, constaram da abertura das "Sociais" sonetos de J. Roiz (travesti do major José Rodrigues) ou Milton Souto.

A reduzida quantidade de reclames comerciais talvez tenha motivado o fracasso da terceira fase do bem feito jornal (Biblioteca Pública do Estado)¹⁰⁹.

O ENTRUDO - Folha carnavalesca, circulou a 1º de março de 1908, tendo como redatores: "300 e tantos". Formato 30 x 20, com quatro páginas de três colunas, vendeu-se o exemplar a 100 réis.

Divulgou editorial alusivo; soneto e crônica de *Jacques Milkau* (pseudônimo de Joaquim de Oliveira Melo), mais matéria variada, incluindo pastiche de frases de destacados vitorenses. Ilustração sumária e quase nada de anúncios (Biblioteca Pública e Arquivo Público do Estado).

Histórico", na edição de 23/02/1952.

¹⁰⁸ Não a 10 de abril de 1947, como registrara José Aragão, no Documentário da *Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão* - Vol. I, 1954, pág. 185.

¹⁰⁹ A coleção da primeira fase é igualmente encontrada no Arquivo Público Estadual.

O Entrudo, que era uma iniciativa dos tipógrafos e do impressor do periódico *O Popular*, deu à luz o nº 2 (e último) no dia 20 de fevereiro de 1909, apresentando-se muito chistoso (Inf. d'O *Lidador*).

O SERROTE - *Órgão Noticioso e Humorístico* - Entrou em circulação a 10 de maio de 1908, no formato 25 x 15, com quatro páginas de duas colunas. Diretor - *Zé Carpinteiro*. Impresso e com redação na Tipografia Popular, custava 100 réis cada exemplar.

Dizendo-se, no artigo-programa, orientado por "um grupo de moços moralizados e inteligentes", *O Serrote*, embora "luzidia lâmina de aço de dentes ponteagudos, a fim de serrar tudo que lhe pareça conveniente", proporcionaria "as boas pilhérias, o espírito fino, o chiste ameno e espontâneo, a gargalhada franca".

Foi, realmente, o de que se ocupou o jornalzinho, em seções como "Serrando", "Apitando", "Com que *O Serrote* imbirra...", "Telegramas", notas breves e epigramas. Principais colaboradores: *A.S.C* e *Serrinha*, que deu início à crônica "Cartapaço".

Avistado, apenas, o nº 1, se é que houvesse prosseguido a publicação (Biblioteca Pública do Estado).

O FOCO - "Surgiu em 29 de novembro de 1908. Faltam notícias (Documentário, de J. Aragão).

A LUCTA - Quinzenário "noticioso, político e literário", existiu em 1908 (não recordados mês e ano), redigido por Célio Meira e José Alexandre, que se apresentavam com os pseudônimos *Cícero Maia* e *Juvenal da Macedônia*, respectivamente. O segundo deles "era o secretário. Possuía letra bonita, arredondada, simétrica e, pacientemente, sem erro nem omissão, copiava os artigos"¹¹⁰.

Que tempo teria vivido? Nenhum exemplar guardado. Nem também o sabe, desajudado pela memória, o escrito sobrevivente.

No ano seguinte, já no Recife do Internato 19 de Abril, Célio Meira fundava, com alguns colegas, outra *A Lucta*, igualmente manuscrita (Ver Vol. VII desta obra).

Foi o início de uma atuação jornalística que já ultrapassa os 60 anos.

O DIABO - *Órgão do Clube Tieres do Diabo* - Circulou, pela primeira vez, no *Carnaval de 1909, dia 20 de fevereiro*, impresso na tipografia d'O *Popular*. Tal notícia foi veiculada por *O Lidador*, o qual, um ano decorrido,

¹¹⁰ Notas extraídas da crônica "Um gerente de banco", de Célio Meira, no *Diário de Pernambuco* de 15 de junho 1958.

informou, igualmente, haver saído a folha carnavalesca a 5 de fevereiro de 1910.

Só a partir do ano IV, nº 4, de 13 de maio de 1913, são encontráveis comprovantes d'O *Diabo*, que tinha como redator-chefe - *Belzebuth*; redator-secretário - *Caifaz* colaboradores - Os *Diabinhos*. Impresso na Tipografia e Papelaria Vitória¹¹¹, publicaram-se mais três números no mesmo ano, sendo o último deles a 15 de dezembro, apresentados no formato 36 x 23, com quatro páginas e matéria variada. Distribuição gratuita.

O nº 1, ano V, saiu no Carnaval de 1914, datado de 22/23/24 de fevereiro, obediente a nova equipe, a seguinte: redator-chefe - *Caronte*; secretário - *Cupido*; gerente - *Hiperon*, propriedade do Clube de Diversões Títeres do Diabo. No sub-título: "Orgão Literário, Crítico, Humorístico e Noticioso". Inseriu sonetos de Samuel Campelo o Porfirio Chaves; conto de *Arioste*; versos e *T. Grande Droga*, etc.

Passa-se para o nº 9, ano V, de 14/15/16 de fevereiro de 1915, quando voltou à tona o corpo redacional primitivo, sob a chefia de *Belzebuth*. A 7 de setembro, também de 1915, via-se publicado o nº 11, ano VI, em homenagem à data. Impresso nas oficinas do Bazar Vitorense, assim como os demais.

De 1916 existe o nº 10, ano VI de 5/6/7 de março. Outros mais: nº13, ano VIII, de 2/3/4 de março de 1919, nº 11, ano IX, de 11 de janeiro de 1920, nº 15, do mesmo ano, datado de 15/16/17 de fevereiro. Nº 16, ano XI, de 6/7/8 de fevereiro de 1921.

Saiu feito revista, contendo doze páginas, afora a capa, a 26/27/28 de fevereiro de 1922 - nº 17, ano XII - inserindo colaboração variada, inclusive de *Musael do Campo* e *Mário Marino*, que eram, respectivamente, Samuel Campelo e Silvino Lopes.

Voltando ao regime de quatro páginas, há o nº 18, ano XIII, datado de 22/23/24 de fevereiro de 1925, este último impresso no Recife, nas oficinas do ABC Gráfico. Foi o fim.

Belzebuth manteve em boa forma a sua coorte de colaboradores nas colunas d'O *Diabo*, a saber: Bluteau, Dr. Xisto, Jamelino. Charonte, Pequeno Capeta, Frei Teocando, Barbino Justo, O Cão Com a Dor, Veleiro, Cérbero, Aga, etc. (Biblioteca Pública do Estado e Instituto Histórico de Vitória)¹¹².

¹¹¹ A Tipografia e Papelaria Vitória, pertencente a João Batista da Silva Costa, recuperava-se de um incêndio nas suas instalações, ocorrido a 2 de junho de 1910, que foi, segundo a tradição, o maior sinistro, no gênero, a que a cidade já havia assistido.

¹¹² Mesmo que reunidos, não formariam coleção completa os exemplares d'O *Diabo*

O BURACO - *Semanário Humorístico e Noticioso* - Começou a publicar-se a 23 de maio de 1909. O nº 2 (único manuseado) circulou no dia 30, em formato 26 x 19, com quatro páginas a duas colunas de composição e pouco lisonjeiro trabalho gráfico. Nada de redatores. Assinatura mensal - 0\$500; preço do exemplar - 0\$100.

Edição modesta, adotou linguagem não muito sã, mas abrindo com editorial sério. As seções de troças de discutível humor intitulavam-se "Cavações", "Telegramas", "No Buraco", "Postais" e "Epigramas", sendo colaboradores *Zuza, Dr. Mangerico* e outros (Biblioteca Pública do Estado).

A MENSAGEM - *Órgão Evangélico* - Publicação semanal, iniciou-se cenário da imprensa a 26 de setembro de 1909, em formato 25 x 16, com quatro páginas de duas colunas de 14 cíceros. Sob o título, trazia a frase bíblica: "Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura" (S. Marcos, 16:15). Diretor - Manuel de Santana; redator-chefe - Samuel Ramos; secretário - José Martins P. Ramos. Assinaturas: anual - 1\$000; mensal - 0\$200. Redação à rua da Paz, 41.

Apareceu o periódico com o objetivo de facilitar aos irmãos "boas leituras evangélicas, mostrar o desenvolvimento da causa cristã no Brasil e no estrangeiro, noticiar fatos passados em qualquer parte, etc. - como o externou o artigo de abertura - tendo "por dogma básico a Bíblia Sagrada".

Divulgou matéria doutrinária e noticiosa em torno das atividades da Igreja Evangélica local e deu início à inserção do folhetim "O Peregrino", de João Bunyan, que não chegaria a concluir.

Seguiu-se regularmente a vida d'*A Mensagem*. incluindo colaboração de Artur C. Lindoso, Ulisses de Melo e Eduardo O. Williams. O último número avistado foi o 10º, datado de 28 de novembro (Biblioteca Nacional).

A MÁSCARA - Folha camavalesca, circulou no dia 5 de fevereiro de 1910. Propriedade dos tipógrafos do periódico *O Popular*, estava redigido "com muita verve, pilhérias inofensivas, críticas razoáveis e de não molestarem". Distribuição gratuita (Inf. d'*O Lidador*).

O CHIC - Jornalzinho literário, "circulou em 1910, tendo como redatores Célio Meira e Guedes Alcoforado"(Documentário, de J. Aragão).

O DOTE - *Órgão Literário e Noticioso* - Fundado a 20 de fevereiro de 1910, sem que existam comprovantes das quatro primeiras edições, saiu a lume o nº 5, ano I, no dia 17 de abril, em formato 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Redator - *Rosália Mendes* (pseudônimo de

arquivados nas duas bibliotecas.

Porfirio Luiz Chaves). Trabalho material da tipografia do Bazar Vitoriense, situado à rua Dr. Henrique Lins, 9. Tabela de assinaturas: semestre - 1\$500; mês - 0\$300.

Abriu a edição o editorial intitulado "A Saudade", seguindo-se soneto e quadras soltas, de Didi; transcrições e matéria ligeira geral. Até então quinzenário, anunciou: "Do mês de maio em diante passará o nosso jornalzinho a ser publicado semanalmente, aos sábados, e aumentado de formato".

Ao atingir o nº 8, de 22 de maio, mudara *O Dote* de redator, assumindo essa função Casimiro Prazeres, ao passo que Rodolfo Viana era o encarregado da parte financeira. Novo local da redação: rua da Paz, 41. Nova tabela de assinaturas: semestre - 2\$500; mês - 0\$500. Dizia a nota de abertura que os "dignos e laboriosos editores" se apresentaram "pela fatalidade" da lide encetada.

Seguiu-se a publicação normalmente, inserindo matéria variada, a saber: "Noticiário", "Cócegas", "Gotas Semanais", por *Odeith* "Quebra-Cabeças" e "Tribuna Livre", que eram os anúncios, além da colaboração especial de Álvaro Reis, *Milkau Júnior*, Valfrido Leonardo Pereira, W. Queiroz, C. Oliveira Melo, *Titi Serezarp* (anagrama), autor da "Carteira de um chibante"; F. Pimentel, o das "Histórias da Baratinha"; *K.D.T.*, etc.

No nº 15, acrescentou-se ao sub-título a palavra "Independente", passando Casimiro Prazeres a redator-proprietário, ante a retirada de Rodolfo Viana. Na edição seguinte tinha início a reprodução do folhetim "Três Crônicas", de Carneiro Vilela. Foi exatamente o nº 16, de 24 de julho do mesmo ano, último manuseado (Biblioteca Pública do Estado).

A SERINGA - Jornal carnavalesco, circulou no dia 25 de fevereiro de 1911. "Chistoso e inofensivo", foi "organizado" por, Severino Nascimento e impresso na tipografia d'*O Popular* (Inf. d'*O Lidador*).

O LABOR - *Órgão Literário, Noticioso e Imparcial* - Impresso na Tipografia e Papelaria Vitória, à rua Dr. Henrique Lins, 5, o nº 1, ano I, circulou no dia 8 de setembro de 1912, em formato 35 x 23, com quatro páginas de três colunas. Proprietário e redatores - Porfirio Luiz Chaves e Ulisses Coelho. Publicação Semanal, assinava-se a 15\$000 por ano e a 0\$500 por mês.

Segundo o artigo-programa, manteria neutralidade nos "assuntos políticos e religiosos, dedicando-se ao interesse geral".

Divulgados os três primeiros números, ocorreu, no quatro, do dia 29, a seguinte alteração no cabeçalho: Proprietário - Ulisses; redator-chefe - Guedes Alcoforado; secretário - Ceciliano de Oliveira (Célio Meira), lendo-se na. nota de abertura: "*O Labor* surge, hoje, sob os auspícios de nova

diretoria, mas obedecendo ao mesmo programa traçado pelo seu fundador, o estimável poeta e cultor de nossas letras Porfirio Chaves”.

O periódico, seguindo o caminho que se traçara, difundiu matéria variada, desde os “Fragmentos Sociológicos”, do professor Alcoforado, aos sonetos românticos, aos versos humorísticos “Bombadas”, de *Obs Tinado*; aos “Fatos da Semana”; à seção de registros natalícios, intitulada “Flores e Flores”, e à do registro de falecimentos: “Pela Necrópole”, terminando com alguns anúncios.

Além das crônicas-fantasia de Célio Meira, *O Labor* teve, também, a colaboração de Enéas Alves; *Netuno*, com as notas literárias “Na onda...”, de poucas linhas; *Um Filho de Maria*, que escreveu a série de artigos “O Padre”; José Miranda, Paulo de Oliveira, Anselmo Linhares, Abigail Diva, Nestor Paiva, *Plutão*, *Damiron*, *Seven*, Nilo Amorim, *Zazá Homero*, autor das “Silhuetas”; Joaquim Lima, o mesmo *Gil Lima*, e Odilon de Carvalho. Este último assumiu o cargo de secretário em janeiro de 1913, passando Célio Meira ao de redator-chefe, uma vez que se afastara Guedes Alcoforado.

Estava, porém, no fim a vida preciosa d’*O Labor*, que ficou suspenso após o nº 22, datado de 1º de fevereiro.

Decorridos quase doze anos, ressurgiu o periódico, cujo primeiro número da segunda fase saiu a 17 de dezembro de 1924,. em formato 50 x 31, com quatro páginas de cinco colunas. Propriedade de José Félix Cavalcanti; redator-chefe - Edgar Valois; secretário - José Alexandre; gerente - Ulisses Coelho. Redação e oficinas à Travessa Melo Verçosa, 66. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 5\$000; mensal - 1\$000.

Constou do editorial de abertura:

O modesto periódico que damos à estampa não é nem mais nem menos que *O Labor*, modesta folha que, em 1912, circulou nesta cidade, sob a propriedade de Ulisses Coelho, Guedes Alcoforado e Célio Meira, dois nomes bastante conhecidos em nosso meio intelectual. Ressurgindo hoje, sob a mesma direção e auxiliado por vários moços que nos emprestam seus talentos em prol das letras vitorienenses, *O Labor* vem com o mesmo programa de órgão literário e noticioso, mas levamos por bem ampliá-lo, tornando-o elemento propulsor de nossa vida econômica e dedicado aos interesses sociais deste município. Inútil é dizer que não pretendemos agitar de modo desonesto os assuntos de ordem política e religiosa.

Prosseguindo, atingiu o nº 4 no dia 7 de janeiro de 1925. Pouco esmerado no serviço gráfico, tendo mais de uma página de anúncios, especializou-se em proporcionar aos leitores apreciável noticiário e artigos concisos, de literatura ou não, além de sonetos líricos e versos humorísticos. Uma de suas primeiras metas foi a adoção de um concurso de sonetos sobre o Carnaval, tendo alcançado a primeira classificação Guedes Alcoforado; e a segunda, Teixeira de Albuquerque.

Foram colaboradores principais: Guedes Alcoforado — gramático, filósofo e poeta — que se apresentava, igualmente, como G. A., *Floro do Rego* ou A. *Caheté* Joaquim de Oliveira Melo, o mesmo *Joakin Concá* das séries de sonetos “Tipos Populares” e “Os Santos do Mês”; Teixeira de Albuquerque; Alberto Azoubel ou, *Abel*; *Phebo*, com os epigramas sob o título “Proverbiais”; Antenor Gomes; *Anio_Aldo*; *Til*, o das *Colcheias*; Pedro de Holanda, H. Passos, D. Dias, etc.

Publicados os primeiros números, os redatores Edgar Nascimento Valois e José Alexandre divulgaram uma nota n’*O Lidador*, de 7 de fevereiro, declarando não ter mais qualquer “interferência na vida literária ou comercial” d’*O Labor*. Nenhuma injunção os levara a tal atitude; era questão, unicamente, de “juízo íntimo”. Assim é que, a partir do nº 10, desaparecia do Expediente o corpo redacional, nele só ficando o nome do gerente, promovido a diretor. A redação, com as oficinas, transferiu-se para a Estrada Nova, 75. Outra alteração veio a ocorrer no nº 23, quando o proprietário, José Felix, acumulou a direção. Entrou Vamberto de Deus e Melo como gerente, sem que completasse dois meses no cargo.

Atingido o nº 32, “graças aos trabalhos artísticos do perito tipográfico sr. Rodolfo Viana”, *O Labor* passou por uma remodelação completa, de modo a sua feição tornar-se mais agradável”.

A edição de 19 de agosto abriu com o editorial “Um desacato sem motivo”, em que comentou o fato a seguir: o periódico admitira, na seção competente, o curioso anúncio que vai aqui transcrito: “*João Gualberto* - Conserta guarda-sol por preço mais barato que *Seu Santos*. E o trabalho é garantido. Rua Velha dos Ferreiros”. Ora, Sebastião Freitas, apelidado *Seu Santos*, protestou contra a audácia do rival e retirou o anúncio que, tempo antes, vinha publicando na mesma página. Foi mais além: no primeiro encontro com o cobrador do jornal, Pedro Cavalcanti Lins, que nada tinha com a coisa, chamou-o ao canto da parede, esbordando-o, furiosamente. Foram pedidas providências à polícia.

Não obstante ter melhorado a parte material, o periódico não prolongou bastante sua existência — atribulada em face da desatenção dos assinantes, de vez enquanto chamados à ordem — e encerrou-a com o nº 39, de 9 de setembro (Biblioteca Pública Estadual e Instituto Histórico de Vitória)¹¹³.

A VOZ PAROCHIAL - *Órgão Paroquial da Freguesia da Vitória* - Entrou em circulação a 18 de fevereiro de 1913, no formato 31 x 21, com quatro páginas de três colunas. Obteve autorização eclesiástica para publicar-se mensalmente, sendo gratuita a distribuição. Trabalho material da Tipografia e Papelaria Vitória. Direção do Padre Américo Vasco; redação a cargo de Odilon de Carvalho e outros; gerente - Padre Américo

¹¹³ Coleções, ambas, com lacunas.

Pita.

Tinha por objetivo, consoante o editorial de abertura, assinado por *Allant*. “dar o resumo de tudo quanto aconteça nesta freguesia de Santo Antão”.

Coicindindo a data da estréia da folha com a do aniversário natalício do Padre Pita, estampou-lhe o retrato na primeira página, com artigo biográfico de autoria do professor José Miranda.

“Publicada e escrita para os católicos”, *A Voz* teve curso normal, contando, a par do noticiário específico, com a colaboração de Jeremias da Silva, Olindina Holanda, André Tavares de Miranda, *Tirele Júnior* (pseudônimo do padre Américo Vasco), Juvelino Caldas, *João Sério*, o da seção “De leve”; Oliveira Neto, padre João Uchoa, Corina de Holanda, Emilio d’Alva, Carmem de Oliveira, Maria José Machado, Maria Rita de Holanda, *Silvano*, que redigia os “Pedacinhos”; Gaston Manguinho, Silvino Lopes (um único poemeto), *Virgilius*, etc.

Desde a edição — ano III — de 30 de novembro de 1915, reduziu-se o formato, passando a duas colunas de 14 cíceros, mas com oito páginas, transferido o trabalho gráfico para o Bazar Vitoriense, de Bezerra Melo & Cia., o qual mudou, depois, denominação e firma, para Tipografia J. de Deus. E, em janeiro de 1916, estabeleceu o preço de 1\$000 por assinatura anual, aumentando para 2\$000 em janeiro de 1921, em virtude da alta do papel e do material tipográfico.

Ausente da cidade, Odilon de Carvalho mandava, em 1919, colaboração do Recife. Depois, usou o anagrama *Onildo*. Não faltou sua presença, por vários anos, nas colunas do jornal que ajudou a fundar. Outros colaboradores: *Simpiliço*, autor das “Cartas da Roça”; Emanuel Dornelas de Albuquerque, Matoso Júnior e, sempre, *Tirele Júnior*, que adotou, em seis comentários, o título geral “Uma vez por mês”.

Tendo reaparecido *O Lidador* que estivera suspenso por algum tempo, lamentou *A Voz Parochial*, em violento editorial, que o velho órgão da imprensa vitoriense, na nova fase, não merecesse ser “recomendada a sua leitura a todos os habitantes desta cidade”. Denunciando o “corpo redacional de herejes”, aconselhou o semanário a “não se ocupar de assuntos que não são de sua competência”. Desfechou-lhe, em edições seguintes, outros ataques.

Focalizou, no mesmo ano, as candidaturas presidenciais, recomendando ao eleitorado católico o nome de Artur Bemardes, o que mereceu censura do *Dr. Lemusa Lopelcam* (anagrama), no artigo “O Confronto dos candidatos”, na própria *Voz*, edição de 16 de outubro.

Retornou, em 1922, ao regime de quatro páginas, e estas voltaram,

três anos após, a ter três colunas de composição. Só em 1930 admitiu vendagem avulsa, ao preço de 200 réis.

Apareciam, de quando em quando, diferentes colaboradores, a saber: *João do Pina* e *Girard Bucon* (ambos ocultavam o nome de José Aragão), no período de 1925/28; Padre Batista Cabral, *Selva Fradique*, Manuel Buarque, *Teódulo de Maria* (do Recife), Paula da Malta, G.V.B., etc.

Ao atingir o ano XX, nº 2, de maio/junho de 1931, ficou suspensa *A Voz Parochial*, para reaparecer — ano XXI, nº 1 — a 15 de agosto do ano seguinte, na qualidade de órgão das associações católicas de Vitória”, alterada a grafia do título para *A Voz Parochial*. Direção do Padre Américo Pita, funcionando a redação na Casa Paroquial. Cresceu um pouco o formato e passou a sair bimensalmente. Tabela de assinaturas: ano - 4\$000; semestre - 2\$000.

Prosseguiu, com a devida regularidade, sem se lhe alterar o programa enunciado, inserindo produções de Albertina Lagos, que também se assinava *Berta*; Mário Castro, Henrique de Holanda, José Aragão, o mesmo *Gurjão de Almeida*; Cacilda Santos, João Estanislau, *Kainara*, Carlos Silva e, já em 1936, o cônego Xavier Pedrosa; outros mais e, ainda, transcrições.

Circulou o órgão religioso até o nº 5, ano XXI, de 8 de dezembro de 1937, que reuniu oito páginas.

Alguns anos decorridos, deu *A Voz Paroquial* uma edição — ano XXXI, nº 1 — a 6 de maio de 1943, dedicada ao centenário da cidade da Vitória de Santo Antão. Saiu o nº 2 no dia 14 de novembro, contendo quatro páginas, impresso, excepcionalmente, na Tipogografia Para o Alto, do Recife. E parou de novo.

Mais de dez anos contados, empreendeu outra tentativa de reabilitação, divulgando o nº 1, ano XLI, a 24 de maio de 1953, obediente ao programa precedente, com quatro páginas. Imprimiu-se na Tipografia d’O *Victoriense*, instalada a redação na Praça D. Luiz de Brito, 476.

Lia-se no editorial intitulado “Nosso retorno”: “Após ter circulado quase ininterruptamente durante trinta anos, durante os quais procurou sempre servir aos interesses espirituais da comunidade cristã, este mensário viu-se na contingência de suspender a sua edição, ficando, porém, na esperança de melhores dias para voltar ao posto que lhe cabe no apostolado em nossa paróquia”. Animava-se “dos melhores propósitos”, para “prosseguir na defesa dos ideais cristãos e cívicos, ao serviço de Deus e da Pátria”.

Publicado mensalmente, o periódico divulgava artigos doutrinários, noticiários específico e produções de Azuirson Kleber, Mario Bezerra, José

Aragão, d. Antonio de Almeida Moraes Júnior, Ulisses Viana, etc.

Outra vez, no entanto, entrou em recesso a já veterana *A Voz Paroquial*, cujo último número posto em circulação foi o 8º, de 31 de dezembro de 1953 (Biblioteca e Instituto Histórico de Vitória).

A VANGUARDA - *Órgão do Espiritismo na Vitória* - Fundado a 31 de maio de 1914, o nº 2 saiu a lume no dia 30 de junho, em formato 30 x 20, com quatro páginas a duas boas colunas de composição. Diretores - João Adrião de Louvor Soares (logo afastado), Antonio Augusto de Oliveira e Herculano Torres Chalegre, funcionando a redação e escritório no Centro Espírita Amor ao Progresso, situado na Travessa Correia de Araújo. Assinatura anual - 3\$000. Impressão da tipografia do Bazar Vitoriense.

Dizia-se disposto a rebater a "requintada intolerância d' *A Voz Parochial*, em sua campanha contra a doutrina espírita".

Publicação mensal, seguiu sua meta doutrinária e noticiosa. Tendo circulado o nº 8 em dezembro, começou numeração nova em janeiro de 1915 — ano II — e, no nº 4, do mês de abril, indicava, no expediente, novo diretor (e único): Hermenegildo Sá, substituindo o sub-título para "órgão do Centro Espírita Amor ao Progresso", com redação na rua Alexandre Luna, 23, sobrado. Atingiu o nº 7 a 30 de julho do mesmo ano¹¹⁴, último comprovante avistado nas fontes visitadas¹¹⁵.

Nesta primeira fase, contou *A Vanguarda* com a colaboração de Antonio Tenório, Porfirio Chaves, Rosa C. Matos, Francisco de Sousa Leão, Sátiro de Carvalho, Epifânio Bezerra, Fausto Rabelo, Viana de Carvalho (transcrições), *Mercês* e *Um Adepto*.

Reapareceu — nº 1, ano XXXVIII — em novembro de 1952, apenas acrescido de dois centímetros o formato e impresso na tipografia d'O *Progresso*, filiado à mesma instituição, tendo como diretor-responsável José Amâncio Lopes. Com oito páginas, estabeleceu a seguinte tabela de assinaturas: ano -12\$000; semestre - 6\$000.

No editorial intitulado "Nova fase", após aludir, ligeiramente, aos "primeiros anos de existência", acentuou: "Continuará animada pelos mesmos propósitos que levaram o seu aparecimento no cenário espírita de Pernambuco", concluindo: "Terá feição puramente doutrinária e noticiosa".

¹¹⁴ A edição referida noticiou que Herculano Chalegre, "conhecido serralheiro", confeccionara uma máquina tipo Minerva, de impressão, achando-se apto para receber encomendas.

¹¹⁵ Segundo *A Vanguarda*, de 31 de maio de 1960, quando solenizou o XLIV aniversário, sua suspensão, na primeira fase, ocorrera, "por motivos óbvios", em 1929...

Publicado o nº 2 em dezembro, é possível que não tenha saído nenhuma edição em 1953, mas restam exemplares dos nºs 1 a 6, correspondentes aos meses de janeiro a junho de 1954, ano XL, aparecendo, ao lado do diretor, um redator: Elbio Spencer de Holanda Barros. Nova tabela de assinaturas: ano - 15\$000; semestre - 8\$000. Acrescentou ao cabeçalho, em junho: "*Veritas nunquam perit*". Ora quatro, ora seis páginas.

Foram colaboradores da derradeira fase: J. de Abreu, Aristóteles Alves, *Jancioma*, Nivaldo, Neide Chalmera, Rodolfo Cavalcanti, etc., a par de comentários redacionais e noticiário específico. Divulgava, inclusive, produções de poetas materializados, inclusive uma de Teixeira de Albuquerque¹¹⁶ (Biblioteca Pública do Estado, Federação Espírita Pernambucana e Biblioteca e o Instituto de História de Vitória)¹¹⁷.

A IDÉIA - *Órgão de Livre Opinião* - Começou a publicar-se no dia 15 de junho de 1914, em formato 28 x 17, com oito páginas e duas colunas de 14 cíceros. Corpo redacional - João (da Silva) Correia (da Oliveira), Eurico Valois, Inácio de Brito, Ceciliano de Oliveira Melo (Célio Meira) e Antonio Guedes Alcoforado, instalada a redação na rua da Matriz, 31-A. Trabalho gráfico do Bazar Vitoriense. Assinatura anual - 1\$500; preço do exemplar - 300 réis.

Declarando-se, no artigo de apresentação, "pequeno receptáculo das letras pátrias, pequeno na forma, mas grande no alvo a que se destina — a comunhão do pensamento", inteiramente alheio à política, sem "um sistema filosófico a defender ou acusar, nem uma religião a pregar ou anatemizar", acentuou, mais adiante:

Pretendemos fazer n'A Idéia o arquivamento de todos os ideais, todas as opiniões, e até mesmo de todas as discussões, contanto que estas não nos pareçam recados afrontosos que firam ao pudor e à dignidade de terceiros e sejam escritas em linguagem comedida e decorosa.

Na sucessão de edições que veio a divulgar quinzenalmente, a chamada revista que não era inseria matéria interessante, constituída de literatura, noticiário e variedades, sendo a oitava página sempre dedicada a anúncios. A matéria principal era assinada por *Musael de Campos* (como se ocultava Samuel Campelo), que redigia "Borrões de tinta"; *Gil Vital* (pseudônimo de Inácio de Brito), Evaristo, Célio Meira, *Jacaré* (travesti de João Correia), Paulo de Oliveira, *Antenor Gomes*, ou seja, Guedes Alcoforado; Pedro Afonso, *Galeno*, *Herryssa*, *Phedro*, o da seção "Fusas", de versos chistosos; *Ali Costa*, que era Álvaro da Costa Lins, etc.

Em seu nº 12, de 15 dezembro, o periódico repeliu ataques d'A Voz

¹¹⁶ Da continuação, após junho de 1954, existem, apenas, comprovantes de 1957 (Coleção de Pedro Ramalho Filho).

¹¹⁷ Números esparsos é tudo o que se encontra nas bibliotecas visitadas.

Paroquial, feitos “nas suas interlinhas, nas suas frases grifadas, nas suas construções de linguagem duvidosa” e depois diretamente, através das “suas colunas jesuíticas”. O puritano “órgão da irresponsabilidade” continuava “na sua ingenuidade digna de um confessor”, enquanto *A Idéia* sabia manter a sua linha de conduta em prol da livre opinião”. A polêmica não prosseguiu.

O bem orientado jornal entrou no ano de 1915, seguindo a numeração; mas, depois de janeiro, tornou-se mensário, vindo a circular o nº 16 (e último) no dia 6 de março (Biblioteca Pública do Estado)¹¹⁸.

O RATO - *Órgão de Informações Alegres* - Surgiu no dia 5 de julho de 1914, em formato 23 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Diretor - *D. Ratinho*. Número avulso - 100 réis; não adotava assinaturas. Impressão do Bazar Vitoricense, à rua Barão do Rio Branco, 120 (antigo 9).

Jornalzinho “moralizado e simpático”, dizia a nota de abertura: “...exclusivamente dará asilo, em suas colunas, ao que não desperte escândalos nem promova arrepios de ataque à suscetibilidade de quem quer que seja”. Vasado em “humorismo fidalgo e higiênico”, esperava encontrar acesso em toda parte, “sabendo com o devido respeito”, encher de sorrisos os “lábios virginais de qualquer filha de Eva ou de qualquer compleição adâmica”.

Publicação semanal, seguiu o programa traçado, tomando como base de críticas e ridículo *A Voz Parochial*. Depois, emendou-se; mas, em meio à sátira e à verve de suas seções, impregnou outras de termos nada decentes, tratando de escândalos, sobretudo sob os títulos “O Rato roeu”, “Cinema Guabiru” e “Caiu na ratoeira”. Os colaboradores eram *Zé Patusco*, que escondia um bom verzejador, o poeta Porfirio Chaves; *Dr. Guabiru*; *Ana do Amor Divino*, com as “Cartas da roça”; *Lascardo*, *Zé Pagode*. *P.M.*, *Zé Pagão*, *Zarolho*, etc.

Circulou *O Rato*, com raras lacunas, até o nº 21, de 20 de dezembro, conforme os exemplares manuseados. Prosseguiu em 1915, mas só resta comprovante do nº 4, datado de 14 de março, sem alteração quanto ao programa de moralidade às avessas (Arquivo da Tipografia J. de Deus).

Ao que informou José Aragão, no seu “Documentário”, o jornalzinho acima estudado “era de propriedade de Pedro Ferreira e tinha como redatores Porfirio Chaves, Guedes Filho e José Ramos”.

O MARTELLO - Divulgou *O Lidador*, edição de 30 de janeiro de 1915, uma carta, datada de 21 de dezembro do ano transato, com a assinatura *A Redação d’O Martelo*, na qual se comunicava aos leitores estarem prontas as edições de setembro, outubro, novembro e dezembro do dito

¹¹⁸ Coleção desfalcada.

órgão, mas impedidas de seguir seus destinos, porque a repartição dos Correios local exigia para isto "a taxaço de 20 réis por 50 gramas, em vez de 10 réis por 100 gramas, como pagam todos os jornais brasileiros". Inconformada, a redação afetou o caso ao diretor dos Correios no Rio de Janeiro, de cujo veredito estava "dependendo a expedição dos quatro números atrasados".

Além de não avistados comprovantes desse *Martello*, não foi possível colher nenhuma outra notícia de sua circulação.

O LEME - Noticiou *O Lidador* de 15 de janeiro de 1916: "Veio ao nosso escritório um grupo de pequenos jovens e ofereceu-nos o 1º número d'*O Leme*, um pequeno jornalzinho, em manuscrito, que se diz independente e literário, tendo como diretor o menor Cristiano Nascimento e redator J.C.F."

Teria ficado na edição de estréia.

FRÊVO - Jornalzinho de anúncios, circulou durante o carnaval de 1916, dias 5, 6 e 7 de março, impresso na Tipografia e papelaria S. João (Inf. d'*O Lidador*).

CORREIO DE VICTORIA - *Órgão Imparcial, Literário e Noticioso* - O nº 1, ano I, publicou-se a 22 de abril de 1916, em formato 32 x 22, com quatro páginas de três colunas. "Propriedade anônima. Redatores - diversos". Redação na Estrada Nova, 2 (residência do professor Guedes Alcoforado). Confecção da Tipografia e Papelaria S. João. Assinaturas: trimestral - 1\$200; mensal - 0\$400. Sairia aos sábados.

"Não tem programa" - declarava o artigo de abertura, acentuando: "Temos o propósito de não nos afastar do terreno da moralidade". Estaria sempre "voltado para os assuntos sérios de interesses locais".

A edição inseriu produções em prosa, concisas, de Agamenon Costa, Mozart, Frutuoso, A. Bezerra Filho e Esdras Farias; soneto de Ventura Reis; noticiário, informações diversas e reclames comerciais (Biblioteca Pública do Estado).

Ao que adiantou o historiador José Aragão, no seu "Documentário", o *Correio de Victoria* viveu até 1917, tendo sido seus redatores Guedes Alcoforado, Guedes Filho, Odilon de Carvalho, Gaston Manguinho, Júlio Gonçalves, Nestor Freitas e Cândido Pereira.

A COLUMNNA - Surgiu no dia 24 de junho de 1916, com oito páginas, em formato 31 x 22, a duas colunas largas de composição. Redator-chefe - Célio Meira; redator-secretário - Silvino Lopes. Confecção material da Tipografia e Papelaria Guttemberg, de C. de Oliveira Melo, à rua Conselheiro Joaquim Correia, 7. Assinaturas: anual - 10\$000; mensal -

1\$000.

Constou do artigo de apresentação:

A Columna, órgão de livre opinião, tem e terá o seu modo de agir consciencioso, positivo, inabalável e, nas suas considerações, não usará a linguagem moldável às várias interpretações, a linguagem dos que só sabem ferir traiçoeiramente, dos que só sabem dizer nas interlinhas; não; a linguagem d' A Coluna é e será a mais sincera e a mais veemente das linguagens, quando da defesa do seu imutável programa, quando na defesa da sociedade.

Seguiu-se a publicação regular, a princípio duas vezes por semana, comentando e noticiando os fatos e acontecimentos da cidade e divulgando produções literárias dos plumitivos locais. Iniciou até um "Album Feminino", incluindo concurso para premiar com livro de versos a senhorinha que melhor respondesse à pergunta: " — V. Exa. aprova a moda de os homens rasparem o bigode?"

Ao atingir o nº 70, a 2 de maio de 1917, o corpo redacional viu-se acrescido de três novos elementos: Samuel Campelo, Edgar Valois e Maurício Ferreira. Na edição seguinte, duplicava-se o formato para 51 x 36, quatro páginas de cinco colunas e melhor feição gráfica. Transferidas as oficinas para a rua Pedro Lins, 11, alterou-se-lhe, também, a firma proprietária, passando a Oliveira Melo & Cia. Lia-se no expediente: "Sem compromisso político. Sem ligação religiosa". Tornava-se semanário.

Deu excelente edição de aniversário, na data competente, com oito páginas repletas de matéria original, a primeira das quais, a par do editorial, estampou cichês dos redatores encimando conceitos de cada um, sobre a Imprensa, como este, por exemplo, de Silvino Lopes:

A Imprensa é a voz que reboa,

amaldiçoando os sandeus,

muma luta infinda e boa

pela verdade e por Deus.

Além de José Miranda, só aparecido no primeiro ano, eram colaboradores do periódico: Austro Costa, Enéas Alves, J. Holanda, Odilon de Carvalho, Napoleão de Albuquerque, Salatiel Costa, Ali de Castro e Teixeira de Albuquerque. Samuel Campelo mantinha seções de comentários e versos satíricos, inclusive usando as assinaturas *Musael de Campos*, *Musael* e *Campelo*. Silvino Lopes era o cronista *Mário Marino*. Célio Meira redigia o comentário "Graves & Frívolas" e, por algum tempo, a fantasia intitulada "Espelho", num quadrinho de meio palmo, encurtado o nome para Célio; Maurício Ferreira, pouco assíduo, assinava "Em flagrante", com o pseudônimo *Cam*, e Edgar Valois era o cronista *Amaro Ribas* das "Carapuças" e o epigramista *G. Deão* da seção "Chispando".

Veio a ocorrer, a 26 de janeiro de 1918, uma modificação na parte administrativa d'A Columna, tomando-se seu proprietário e diretor Samuel Campelo, ao passo que constaram apenas três nomes como redatores: Célio Meira, Silvino Lopes e Edgar Valois. Mais o gerente: Ulisses Coelho. Nova tabela de assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 5\$000; mês - 1\$000. Número avulso - 300 réis.

Aos colaboradores, acrescentaram-se, entre outros, Guedes Alcoforado, com os "Pontos de Exames"; *Paul Valmer*, responsável pela seção "Astro-grafologia"; Simplicio (de Holanda), o das "Perplexidades de um matuto", e *Garçon*, que apresentava o "Menu".

Prosseguiu a circulação até o nº 149, de 1º de junho do referido ano, tendo o diretor-proprietário assinado longo artigo, justificando a suspensão do periódico, por motivos diversos, tais como as suas ocupações na advocacia, a crise pavorosa que fizera majorar o preço do papel, os aborrecimentos causados pela imprensa no interior do Estado e a falta de lucro, mesmo o mais insignificante¹¹⁹ (Biblioteca Pública do Estado).

FOLHA DE OUTONO - Revistinha de Artes e Letras, dirigida por Esdras Farias e Guedes Filho, circulou em julho de 1916. Número único, com dez páginas, no formato 23 x 11, em bom papel, trazia num quadro: "Folhas verdes"; noutro: "Folhas amarelas"; no meio: "Outono". Em baixo, o artigo de fundo, intitulado: "Andorinhas"; no alto, ornamentos gráficos com essas aves. No texto, versos de Afonso Duarte (de Portugal), Baltazar de Oliveira, Osório Borba, Avelar e Silva (do Rio), Oliveira e Silva e Esdras Farias. Prosa de José Penante, Consuelo das Graças e Guedes Filho. Ligeiras notas redacionais completaram a publicação (Coleção Esdras Farias).

AVALANCHE - "Revista espírita, sob a direção de Herculano Chalegre", circulou em 1916 (Documentário, de J. Aragão).

A VERDADE - Apareceu no dia 27 de agosto de 1916, em formato 23 x 15, com quatro páginas de duas colunas. Diretor e proprietário - Godofredo de Medeiros, funcionando a redação na rua das Oliveiras, 6. Pretendia circular quinzenalmente.

Era, consoante a nota de abertura, "mais uma flor" que resplandecia "no jardim da imprensa". Começara "por um simples manuscrito", que tinha vindo à luz da publicidade pouco antes, a 18 de junho. Redigido, embora, por crianças, esperava ser "um dos melhores jornais" da terra

¹¹⁹ Concluindo o seu último "Graves & Frivolas", a propósito, escreveu Célio Meira: "Eu te bendigo para sempre, ó minha *Columna* amada, e com os olhos úmidos de lágrimas sinceras, ajoelho-me diante de tua grandeza imortal e beijo o teu suntuoso pavilhão rubro-negro".

vitoriense.

Inseriu versinhos de Mozart Ferrão e do diretor; prosa ligeira de Adiléa Alencar, *K. Tivo* e outros, completando a edição algum noticiário.

Ao que tudo indica, não continuou (Biblioteca Pública do Estado).

NOVENÁRIO - Jornalzinho Chic e Humorístico da Festa de N.S. do Livramento - Nº 1, 1ª época, foi publicado no dia 12 de novembro de 1916, em formato 23 x 16, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel róseo.

A nota de abertura, intitulada "Estreando", dedicou a folha "ao belo sexo". Seu programa resumia-se em levar aos lares "somente a alegria, a graça, o riso", não contendo "o menor vislumbre de malícia".

Divulgou sonetos de Guedes Alcoforado e Corina de Holanda; "Alto Relevo", "Perfis", por *Photo*, crônicas de *Julback* e *Dr. Furão* as seções de troças "Estão na Berlinda" e "Estão no Museu" e notícias ligeiras, iniciando concursos "de elegância" e "de caretas".

Se porventura prosseguiu a publicação, no decorrer das noites festivas, não restam outros comprovantes.

Reapareceu, em 2ª fase, alterado o título para *O Novenário* e o subtítulo para "Orgão Lítero, Noticioso e Recreativo das Festas de Santo Antão e São Sebastião", circulando o nº 1, ano XXXI, a 10 de janeiro de 1948, com seis páginas e três colunas de nove cículos, imprimindo-se em papel de cor. Direção e redação de Ovídio Verçosa Filho, Beraldo Veras, Sebastião Maciel e Manuel Néri Barbosa.

Lia-se na nota de apresentação: Retorna "o jornalzinho que fez o encanto e a animação das noites de novena de outrora nas grandes religiosas de nossa terra". Programa: "...incentivar na mocidade o amor às nossas belas tradições de brasileiros e de cristãos".

Saía diariamente, distribuindo-se à noite, o que aconteceu até o nº 8, de 17 de janeiro. Sua matéria constava de noticiário, literatura e humorismo, mais os concursos: "Qual a senhorinha que deve ser a rainha da Festa?", "Qual o rapaz mais feio de Vitória?" e "Qual o filme a ser exibido no dia da reabertura do Cine-Teatro Diogo Braga?" (Biblioteca Pública do Estado).

Decorridos quase quatro meses, circulou, a 1º de maio, um "número extra" d'*O Novenário*, sob a "direção e redação da Comissão Central das Festas de Santo Antão e São Sebastião". Tratou de finanças, divulgando balancetes etc., descrevendo todo o movimento festivo (Biblioteca e Instituto Histórico de Vitória).

FOGOS DE SALÃO - Revista sanjuanesca, de número único, circulou em junho de 1917, impressa na tipografia d'*A Columna*. Direção de *Mário Marino* e *Amaro Ribas*, pseudônimos de Silvino Lopes e Edgar Valois, respectivamente. Foram colaboradores: Célio Meira, Samuel Campelo, Maurício Ferreira e outros (Documentário J. Aragão).

A ABELHA - *Órgão escolar* - Surgiu a 31 de julho de 1917¹²⁰, em formato 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Publicado pelos alunos dos professores Isabel Galvão, André Miranda, Josefa Florinda e Guedes Alcoforado. Confecção material da Tipografia e Papelaria São João.

Sua "Apresentação" foi a seguinte:

A Abelha era pequenita, mas desejava viver. Um dia ela saiu de sua colmeia e foi procurar alimento sobre as flores do jarro. Depois, passou sobre uma banquetta escolar e... zás... caiu dentro do tinteiro. Tendo feito muito esforço, saiu com as perninhas emcaleantes, cai aqui, cai acolá. Visto como sobre a banca estavam algumas tiras de papel branco, ela foi, inconscientemente, deixando, em sua passagem, alguns traços de tinta azul. E, foi essa a origem de nossa humilde Abelha. Ela deseja produzir o seu doce mel.

Semanário interessante, sua matéria constituiu-se de concisas descrições de temas diversos, do patriótico ao anedótico; trovas e perfis de quatro versos ou quinze linhas em prosa, destinando-se a quarta página a Boletins das Escolas Guedes Alcoforado, Domingos Teotônio, Professora I. Galvão e Professora J. Florinda. As pequenas produções eram assinadas com iniciais das Escolas ou prenomes, raramente redigidas por alunos, quase sempre pelos mestres. Um dos colaboradores foi o menino José Aragão, aos 10 anos de idade; outro, o menino Jorge Campelo.

A curiosa *Abelha* viveu o espaço de três meses, chegando ao fim com o nº 42, de 23 de outubro (Coleção de Daniel Peixoto).

A MOCIDADE - Folha semanal, publicou-se o primeiro número a 19 de agosto de 1917, sob a direção de Austriclinio Bezerra. De "livre opinião", tinha como redatores Orlando de Sena, Moisés Pontes, Pinto de Farias, Olímpio Costa, José J. Filho e Roberto de Melo. "Bem feito", prometia "uma vida longa" (Informação d'*A Columna*).

A SURPRESA - *Semanário Literário e Humorístico* - Inexistentes comprovantes das duas primeiras edições, circulou o nº 3, ano I, no dia 14 de abril de 1918, em formato 24 x 15, com quatro páginas de duas colunas. Redatores - "diversos". Assinatura mensal - 0\$300, custando 0\$100 o número avulso. Confecção das oficinas d'*O Lidador*.

Publicaram-se, a seguir, os nºs 4 e 5, este último datado de 27 de

¹²⁰ Não em 1918, como registrou José Aragão, no "Documentário".

abril, não tendo sido possível averiguar se terminou aí ou continuou.

Jornalzinho interessante, de matéria leve, chistosa e irônica, inseria colaboração juvenil de Trindade das Chagas, Pedro d'Arbues, *Leonam Segmo* (anagrama), Daniel de Sousa Peixoto e *Madame Zirca*, que assinava 'Cartomancias'. Seções de troças: "Implicações" e "Sorrisos". Adotou o concurso: "Qual a senhorinha mais atraente de Vitória?", o qual, pelo visto, não chegou ao fim (Biblioteca Pública do Estado).

CINE-THEATRO - Órgão "de publicidade cinematográfica e teatral, apareceu, em primeira edição, em 30 de junho de 1918 (Documento de J. Aragão).

O RISO - *Jornal grátis... por 100 réis* - Estreando a 3 de novembro de 1918, sem que restem comprovantes das três primeiras edições, publicou-se o nº 4 no dia 24 do referido mês, em formato 30 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel róseo. Redatores - *Genaro Hecio* e *Onildo Cê* (assim ocultos Guedes Alcoforado Filho e Odilon de Carvalho), funcionando a redação no Atelier Gráfico, à rua Joaquim Correia, 19.

Abriu a edição a crônica intitulada "Rir...", assinada por *Ode*, seguindo-se "Novuelles"; "Coisas que não aproveitam", pelo *Dr. Sá Bão* "Cavacos", de *Abelhudo*; "Águas passadas"; "Tesoura d'O Riso", etc.

A terceira página foi dedicada ao necrológio do jovem José Pedroso Filho.

Não há indícios de ter continuado a publicação (Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória).

A CRUZ - *Órgão da Sociedade Lítera Santa Cruz* - Entrou em circulação a 13 de maio de 1919, no formato 23 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Trazia, aos lados do título, as frases latinas: "Parvi materia" e "Magni litteria". Direção de Lourival de Queiroz Pedroso; redator-chefe - Argemiro Lins; redator-secretário - Francisco de Barros, funcionando a redação no Externato Coração de Jesus, pátio da Matriz, 22, depois Praça D. Luiz, 320. Preço do exemplar - 100 réis. Publicação mensal.

...não é — lia-se no editorial, intitulado "Sursum..." — um jornal de sábios que vem à face da civilização, para implantar doutrinas ou arrancar preconceitos. É um órgão livre da Sociedade Lítera Santa Cruz, sociedade infantil, que tem sua sede na Escola Municipal Teotônio, regida pelo professor André Tavares de Miranda. O nosso programa é o ideal da mocidade estudiosa: crescer, subir, voar e no céu da pátria ser estrela fulgurante; e hoje, que respiramos um ar embalsamado de paz, podemos, unidos e fortes, plantar na terra pátria o germen do amor à civilização.

Seguiu *A Cruz* vida normal, impressa na tipografia da Fábrica

Auxiliadora, à rua do Meio, 78 e, desde o nº 6 até o fim, no Bazar Vitoriense, à rua Barão do Rio Branco, 120. A primeira alteração no corpo redacional verificou-se no nº 4, de 21 de agosto, quando o redator-secretário foi substituído por Manuel Machado. Atingido o nº 9, de 28 de janeiro de 1920, todo o corpo redacional mudou, transformando-se no seguinte: Alexandre de Holanda Barros, José Fortunato e Joaquim Augusto Filho.

Terminado o primeiro ano da publicação, viu-se; o formato majorado para 28 x 20, com duas colunas de 14 cíceros, algum tempo após substituídas por três de 10 cíceros. E passou a vender a 0\$200 o número avulso.

Anos afora circulou o jornal, cuja matéria se constituía de colaboração escolar e noticiário, participando da equipe redacional outros nomes, tais como: Luiz Louvor, Teófilo de Holanda, Leôncio Queiroz e Ademar Miranda. Entretanto, de 1923 por diante, figurou, apenas, o responsável — professor André T. de Miranda. Modificara-se, enquanto isto, a periodicidade, só proporcionando, cada ano, o máximo de seis e o mínimo de duas edições.

Ocorreu, em julho de 1927, um número extraordinário, de oito páginas, dedicado ao décimo aniversário da Sociedade Lítera Santa Cruz, contendo clichês do professor Miranda, “alma mater de todo este movimento litero-social”, e do estudante Lourival Pedroso, primeiro diretor do órgão oficial; estudo histórico sobre a vida da instituição; página de saudade “aos mortos queridos”, etc.

Mantido o programa do início, de jornal “de meninos para meninos”, *A Cruz* carregou-se a si mesma, até 1928, quando o primeiro número do ano saiu a 13 de maio e o terceiro (e último) no dia 7 de setembro (Arquivo da Tipografia J. de Deus, Biblioteca Pública do Estado e Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória)¹²¹

O APACHE - *Álbum de São João* - Sem haver indicado local de procedência, circulou em junho de 1919, concomitantemente, na capital do Estado e em Vitória. Direção de Silvino Lopes (Ver *Periódicos do Recife*, vol. III da *História da Imprensa de Pernambuco*).

A VOZ INFANTIL - *Órgão Independente e Noticioso* - Publicação quinzenal, saiu a lume, pela primeira vez, no dia 31 de agosto de 1919¹²², com quatro páginas de duas colunas, formato 23 x 16. Diretores - José Aragão e João Moura, localizada a redação na rua Barão do Rio Branco, 16. Assinatura mensal - 300 réis. Serviço gráfico do Bazar Vitoriense, situado à mesma rua, nº 9.

¹²¹ Coleções incompletas.

¹²² O “Documentário” registra, num erro de revisão, o ano de 1918.

Lia-se no editorialzinho de abertura, dirigido aos “Caros leitores”:

Batalhará por uma causa digna e justa, que é o desaparecimento do jogo. Queremos extinguir este terrível vício do nosso meio e, para isso, encetamos uma campanha, capaz de o fazer desaparecer por completo. A Voz Infantil está disposta para uma profunda luta contra a maldade e corrupção existente nesta cidade. Ela quer propagar a civilização, cultivar a literatura entre nós, porque essa deve ser a nossa missão. Queremos ver a Vitória progredir, ver todos trabalhando pelo engrandecimento da pátria, principalmente da cidade em que habitamos. É este o nosso fim.

O jornalzinho seguiu caminho normal, inserindo comentários redacionais sobre fatos e coisas da cidade, noticiário miúdo, crônicas, alguma poesia, mundanidade, humorismo e minúsculos anúncios. Afora a matéria assinada pelos diretores, contou com a colaboração de Cora Iolanda, Olindina Holanda, Eunice, Anig, Alfeu, Iris, M.R., Sabugo, etc.

Após o nº 5, retirou-se da direção o jovem José Aragão, que tinha apenas doze anos de idade ao fazer, n’A *Voz Infantil*, a iniciação jornalística, e muito cedo experimentou os rigores da censura materna à imprensa...

O periódico, que proporcionara edição especial dedicada à proclamação da República, findou sua existência com o nº 9, de 21 de dezembro, sem ter podido extinguir o vício da jogatina (Arquivo da Tipografia J. de Deus)¹²³.

A CONQUISTA - Órgão do Grêmio Littero-Recreativo Paroquial Vitoriense, “sob a presidência de Manuel de Holanda Cavalcanti”, circulou o primeiro número a 7 de setembro de 1919, em formato 34 x 23, com quatro páginas de três colunas. Publicação ocasional, tinha como redatores os membros da diretoria. Constava, ainda, do expediente, que, “sendo órgão de uma sociedade católica”, tendo como colaboradores todos os sócios da aludida agremiação”. Ao lado direito do título, lia-se: “A imprensa é a eterna voz de Moisés pregando às civilizações um evangelho sempre novo”. Distribuía-se gratuitamente. Confecção da tipografia da Fábrica Auxiliadora, à rua do Meio, 78. Inseriu crônicas de *Príncipe Negro*, *Sensitiva* e *Magnólia*.

O segundo número saiu a 10 de janeiro de 1920, bastante noticioso, com a colaboração de Plácido, Chateaubriand, Cláudio e Giz. Foi impresso na Tipografia e Papelaria São José, à avenida 15 de Novembro, onde continuou.

O terceiro divulgou-se a 13 de maio, com alguns clichês de

¹²³ A 31 de agosto de 1969 o professor José Aragão promoveu uma reedição do número de estréia d’A *Voz Infantil*, que foi impresso na mesma tipografia de cinquenta anos atrás, assim comemorando o cinquentenário de sua iniciação oficial na imprensa.

cooperadores, comemorando o quinto aniversário do Grêmio Paroquial (presidência de José de Carvalho Lima) e a abolição da escravatura; e o quarto (e último) a 7 de setembro, solenizando o primeiro aniversário da publicação, achando-se o Grêmio sob a presidência de José Mendonça.

As duas últimas edições saíram com seis páginas, nelas colaborando o padre Américo Vasco; Carmem de Oliveira, J. Pinto, Odilon de Carvalho, Jaques Teles, J. Juca Correia Lima, J. Vale e outros. Bom noticiário (Arquivo da Tipografia J. de Deus).

A ALVORADA - *Órgão Independente, Literário e Noticioso* - Inexistentes comprovantes das duas primeiras edições, circulou o nº 3, ano I, a 19 de outubro de 1919, em formato 23 x 16, com quatro páginas e duas colunas de doze cíceros. Redator-chefe - Renato Correia, no mês seguinte substituído por José Figueiroa; redator-secretário - Luiz Lins de Albuquerque; gerente - Mário Peres, por pouco tempo. Quinzenário, imprimia-se no Bazar Vitoriense, sendo a redação "Instalada" na rua Silva Jardim, 204, transferida, no ano seguinte, para a rua Martins Júnior. Assinatura mensal - 300 réis.

Seguiu vida normal, inserindo matéria sadia, constituída de comentários sobre coisas diversas, de interesse local, notas mundanas, noticiário, concurso para apurar qual "a senhorita mais bela da cidade", "Cartas de uma matuto", por Izé da Zefa, etc.

Atingiu o nº 8 no dia 28 de dezembro, abrindo numeração nova a 11 de janeiro de 1920. A colaboração, a não ser o raro nome de Joel de Holanda C. Costa, era firmada com pseudônimos, a saber: *Flip Diaz, Ludovico, Pierrot, Zé Cobra, Bertini, Zé do Mar, Maia, Zenita* e outros.

Publicou-se até, pelo menos, o nº 4, ano II, de 29 de fevereiro (Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória e Arquivo da Tipografia J. de Deus).¹²⁴

O IDEAL - *Órgão da Escola Noturna do Núcleo Olavo Bilac* - Entrou em circulação a 30 de novembro de 1919, obedecendo ao formato 30 x 20, com quatro páginas de duas boas colunas. Diretor - J. Geraldo Castelar; redator-chefe - José Alexandre; secretário - Antonio C. Pimentel. Tabela de assinaturas: ano - 2\$400; semestre - 1\$200. Redação à rua Pedro Lins, 113 e trabalho gráfico das oficinas do Bazar Vitoriense.

Consoante a nota de apresentação, apareceu o objetivo principal de "propagar a instrução, mostrar a necessidade que tem todo homem de saber ler e escrever".

Nas três edições publicadas, o mensário inseriu versos de Silvino

¹²⁴ Em ambos as fontes, apenas exemplares esparsos.

Lopes; manteve uma "Crônica Social" e deu cobertura ao movimento da Escola, além das produções dos nuclistas.

O nº 2 saiu a 28 de dezembro e o nº 1 (último) a 31 de janeiro de 1920, comemorando o primeiro aniversário do Núcleo (Biblioteca Pública do Estado).

O PORVIR - *Órgão Lítero-Científico e Noticioso* - Entrou em circulação a 7 de dezembro de 1919, obedecendo ao formato de 30 x 20, com quatro páginas e duas colunas de 14 cículos. Diretor - Austriclinio Bezerra; redator-chefe - Vicente de Paula; redator - Manuel Bandeira; gerente - Bernardino Bezerra. Redação à rua Dr. Joaquim Correia, 104 e trabalho gráfico do Bazar Vitoricense, depois transformado em Tipografia e Papelaria João de Deus. Assinaturas: anual - 4\$000; mensal - 0\$400.

Dizia o editorial de apresentação: "O *Porvir*, na sua linguagem labrusca, tratará sempre de ser em defesa da mulher". Procuraria, "também, combater a jogatina escandalosa, ao ar livre, que se verifica, aos sábados, na feira".

A modesta edição inseriu crônicas de Vicente e *Marion* (seu pseudônimo); Austriclinio e *Francisca Bertini*. Regular noticiário.

Seguiu a meta traçada, quinzenalmente. No nº 4, ano II, de 7 de março de 1920, mantida a direção, apresentou novo corpo redacional, a saber: redator-chefe - Saul José da Fonseca; secretário - José Félix Cavalcanti; redator - Marcos Paes de Moura. Passou a constar do Expediente: "Sem compromisso político e sem ligação religiosa", Transferiu-se a redação para a rua do Oliveira, 8.

Sob o título "Ameaças e agressões", narrou um editorial, na edição subsequente, que o delegado de polícia local tinha ido à residência do diretor d'*O Porvir*, para "verbear-lhe o procedimento, por estar atacando o jogo". No mesmo dia — 13 de março — dois indivíduos agrediram o cobrador do Jornal, com palavras "do mais baixo calibre", exibindo punhais e ameaçando-o de morte se o assunto voltasse a ser veiculado. De tudo ciente, através de denúncias feitas, inclusive pela imprensa do Recife, o Chefe de Polícia telegrafou ao delegado, declarando que o governo não consentia fossem "conspurcados os direitos dos cidadãos e a liberdade de imprensa" e recomendando garantias ao diretor do periódico e respectivos auxiliares.

Ao atingir o nº 7, de 18 de abril, mudou de casa editora, imprimindo-se, a partir de então, na Tipografia e Papelaria Vitória, de Joaquim de Oliveira Melo, situada na rua Duque de Caxias, 74, crescendo o formato para 34 x 23, com três colunas normais de composição. Em consequência, adotou nova tabela de assinaturas, que foi a seguinte: ano - 8\$000; mês - 0\$800 Preço do exemplar - 200 réis.

Prosseguindo, substituiu, no mês de agosto, a indicação do cabeçalho pela seguinte: "órgão de livre opinião", e no corpo redacional só continuou o secretário, junto a Austriclino, mencionado como diretor e proprietário.

A cidade vivia um período de agitação e *O Porvir* era mal visto e perseguido pelos decaídos do poder, do que resultou haver sido o seu diretor duas vezes agredido, a 5 e a 7 de setembro, por homens armados a cacetes, e a tipografia assaltada e depredada, a mando, segundo comentou a redação, do chefe político José de Barros. Só nos últimos meses de 1920 voltara a tranqüilidade, em virtude de providências tomadas por novas autoridades, conforme editorial de 25 de setembro.

Por outro lado, *Um Profano*, que não era outro senão Sau1 Fonseca, em artigos de defesa da Maçonaria, polemizava com o Padre Inácio Maria, que investia contra a instituição através das colunas d'A Voz Paroquial.

Enquanto isso, José Félix divulgou, em rodapé, de julho a outubro, sua novela "Fatal ingratidão"; *Joca* mandava crônicas ecléticas, do Rio, e apareciam "Correspondências" de Gravatá, assinadas por *Zé_Pamonha*, em versos caçanje, de sete sílabas, além do verzejador ironista *Cafussu* (assim oculto Austriclino). Boa parte de reclames comerciais, mais de uma página.

Em ambiente de serenidade, mas restabelecida a campanha contra a jogatina, dada a recidiva da prática do chamado "cancro social", atingiu *O Porvir* o ano de 1921, vindo ajuntar redação e oficinas na rua João do Góis, para, já no mês de julho, carregar a redação e instalá-la na travessa Melo Verçosa, 66. Austriclino só figurou, desde então, como Diretor, e desapareceu o nome do redator-secretário. Mas entrara novo redator, desde o mês de maio: Anchises Lins Caldas.

Não se deixe de ressaltar a colaboração de *Américo* (pseudônimo de Joaquim de Oliveira Melo), embora nem sempre assídua, mas vinda do primeiro ano. Colaboradores raros foram Guedes Alcoforado e José Miranda e, nos últimos meses, *Braz Inha*, *Guiomar* e *Dolores* (que escondiam nomes marculinos), José Adrião, *Francisca Bertini* (reaparecida) e *Zé Felinto*. autor da série de sonetos-perfis sob o título "Barbados".

Teve fim a publicação d'*O Porvir* com o nº 72, de 6 de agosto de 1921 (Biblioteca do Instituto_Histórico de Vitória)¹²⁵.

O PROGRESSO - *Órgão Dedicado às Belas Letras* - Apareceu no dia 2 de junho de 1920, em formato 34 x 23, com três colunas, com quatro

¹²⁵Coleção desfalcada, faltando-lhe, entre outros, o nº 1, que existe entre os avulsos da Biblioteca Pública do Estado, junto ao nº 5.

páginas. Redator-chefe - José Miranda; auxiliares - Raimundo Pinto, José Herminio e Arnaldo Veras; gerente - Odon Leite. Redação à rua Joaquim Nabuco, 208. Tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 2\$500; trimestre -1\$500; mês - 0\$600. Número avulso - 0\$200. Impressão das oficinas d'O *Lidador*.

Começou assim o artigo de apresentação: "Ao alviçareiro desta manhã de junho, desponta esperançoso o pipilar fagueiro deste modesto coopter das letras novas, mantido por um grupo de moços que desejam ensaiar os seus primeiros passos na estrada aurifulgente da literatura indígena". Não trataria de política nem de religião; só daria notícia de assuntos sérios.

A pequena edição divulgou literatura de Guedes Alcoforado, José Freire de Andrade, *Zenica*, Meoni Maia, K. *Mara*, Henry, *Dozinha* e *Jota Eme* ou José Mirada. Mas a quarta página só comportou anúncios (Biblioteca Pública do Estado).

Seguiu-se a publicação e, ao atingir o nº 9, só restavam, no cabeçalho, os nomes do redator-chefe e do gerente. Novo endereço da redação: rua Barão da Escada, 34.

Acompanhando o ritmo inicial, contou *O Progresso*, ainda, com a colaboração de A.J. Veras, Mozart Senão, *Lalu*, *Aimée*, *Braz Mimoso*, etc., enquanto Guedes Alcoforado redigia a seção "Elucidário", de notas filológicas, e assinava outras produções usando o pseudônimo *Antenor Gomes*.

Último avistado foi o nº 17, de 22 de setembro (Biblioteca do Instituto Histórico Vitória)¹²⁶.

O COMBATE - *Órgão Lítero, Instrutivo, Recreativo e Noticioso* - O nº 1, ano I, circulou no dia 1º de agosto de 1920, em formato 23 x 16, com quatro páginas a duas colunas de composição. Diretor e proprietário - José Aragão; redator-chefe - Lamartine de Holanda. Quinzenário, assinava-se a 300 réis mensais. Trabalho gráfico do Bazar Vitorriense, funcionando a redação na rua Coronel Melo Verçosa, 18.

Surgiu "em prol do proveito cívico e intelectual da infância e da mocidade vitorriense", segundo a nota de apresentação, que acentuou: "A necessidade de cultivarmos a inteligência, elevando cada dia as nossas idéias, a fim de sabermos competentemente expandir os nossos sentimentos, é fato de há muito comprovado".

No segundo número, avisou a redação que o jornal era absolutamente neutro, "não intervindo em defesa de nenhum partido, ou

¹²⁶ Coleção salteada.

melhor, não falando em política”.

De vida efêmera, *O Combate* alimentou-se de incipiente literatura instrutiva, comentários de fundo cívico e notícias ligeiras, sendo a maioria das produções assinadas pelo diretor José Aragão, autor, só numa edição, de quatro diferentes trabalhos, além do editorial, que versou em torno do 98º aniversário da independência do Brasil. Foi precisamente o terceiro e último número, datado de 7 de setembro (Arquivo da Tipografia João de Deus).

INSPIRAÇÃO - *Órgão do Núcleo Literário Olavo Bilac* - Saiu o primeiro número no dia 23 de janeiro de 1921, em formato 32 x 23, com seis páginas e três colunas de composição. Redatores - “todos os associados do Núcleo e colaboradores os que comungam os mesmos ideais, sendo a sua distribuição gratuita”. Situava-se a redação na rua Pedro Lins, 99, 1º andar. Impressão, em papel cuchê. da Tipografia São João. Publicar-se-ia ocasionalmente.

Bastante prolixo o artigo de apresentação, em que falou do “sentimento discreto e superior de servir à humanidade”; do “engrandecimento deste Brasil amado”; de “intuitos patrióticos em prol do engrandecimento moral e intelectual de nossa coletividade”. E concluiu: “Seja, pois a nossa divisa: Pela alfabetização do Brasil!”.

A edição divulgou trabalhos originais de José Miranda, Ali de Castro, A.A., Álvaro Plínio e André Miranda; grupo fotográfico dos alunos da escola do Núcleo e algum noticiário.

Só apareceu o nº 2 (e último) a 7 de setembro de 1922, com quatro páginas, achando-se a redação transferida para a rua Barão da Escada, 29. Colaboração cívica de José Campelo, José Miranda, João da Luz, M.A.M., Alfredo Afonso e Guedes Alcoforado (poesia). Como aconteceu no primeiro número, não faltou um soneto do patrono da instituição (Biblioteca Pública do Estado e Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória).

O GUARANY - *Órgão do Guarany Sport Club* - Saiu a lume no dia 3 de abril de 1921, obedecendo ao formato 33 x 22, com quatro páginas de três colunas, para distribuir-se gratuitamente. Constava do Expediente: “Este periódico será publicado em toda e qualquer ocasião que decidir a diretoria deste clube”. Redatores: “todos os membros da diretoria”. Confecção, em papel cuchê, da Tipografia São João, instalada na rua 15 de Novembro.

Lia-se no “Nosso programa”: “*O Guarany*, como impretérito defensor do Bem e inimigo figadal do Mal, à advogará sinceramente tudo que disser respeito ao desenvolvimento do velho *sport* bretão em nosso meio social, mas sob os sãos princípios da verdadeira moral”.

Divulgou matéria geral, noticiário e literatura, com produções de

Guedes Alcoforado, Godofredo de Medeiros, Emanuel de Albuquerque, A. Bezerra, *Jota*, *Miosotis*, K. Buloso, etc.

Apareceu o nº 2, incluindo Suplemento de duas páginas, a 1º de maio, e o nº 3 no dia 7 de setembro. Nessa mesma data, em 1922, circulou o nº 4, com 16 páginas, vindo a furo o nº 5 a 15 de novembro, acompanhado de Suplemento.

Sempre focalizando temas de interesse geral, com o mínimo de desportos. *O Guarany* admitiu outros colaboradores, tais como: José Alexandre, Manuel de Holanda, J. Freire, *Alonso*, *Zeles*, Cerquinho Nunes, José Félix, *Antenor Gomes* (pseudônimo de Guedes Alcoforado), etc.

Ocupando duas páginas centrais, a derradeira edição estampou letra e música do "Hino Guarany", autoria, de Frederico Codeceira e Nino Galvão.

Findou aí a existência da folha (Biblioteca Pública do Estado (nºs 1 e 5). Arquivo da Tipografia João de Deus (nºs 2 e 3) e Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória (nº 4).

O DESPORTO - *Órgão do Aliança Futebol Clube* - Inexistentes comprovantes das edições anteriores¹²⁷, circulou o nº 5, ano I, a 10 de abril de 1921, em formato 23 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redator - Ulisses Silvano; gerente - Eugênio de Melo. Redação na Travessa Verçosa, 66. Assinava-se a 1\$000 por trimestre e a 0\$400 por mês. Impressão da Tipografia João de Deus.

A edição inseriu editorial doutrinário a respeito de futebol; perfil; intitulado "Kodak"; notícia de pugna desportiva; comentário sobre a necessidade da vivência do "Núcleo Literário Olavo Bilac"; cupão do concurso, em continuação, para apurar qual "a moça mais bela da cidade", e notícia do "Casino Vitoriense" (Arquivo da Tipografia João de Deus).

O CÍNICO - Jornal crítico, circulou em 1921 (Documento de J. Aragão).

GAZETA DE VICTORIA - *Órgão de Livre Opinião* - Surgiu no dia 7 de setembro de 1921, em formato 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas, apresentando expressivo desenho do título, executado por Avelino. Propriedade de Joaquim de Oliveira Melo; diretor - Manuel de Holanda Cavalcanti, achando-se a redação e oficinas instaladas na rua Dr. Joaquim Correia, 19. Assinaturas: anual - 10\$000; mensal - 1\$000.

Constou do editorial de abertura, sob o título "Primeiros Passos":

¹²⁷ Consta do "Documentário" que a edição de estréia d'*O Desporto* circulou a 13 de março.

Ela não deseja edificar crenças, nem alterar princípios, sejam eles políticos ou religiosos; quer, sem servir de porta-voz deste ou daquele grupo, a fusão deles todos em todo momento que se tiver de elevar e engrandecer a heróica, nobre e invicta Vitória que, como mãe comum, para corresponder à eloquência de seu nome, precisa do concurso espontâneo e nobre de todos os seus filhos, independente deste ou daquele preconceito, livre desta ou daquela arregimentação. Acima de tudo - Vitória.

Advertiu, mais adiante:

...em nossas colunas as paixões não construirão altares; nem compromissos religiosos ou políticos desvirtuarão o nosso apostolado, que consiste, condenando o vício e afastando a mentira, em prestigiar, o quanto possível, a idéia, quando nobre, venha de onde vier e, em caso contrário — quando má — de lança em riste, nuliicá-la para sempre, parta de onde partir.

Seguiu-se o soneto "Gazeta de Victória", de *Jackes Milkau* (o proprietário), abrindo a seção "Tangendo a lira".

Ainda esclareceu a redação, no editorial do segundo número: "Queremos *Gazeta de Victória* independente; não forjaremos, no templo que edificamos a tanto custo, o martelo para a sua demolição".

O semanário, no qual Jorge Campelo iniciou sua vida de imprensa, teve curso normal, inserindo comentários gerais, reportagens, amplo noticiário, dividido pelas seções "Gazetilha", "Lares em festa", "Dentro da cidade", "Fora da cidade" e "Notas do fôro"; mais a "Coluna dos confrades", "Páginas alheias" e a Kodak da *Gazeta*", constituída de charges, mais ou menos infames, em xilogravura.

Mal compreendido o programa de independência do periódico pelo colaborador *Tirelle Júnior* (pseudônimo do Padre Américo Vasco), d'*A Voz Parochial*, respondeu-lhe às críticas descortezes a redação num artido de três colunas, enquanto Manuel de Holanda firmava outro, de duas colunas, dirigido "Ao Sr. Tirelle Júnior", que não compreendia, no seu linguajar incoseqüente, "um jornal de livre opinião".

Tudo, no entanto, se acomodou, seguindo a *Gazeta* a meta traçada, obedecendo ao programa de informar e defender os interesses do município. Contou, além de interessante seção "Traço e troça", em versos, de *Joakim Conká* (outro pseudônimo de Joaquim de Melo), com a colaboração de Osório Borba (só na edição de estréia), Jethro Saraiva, Jacinto Antunes Filho, *Joseph d'Alemar* (travesti de Manuel de Holanda), farmacêutico Nestor de Holanda Filho, autor de "Palestras científicas"; Corina de Holanda, Alcides Ribeiro, Jaime de Médicis, *Miss Elania* (como se ocultava Maria Isabel de Holanda), etc. A quarta página era de reclames comerciais.

Não conseguiu firmar-se a *Gazeta de Victória*, ocorrendo o seu "canto

de cisne” ao editar o nº 30, de 1 de abril de 1922.

Decorridos quinze anos, reapareceu, — nº 1, ano XVI — a 4 de julho de 1937, feito “Orgão noticioso e apolítico”, impresso nas oficinas do *Jornal do Recife*. Direção dos professores José Dionísio e Guedes Alcoforado e do acadêmico Crispim Alves, funcionando a redação na praça João Pessoa, 25. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$000. Número do dia - 0\$200; atrasado - 0\$500. Formato igual.

Após uma saudação, abrindo a primeira página, à imprensa pernambucana, seguiu-se o editorial, intitulado “Acordando”, em que dizia ressurgir cheio “de fé, pujante de vida, de ânimo vibrante e sadio, para combater o bom combate”, acentuando: “Um fim dirige a *Gazeta de Vitória*: engrandecer e ostentar com orgulho os justos valores da terra de Santo Antão”. Esperava contar com eficaz cooperação dos vitorienses.

Em artigo da terceira página, Manuel de Holanda reportou-se aos 18 meses (?) que viveu a *Gazeta*, sob a direção dele e de Joaquim de Melo, declarando entregá-la aos novos “campeões do idealismo, aos guerrilheiros do pensamento”.

Afora reportagens, sueltos, noticiário e a indefectível parte de anúncios, divulgou o periódico, nos três únicos números publicados, colaboração de José Miranda, Aurino Valois, Félix Paiva, Aloisio Xavier, Severino Lira, Izidoro Bacelar e Severiano. Na segunda edição, tiveram início as seções “Piparotes...”, epigramas de *Xis*, e “Fogo Santelmo”, comentário filosófico de *A. Caeté* (pseudônimo de Guedes Alcoforado).

O nº 3, prematuro fim de existência, circulou na terceira semana, a 17 de julho¹²⁸ (Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória).

O REBOLIÇO - Folha humorística, “surgiu em 1922 e circulou até 1933” (Documento de J. Aragão).

O MEIO - Outro órgão de feição humorística. “Apareceu em 21 de janeiro de 1923 e teve pouca vida” (Documento de J. Aragão).

O NÓ - *Órgão Carnavalesco* - Saiu a lume no dia 11 de fevereiro de 1923, em formato 23 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redator-chefe - *Todo Mundo*; redator-secretário - *Qualquer Pessoa*. Número do dia - 200 réis; número atrasado - não há. Impressão da Tipografia João de Deus.

Apresentou-se “de tesoura em punho, pronto para cortar com a sua verve, de casaca e luvas brancas, a pele de quem ele tornar merecedor da sua apurada crítica”.

¹²⁸ A *Gazeta de Vitória* voltou a publicar-se em 1958.

Inseriu "Profecias para 1923"; as seções "Empregados", "Telegramas", "O Nó viu..." e mais notas de caráter satírico-humorístico-carnavalesco (Arquivo da Tipografia João de Deus).

SEM TÍTULO - *Órgão de Opinião Privada* - Ano I, número único, circulou no dia 13 de fevereiro de 1923, em formato 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Constava do Expediente: "Interessado na política e na religião... de Momo - Publicação a qualquer momento - Diretor: um somente - Redatores - quase não tem. Colaboradores - os que não escrevem". Impresso na Tipografia João de Deus, custava 0\$200 o exemplar.

Edição pouco expressiva, apresentou título e charge em clichês talhados em madeira, assim como um suplemento de duas páginas, um clichê de cada lado. Troças carnavalescas constituíram a matéria do texto.

Outro número único foi dado à estampa no dia 10 de abril, contando com a colaboração de *Zé Moxila, Quirino, Cavargante e Cafussu* (Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória).

A SURPRESA - Número único, saiu no dia 19 de novembro de 1923, manuscrito em papel pautado, quatro páginas, ao ensejo do Dia dos Rapazes, no novenário da tradicional festa de São Miguel. Divulgou matéria literária e humorística, em prosa e verso, a cargo de um grupo de intelectuais, à frente Alberto Azoubel, Alfredo Afonso e Luiz do Nascimento, que se escondia sob os pseudônimos de Abel, *Aldo Silveira* e *Lírio do Norte*, respectivamente.

S. MIGUEL - Número único, circulou no dia 25 de novembro de 1923, em formato 26 x 19, com quatro páginas e duas colunas de 15 cíceros. Redatoras - "diversas", sendo a principal Maria José de Holanda. Imprimiu-se, utilizando tinta azul, na Tipografia e Papelaria João de Deus.

Saiu "à luz da publicidade, em homenagem ao meigo anjo da guarda das almas e dignas da mercê de Deus", na data da festa tradicional do padroeiro da cidade, cujo nome serve de título.

Constou sua matéria de crônicas literárias de Corina de Holanda e N. Cavalcanti; poesia ligeira de I.M., A.T. e M.H.C.; as seções de humorismo e mundanidades "Eles"; "Com que o Belo Sexo implica"; "O que deu o chic nas noites festivas de São Miguel"; "O que está em relevo entre nós" e "Telegramas", e uma transcrição do "mimoso jornalzinho" *A Surpresa* (Biblioteca Pública do Estado).

A ALVORADA - *Órgão Oficial da Casa Comercial A Alvorada* - Surgiu a 24 de agosto de 1924, em formato 31 x 21, com quatro páginas de três colunas. Diretor - proprietário - Lindolfo Freire, funcionando a redação na

rua Alexandre Luna, 41. Trabalho material da Tipografia João de Deus, situada na esquina da Avenida 15 de Novembro.

Veio "à luz meridiana", segundo o editorial "Em pleno dia", "num doce amplexo aos duplos interesses da sociedade e da pátria". Seu programa era "agradar ao respeitável público vitoriense" e sua política era "satisfazer ao mais rigoroso mandamento da novidade".

A edição divulgou produções assinadas por José Pernambucano, Gastão e Velasco; transcrição e notas que envolviam propaganda do estabelecimento.

Publicação dita ocasional, saiu, nas mesmas condições, acrescido de clichê do "amado diretor", o nº 2, datado de 10 de outubro, terminando aí sua existência (Biblioteca Pública do Estado e Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória).

O ALMOFADINHA - Número único, publicou-se a 8 de dezembro de 1924, impresso em papel azul, no formato 31 x 21, com quatro páginas de três colunas. Redação - Festa de São Miguel. "Expediente: não tem; redatores: também não há, houve". Preço - 200 réis. Impressão da Tipografia João de Deus.

Num editorial de página quase cheia, declarou, em resumo, a redação: "*O Almofoadinha* não tem programa a defender e nem princípios a seguir. Não é político e nem religioso; não é humorístico e nem crítico. É de tudo e não é de nada".

A par de noticiário ligeiro das festas de São Miguel e do Livramento, só inseriu matéria satírico-humorística, em prosa e verso, a salientar a comédia "Titias", por *Melindrosinha*; os "Epitáfios", a cargo de *Zé Fulor* telegramas de brincadeiras e a carta matuta de *Quirino Cavalcanti* (Biblioteca Pública do Estado).

13 DE MAIO - *Órgão Literário e Noticioso* - Circulou o nº 1, ano I, no dia 13 de maio de 1925, em formato 31 x 24, com oito páginas de três colunas. Direção de Prudenciano de Lemos; redator-secretário - Teixeira de Albuquerque; redatores - Dr. José Augusto, Manuel de Holanda e Edgar Valois. Trabalho gráfico do Bazar Vitoriense.

Abriu o texto, abaixo do Expediente, a nota: "Vem a lume o jornal falado *13 de Maio*, tal qual foi dito a 13 de maio próximo passado e, se a publicidade desta forma é pequena, o produto da sua venda reverterá em benefício da Euterpe Vitoriense".

Seguiu-se, assinado pelo diretor, o editorial de abertura, em que dizia: "...no nosso programa consta que nos ocuparemos de fatos que mereçam registro, como também da literatura sã..." Era "o paladino da

liberdade na cidade de Vitória”.

Sua matéria constituiu-se de “Perfis políticos”, em quadras, por Edgar Valois; “Mundanidades”, de Prudenciano; “Correspondência”, por *Zilde* soneto de José Augusto; páginas de poesias de Teixeira; “Perfis elegantes”; “Epitáfios”; noticiário geral e quase três páginas de anúncios.

Ficou no primeiro número (Biblioteca do Instituto Histórico de Vitória).

ÍNDICE

MUNICÍPIOS

Quipapá	1
Ribeirão	15
Rio Formoso	24
Salgueiro	26
Sanharó	27
Santa Maria do Cambucá	27
São Benedito do Sul	28
São Bento do Una	34
São Caetano	35
São Joaquim do Monte	36
São Lourenço da Mata	37
São Vicente Férrer	47
Serra Talhada	48
Sertânia	49
Sirinhaém	54
Sítio dos Moreiras	55
Surubim	55
Tabira	57
Tacaimbó	58
Tacaratu	60
També	60
Timbaúba	62
Triunfo	98
Vertentes	109
Vicência	113
Vitória de Santo Antão	123

MUNICÍPIOS

QUIPAPÁ

Arara (O)	14
Bisturi (O)	2
Boletim Commercial	13
Corisco (O)	12
Democrata (O)	12
Dia (O)	6

Gaiato (O) 13
Garoto (O) 11
Gazeta de Quipapá (A) 7
Gládio (O) 7
Guarany (O) 1
Homenagem ao Coronel Carlos de Abreu 4
Lidador (O) 133
Luz (A) 14
Matuta 14
Município (O) 4
Noite (A) 7
Olho (O) 3
Penna (A) 5
Quipapá- 1907 5
Quipapá- 1910 6
Quipapá - 1943 15
Quipapá (O) - 1901 3
Quipapá (O) - 1927 8
Quipapaense (O) 1
Tesoura (A) 14

Povoado de Peri-Peri 15

Recreio (O) 15

RIBEIRÃO

Anuário do Atheneu 20
Arlequim 20
Atheneu (O) 16
Ciranda 22
Correio (O) 18
Gazeta de Ribeirão 17
Ideal (O) 18
Independente (O) 16
Infância (A) 24
Jornal de Notícias 23
Jornal do Ribeirão - 1949 21
Jornal do Ribeirão - 1953 22
Lyrio (O) 18
Progressista (O) 20
Ribeirão-Jornal 17
Riso (O) 17
Trabalho (O) 15

RIO FORMOSO

Reduto (O) 24
Tudo Pelas Missões 25

Vila de Tamandaré

Independente de Tamandaré (O) 25

Vila de Cucau

Escolar (O) 26
Proletário (O) 26

SALGUEIRO

Ipiranga (O) 26

SANHARÓ

Município de Sanharó 27

SANTA MARIA DO CAMBUCÁ

Atrevido (O) 27
Brado (O) 28
Revista Branca 28

SÃO BENEDITO DO SUL

Carnaval (O)
Idéa 33
Ideal (O) 28
Mocidade 33
Palito (O) 31

SÃO BENTO DO UNA

Gazeta de São Bento 34

SÃO CAETANO

Árvore (A) 36
Oito de Outubro 35
Semanal Caetanense 35

SÃO JOAQUIM DO MONTE

Ecos de São Joaquim 36

SÃO LOURENÇO DA MATA

Alerta (O) 43
Apito (O) – 1932 43
Apito (O) – 1954 46
Arara (O) – 1908 39
Arara (O)-1932 43
Aurora 43
Bisturi (O) 38
Boletim Semanal 40
Chicote (O) 39
Coisa (A) 37
Faceta (A) 44
Foot-Ball (O) 42
Frevo (O) 42
Galhofa 45
Hora (A) 40

Lyra (A) 39
Município (O) 37
Rato (O) 43
Rebate (O) 43
São Lourenço-Jornal 45
Sentinela (A) 43
Tesoura (A) 45

Vila de Camaragibe

Aldeião (O) 46
Lanceiro (O) 46

SÃO VICENTE FÉRRER

Correio de Férias 47
Ideal (O) 47
Reação 48
Vicentino (O) 47

SERRA TALHADA

Vergel (O) 49
Villa-Bella-Jornal 48

SERTÂNIA

Balão (O) 52
Brasil 49
Folha do Sertão 49
Jornal de Alagoa de Baixo 49
Papagaio (O) 51
Regional (O) 52
Sertanejo (O) 53
Voz Infantil (A) 51

SIRINHAÉM

Avante 54
Notícias Parochiais 54
Voz de Santo Amaro (A) 54

SÍTIO DOS MOREIRAS

Estrela 55

SURUBIM

Ano Bom 56
Cidade (A) 57
Correio do Agreste 57
Surubim-Jornal – 1928 55
Surubim-Jornal – 1948 56
Voz de Surubim (A) 56

TABIRA

Correio de Tabira 57

TACAIMBÓ

Cysne (O) 58

Gazeta de Tacaimbó 58

Misterioso (O) 58

Tacaimbó Literário 59

TACARATU

Pancarus 60

TAMBÉ

Cigarra (A) 61

Itambé 60

TIMBAÚBA

Almanach Timbaubense para o ano de 1919 78

Anjo do Lar (O) 80

Aurora (A)

Chic (O) 77

Coisa (A) 61

Colibri (O) 63

Correio da Semana 81

Correio dos Mocós 80

Correio de Timbaúba 75

Cruangy-Jornal 79

Cruz (A) 94

Diário de Timbaúba 97

Esquina (A) 95

Estrela (A) 97

Externato (O) 97

Garoto (O) 87

Grêmio (O) 73

Guarani (O) 94

Gury (O) 93

Hélio (O) 90

Imparcial (O) 76

Informador de Timbaúba 96

Innocente (O) 74

Jazz-Band (O) 88

Jazz-Band-Mirim 90

Lanterna (A) 79

Lasca (A) 64

Liga (A) 64

Mão Rubra (A) 77

Maria 96

Mez (O) 65

Mosquito (O) 92

Nego 92

Nota (A) 80

Opportuno (O) 63

Pândego (O)
Polyanthéa 65
Pua (A) 74
Radical (O) 96
Rebate (O) 90
Repórter (O) 89
Revista de Timbaúba 91
Ruy Barbosa (O) 92
Serra (A) 66
Serrador (O) 62
Serras 98
Tesoira (A) 95
Tesouro (O) 97
Timbaúba-Chic 79
Timbaúba-Jornal 81
Verruma (A) 76
Você 94

TRIUNFO

Akelá 108
Correio do Centro 98
Flecha (A) 108
Folha do Sertão 100
Imparcial (O) 102
Macaca (A) 104
Momento (O)
Rajada (A) 108
Sertão (O) 101
Tesoura (A) 108
Triumpho- Jornal 101
Voz do Sertão (A) 104

VERTENTES

Democrata (O) 111
22 de Julho 109

VICÊNCIA

Cabocla 118
Coió (O) 113
Colina 121
Correio de Siriji 121
Idéa (A) 118
Ideal (O) 113
Mascarenhas 119
Matuto (O) 119
Serra (A) 120
Tubiba (O) 113

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

Abelha (A) 175
Alho (O) 153
Alma Infantil

Almofadinha (O) 188
Alvorada (A) – 1919 179
Alvorada (A) – 1924 187
Andarilho (O) 155
Apache (O) 177
Aquilo
Atheneu (O)
Autonomista (O) 146
Avalanche 173
Baluarte (O)
Boné (O)
Braguinha (O)
Buraco (O) 162
Campo (O)
Cara Dura (O)
14 de Agosto (O) 147
Centro (O)
Chic (O) 162
Cine-Jornal Braga
Cine-Theatro 176
Cínico (O) 184
Clarim (O)
Clarim da Mocidade (O)
Columna (A) 171
Combate (O) 182
Condor (O)
Conquista (A) 178
Convicção (A) 132
Correio de Santo Antão 129
Correio de Victória 171
Corta-Jaca (O)
Couro (O)
Cruz (A) 176
Desporto (O) 184
Diabinho (O)
Diabo (O) 160
Diário de Vitória
Dote (O) 162
Echo da Victória 143
Echo Liberal (O) 127
Entrudo (O) 159
Epopéia
Espada (A) 154
Espanta Coió 155
Espelho (O)
Estímulo (O)
Federalista (O)
Financiador- (O)
Flor de Victória 145
Foco (O) 160
Fogo (O) 154
Fogos de Salão – 1917 175
Fogos de Salão – 1948
Folha de Victória
Folha de Outono 173
Folha Esportiva (A)
Folia (A)

Frevo (O) – 1916 171
Frevo (O) – 1934
Futuro (O)
Gaio (O) 150
Gato (O) 153
Gazeta de Victória – 1884
Gazeta de Victória – 1921 184
Gazeta Sanjuanescas 155
Gazetinha (A) 150
Gostosão (O)
Grillo (O) 153
Guarany (O) 183
Horizonte (O)
Idéia Conservadora 131
Ideal (O) – 1919 179
Ideal (O) – 1939
Idéia (A) 169
Impaciente (O)
Independência
Infante (O)
Inspiração 183
Iracema (O)
Já Vi Tudo
Jornal de Victoria 132
Juventude (A)
Labor (O) 163
Leão (O)
Leme (O) 171
Liberal Victoriense (O) 128
Liberdade (A) 130
Lidador (O) 133
Líder (O)
Língua de Sogra
Lírio (O)
Livre-se Quem Puder
Lucta (A) 160
Martello (O) 170
Máscara (A) 162
Mascarado (O) 52
1/2 Noite
Meio (O) 186
Mensagem (A) 162
Meteoro (O) 143
Miscelânea
Mocidade (A) – 1890 146
Mocidade (A) – 1917 175
Morcego (O) 154
Município (O) 130
Nó (O) 186
Norte Cristão
Nova Veneza (A) 149
Novenário 174
Olho (O) 151
Pacas-Tabocas
Palito (O)
Papão (O)
Pequenina Semente (A)

Pimpão (O) 155
 Pirão (O)
 Pistola (A) 154
 Pitu no Frevo
 Polyanthéa 155
 Pontinha (A) – 1928
 Pontinha(A)- 1934
 Popular (A) 155
 Popular (O)
 Popular da Victoria (O) 131
 Porvir (O) 180
 Primavera (A)
 Progresso (O) – 1920 181
 Progresso (O) – 1936
 Rato (O) 170
 Reboição (O) 186
 Reco-Reco (O)
 Reformista (O) 131
 Restauração
 Restaurador (O)
 Revista do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão
 Riso (O) 176
 Rosca (A) – 1903 152
 Rosca (A) – 1925
 Rumo ao Campo
 S. Miguel 187
 S.C. Philocritica 149
 Seara
 Seara (A)
 Sem Título 187
 Seringa (A) 163
 Serrote (O) 160
 Sigma (O)
 Sport (O)
 Surpresa (A) – 1918 175
 Surpresa (A) – 1923 187
 Tarado (O)
 Telephone (O)
 Tesoura (A)
 Traquinas (O)
 13 de Maio 188
 Vanguarda
 Vanguarda (A) 168
 Vencedor (O)
 Verdade (A) 173
 Victoria (A) 148
 Victória-Jornal
 Victoriense (O) 123
 Volta (A)
 Voz da Mocidade (A)
 Voz da Vitória (A)
 Voz do Braga (A)
 Voz do Evangelho (A)
 Voz do Povo (A)
 Voz do Presepe (A)
 Voz Infantil (A) 177
 Voz Parochial (A) 165